

F 2646
.B272

do Rio

A ALMA
ENCANTADORA
DAS RUAS

Sofia Casqueiro



A Alma

Encantadora

das Ruas

OBRAS DO AUTOR

As Religiões no Rio, 7ª edição.

O Momento Literario.

Jornal de Verão (Chronica de Petropolis).

Dentro da Noite (contos).

Era uma vez... (contos para crianças, de collaboração com Viriato Correia).

TRADUÇÕES

Salomé, de OSCAR WILDE.

Pensamentos para a Mocidade, por OSCAR WILDE.

Oscar Wilde, por HARBGORGUGH SHERARD.

O Leque de Lady Windermare, por OSCAR WILDE.

THEATRO

Ultima Noite, episodio dramatico em 1 acto, representado no theatro Recreio Dramatico, no dia 8 de março de 1907.

EM PREPARAÇÃO

As Ordens e as Congregações religiosas no Brasil.

(JOÃO DO RIO) pseud.

Paulo Barreto

A Alma

*Encantadora
das Ruas*

*This is a sensible book. This
is a book to improve your mind,
I do not tell you all I know,
because I do not want to swamp
you with knowledge...*

JEROME K. JEROME.

NOVA EDIÇÃO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

6, Rue des Saints-Pères, 6
PARIS

1910

gcy

INDIANA UNIVERSITY LIBRARY

A

JOÃO RIBEIRO

Profunda admiração

JOÃO DO RIO.

F 2646

B 272

6-15-72

A Rua



João do Rio

José Teixeira Guimarães

A Rua

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim si não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguaes; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a policia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. E' este mesmo o sentimento imperturbavel e indissolúvel, o unico que, como a propria vida, resiste ásidades e ás épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o odio, o egoismo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os seculos passam, deslisam, levando as coisas futeis e os acontecimentos notaveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua.

A Rua

A rua! Que é a rua? Um cançonetista de Montmartre fal-a dizer :

Je suis la rue, femme éternellement verte,
Je n'ai jamais trouvé d'autre carrière ouverte
Sinon d'être la rue, et, de tout temps, depuis
Que ce pénible monde est monde, je la suis...

A verdade e o trocadilho! Os dicionarios dizem : « Rua, do latim ruga, sulco. Espaço entre as casas e as povoações por onde se anda e passeia. » E Domingos Vieira, citando as *Ordenações* : « Estradas e ruas pruvicas antigamente usadas e os Rios navegantes se som cabedaes que correm continuamente e de todo o tempo pero que o uso assy das estradas e ruas pruvicas ». A obscuridade da grammatica e da lei! Os dicionarios só são considerados fontes faceis de completo saber pelos que nunca os folhearam. Abri o primeiro, abri o segundo, abri dez, vinte encyclopedias, manuseai in-folios especiaes de curiosidade. A rua era para elles apenas um alinhado de fachadas, por onde se anda nas povoações...

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um factor da vida das cidades, a rua tem alma! Em Benarès ou em Amsterdam, em Londres ou em Buenos Aires, sob os céos mais diversos, nos mais variados climas, a rua é a agasalhadora da miseria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxilio dos deuses emquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o applauso dos mediocres, dos infelizes, dos miseraveis da arte. Não paga ao Tamagno para ouvir berros atenora-

dos de leão avaro, nem á velha Patti para admirar um fio de vóz velho, fraco e legendario. Bate, em compensação, palmas aos saltimbancos que, sem vóz, rouquejam com fome para alegral-a e para comer. A rua é generosa. O crime, o delirio, a miseria, não os denuncia ella. A rua é a transformadora das linguas. Os Candido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Candido. A rua continúa, matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionarios as palavras que inventa, creando o calão que é o patrimonio classico dos lexicons futuros. A rua resume para o animal civilisado todo o conforto humano. Dá-lhe luz, luxo, bem estar, comodidade e até impressões selvagens no adejar das arvores e no trinar dos passaros.

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Ha suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exhaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopéa tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miseria da criação, e por isso é a mais igualitaria, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua creou todas as *blagues* e todos os logares comuns. Foi ella que fez a magestade dos rifões, dos brocardos, dos anexins, e foi tambem ella que baptisou o immortal Calino. Sem o consentimento da rua não passam os sabios, e os charlatães, que

A Rua

a lisonjeiam e lhe resumem a banalidade, são da primeira ocasião desfeitos e soprados como bolas de sabão. A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria á noite, treme com a febre dos delirios, para ella como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ella não ha o despertar triste, e quando o sol desponta e ella abre os olhos esquecida das proprias ações, é, no encanto da vida renovada, no chilrear do passado, no embalo nostalgico dos pregões — tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua creou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabolico que tem dos gnomos e dos sylphos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lagrimas, de patifarias e de crimes irresponsaveis, de abandono e de inédita philosophia, tipo exquisito e ambiguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodigio de uma criança mais sabida e sceptica que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpetua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, creatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e póde rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'ouro que se faz lama e torna a ser poeira — a rua creou o garoto!

Essas qualidades nós as conhecemos vagamente.

Para comprehender a psychologia da rua não basta gosar-lhe as delicias como se gosa o calor do sol e o lirismo do luar. E' preciso ter o espirito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com um perpetuo desejo incomprehensivel, é preciso ser aquelle que chamamos *flaneur* e praticar o mais interessante dos sports — a arte de flanar. E' fatigante o exercicio?

Para os iniciados sempre foi grande regalo. A musa de Horacio, a pé, não fez outra coisa nos quarteirões de Roma. Sterne e Hoffmann proclamavam-lhe a profunda virtude, e Balzac fez todos os seus preciosos achados flinando. Flanar! Ahi está um verbo universal sem entrada nos dictionarios, que não pertence a nenhuma lingua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e reflectir, é ser basbaque e commentar, ter o virus da observação ligado aoda vadiagem. Flanar é ir por ahi, de manhã, de dia, á noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino da gaitinha alli á esquina, seguir com os garotos o luctador do Casino vestido de turco, gosar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas magicas, conversar com os cantores de modinha das alfurjas da Saude, depois de ter ouvido os *dilettanti* de casaca applaudirem o máo tenor do Lyrico numa opera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande téla paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessario ir até um sitio lobrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sor-

A Rua

rir, um perfil que interessa, um par joven cujo riso de amor causa inveja...

E' vagabundagem? Talvez. Flanar é a distincção do perambular com intelligencia. Nada como o inutil para ser artistico. D'ahi o desocupado *flaneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessarias, imprescindiveis, que podem ficar eternamente adiadas. Do alto de uma janella como Paul Adam, admira o kaleidoscopio da vida no épitome delirante que é a rua; á porta do café, como Poë no *Homem das Multidões*, dedica-se ao exercicio de advinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. E' uma especie de secreta-á maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionaes. Haveis de encontrar-o numa bella noite ou numa noite muito feia. Não vos saberá dizer donde vem, que está a fazer, para onde vai. Pensareis de certo estar diante de um sujeito fatal? Coitado! O *flaneur* é o *bonhomme* possuidor de uma alma igualitaria e risonha, falando aos notaveis e aos humildes com doçura, porque de ambos conhece a face misteriosa e cada vez mais se convence da inutilidade da colera e da necessidade do perdão...

O *flaneur* é ingenuo quasi sempre. Pára diante dos rolos, é o eterno «convidado do sereno» de todos os bailes, quer saber a historia dos bolieiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da historia, como se sabe a historia dos amigos (quasi sempre mal), acaba com a vaga idéa de que todo o spectaculo da cidade foi feito especialmente

para seu goso proprio. O balão que sobe ao meio dia no Castelo, sobe para seu prazer; as bandas de musica tocam nas praças para alegral-o; si num beco perdido há uma serenata com violões chorosos, a serenata e os violões estão alli para divertil-o. E de tanto ver o que os outros quasi não podem entrever, o *flaneur* reflecte. As observações foram guardadas na placa sensivel do cerebro; as phrases, os ditos, as scenas vibram-lhe no cortical. Quando o *flaneur* deduz, eil-o a concluir uma lei magnifica por ser para seu uso exclusivo, eil-o a psychologar, eil-o a pintar os pensamentos, a phisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebivel futilidade dos pedestres da poesia de observação...

Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e immovel.

Balzac dizia que as ruas de Paris nos dão impressões humanas. São assim as ruas de todas as cidades, com vida e destino iguaes aos do homem.

Porque nascem ellas? Da necessidade de alargamento das grandes colmeias sociaes, de interesses commerciaes, dizem. Mas ninguem o sabe. Um belo dia, alinha-se um tarrascal, corta-se um trecho de chacara, aterra-se um lameiro, e ahi está : nasceu mais uma rua. Nasceu para evoluir, para ensaiar os primeiros passos, para balbuciar, crescer, criar uma individualidade. Os homens

A Rua

têm no cerebro a sensação dessa semelhança, e assim como dizem de um rapagão :

— Quem ha de pensar que vi este menino a engatinhar!

Murmuram :

— Quem ha de dizer que esta rua ha dez annos só tinha uma casa!

Um cavalheiro notavel, ao entrar comigo certa vez na rua Senador Dantas, não se conteve :

— E' impossivel passar por aqui sem lembrar que a velhice começa a chegar. Quando vim da provincia esta rua tinha apenas duas casas no antigo jardim do Convento, e eu tomava *chopps* no Guarda Velha a tres vintens!

Eu sorria, mas o pobre sujeito importante dizia isso como se recordasse os dois primeiros dentes de um homenzarrão, com uma dentadura capaz actualmente de morder as algibeiras de uma sociedade inteira. Era a recordação, a saudade do passado começo. Ha nada mais enternecedor que o principio de uma rua? E' ir vel-o nos arrabaldes. A principio capim, um braço a ligar duas arterias. Percorre-o sem pensar meia duzia de creaturas. Um dia cercam á sua beira um lote de terreno. Surgem em seguida os alicerces de uma casa. Depois de outra e mais outra. Um combustor tremeluz indicando que ella já se não deita com as primeiras sombras. Tres ou quatro habitantes proclamam a sua salubridade ou o seu socego. Os vendedores ambulantes entram por ali como por terreno novo a conquistar. Aparece a primeira reclamação nos jornaes contra a lama ou contra

o capim. E' o baptismo. As notas policiaes contam que os gatunos deram num dos seus quintaes. É a estréa na celebridade, que exige o calçamento ou o prolongamento da linha de bondes. É, insensivelmente, ha na memoria da população, bem nitida, bem pessoal, uma individualidade topographica a mais, uma individualidade que tem phisionomia e alma.

Algumas dão para malandras, outras para austeras; umas são pretenciosas, outras riem aos transeuntes e o destino as conduz como conduz o homem, misteriosamente, fazendo-as nascer sob uma bôa estrella ou sob um signo máo, dando-lhes glorias e sofrimentos, matando-as ao cabo de um certo tempo.

Oh! sim, as ruas têm alma! Ha ruas honestas, ruas ambiguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, tragicas, depravadas, puras, infames, ruas sem historia, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleeneticas, snobs, ruas aristocraticas, ruas amorosas, ruas coyardes. que ficam sem pinga de sangue...

Vêde a rua do Ouvidor. E' a fanfarronada em pessoa, exagerando, mentindo, tomando parte em tudo, mas desertando, correndo os taipaes das montras á mais leve sombra de perigo. Esse beco inferno de pose, de vaidade, de inveja, tem a especialidade da bravata. E fatalmente opposicionista creou o boato, o « diz-se... » aterrador e o « fecha-

A Rua

fecha » prudente. Começou por chamar-se Desvio do Mar. Por ella continúa a passar para todos os desvios muita gente boa. No tempo em que os seus melhores predios se alugavam modestamente por dez mil réis, era a rua do Gadelha. Podia ser ainda hoje a rua dos Gadelhas, atendendo ao numero prodigioso de poetas nephelibatas que a infestam de cabelos e de versos. Um dia resolveu chamar-se do Ouvidor sem que o senado da camara fosse ouvido. Chamou-se como calumnia e elogio, como insulta e aplaude, porque era preciso denominar o logar em que todos falam de logar do que ouve; e parece que cada nome usado foi como a antecipação moral de um dos aspectos actuaes dessa irresponsavel arteria da futilidade.

A rua da Misericordia, ao contrario, com as suas hospedarias lobregas, a miseria, a desgraça das casas velhas e a cahir, os corredores bafientos, é perpetuamente lamentavel. Foi a primeira rua do Rio. D'ella partimos todos nós, nella passaram os vice-reis malandros, os gananciosos, os escravos nós, os senhores em rêdes; nella vicejou a imundicie, nella desabotoou a flor da influencia jesuitica. Indios batidos, negros presos a ferros, dominio ignorante e bestial, o primeiro balbucio da cidade foi um grito de misericordia, foi um estertor, um ai! tremendo atirado aos céos. D'ella brotou a cidade no antigo esplendor do largo do Paço, della decorreram, como de um corpo que sangra, os becos humildes e os coalhos de sangue, que são as praças, ribeirinhas do mar. Mas, soluço de espancado, primeiro esforço de uma porção de infe-

lizes, ella continuou pelos seculos a fóra sempre lamentavel, e tão augustiosa e franca e verdadeira na sua dor que os patriotas lisonjeiros e os governos, ninguem, ninguem se lembrou nunca de lhe tirar das esquinas aquella muda prece, aquelle grito de mendiga velha : — Misericordia!

Ha ruas que mudam de logar, cortam morros, vão acabar em certos pontos que ninguem d'antes imaginara — a rua dos Ourives; ha ruas que, pouco honestas no passado, acabaram tomando vergonha — a da Quitanda. Essa tinha mesmo a mania de mudar de nome. Chamou-se do Açougue Velho, do Ignacio Castanheira, do Sucúsarrará, do Thomé da Silva, que sei eu? Até mesmo Canto do Tabaqueiro. Acabou Quitanda do Marisco, mas, como certos individuos que organisam o nome conforme a posição que occupam, cortou o marisco e ficou só Quitanda. Ha ruas, guardas tradicio-naes da fidalguia, que deslisam como matronas conservadoras — a das Laranjeiras; ha ruas lugubres, por onde passaes com um arrepio, sentindo o perigo da morte — o largo do Moura por exemplo. Foi sempre assim. Lá existiu o Necroterio e antes do Necroterio lá se erguia a Forca. Antes da autopsia, o enforcamento. O velho largo macabro, com a alma de Tropmann e de Jack, depois de matar, avaramente guardou annos e annos, para escalpelal-os, para cheiral-os, para gosál-os, todos os corpos dos desgraçados que se suicidam ou morrem assassinados. Tresanda a crime, assusta. A Prainha tambem. Mesmo hoje, aberta, alargada com predios novos e a trepidação continua do

A Rua

comercio, ha-de vos dar uma impressão de vago horror. Á noite são mais densas as sombras, as luzes mais vermelhas, as figuras maiores. Porque terá essa rua um aspecto assim? Oh! Porque foi sempre má, porque foi alli o Aljube, alli padeceram os negros dos tres primeiros trapiches do sal, porque tambem alli a Forca espalhou a morte!

Ha entretanto outras ruas, que nascem intimas, familiares, incapazes de dar um passo sem que todas as visinhas não o saibam. As ruas de Santa-Thereza estão nestas condições. Um cavalheiro salta no Curvello, vai a pé até o França, e quando volta já todas as ruas perguntam que deseja elle, si as suas tenções são puras e outras impertinencias intimas. Em geral, procura-se o misterio da montanha para esconder um passeio mais ou menos amoroso. As ruas de Santa-Thereza, é descobrir o par e é deitar a rir proclamando aos quatro ventos o acontecimento. Uma das ruas, mesmo, mais leviana e tagarela do que as outras, resolveu chamar-se logo rua do Amor, e a rua do Amor lá está na freguezia de S. José. Será exactamente um logar escolhido pelo Amor, deus decadente? Talvez não. Ha tambem na freguezia do Engenho Velho uma rua intitulada Feliz Lembrança e parece que não a teve, segundo a opinião respeitavel da poesia anonima :

Na rua Feliz Lembrança
Eu escapei por um tríz
De ser mandado á tabua.
Ai! que lembrança infeliz
Tal nome pôr nesta rua!

Ha ruas que têm as blandicias de Goriot de Shylock para vos emprestar a juro, para esconder quem pede e paga o explorador com ar humilde. Não vos lembrais da rua do Sacramento, da rua dos penhores? Uma aragem fina e suave encantava sempre o ar. De frente á igreja, casas velhas guardavam pessoas tradicionaes. No Thesouro, por entre as grades de ferro, uma ou outra cara desocupada. E era ali que se empenhavam as joias, que pobres entes angustiados iam levar ós derradeiros valores com a alma estrangulada de soluços; era ali que refluíam todas as paixões e todas as tristezas, cujo lenitivo dependesse de dinheiro...

Ha ruas oradoras, ruas de *mecting* — o largo do Capim que assim foi sempre, o largo de S. Francisco; ruas de calma alegria burgueza, que parecem sorrir com honestidade — a rua de Haddock-Lobo; ruas em que não se arrisca a gente sem volver os olhos para trás a ver se nos vêm — a travessa da Barreira; ruas melancolicas, da tristeza dos poetas; ruas de prazer suspeito proximo do centro urbano e como que d'elle muito afastadas; ruas de paixão romantica, que pedem virgens loiras e luar.

Qual de vós já passou a noite em claro ouvindo o segredo da cada rua? Qual de vós já sentiu o misterio, o somno, o vicio, as idéas do cada bairro?

A alma da rua só é inteiramente sensível a horas tardias. Ha trechos em que a gente passa como si fosse empurrada, perseguida, corrida — são as ruas em que os passos reboam, repercutem, parecem crescer, clamam, ecoam e, em breve, são outros

A Rua

tantos passos ao nosso encalço. Outras que se envolvem no misterio logo que as sombras descem — o largo de Paço. Foi esse largo o primeiro esplendor da cidade. Por ali passaram, na pompa dos palios e dos baldaquins d'ouro e purpura, as procissões do Enterro, do Triumpho, do Senhor dos Passos; por ali, ao lado da Praia do Peixe, simples vegetação de palhoças, o commercio agitava as suas primeiras elegancias e as suas ambições mais fortes. O largo, apesar das reformas, parece guardar a tradição de dormir cedo. A' noite, nada o reanima, nada o levanta. Uma grande revolução morre no seu bojo como um suspiro; a luz leva a luctar com a tréva; os proprios reverberos parecem dormitarem, e as sombras que por ali deslisam são trapos da existencia almejando o fim proximo, ladrões sem pousada, imigrantes esfaimados... Deixai esse largo, ide ás ruelas da Misericordia, trechos da cidade que lembram o Amsterdam sombrio de Rembrandt. Ha homens em esteiras, dormindo na rua como si estivessem em casa. Não nos admiremos. Somos reflexos. O beco da Musica ou o beco da Fidalga reproduzem a alma das ruas de Napoles, de Florença, das ruas de Portugal, das ruas da Africa, e até, si acreditarmos na fantasia de Herodoto, das ruas do antigo Egypto. E porque? Porque são ruas da proximidade do mar, ruas viajadas, com a visão de outros horisontes. Abri uma dessas possilgas que são a parte do seu organismo. Haveis de ver chinezes bebados de opio, marinheiros embrutecidos pelo alcool, feiticeiros ululando canções sinistras,

toda a estranha vida dos portos de mar. E esses becos, essas betesgas têm a perfidia dos oceanos, a miseria das imigrações, e o vicio, o grande vicio do mar e das colonias...

Si as ruas são entes vivos, as ruas pensam, têm idéas, philosophia e religião. Ha ruas inteiramente catholicas, ruas protestantes, ruas livre pensadoras e até ruas sem religião. Trafalgar-Square, dizia o mestre humorista Jérôme, não tem uma opinião theologica definitiva. O mesmo se póde dizer da Praça da Concordia de Paris ou da praça Tiradentes. Ha creatura mais sem miólos que o largo do Rocio? Devia ser respeitavel e austero. Lá, Pedro I, trepado num bello cavallo e com um bello gesto, mostra aos povos a carta da independencia, fingindo dar um grito que nunca deu. Pois bem : não ha sujeito mais pandego e menos serio do que o velho ex-largo do Rocio. Os seus sentimentos religiosos oscilam entre a Depravação e a Roleta. Felizmente, outras redimem a sociedade de pedra e cal, pelo seu culto e o seu fervor. A rua Benjamin Constant está neste caso, é entre nós um tremendo exemplo de confusão religiosa. Solemne, grave, guarda tres templos, e parece dizer com circumspecção e o ar compenetrado de certos senhores de todos nós conhecidos :

— Faço as obras de Coração de Jesus, creio em Deus, nas orações, nos bentinhos e só não sou positivista porque é tarde para mudar de crença.

A Rua

Mas respeito muito e admiro Teixeira Mendes...

Nós, os homens nervosos, temos de quando em vez alucinações parciaes da pelle, dores fulgurantes, a sensação de um contacto que não existe, a certeza de que chamam por nós. As ruas têm os rolos, as casas mal assombradas, e ha até ruas posséssas, com o diabo no corpo. Em S. Luiz do Maranhão ha uma rua somnambula muito menos cacete que a opera celebre do mesmo nome. Essa rua é a rua de Santa Anna, a lady Machbeth da topographia. Deu-se lá um crime horrivel. Ás dez horas, a rua cáe em estado somnambulico e é só gritos, clamores : sangue! sangue!

Ruas assim ainda mostram o que pensam. Talvez as outras tenham maiores delirios, mas são como os homens normaes — guardam dentro do cerebro todos os pensamentos extravagantes. Quem se atreveria a resumir o que num minuto pensa de mal, de inconfessavel, o mais honesto cidadão? Entre as ruas existem tambem as falsas, as hypocritas, com a alma de Tartufo e de Iago. Por isso os grandes magicos do interior da Africa central, que dos sertões adustos levavam ás cidades inglezas do litoral saccoes d'oiro em pó e grandes macacos tremendos, têm uma cantiga estranha que vale por uma sentença breve de Catão.

O di ti a uê, chê
F'u, a uá ny
Odê, odá, bi ejô
Sa lo dé

Sentença que em *eubá*, o esperanto das hordas

A Rua

selvagens quer dizer apenas isto : Rua foi feita para ajuntamentos. Rua é como cobra. Tem veneno. Foge da rua!

Mas o importante, o grave, é ser a rua a causa fundamental da diversidade dos typos urbanos. Não sei se lesteis um curioso livro de E. Demolins *Comment la route créait le type social*. E' uma revolução no ensino da geographia. « A causa primeira e decisiva da diversidade das raças, diz elle, é a estrada, o caminho que os homens seguirem. Foi a estrada que criou a raça e o tipo social. Os grandes caminhos do globo foram, de qualquer fórma, os alambiques poderosos que transformaram os povos. Os caminhos das grandes steppes asiaticas, dos toundras siberianos, das savanas da America ou das florestas africanas insensivelmente e fatalmente crearam o typo tartaro-mongol o lapão-esquimó, o pelle-vermelha, o indio, o negro. »

A rua é a civilisação da estrada. Onde morre o grande caminho começa a rua, e, por isso, ella está para a grande cidade como a estrada está para o mundo. Em embrião, é o principio, a causa dos pequenos agrupamentos de uma raça identica. D'ahi, em muitos sitios da terra as aldeias terem o unico nome de rua. Quando augmentam e crescem depois, ou pela devoção da maioria dos habitantes ou por uma impressão de local, acrescentam ao substantivo rua o complemento que das

A Rua

outras as deve differençar. Em Portugal esse facto é comum. Ha uma aldeia de 700 habitantes no Minho que se chama modestamente rua de S. Jorge, uma outra no Douro que é a rua da Lapella, e existem até uma rua de Cima e uma rua de Baixo.

Nas grandes cidades a rua passa a crear o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, habitos, modos, opiniões politicas. Vós todos devieis ter ouvido ou dito aquella phrase :

— Como estas meninas cheiram a Cidade-Nova!

Não é só a Cidade Nova, sejam louvados os deuses! Ha meninas que cheiram a Botafogo, a Haddock-Lobo, a Villa-Isabel, como ha velhas em identicas condições, como ha homens tambem. A rua fatalmente cria o seu tipo urbano como a estrada creou o tipo social. Todos nós conhecemos o tipo do rapaz do largo do Machado : cabelo a americana, roupas amplas á ingleza, lencinho minusculo no punho largo, bengala de volta, pretenções ás linguas estrangeiras, calças dobradas como Eduardo VII e toda a snobopolis do universo. Esse mesmo rapaz, dadas identicas posições, é no largo do Estacio inteiramente diverso. As botas são de bico fino, os fatos em geral justos, o lenço no bolso de dentro do casaco, o cabelo á meia cabeleira com muito oleo. Si formos ao largo do Deposito, esse mesmo rapaz usará lenço de seda preta, forro na gola do paletot, casaquinho curto e calças obedecendo ao molde corrente na navegação aérea — calças a balão.

Esses tres rapazes da mesma idade, filhos da

mesma gente honrada, ás vezes até parentes, não ha escolas, não ha contactos passageiros, não ha academias que lhes transformem o gosto por certa côr de gravatas, a maneira de comer, as expressões, as idéas — porque cada rua tem um stock especial de expressões, de idéas e de gostos. A gente de Botafogo vai ás « primeiras » do Lirico, mesmo sem ter dinheiro. A gente de Haddock-Lobo tem dinheiro mas raramente vai ao Lirico. Os moradores da Tijuca applaudem Sarah Bernhardt como um prodigio. Os moradores da Saúde amam enternecidamente o Dias Braga. As meninas das Laranjeiras valsam ao som das valsas de Strauss e de Berger, que lembram os casinos da Riviera e o esplendor dos kursaals. A meninas dos bailes de Catumby só conhecem as novidades do senhor Aurelio Cavalcante. As conversas variam, o amor varia, os ideaes são inteiramente outros, e até o namoro, essa encantadora primeira phase do eclipse do casamento, essa meia acção da simpathia que se funde em desejo, é absolutamente diverso. Em Botafogo, á sombra das arvores do parque ou no grande portão, Julieta espera Romeu, elegante e solitaria; em Haddock-Lobo Julieta garruleia em bandos pela calçada; e nas casas humildes da Cidade-Nova, Julieta, que trabalhou todo o dia pensando nessa hora fugace, pende á janella o seu busto formoso...

Oh! sim, a rua faz o individuo, nós bem o sentimos. Um cidadão que tenha passado metade da existencia na rua do Páo-Ferro não se habitua jamais á rua Marquez de Abrantes! Os intellectuaes

A Rua

sentem esse tremendo efeito do ambiente, menos violentamente, mas sentem. Eu conheci um elegante barão da monarchia, diplomata em perpetua disponibilidade que a necessidade forçara a aceitar de certo proprietario o quarto de um cortiço da rua Bom Jardim. O pobre homem, com as suas poses a Brummel, sempre de monoculo entalado, era o escandalo da rua. Por mais que saudasse as damas e cumprimentasse os homens, nunca ninguem se lembrava de o tratar senão com desconfiança assustada. O barão sentia-se desesperado e resumira a vida num goso unico : sempre que podia, tomava o bonde de Botafogo, acendia um charuto, e ia por alli, altivo, airoso, com a velha redingote abotoada, a « caramella » de crystal scintilante... Estava no seu bairro. Até parece, dizia elle, que as pedras me conhecem!

As pedras! As pedras são a couraça da rua, a resistencia que ellas apresentam ao novo transeunte. Reflecti que nunca pisasteis pela primeira vez uma rua de arrabalde sem que o vosso passo fosse hesitante como que, inconscientemente, se habituando ao terreno; reflecti nessas coisas subtis que a vida cria, e haveis de comprehender então a razão por que os humildes limitam todo o seu mundo á rua onde moram, e por que certos tipos, os tipos populares, só o são realmente em determinados quarteirões.

As ruas são tão humanas, vivem tanto e formam

de tal maneira os seus habitantes, que ha até ruas em conflicto com outras. Os malandros e os garotos de uma olham para os de outra como para inimigos. Em 1805, ha um seculo, era assim : os capoeiras da Praia não podiam passar por Santa Luzia. No tempo das eleições mais á navalha que á pena, o largo do Machadinho e a rua Pedro Americo eram inimigos irreconciliaveis. Actualmente a sugestão é tal que elles se intitulam *povo*. Ha o *povo* da rua do Senado, o *povo* da travessa do mesmo nome, o *povo* de Catumby, Haveis de ouvir, á noite, um grupo de pequenos valentes armados de vara :

— Vamas embora ! O *povo* da Travessa está conosco.

E' a rua do Senado que, aliada á travessa, vai sovar a rua Frei Caneca...

Como outr'ora os homens, mais ou menos notaveis, tomavan o nome da cidade onde tinham nascido — Tháles do Mileto, Luciano de Samosata, Epicharmo da Alexandria — os chefes da capadoçagem juntam hoje ao nome de baptismo o nome da *sua* rua. Ha o José de Senado, o Juca da Harmonia, o Lindinho do Castelo, e ultimamente, nos fastos do crime, tornaram-se celebres dois homens, Carlito e Cardosinho, só temidos em toda a cidade, cheia de Cardosinhos e de Caritos, porque eram o Carlito e o Cardosinho da Saude. Direis que é uma observação puramente local? Não, cem vezes não ! Em Paris, a « Ville-Lumière », os bandos de assassinos tomam frequentemente o nome da rua onde se organisaram ; em Londres ha ruas dos

A Rua

bairros tragicos com esse predominio, e na propria historia de Byzancio haveis de encontrar ruas tão guerreiras que os seus habitantes as juntavam ao nome como um distinctivo.

E assim os tipos populares...

Tive o prazer de conhecer dois desses tipos, em que mais vivamente se exteriorisava a influencia psicologica da rua : o Pai da Criança e a Pere-réca.

O Pai da Criança estava deslocado, na decadencia. Esse ser repugnante nascera como uma depravação da rua do Ouvidor. Quando o vi doente, nas tascas da rua Frei Caneca, como já não estava na sua rua não era mais notavel. Os garotos já não riam d'elle, ninguem o seguia, e o nojento sujeito conversava nas bodegas, como qualquer mortal, da gatunice dos governos. Só fui descobrir a sua celebridade quando o vi em plena Ouvidor, cheio de fitas, vaidado, cuspindo insolencias, inconcebivel de descarro e de nausea. A Perereca, ao contrario. Na rua do Ouvidor seria apenas uma preta velha. Na rua Frei Caneca era o regalo, o delirio, a extravagancia. Os malandrins corriam-lhe ao encalço atirando-lhe pedras, os negociantes chegavam ás portas, todas as janellas illuminavam-se de gargalhadas. E porque? Porque esses typos são o riso das ruas e assim como não ha duas pessoas que riam do mesmo modo não ha duas ruas cujo riso seja o mesmo.

Si a rua é para o homem urbano o que a estrada

A Rua

foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, a associada a todas as outras idéas do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros annos ella resume para o homem todos os ideaes, os mais confusos, os mais antagonicos, os mais estranhos, desde a noção de liberdade e de difamação — idéas geraes — até á aspiração de dinheiro, de alegria e de amor, idéas particulares. Instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir para a rua! Ainda não fala e já a assustam: si você fôr para a rua encontra o bicho! si você sahir apanha palmadas! Qual! não ha nada! É pilhar um portão aberto que o petiz não se lembra mais de bichos nem de pancadas!

Sahir só é a unica preocupação das crianças até uma certa idade. Depois continuam a sahir só. E quando já para nós esse prazer se usou, a rua é a nossa propria existencia. Nella se fazem negocios, nella se fala mal do proximo, nella mudam as idéas e as convicções, nella surgem as dôres e os desgostos, nella sente o homem a maior emoção.

Quando se encontra o amor
Na rua, sem o saber...

— Ponho-o no olho da rua! brada o pai ao filho no auge da furia.

Ahi está a rua como expressão da maior calamidade.

— Você está em casa, venha para a rua si é gente!

Ahi temos a rua indicando sitio livre para a va-

A Rua

lencia a substituir o campo de torneio medieval.

— E' mais deslavado que as pedras da rua!

Phrase em que se exprime uma vergonhice inconcebivel.

— E' mais velho que uma rua!

Conceito talvez errado porque ha ruas que morrem moças.

A's vezes até a rua é a arma que fere e serve de elogio conforme a opinião que d'ella se tem.

— Ah! minha amiga! Meu filho é muito comportado. Já vai á rua sosinho...

— Ah! meninas, o filho de D. Alice está perdido! Pois si até anda sósinho na rua!

E a rua, impassivel, é o mystério, o escandalo, o terror...

Os politicos vivem no meio da rua aqui, na China, em Tombuctú, na França; os presidentes de republica, os reis, os papas, no pavor de uma surpresa da rua — a bomba, a revolta; os chefes de policia são os alucinados permanentes das ruas; todos quantos querem subir, galgar a inutil e movediça montanha da gloria, aneiam pelo juizo da rua, pela approvação da via-publica, e ha na pathologia nervosa uma vasta parte em que se trata apenas das molestias produzidas pela rua, desde a neurasthenia até á loucura furiosa. E' que a rua chega a ser a obsessão em que se condensam todas as nossas ambições. O homem, no desejo de ganhar a vida com mais abundancia ou maior celebridade, precisava interessar á rua. Começou pois fazendo discursos em plena *ágora*, discursos que, desde os tempos mais remotos aos

meetings contemporaneos da estatua de José Bonifacio, falam sempre de coisas altivas, generosas e nobres. Um bello dia, a rua proclamou a excellente verdade : que as palavras leva-as o vento. Logo, nós, assustados, imaginámos o homem-sandwich, o cartaz ambulante; mandámos pregar-lhe, enquanto dorme, com muita goma e muita ingenuidade, os cartazes proclamando a melhor conserva, o vinho mais austero, o doce mais gostoso, o ideal politico mais generoso, não só em letras impressas mas com figuras alegoricas, para poupar-lhe o trabalho de ler, para acariciar-lhe a ignorancia, para alegral-a. Como si não bastassem o cartaz, a lanterna magica, o homem-sandwich, desveladamente, aos poucos, resolvemos compor-lhe a historia e fizemos o jornal —esse formidavel folhetim-romance permanente, composto de verdades, mentiras, lisonjas, insultos e da fantasia dos Gaboriau que somos todos nós...

Ha uma esthetica da rua, afirmou Bulls. Sim. Ha. Porque as actrizes de fama, os oradores mais populares, os hercules mais cheios de força, os productos mais evidentes dos blócos commerciaes, vivem de procurar agradal-a. Desse orgulho transitorio surgiu para a rua a gloria polichroma da arte. O temor de serem esquecidos creou para cada uma a roupagem variada, encheu-as como Melusinas de pedra, como fadas crueis que se teme e se satisfaz, de vestidos multiplos, de cores variadas, de fanfrelucles de papel, da ardencia fulgurante das montras de cambiantes luzentes; deulhes uma perpetua apotheose de sacrificio á es-

A Rua

pera do milagre do lucro ou da popularidade. A estethica, a ornamentação das ruas, é o resultado do respeito e do medo que lhes temos...

No espirito humano a rua chega a ser uma imagem que seliga a todos os sentimentos e serve para todas as comparações. Basta percorrer a poesia anonima para constatar a flagrante verdade. É quasi sempre na rua que se fala mal do proximo. Folheemos uma coleção de fados. Lá está a idéa :

Adeus, ó rua Direita
O' rua da Murmuracão.
Onde se faz audiencia
Sem juiz nem escrivão.

Aliás muito timida, como devendo ser cantada por quem tem culpa no cartorio. Mas, si um apaixonado quer descrever o seu peito, só encontra uma comparação perfeita.

O meu peito é uma rua
Onde o meu bem, nunca passa,
É a rua da amargura
Onde passeia a desgraça.

Si sente o apetite de descrever, os especimens são sem conta.

Na rua do meu amor
Não se póde namorar:
De dia, velhas á porta,
De noite, cães a ladrar.

A Rua

E é suave lembrar aquelle sonhador que, de-
frente da janela da amada e desejando realisar
o impossivel para lhe ser agradavel, só poudes sus-
surrar esta vontade meiga :

Se esta rua fosse minha
Eu mandava ladrilhar
De pedrinhas de brilhante
Para meu bem passear.

O povo observa tambem, e diz mais numa qua-
dra do que todos nós a armar o efeito de periodos
brilhantes. Sempre recordarei um tocador de vio-
lão a cantar com lagrimas na voz como diante do
inexoravel Destino :

Vista Alegre é rua morta
A Formosa é féia e brava
A rua Direita é torta
A do Sabão não se lava...

Toda a psychologia das construções e do ali-
nhamento em quatro versos ! A rua chega a preo-
cupar os loucos. Nos Hospicios, onde esses
cavalheiros andam doidos por se verem cá fóra,
encontrei planos de ruas ideaes, cantores de rua,
e um delles mesmo chegou a entregar-me um
longo poema que começava assim :

A rua...
Cumprida, cumprida, aluá...
Olé ! complicada, complicada, aluá
A rua
Núa !

A Rua

Essa idéa reflecte-se nas religiões, nos livros sagrados, na arte de todos os tempos, cada vez mais afiada, cada vez mais sensível. Na literatura actual a rua é a inspiração dos grandes artistas, desde Victor Hugo, Balzac e Dickens, até ás epopéas de Zola, desde o funambulismo de Banville até o humorismo de Marc Twain. Não ha um escriptor moderno que não tenha cantado a rua. Os sonhadores levam mesmo a exageral-a, e hoje, devido certamente á corrente socialista, ha toda uma literatura em que a alma das ruas soluça. Os poetas refinados levam a morbida inspiração a cantar os aspectos parciaes da rua. Como os românticos cantavam os pés, os olhos, a boca e outras partes do corpo das apaixonadas, elles cantam o semblante das casas vãs, os reverbérios de gaz como Rodenbach :

Le dimanche, en semaine, et par tous les temps
L'un est debout, un autre, il semble, s'agenouille.
Et chacun se sent seul comme dans une foule...
Les réverbères des banlieues
Sont des cages où les oiseaux dépliant leurs queues.

Os pregões, as calçadas, e houve até um — Mario Pederneiras — que nos deu a subtilissima e admiravel psychologia das arvores urbanas :

Com que maguado encanto
Com que triste saudade
Sobre mim actua
Esta estranha feição das arvores da rua...
E ellas são, entretanto,
A unica illusão rural de uma cidade!

As arvores urbanas
São, em geral, conselheiras e frias
Sem as grandes expansões e as grandes alegrias
Das provincianas.
Não têm sequer os placidos carinhos
Dessas largas manhãs provinciaes e enxutas.
Nem a orchestra dos ninhos
Nem a graça vegetal das fructas...

Os artistas modernos já não se limitam a exprimir os aspectos proteiformes da rua, a analysar traço por traço o perfil phisico e moral de cada rua. Vão mais longe, sonham a rua ideal, como sonham um mundo melhor. Williams Morris, por exemplo, imaginou nas *Novellas de Parte Alguna* a rua socialista e rara, com edificios magnificos, sem mendigos e sem dinheiro. Rimbaud, nas *Illuminations*, teve a idéa da rua babelica, reproduzindo nos edificios, sob o céu cinzento, todas as maravilhas classicas da architectura. Bellamy, no *Locking Backward*, já sonhava o agrupamento dos grandes armazens; e hoje, entre essas ruas de sonho, que Gustavo Khan considera as ruas utopicas e que talvez se tornem realidade um dia, é o estranho e infernal sulco descripto por Wells na *Historia dos Tempos Futuros*, rua em que tudo dependerá de syndicatos formidaveis, em que tudo será electrico, em que os homens, escravos de meia duzia, serão como os élos de uma mesma corrente arrastados pelo trabalho através os casarões.

Mas, a quem não fará sonhar a rua? A sua influencia é fatal na palheta dos pintores, na alma dos poetas, no cerebro das multidões. Quem creou o reclamo? a rua! quem inventou a caricatura? a

A Rua

rua! Onde a expansão de todos os sentimentos da cidade? na rua! Por isso para dar a expressão da dor funda, o grande poeta Bilac fez um dia :

A Avenida assombrada e triste da saudade
Onde vem passear a procissão chorosa
Dos orphãos do carinho e da felicidade.

E certo poeta arabe, reconhecendo com a precencia dos vates que só a rua nos póde dar a expressão do sofrimento absoluto como da alegria completa, escreveu a celebrada Praça do Riso ao nascer da aurora : o riso de crystal das crianças, o riso perlado das mulheres, o riso grave dos homens a formar um conjuncto de tanta harmonia que as arvores tambem riam no canto dos passaros, e a propria umbela azul do céu se estriava d'oiro no imenso riso do sól...

Neste elogio, talvez futil, considereei a rua um ser vivo, tão poderoso que consegue modificar o homem insensivelmente e fazel-o o seu perpetuo escravo delirante, e mostrei mesmo que a rua é o motivo emocional da arte urbana mais forte e mais intenso. A rua tem ainda um valor de sangue e de sofrimento : creou um symbolo universal. Ha ainda uma rua, construida na imaginação e na dôr, rua abjecta e má, detestavel e detestada, cuja travessia se faz contra a nossa vontade, cujo transito é um doloroso arrastar pelo enxurro de uma cidade e de um povo. Todos acotovelam-se e voci-

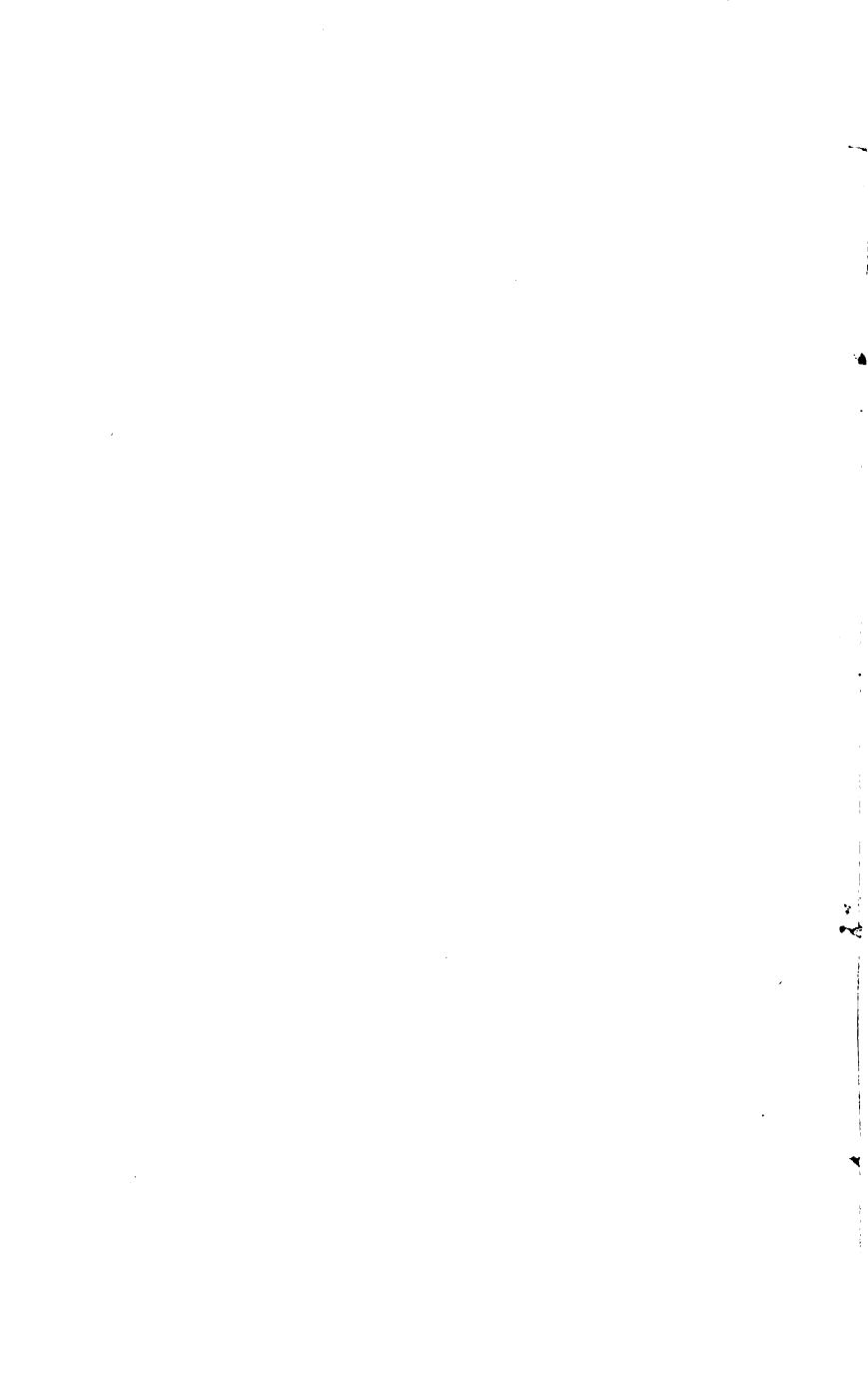
feram ahi, todos, vindos da rua da Alegria ou da rua da Paz, atravessando as betesgas do Saco do Alferes ou descendo d'automovel dos bairros civilisados, encontram-se ahi e ahi se arrastam, em lamentações, em soluços, em odio á Vida e ao Mundo. No traçado das cidades ella não se ostenta com as suas imprecações e os seus rancores. É uma rua esconsa e negra, perdida na tréva, com palacios de dôr e choupanas de pranto, cuja existencia se conhece não por um letreiro á esquina mas por uma vaga apprehensão, um irreductivel sentimento de angustia, cuja travessia não se pôde jamais evitar. Correi os mapas de Athenas, de Roma, de Ninive ou de Babylonia, o mapa das cidades mortas. Thermas, canaes, fontes, jardins suspensos, logares onde se fez negocio, onde se amou, logares onde se cultuaram os deuses, — tudo desapareceu. Olhai o mapa das cidades modernas. De seculo em seculo a transformação é quasi radical. A outra, porém, essa horrivel rua de todos conhecida e odiada, pela qual diariamente passamos, essa é eterna como o Medo, a Infamia, a Inveja. Quando Jerusalem fulgia no seu maximo esplendor, já ella lá existia. Emquanto em Athenas artistas e guerreiros recebiam ovações, emquanto em Roma a multidão aplaudia os gladiadores triumphaes e os cezares devassos, na rua afflictiva cuspinhava o oprobrio e chorava a innocencia. Carthago tinha uma rua assim, e ainda hoje Paris, New-York, Berlim a têm, cortando a sua alegria, empanando o seu brilho, enegrecendo todos os triumphos e todas as bellezas. Qual de

A Rua

vós não quebrou, inesperadamente, o angulo em arestas dessa rua. Si chorastes, si soffrestes a calumnia, si vos sentistes ferido pela maledicencia, podeis ter a certeza de que entrastes na obscura via! Ah! não procureis evital-a! Jamais o conseguireis. Quanto mais se procura d'ella sahir mais dentro della se soffre. E não espereis nunca que o mundo melhore emquanto ella existir. Não é uma rua onde sofrem apenas alguns entes, é a rua interminavel, que atravessa cidades, paizes, continentes, vai de pólo a pólo; em que alanceiam todos os ideaes, em que se insultam todos as verdades, onde soffreu Epaminondas e pela qual Jesus passou. Talvez que extincto o mundo, apagados todos os astros, feito o universo tréva, talvez ella ainda exista, e os seus soluços sinistramente echoem na total ruina, rua das lagrimas, rua do desespero — interminavel rua da Amargura....



O que se vê nas ruas



Pequenas profissões

O cigano aproximou-se do catraeiro. No céu, muito azul, o sol derramava toda a sua luz dourada. Do cáes via-se para os lados do mar, cortado de lanchas, de vélas brancas, o desenho multiforme das ilhas verdejantes, dos navios, das fortalezas. Pelos boulevards sucessivos que vão dar ao cáes, a vida tumultuaria da cidade vibrava num rumor de apothose, e era ainda mais intensa, mais brutal, mais gritada, naquelle trecho do Mercado, naquelle pedaço da rampa, viscoso de imundicies e de vicios. O cigano, de frack e chapéo mole, já falára a dois carroceiros moços e fortes, já se animara a entrar numa taberna de freguezia retumbante. Agora, pelos seus gestos duros, pelo brilho do olhar, bem se percebia que o catraeiro seria a victima, a victima definitiva, que elle talvez procurasse desde manhã, como um milhafre esfomeado.

Pequenas profissões

Eduardo e eu caminhámos para a rampa, na aragem fina da tarde que se embebia de todos aquelles cheiros de maresia, de gordura, de aves presas, de verduras. O catraeiro batia negativamente com a cabeça.

— Uma calça, apenas uma, em muito bom estado.

— Mas eu não quero.

— Ninguém lhe vende mais barato, palavra de honra. E a fazenda? Veja a fazenda.

Desenrolou com cuidado um embrulho de jornal. De dentro surgiu um pedaço de calça côr de castanha.

— Para o serviço! Dois mil reis, só dois!... Eu tenho familia, mãe, esposa, quatro filhos menores. Ainda não comi hoje! Olhe, tenho aqui uns aneis... não gosta de aneis?

O catraeiro ficara, sem saber como, com o embrulho das calças, e o seu gesto fraco de negativa bem anunciava que iria ficar também com um dos aneis. O cigano desabotoara o frack, cheio de subito receio.

— E' um anel de ouro que eu achei, ouro legitimo. Vendo barato : oito mil réis apenas. Tudo dez mil reis, conta redonda!

O catraeiro sorria, o cigano estava preso de uma agitação estranha, agarrando a victima pelo braço, pela camisa, dando pulos, para lhe cochichar ao ouvido palavras de maior tentação ; e, ningem naquelle perpetuo tumulto, ninguem no rumor do estomago da cidade, olhava sequer para o negocio desesperado de cigano. Eduardo, que nessa

Pequenas profissões

tarde passeava comigo, arrastou-me pelo ex-largo do Paço, costeando o cães até a velha estação das barcas.

— Admiraste aquelle negociante ambulante?

— Admirei um refinado « vigarista »...

— Oh! meu amigo, a moral é uma questão de ponto de vista. Aquelle cigano faz parte de um exercito de infelizes, a que as condições da vida ou do proprio temperamento, a fatalidade, emfim, arrasta muita gente. Lembras-te de « La Romeira de Santiago », de Velez de Guevara? Ha lá uns versos que bem exprimem o que são essas creaturas :

Estos son algunos hombres
De obligaciones, que pasan
Necesidad, y procuran
Saliendose a los caminos...

É quanto basta como moral. Não sejamos excessivos para os humildes.

O Rio tem tambem as suas pequenas profissões exóticas, producto da miseria ligada ás fabricas importantes, aos adélos, ao baixo commercio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiuça no proprio monturo a vida dos desgraçados. Aquellas calças do cigano, deram-lh'as ou apanhou-as elle no cisco, mas como o cigano não faz outra cousa na sua vida senão vender calças velhas e aneis de « plaquet », ahi tens tu uma profissão da miseria, ou si quizeres, da malandrice — que é sempre a peor das miserias. Muito pobre diabo por ahi pelas praças parece sem officio, sem occupação. En-

Pequenas profissões

tretanto, coitados! o officio, as occupações, não lhes faltam, e honestos, trabalhosos, inglorios, exigindo o faro dos cães e a argucia dos reporters.

Todos esses pobres seres tristes vivem do cisco, do que cáe nas sargetas, dos ratos, dos magros gatos dos telhados, são os heróes da utilidade, os que apanham o inutil para viver, os inconscientes applicadores á vida das cidades d'aquelle axioma de Lavoisier: — nada se perde na natureza. A policia não os prende, e, na bohemia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adélos, pelos ferro-velhos, pelos proprietarios das fabricas...

— As pequenas profissões!... E' curioso!

As profissões ignoradas. De certo não conheces os trapeiros sabidos, os apanha-rotulos, os selistas, os caçadores, os ledores de buena-dicha. Si não fossem o nosso horror, a Directoria de Hygiene e as *blagues* das revistas de anno, nem os ratoeiros seriam conhecidos.

— Mas, senhor Deus! é uma infinidade, uma infinidade de profissões sem academia! Até parece que não estamos no Rio de Janeiro...

— Coitados! Andam todos na dolorosa academia da miseria, e, vê tu, até nisso ha vocações! Os trapeiros, por exemplo, dividem-se em duas especialidades — a dos trapos limpos e a de todos os trapos. Ainda ha os cursos supplementares dos apanhadores de papeis, de cavacos e de chumbo. Alguns envergonham-se de contar a existencia esforçada. Outros abundam em pormenores e são um mundo de velhos desilludidos, de mulheres gastas, de garotos e de crianças, filhos de familia, que sa-

Pequenas profissões

hem, por ordem dos pais, com um saco ás costas, para cavar a vida nas horas da limpeza das ruas.

De todas essas pequenas profissões a mais rara e a mais parisiense é a dos caçadores, que formam o sindicato das goteiras e dos jardins. São os apanhadores de gatos para matar e levar aos restaurantes, já sem pelle, onde passam por coelho. Cada gato vale dez tostões no maximo. Uma só das costelas que os freguezes rendosos trincam, á noite, nas salas iluminados dos hotéis, vale muito mais. As outras profissões são comuns. Os trapeiros existem desde que nós possuimos fabricas de papel e fabricas de moveis. Os primeiros apanham trapos, todos os trapos encontrados na rua, remexem o lixo, arrancam da poeira e do esterco os pedaços de panno, que serão em pouco alvo papel; os outros têm o serviço mais especial de procurar pannonos limpos, trapos em perfeito estado, para vender aos lustradores das fabricas de moveis. As grandes casas desse genero compram em porção a traparia limpa. A uns não prejudica a intemperie, aos segundos a chuva causa prejuizos enormes. Imagina essa pobre gente, quando chóve, quando não ha sol, com o céu aberto em cataratas e, em cada rua, uma inundação!

— Falaste, entretanto, dos sabidos?

— Ah! os sabidos dedicam-se a pesquisar nos montes de cisco as botas e os sapatos velhos, e batem-se por duas botas iguaes com furia, porque em geral só se encontra uma desirmanada. Esses infelizes têm preço fixo para o trabalho, uma tarifa geral combinada entre os compradores, os ita-

Pequenas profissões

lianos remendões. Um par de botas, por exemplo, custa 400 réis, um par de sapatos 200 réis. As classes pobres preferem as botas aos sapatos. Uma bota só, porém, não se vende por mais de 100 réis.

— Mas é bem pago!

— Bem pago? Os italianos vendem as botas, depois de concertadas, por seis e sete mil reis! É o mesmo que acontece aos mulambeiros ambulantes como o cigano que acabamos de ver — os belchiores compram as roupas para vendel-as com quatrocentos por cento de lucro. Ha ainda os selistas e os ratoeiros. Os selistas não são os mais esquadrinhadores, os agentes sem lucro do desfalque para o cofre publico e da falsificação para o burguez incauto. Passam o dia perto das charutarias pesquisando as sargetas e as calçadas á cata de selos dos maços de cigarros e selos com aneis e os rotulos de charutos. Um cento de selos em perfeito estado vende-se por 200 réis. Os das carteiras de cigarros têm mais um tostão. Os aneis dos charutos servem para vender uma marca por outra nas charutarias e são pagos cem por 200 reis. Imagina uns cem selistas a cata de selos intactos das carteirinhas e dos charutos; avalia em 5 0/0 os selos perfeitos de todos os maços de cigarros e de todos os charutos comprados neste paiz de fumantes; e calcula, após este pequeno trabalho de estatistica, em quanto é defraudada a fazenda nacional diariamente só por uma das pequenas profissões ignoradas...

— Gente pobre a morrer de fome, coitados...

— Oh! não. O pessoal que se dedica ao officio

Pequenas profissões

não se compõe apenas do doloroso bando de pés descalços, da agonia risonha dos pequenos mendigos. Trabalham também na profissão os malandros de gravata e roupa alheia, cuja vida passa em parte nos botequins e á porta das charutarias.

— E é rendoso?

— Rendoso, propriamente, não; mas os selistas contam com o natural sentimento de todos os seres que, em vez de romper, preferem retirar o selo do charuto e rasgar a parte selada das carteirinhas sem estragar o selo.

— Mas os aneis dos charutos?

— Oh! isso então é de primeirissima. Os selistas têm logar certo para vender os rotulos dos charutos Bismarck, — em Nictheroy, na travessa do Senado. Ha casas que passam caixas e caixas de charutos que nunca foram dessa marca. A mais nova, porém, dessas profissões, que saltam dos ralos, dos buracos, do cisco da grande cidade, é a dos ratoeiros, o agente de ratos, o entreposto entre as ratoeiras das estalagens e a Directoria de Saude. Ratoeiro não é um cavador — é um negociante. Passeia pela Gambôa, pelas estalagens da Cidade Nova, pelos cortiços e bibocas da parte velha da urbs, vai até ao suburbio, tocando uma cornetinha com a lata na mão. Quando está muito cançado, senta-se na calçada e espera tranquilamente a freguezia, soprando de espaço no cornetim.

Não espera muito. Das rotulas ha quem os chame; á porta das estalagens afluem mulheres e crianças.

— O ratoeiro, aqui tem dez ratos!

— Quanto quer?

Pequenas profissões

— Meia patáca.

— Até logo!

— Mas, ó diabo, olhe que você recebe mais do que isso por um só lá na higiene.

— E o meu trabalho?

— Uma figa! Eu cá não vou na historia de microbio no pello do rato.

— Nem eu. Dou dez tostões por tudo. Serve?

— Hein?

— Serve?

— Rua!

— Mais fica!

E quando o ratoeiro volta, traz o seu dia fartamente ganho...

Tinhamos parado á esquina da rua Fresca. A vida redobrava ahide intensidade, não de trabalho, mas de deboche.

Nos botequins, phonographos roufenhos esgançavam canções picarescas; numa taberna escura com turcos e fuzileiros navaes, dois violões e um cavaquinho repinicavam. Pelas calçadas, paradas ás esquinas, á beira do kiosque, meretrizes de galho de arruda atrás da orelha e chinellinho na ponta do pé, carregadores espapaçados, rapazes de camisa de meia e calça branca bombacha com o corpo flexivel, marinheiros, bombeiros, tunicas vermelhas de fuzileiros — uma confusão, uma mistura de cores, de tipos, de vozes, onde a luxuria crescia.

De repente o meu amigo estacou. Alguns metros adiante, na rua Fresca, um rapaz doceiro arriara a caixa, e sentado num portal, entregava o braço

Pequenas profissões

aos exercicios de um petiz da altura de um metro. Junto ao grupo, o cigano, com outro embrulho, falava.

— Vês? Aquelle pequeno é marcador, faz talua-gens, ganha a sua vida com tres agulhas e um pouco de graxa, metendo corôas, nomes e cora-ções nos braços dos vendedores ociosos. O cigano mulambeiro aproveita o estado de semi-dôr e semi-inercia do rapaz para lhe impingir qualquer um dos seus trapos... um psychologo, como todo os da sua raça, psychologo como as suas irmãs que lêem a « buenadicha » por um tostão e amam por dez com consentimento d'elles...

Oh! essas pequenas profissões ignoradas, que são partes integrantes do mecanismo das grandes ci-dades!

O Rio póde conhecer muito bem a vida do bur-guez de Londres, as peças de Paris, a geographia da Mandchuria e o patriotismo japonéz. A apostar, porém, que não conhece nem a sua propria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miseria da vasta Babel que se transforma. E entretanto, meu caro, quanto soluço, quanta ambição, quanto hor-ror e tambem quanta compensação na vida humilde que estamos a ver.

Estos son algunos hombres
De obligaciones, que pasan
Necesidad, y procuran
De esta suerte remediarla
Saliendose a los caminos...

Pequenas profissões

Mas o meu amigo não continuou o fio luminoso de sua philosophia. O catraeiro appareceu rubro de colera, e subtilmente cosia-se com as paredes, ao aproximar-se do cigano.

De repente deu um pulo e cahiu-lhe em cima de chofre.

— Apanhei-te, gatuno !

O cigano voltara-se livido. Ao grito do catraeiro acudiam, numa sarabanda de chinellas, fufias, rufões, soldados, ociosos, vendedores ambulantes.

— Gatuno ! Então vendes como ouro um anel de « plaquet » ? Espera que te vou quebrar os queixos. Sacudiu-o, atirou-o no ar para apanhal-o com uma bofetada. O cigano porém cahiu num bolo, distendeu-se e partiu como um raio por entre a aglomeração da gentalha, que ria. O catraeiro, mais corpulento, mais pesado, precipitou-se tambem.

Os vagabundos, com o selvagem instincto da caça, que persiste no homem — acompanharam-no. E pelos boulevards, onde se acendiam os primeiros reverberos, á disparada entre os squares successivos, a ralédos botequins, aos gritos, deitou na perseguição do pobre cigano mulambeiro, da pobre profissão ignorada, que, como todos as profissões, tem tambem malandros.

Então Eduardo sentenciou.

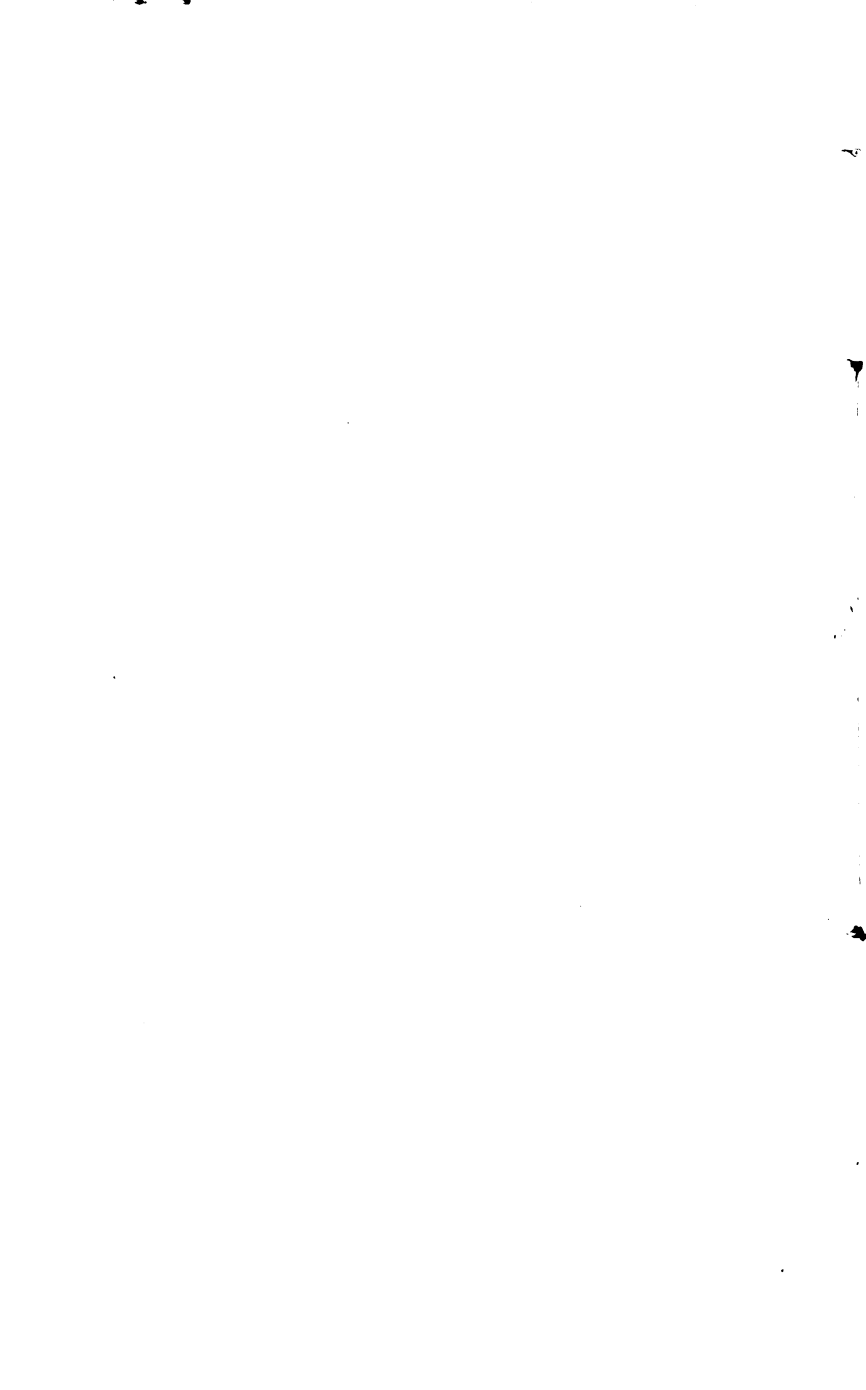
— Tu não conhecias as pequenas profissões do Rio. A vida de um pobre sujeito deu-te todos esses uteis conhecimentos. Mas, si esse pobre sujeito não fosse um malandro, não conhecerias da profissão até mesmo os birbantes.

Pequenas profissões

A moral é uma questão de ponto de vista. Para julgar os homens basta à gente defini-los segundo os seus successivos estados. Si te aprouver definir os profissionaes humildes pela tua ultima impressão, emprega os mesmos versos de Guevara com uma pequena modificação :

Estos son algunos hombres
De obligaciones, que pasan
Necesidad, y procuran
De esta suerte remediarla
Corriendo por los cáminos...





Os Tatuadores

— Quer marcar?

Era um petiz de doze annos talvez. A roupa em frangalhos, os pés nús, as mãos pouco limpas e um certo ar de dignidade na pergunta. O interlocutor, um rapazola loiro, com uma doirada carne d'adolescente, sentado a uma porta, indagou.

— Por quanto?

— É conforme, continuou o petiz. É inicial ou corôa?

— É um coração!

— Com nome dentro?

O rapaz hesitou. Depois :

— Sim, com nome : Maria Josephina.

— Fica tudo por uns seis mil réis.

Houve um momento em que se discutiu o preço, e o petiz estava inflexivel, quando vindo do kiosque da esquina um outro se acercou.

Os Tatuadores

— Ó moço, faça eu ; não escute embromações!

— Pagará o que quizer, moço.

O rapazola sorria. Afinal resignou-se, arregaçou a manga da camisa de meia, pondo em relevo a musculatura do braço. O petiz tirou do bolso tres agulhas amarradas, um pé de calix com fuligem e começou o trabalho. Era na rua Clapp, perto do cões, no seculo XX... A tatuagem! Será então verdade o phrase de Gautier: « o mais bruto homem sente que o ornamento traça uma linha indelevel de separação entre elle e o animal, e quando não póde enfeitar as proprias roupas recama a pele »?

A palavra tatuagem é relativamente recente. Toda a gente sabe que foi o navegador Loocks que a introduziu no occidente, e esse escrevia *tatou*, termo da Polynesia de *tatou* ou *to tahou*, desenho. Muitos dizem mesmo que a palavra surgiu do ruido perceptivel da agulha na pelle : *tac, tac*. Mas como é ella antiga! O primeiro homem, de certo, ao perder o pêlo, descobriu a tatuagem.

Desde os mais remotos tempos vemol-a a transformar-se : distinctivo honorifico entre uns homens, ferrete de ignominia entre outros, meio de assustar o adversario para os bretões, marca de uma classe para os selvagens das ilhas Marquesas, vestimenta moralisadora para os incolas da Oceania, signal de amor, de desprezo, de odio, barbara tortura do Oriente, baixa usança do Occidente. Na Nova Zelandia é um enfeite; a Inglaterra universalisa o adorno dos selvagens que colhem o *phormium tenax* para lhe augmentar a renda, e Eduardo com a ancora e o dragão no

Os Tatuadores

braço esquerdo é só por si um problema de psicologia e de atavismo.

Da tatuagem no Rio faz-se o mais variado estudo da credice. Por elle se reconstróe a vida amorosa e social de toda a classe humilde, a classe dos ganhadores, dos viciados, das fufias de porta aberta, cuja alegria e cujas dores se desdobram no estreito espaço das alfurjas e das chombergas, cujas tragedias de amor morrem nos cochicholos sem ar, numa praga que se faz de lagrimas. A tatuagem é a inviolabilidade do corpo e a historia das paixões. Esses riscos nas peles dos homens e das mulheres dizem as suas aspirações, as suas horas d'ocio e a phantasia da sua arte e a crença na eternidade dos sentimentos — são a exteriorisação da alma de quem os traz.

Ha tres casos de tatuagem no Rio, completamente diversos na sua significação moral : os negros, os turcos com o fundo religioso e o bando das meretrizes, dos rufiões e dos humildes, que se marcam por crime ou por ociosidade. Os negros guardam o fórma fetiche; além dos golpes sarados com o pó preservativo do máo olhado, usam figuras complicadas. Alguns, como o Romão da rua do Hospicio, têm tatuagens feitas ha cerca de vinte annos, que se conservam nitidas, apezar da sua côr — com que se confunde a tinta empregada.

Quasi todos os negros têm um crucificado. O feiticcio Ononenê, morador á rua do Alcantara, tem do lado esquerdo do peito as armas de Shangô, e Felismina de Oxum a figura complicada da santa d'agua doce. Esses negros explicam ingenua-

Os Tatuadores

mente a razão das tatuagens. Na corôa imperial hesitam, coçam a carapinha e murmuram, num arranco de toda a raça, num arranco mil vezes secular de servilismo inconsciente :

— Eh! Eh! Pedro II não era o dono?

E não se photographam com um pavor surdo, como sí fosse crime usar essa marcas simbolicas.

Os turcos são mussulmanos, maronitas, schismaticos, judeus, e nestas religiões diversas não ha gente mais cheia de abusões, de receios, de medos. Nas casas da rua da Alfandega, Nuncio e Senhor dos Passos, existem, sob o soalho, feitiçarias estranhas, e a tatuagem fórra a pele dos homens como amuletos. Os maronitas pintam iniciaes, corações; os schismaticos têm verdadeiros *eikones* primitivos nos peitos e nos braços; os outros trazem para o corpo pedaços de paramentos sagrados. É por exemplo uso muito commum turco com as mãos franjadas de azul, cinco franjas nas costas da mão, correspondendo aos cinco dedos. Essas cinco franjas são a symbolisação das franjas da *taleth*, vestimenta dos *Khasan*, nas quaes está entrançado a fio d'oiro o grande nome de Ihaveh.

A outra camada é a mais numerosa, é toda a classe baixa do Rio, — os vendedores ambulantes, os operarios, os soldados, os criminosos, os ruções, as meretrizes. Para marcar tanta gente a tatuagem tornou-se uma industria com chefes, sub-chefes e praticantes.

Quasi sempre as primeiras lições vieram das horas de inactividade na cadeia, na penitenciara e nos quarteis; mas eu contei só na rua Barão de

Os Tatuadores

S. Felix, perto do Arsenal de Marinha, e nas ruelas da Saude, cerca de trinta marcadores. Ha pequenos de dez, doze annos, que sahem de manhã para o trabalho, encontram os carregadores, os doceiros sentados nos portaes.

— Quer marcar? perguntam; e tiram logo do bolso um vidro de tinta e tres agulhas.

Muitos portuguezes, cujos braços musculosos guardam coroas da sua terra e o seu nome por extenso, deixaram-se marcar porque não tinham que fazer.

— Que quer V. S. ? O pequeno estava a arreliar. Marca, moço, marca! E tanto pediu que poz p'ra ahi os risquinhos.

Os pequenos, os outros marcadores ambulantes, têm um chefe, o Madruga, que só no mez de abril deste anno fez tresentas e dezenove marcações, Madruga é o exemplo da versatilidade e da significação mirionima da tatuagem. Tem estado na cadeia varias vezes por questões e barulhos, vive nas ruas da Conceição e S. Jorge, tem amantes, compõe modinhas satyricas e é poeta. É d'elle este primor, que julga verso :

Venha quanto antes D. Elisa
Emquanto o Chico Passos não atija
Fogo na cidade....

Homem tão interessante guarda no corpo a synthese dos emblemas das marcações: — um Christo no peito, uma cobra na perna, o signo de Salomão, as cinco chagas, a sereia, e no braço esquerdo a campa das proprias conquistas. Esse braço é o pro-

Os Tatuadores

longamento ideographico do seu monte de Venus onde a chiromancia vê as batalhas do amor. Quando a mulher lhe desagrada e acaba com a chelpa, Madruga emprega leite de mulher e sal de azedas, fura de novo a pelle, fica com o braço inchado, mas arranca de lá a côr do nome.

Emquanto andou a fornecer-me o seu profundo saber, Madruga teve tres d'essas senhoras — a Jandyra, a Josepha e a Maria. A primeira a figurar debaixo de um coração foi a Jandyra. Um bello dia a Jandyra desaparecia, dando lugar á Josepha, que triumphava em cima, entre as chamas. Um mez depois a letra J sumira-se e um M dominava no meio do coração.

Os marcadores têm uma tabela especial, o preço fixo do trabalho. As cinco chagas custam 1 \$ 000, uma rosa 2 \$ 000, o signo de Salomão, o mais comum e o menos comprehendido porque nem um só dos que interroguei o soube explicar, 3 \$ 000, as armas da Monarchia e da Republica 6 \$ a 8 \$, e ha Christos para todos os preços.

Os tatuadores têm varias maneiras de tatuar : por picadas, por incisão, por queimadura sub-epidermica. As conhecidas entre nós são as incisivas nos negros que trouxeram a tradição da Africa e, principalmente, as por picadas que se fazem com tres agulhas amarradas e embebidas em graxa, tinta, anil ou fuligem, polvora, acompanhando o desenho prévio. O marcador trabalha como as senhoras bordam.

Lombroso diz que a religião, a imitação, o ocio, a vontade, o espirito de corpo ou de seita, as pai-

Os Tatuadores

xões nobres, as paixões eroticas e o atavismo são as causas mantenedoras dessa usança. Ha uma outra — a sugestão do ambiente. Hoje toda a classe baixa da cidade é tatuada — tatuam-se marinheiros, e em alguns corpos ha o romance imagographico de inversões dramaticas ; tatuam-se soldados, vagabundos, criminosos, barregãs, mas tambem portuguezes chegados da aldeia com a pelle sem mancha, que a influencia do meio obriga a incrustar no braço corôas do seu paiz.

Andei com o Madruga tres longos mezes pelos meios mais primitivos, entre os atrazados Moraes, e nesses atrazados a camada que trabalha braçalmente, os carroceiros, os carregadores, os filhos dos carroceiros, deixaram-se tatuar porque era bonito, e são no fundo incapazes de ir parar na cadeia por qualquer crime. A outra, a perdida, a maior, o oceano da malandragem e da prostituição é que me proporcionou o ensejo de estudar ao ar livre o que se póde estudar na abafada atmosfera das prisões. A tatuagem tem nesse meio a significação do amor, do desprezo, do amuleto, da posse, do preservativo, das idéas patrioticas do individuo, da sua qualidade primordial.

Quasi todos os rufiões e os rufistas do Rio têm na mão direita, entre o polegar e o indicador, cinco signaes que significam as chagas. Não ha nenhum que não acredite derrubar o adversario dando-lhe uma bofetada com a mão assim marcada. O marinheiro Joaquim tem um Senhor crucificado no peito e uma cruz negra nas costas. Mandou fazer esse simbolo por esperteza. Quando

Os Tatuadores

sofre castigos, os guardiões sentem-se apavorados e sem coragem de soval-o.

— Parece que estão dando em Jesus!

A sereia dá labia, a cobra attracção, o peixe significa ligeireza n'água, a ancora e a estrella o homem do mar, as armas da Republica ou da Monarchia a sua comprehensão politica. Pelo numero de corôas da monarchia que eu vi, quasi todo esse pessoal é monarchista.

Os logares preferidos são as costas, as pernas, as coxas, os braços, as mãos. Nos braços estão em geral os nomes das amantes, phrases inteiras, como por exemplo esta phrase de um soldado de um regimento de cavalaria : *viva o marechal de ferro!*..., desenhos sensuaes, corações. O tronco é guardado para as coisas importantes, de saudade, de luxuria ou de religião. Hei de lembrar sempre o Madruga tatuando um funileiro, desejoso de lhe deixar uma estrella no peito.

— No peito não! cuspiu o mulato, no peito eu quero Nossa Senhora!

A sociedade, obedecendo á corrente das modernas idéas criminalistas, olha com desconfiança a tatuagem. O curioso é que — e esses estranhos problemas de psychologia talvez não sejam nunca explicados — o curioso é que os que se deixam tatuar por não terem mais que fazer, em geral, o elemento puro das aldeias portuguezas, o unico quasi incontaminavel da baixa classe do Rio, mostram sem o menor receio os braços, emquanto os criminosos, os assassinos, os que já deixaram a ficha no gabinete d'anthropometria, fazem o pos-

Os Tatuadores

sível para ocultal-os e escondem os desenhos do corpo como um crime. Porque? Receio de que sejam signaes por onde se faça o seu reconhecimento? Isso com os da policia talvez. Mas mesmo com pessoas, cujos intentos conhecem, o receio persiste, porque de certo elles consideram aquillo a marca de fogo da sociedade, de cuja tentação foram incapazes de fugir, levados pela inexoravel fatalidade.

Ha tatuagens religiosas, de amor, de nomes, de vingança, de desprezo, de profissão, de belleza, de raça, e tatuagens obscenas.

A vida no seu feroz egoismo é o que mai nitidamente ideographa a tatuagem.

As meretrizes e os criminosos nesse meio de becos e de facadas têm indeleveis idéas de perversidade e de amor. Um corpo d'esses, nú, é um estudo social. As mulheres mandam marcar corações com o nome dos amantes, brigam, desmancham a tatuagem pelo processo do Madruga, e marcam o mesmo nome no pé, no calcanhar.

— Olha, não venhas com presepadas, meu macacúano. Tenho-te aqui, desgraça! E mostram ao malandro, batendo com o chinello, o seu nome odiado.

É a maior das ofensas : nome no calcanhar, roçando a poeira, amassado por todo o peso da mulher...

Ha ainda a vaidade imitativa. As barregas das viellas baratas têm sempre um signalzinho azul na face. É a pacholice, o *grain de beauté*, a gracinha, principalmente para as mulatas e as negras

Os Tatuadores

fulas que o consideram o seu maior atractivo. Quando envelhecem, as pobres mulheres mandam apagar os signaes — porque querem ir limpas para o outro mundo, e a Florinda, ha pouco falecida, que rolara quarenta annos nos bordeis de S. Jorge e da Conceição, dizia-me dias antes de morrer :

— Ai, meu senhor, isto é para os homens! Quando se fica velha arranca-se, porque a terra não vê e Deus não perdôa.

Grande parte d'esses homens e dessas mulheres têm o delirio mais sensual, fazem os nomes queridos em partes melindrosas, marcam os membros delicados com punhaes, lampadas e outros symbolos. Neste caso eu tenho o Antonio Doceiro, um lindo rapazito que foi bombeiro depois de ter rolado pelo mundo, e a Annita Páo. Ambos têm desenhos curiosos por todo o corpo, e a pobre Annita mostra no calcanhar por extenso o nome do pai de seus filhos e traz em cada seio a inicial dos dois pequenos como numa eterna offerta — a sua unica offerta de mãi aos desgraçados perdidos...

Num meio de tão fraca illusão, onde as missangas substituem os *pendentif* d'arte e a vida ruge entre o Desejo e o Crime, depois de muito ver os pobres entes marcados como uma cavalhada, — a cavalhada da Luxuria e do Assassinio, — começa a gente a sentir uma concentrada emoção e a imaginar com inveja o prazer humano, o prazer carnal, que elles terão ao sentir um nome e uma figura debaixo da pele, inalteraveis e para todo o sempre.

Os Tatuadores

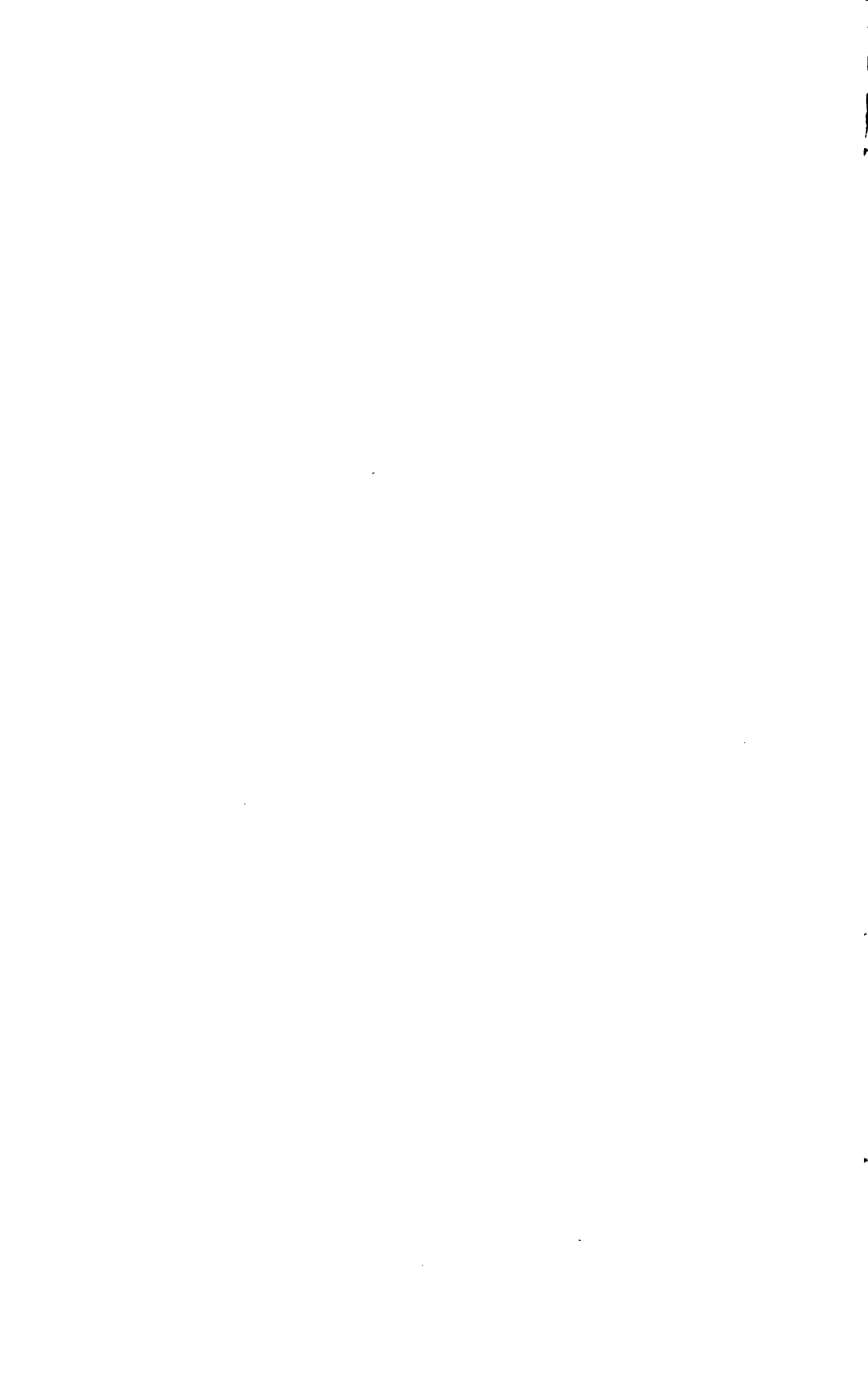
Aquelle pequeno impressionou-me de novo na profissão estranha. Indaguei.

— Quanto fizeste hoje?

— Hoje fiz doze mil réis.

E eu comprehendí que afinal tatuador deve ser uma profissão muito mais interessante que a de amanuense de secretaria...





Orações

— Que está você a vender?

— Orações, sim senhor.

— Novas?

— Uma nova, sim — a oração dos nove.

Era num canto de rua, por uma tarde de chuva. O pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido, sobraçava o maço de orações, a sorrir.

— Mas, creatura, a oração dos nove foi desmoralisada!

— E agora é que se vende mais. Olhe, eu hoje vendi quatrocentos folhetos. Só de oração dos nove, trezentos e vinte e cinco.

Orações

Eu acredito nos prodígios. E' uma opinião individual mas definitiva. Si a oração dos nove, depois de assustar toda a cidade e de incomodar o arcebispo, ainda continuava com um tão grande numero de crentes, era porque tinha prodigiosas virtudes. Comprei a oração e estuguei o passo. Que é afinal uma oração? E' um levantamento da alma a Deus com o desejo de o servir e gosar, e S. João de Damasco já a definia um pedido de coisas convenientes, com medo de que os fiéis pedissem também inconveniencias. Aquelle menino magro, naquella esquina de rua, era um dos insignificantes agentes desse tremendo microbio da alma.

Si l'on en croit les savants
Pour qui toute la Nature
N'est qu'un bouillon de culture
Mortel aux pauvres vivants.

Quantas orações andam por ahi impressas em folhetinhos mãos, vendidas nas grandes livrarias e nos alfarrabistas, exportadas para a provincia em grossos maços, ou simplesmente manuscritas, de mão em mão, amarradas ao pescoço dos mortaes em fórmula de breve! Ha nessa estranha literatura edições raras, exemplares unicos que se compram a peso de ouro; orações arabes dos negros musulmins, cuja tradução não se vende nem por cincoenta mil réis; orações de praga africanas, para dizer tres vezes com um *obi* na boca; orações para todas as coisas possiveis e impossiveis. O homem é o animal que acredita — principalmente no absurdo. Levei muito tempo a

Orações

coleccionar essas supplicas bizarras. Ha mais de mil : de S. Bento, de Santa Luzia, de Santa Helena, Monserrate, S. João Baptista, Milagre de Jesus Christo, Maria Eterna, Santa Barbara, Menino Deus, Santa Catharina, Senhora do Socorro, Santa Thereza, S. Antonio, S. Jorge, Nossa Senhora da Guia, S. Marcos, S. Benedicto, S. Sepulchro, Nossa Senhora do Rozario, Magnificat, Anjo Custodio, S. Lourenço, S. Joaquim, S. Estevam, Bom Parto, Anunciação para defumar a casa, Santa Philomena, Conceição, S. Roque, S. Sebastião, S. Anastacio, S. Simão, Menino Deus contra o sól e o mar salgado, Maria Magdalena, Dores, S. Pedro e S. Paulo, S. Emygdio, S. Thiago pelos agonisantes, Sonhos de Nossa Senhora, Juizo Divinal, Perdão Eterno, Senhor dos Passos, S. Cosme e S. Damião, Nossa Senhora da Gloria, que sei eu? Ha até orações a santos que o Papa desconhece e nunca foram canonisados, como a oração de S. Gurmim, boa para a dôr de callos, e a de S. Puyuna, infalivel nas nevralgias. Os homens vivem no mysterio das palavras conciliadoras.

Antes de nascer tem logo a oração do Bom Parto, em que se supplica á Virgem, apelando para o nascimento de Jesus, um bom successo. Toda a mulher que trazer comsigo esta oração no pescoço, rezando todos os dias 7 ave-marias, e uma salve-rainha, 7 dias antes de parir, terá sempre junto a seu leito a Virgem Santissima do Bom Parto.

Acompanham-na a oração para a dentição e a

Orações

de Nossa Senhora dos Remedios, logo depois de nascido. Quando já falla, decora a *oração para ao deitar na cama*

« Nesta cama me deito, desta cama me levanto, a Virgem Nossa Senhora me cubra com o seu manto. Se eu coberto com elle fôr não terei medo nem pavor, nem cousa que deste ou outro mundo fôr. »

e a *oração para ao levantar da cama*, que se pronuncia mesmo ao ruminar os mais horrendos delictos.

Depois começam os contractos extravagantes, as rezas covardes em que se lisonjeia os santos para obter d'elles altos favores e até clamorosas maldades. Têm a fórmula de padre-nossos, são ás vezes assignadas por homensinhos que as precedem de palavras contando o milagre do seu achado. Não ha em todo esse baixo mundo de crença uma oração inteiramente altruistica ou desfeita dos egoismos terrenos. Só duas existem defendendo apenas a Igreja -- a de S. Pedro e S. Paulo e a de S. Miguel, que por signal começa neste violento estylo :

« Ó archanjo S. Miguel, meu poderoso protector, a quem Deus Omnipotente encarregou a defeza geral de todos os homens, apesar de terem o Anjo da Guarda, e que sois capitão dos nove casos angelicos, cuja prerogativa me animo a suplicar-vos que me perdoeiso atrevimento com que vos fallo apontando-vos a relaxação, atrevimento, altivez e desenvoltura, falta de religião e vicios de que estão possuidos os corações christãos... »

As outras pedem pelo menos o céo, e estão neste

caso modesto a do Rozario e a de São Benedicto. Os autores, porém, prudentemente, numa nota áparte, communicam aos crentes os bens de taes rezas :

« Quem usar desta oração e rezar com viva fé, ao menos uma vez por semana, não será mordido por cão damnado ; se fôr á guerra não morrerá nem será vencido, não se afogará nem morrerá queimado, sua casa estará em paz, tudo lhe irá bem, os invejosos, os máos olhos, os mal intencionados, nem os que usam de maleficios e feitiçarias lhe farão damno algum. »

E ainda por cima, si rezar umas ave-marias, *terá indulgencias.*

As outras são verdadeiros requerimentos ou cartas de empenho. O sujeito reza como vai ao ministro do Interior pedir um logar de guarda civil. A bajulação é quasi identica. Diante do altar, a humanidade trata de viver da mesma maneira por que vive diante dos cesares, dos senhores feudaes ou do chefe de policia.

« Ó incomparavel Senhora de Conceição Aparecida, mãe de meu Deus, Rainha dos Anjos, Advogada dos Peccadores. Refugio e Consolação dos Afflictos e dos Atribulados, ó Virgem Santissima cheia de bondade, lançae sobre nós um olhar favoravel. »

E como um poeta sem emprego diante de um oligarcha estadual :

« Lembrae-vos, Clementissima Mãi Aparecida, não constar de todos que a vós tem recorrido e implorado vossa singular protecção, fosse por vós algum abandonado. Animado por esta confiança, a vós recorro e vos tomo de hoje

Orações

para sempre por minha mãe, minha protectora, minha consolação, meu guia... »

Algumas, talvez duvidando do poder dos santos no ocio perpetuo do paraizo, vão directamente ao Deus, levando-os como simples advogados. Ha, por exemplo, a oração de São Elesbão e Santa Ephigenia reunidas não sei por quê. Pois bem. A oração começa assim :

« Attendei Ó Deus Omnipotente, ás nossas supplicas, e porque nos confessar réos de muitos peccados, permitti que sejamos absolvidos d'elles pelas intercessões dos gloriosos martyres S. Elesbão e santa Ephigenia e que precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Christo fiquemos lavados e relavados das nossas culpas; limpo e puro mais do que quando nascemos. »

Esta petição é um modelo de lisonjearia, de adulação, de humildade postiça, de engrossamento ao velho potentado de todos os tempos, infinitamente multiplicado nesta democratica época de potentados! E' o suprasumo do rez-do-chão, é a flor perfeita da maneira de pedir !

Não são, entretanto, Santa Ephigenia e São Elesbão os unicos atirados ao secundario papel de advogados. S. Jeronymo, advogado contra os tremores sub-terraneos, tambem o é, tendo como compensação um hymno.

Jeronymo santo, maximo penitente,
Rogai por nós a Deus efficazmente.
Jeronymo santo, sabio e forte,
Assiste-nos agora e na hora da morte.

Orações

E S. Simão, que livra do raio, não faz outra coisa senão pedir a Deus que fulmine apenas os pára-raios, e Santa Barbara, coitada, logo que começa a trovejar tem que pedir a Deus menos barulho para não ouvir este himno phantastico :

Salve, virgem gloriosa
E Barbara generosa
Do Paraizo fresca Rosa
Lirio de Castidade
Salve ó virgem toda formosa
Lavada na fonte da Castidade.

Mas as orações são antes de tudo um meio de remedear o mal. Que faz a oração de São Luiz Gonzaga, praticada pelas meninas do Rio desde o tempo em que a rua Theophilo Ottoni era musicalmente a rua das Violas? Remedeia os males d'amor. Quando uma rapariga cáe de joelhos e soluça :

« O' Luiz santo, adorado de angelicos costumes, eu, indignissima devota vossa, vos recomendo singularmente a castidade da minha alma e do meu corpo. Rogo por vossa angelica pureza que intercedais por mim ante o Cordeiro Imaculado Christo Jesus e Sua Mãi Santissima Virgem e que me perserveis de todo o passado grave, não permitindo que eu saia manchada com alguma nodoa de impureza... »

Podeis ter a certeza, ó mortaes, que a tentação anda no coração da donzela de tal fórma que S. Luiz, apesar de angelico e de santo, chegará fatalmente tarde para a salvar. E assim uma velha

Orações

senhora solteira que recitar convictamente o oração de S. Lourenço :

« Ominipotente Deus, que ao Vosso bemaventurado Martyr S. Lourenço destes esforço para triumphar dos incendios e dos seus tormentos, concedei que se extinga em nós o fogo... »

Ah! Deus de bondade! esta pobre senhora, assim velha e assim solteira, está muito mal!

S. Luiz e S. Lourenço, entretanto, gosam da relativa liberdade de vir quando querem. Santo Onofre porém, pequeno e barbadinho, vive estrangulado no cós das saias das senhoras para ouvir todas as manhãs esta suprema ironia supplice :

« Meu glorioso Santo Onofre bispo, confessor de meu senhor Jesus Christo, em Roma fostes aos pés do padre santo vos ajoelhar, pedistes pão para as solteiras, pão para as casadas pão para as viúvas, pão para as donzellas. Pedi para mim tambem que sou sua inquilina. Meu glorioso Santo Onofre vos peço que me deis comida para comer, roupa para vestir, dinheiro para gastar e graça par avos servir. Amen! »

E Santo Onofre não protesta, não grita, não foge, como S. Sylvestre, educado na humildade evangelica, tolera este lamentavel pedido :

« Valha-me o Senhor S. Sylvestre, pelas tres camisas que veste, no anno de trinta e sete, matastes e feristes e abrandastes os corações dos mouros, as bocas das serpentes. Assim eu abrandarei o coração dos meus inimigos que venham ajoelhar-se aos meus pés, porque Deus que é Deus

Orações

póde e acaba com tudo que quer, traga teu coração debaixo de teu pé esquerdo... »

Que diz o veneravel Santo a esse coração sem concordancia pronominal metido miseravelmente debaixo de um pé ? Talvez nem saiba a misera credence, e andelá por cima, no azul, esquecido da maldade humana... As almas apesar de bemditas, porém, já por aqui andaram, já sentiram o amor, o ciume e o medo, e a oração que as incensa é tambem velhaca e cheia de sandices :

« Minhas almas santas bemditas, aquellas que são do mesmo senhor Jesus Christo, por aquellas que morreram enforcadas por aquellas tres almas que morreram degoladas, por aquellas tres almas que morreram a ferro frio, juntas todas tres, todas seis e todas nove, para darem tres pancadas no coração dos inimigos, que elles ficarão humildes a mim debaixo de paz e consolação, a ponto de terem olhos e não me ver, pernas e não me alcançarem, braços e não me agarrarem — para sempre e sem fim. »

Os homens, á solta, no recato das alcovas deliram calmamente. Ha gente que antes de sahir reza a oração de S. Jorge, para não ser ofendida pelos seus inimigos, e a de Santa Catharina para alcançar o perdão dos pecados ; ha senhoras que aspergem os cantos da casa com agua benta, dizendo a oração da benção das casas, que consta de 382 palavras, e a oração de Santo Anastacio contra os demonios ; ha seres pensantes que trazem ao peçoço a oração de S. Roberto contra os feitiços, oração que, segundo o editor, estava junto a uma « milagrosa carta, achada em um logar tres leguas distante de S. Marcos, escripta com letras de

Orações

ouro e pela mão de Deus Nosso Senhor, Filho da Virgem Maria »!

E' pois natural que as almas não se ofendam com um máo pedido e que S. Marcos— pobre santo! sorria quando ouvia á meia-noite esta tremenda oração *brava*, que lembra as scenas de enfeitiçamento médiévo :

« Chamo S. Marcos e S. Manços e seu confidente o anjo máu em meu auxilio para se apoderar do meu espirito e vida, juntamente com a pessoa que desejo fazer o mal, ou bem e com o dedo polegar da mão esquerda faço tres vezes o Signal da Cruz e com uma faca de ponta espetada na porta da rua ou mesa, com um lenço ou guardanapo bem alvo direi as seguintes palavras :

Christo morreu, Christo soffreu, Christo padeceu : assim peço-vos meu Glorioso São Marcos e São Manços que soffra e padeça os maiores tormentos e torturas deste mundo a pessoa que eu quero para mim e pegando na faca com toda fé e coragem que me dá esta Oração darei quatro golpes na porta, ou mesa e pela quarta vez chamarei São Marcos e São Manços e o anjo máo, para me dar força e coragem de dizer : « Credo em Cruz » em circulo onde se acha a faça! Amen. »

Oh ! o poder da palavra pronunciada misteriosamente! Os homens de todos os paizes, de todas as terras têm-lhe um terror sagrado. Essas orações ainda guardam um sentido mais ou menos claro. A maior parte porém é apenas um estranho jogo de disparates, uma trapalhada alucinante. Ha uma oração contra o sol, que ao lel-a sente a gente a vertigem do desequilibrio :

« Deus quando pelo mundo andou muito sol e calor

Orações

apanhou, encontrou com Nossa Senhora com que o sol se tiraria com um guardanapo de olhos e um copo d'agua fria. Sim como fallo verdade torna o sol a seu lugar, vae esta Senhora pelo mar abaixo com o copinho d'agua fria, o mal que ella tem no corpo e na cabeça tire de Deus e da Virgem Maria. »

E' exactamente a maneira rithmica, o disparate deduzido dos literatos do Hospicio, e até hoje, si eu percebi que taes palavras são contra o calor, não me foi possivel ainda saber o que quer dizer esta formidavel oração do mar sagrado :

« Mar sagrado, eu te venho salvar, a tua agua te venho pedir para fortuna por Deus para minha casa levar; para que me dê ouro para guardar e prata para gastar, cobre para dar aos pobres. »

Como exemplo de estilo desvairado ha, entretanto, outras quasi tão lindas como as poesias nephelibatatas, pela sua dolorosa e obtusa ingenuidade. Está neste caso O Perdão Eterno.

S. José que caminhava com a Virgem Maria
Tanto caminha de noite como de dia
Abre a porta porteiro
Que aqui está a Virgem Maria
Não quiz parir na cama
Nem na cortina.
Pariu na mangedoura
Onde o bento boi comia.
Desceram os anjos dos céos, cantando Ave Maria
Subiu para o Céu rezando Santa Maria.
O eterno lhe perguntou, como ficou a parida ?
Ficou coberta de ouro e seu bento filho
E o berço em que elle embalava era de ouro e latão

Orações

Aqui se acaba esta santa oração.

Quem esta oração reza 7 sexta-feira, de paixão,

E outras tantas carnaes,

Tem cem annos de perdão,

Se for seu pai, sua mãe, mais toda a sua geração.

Ha na *Illiada* um trecho muito citado e rico de verdades. Homero falla das orações e diz « As orações são filhas do grande Zeus, filho de Kronos. Capengas, zarolhas, fairronas occupam-se em seguir a Fatalidade. A Fatalidade é robusta e agil. Vai muito adiante fazendo aos homens um mal que as orações remedeiam. » É destino do homem rezar, pedir o auxilio do desconhecido para o bem e para o mal, é sina deste pobre animal, mais carregado de trabalhos que qualquer outro bicho da terra ou do mar, ter medo e desconfiar das proprias forças. A Fatalidade o vai conduzindo por caminhos que são despenhadeiros ás vezes e campos de risos raramente. O homem chora, ergue os olhos para o azul do céu, a menor das suas ilusões povoa-o de forças invisiveis e fala, e pede, e supplica. Que importa que diga tolices ou phrases lapidares, horrores ou pensamentos suaves? E' preciso remediar a Fatalidade.

E é por isso que emquanto existir na terra um farrapo de humanidade, esse farrapo será um moinho de orações.

E por isso, talvez, que os vendedores de orações acabam mais ou menos supersticiosos dessa superstição teimosa que acredita apesar de tudo; é por isso que um pobresinho vendedor dessas fantasias do Pavor ignorante não sahe de casa sem

Orações

recitar á *estrella dos pàstores* estas precavidas phrases :

Desta casa me
aparto em boa
paz boa viagem
Deus adiante a

bella cruz atraz eu no meio, altos e
montes para mim tensejam. Oremos
bocas de cães e lobos sejam fecha-
das, tenham olhos e não me vejam,
tenham pernas e não me sigam,
tenham boca e não me fallem, te-
nham braços e
não me peguem,
tão guardado
me vejam como
a Virgem Maria
guardou o seu
amado filho
desde as portas
de Belem até Je-
rusalem. —
Amen...

Os Urubús

- Estou esperando!
- Não quero!
- Deixal-o passar!
- Naufragou!

Eu vinha vindo com o frescor da manhã por aquelle trecho da praia de Santa Luzia, tão suave e tão formoso, onde se amontoam as cousas lugubres da cidade — a Santa Casa, o Necroterio, o serviço de enterramentos. Entre as arvores fronteiras ao hospital vendedores ambulantes vociferavam os pregões de cangica, de mingáo, de pães doces; òs bondes pejados de gente saltavam creaturas doentes, paralíticas algumas, de oculos outras. Pelas escadas de pedra lavada formigava constantemente a turba doente, mostrando as ma-

Os Urubús

zelas, como um insulto e uma afronta aos que estavam sãos, entre os enfermeiros do hospital, de calça de zuarte azul e dolman pardo, nedios e sadios. Eu vinha precisamente pensando como gosam saude os enfermeiros, e aquellas phrases maçonicas fizeram-me mal. Parei, consultei o relógio. Os quatro tipos não se ralavam mais com a minha presença. Dous olhavam com avidez os bondes que vinham da rua do Passeio; dous estavam totalmente voltados para o lado da Faculdade. Ao aparecer um bond, um magrinho bradou :

— Largo !

Prestei atenção. Do « tramway » em movimento saltou um cavalheiro defronte do Necroterio.

— De cima ! bradou outro typo.

— Ultima ! regougou o terceiro.

E cercaram o cavalheiro.

— V. S. ha de aceitar um cartãosinho da nossa casa. Não precisa de se incomodar. Tratamos de tudo ! Faça negocio comigo !

A um tempo fallavam todos, e o cavalheiro, coberto de luto, com o lenço empapado de suor e de lagrimas, murmurava, como si estivesse a receber pezames :

— Muito obrigado ! Muito obrigado !

Aproximei-me de um dos funcionarios do serviço mortuario.

— Que especie de gente é essa ?

— Oh ! não conhece ? são os urubús !

— Urubús ?

— Sim, os corvos... É o nome pelo qual são conhecidos aqui os agenciadores de coroas e fazen-

das para luto. Não é muito numerosa a classe, mas que faro, que actividade!

Totalmente interessado, tive uma dessas exclamações de pasmo que lisonjeiam sempre os informantes e nada exprimem de definitivo. Elle sorriu, tossiu e falou. Foi prodigioso.

— Os agenciadores de coroas levantam-se de madrugada e compram todos os jornaes para ver quaes os homens importantes falecidos na vespera. Defunto pobre não precisa de luxo, e corôa é luxo. Logo que tomam as notas disparam para a casa do morto e propõem adiantar o que fôr necessario para o enterro, com a condição de se lhes comprarem as corôas. Algumas casas têm mesmo nos cartões os seguintes dizeres : — encarregam-se de tratar de enterros sem cobrar comissão do especie alguma. E os titulos dessas casas davam para um tratado de psychologia recreativa. Ha os poeticos, os delicados, os floridos, os babosos, os funebres — « Tributo da Saudade », « Corôa de Violetas », « Flor de Liz », « Bogary », « A Jardineira », « Corôa de Rosas »...

— Mas... e estes homens aqui?

— Estes homens são os urubús de Santa Luzia, serviço especial e maçónico. Tres ficam á entrada principal da Santa Casa. Quando avistam um tipo brada o primeiro : estou esperando!

Si o tipo não tem cara de enterro : não quero ! deixal-o passar. Si o homem vem de tilbury, correm até aqui a acompanhal-o. Si o tilbury segue, bradam : naufragou! E voltam ao logar donde não sahiram os outros. É interessante ouvir-lhes o

Os Urubús

dialogo. Tu é que não correste! Conheço o homem; antes fosse, era meu o negocio...

— Mas é horrivel!

— É a vida, meu caro. Aqui estacionam sete agentes; o assalto ao freguez vai pela vez, como aos sabados, nos barbeiros. Quatro oferecem grinaldas aos passageiros que saltam dos bondes; tres aos que vêm a pé. Ao ver o bando ao longe ha a phrase : Decima! que é o signal. Do lado de lá! quando elle salta do lado oposito. Ultima! quando salta no Necroterio. Si um dos urubús acerta, grita : Estou empregado! E feito o negocio o outro avança, dizendo : Grinalda! para obter como resposta : A tua é minha...

Quando aparece por acaso algum freguez conhecido de um dos agenciadores dá-se o « combate ». Os tres que ficaram « desempregados », desejando « furar » o agenciador amigo, quando não conseguem convencel-o, arranjam meio de o cacetejar até que o negocio não se realise. Nessa occasião assistimos a scenas calorosas, a conflictos sérios, em que se faz sentir a intervenção da policia. Mas á noite, graças aos deuses, acabado o trabalho, vão todos para a venda do Antonio, á rua da Misericordia, beber cerveja.

— São estes então? fiz, voltando-me.

— Estes só, não. Ha outros, os que fazem ponto no largo da Batalha e rendem estes á hora do almoço e que só têm o posto depois de ter todas as notas dos tipos que estão na secretaria a tratar de enterros.

— Como os agentes de policia?

— Tal qual. E terminam sempre com a nota policial : quarenta annos presumíveis...

Rimos ambos. O sol está brilhante e o céu, inteiramente azul, dá-nos desejos de viver e de comprehender a vida pelos seus mais ridentes aspectos.

— Os urubús devem ter nome?

— Têm, são urubús urbanos. Vê o senhor aquelle? É o Chico Basilio. Ha cerca de 30 annos exerce a profissão. Está vendo aquelle grupo? Encontra lá o Brasilino, o Carangueijo, o Bilú, o Hespanhol da Saude, o Mangonga. Os outros são o Joaquim, o Tatuhy, o Paulino, o Cá e Lá, o Burity, o Manduca...

Neste momento um mocinho de lapis e linguado de papel na mão indagou, entrando :

— Alguma cousa de novo?

— Sim, póde entrar...

O mocinho desapareceu. O complacente informante sorria.

— Outro urubú.

— Outro?

— São os que parecem *reporters*. Vêm para a secretaria da Santa Casa munidos de tiras de almaço para copiar dos livros os nomes e residencias das pessoas mortas, isto é, só copiam os daquellas cujo enterro custar mais de 100 \$. Sahem daqui para o logar indicado e ficam ás portas á espera que o corpo saia, um, dous, cinco ás vezes. Quando o cadaver sahe e a familia ainda está aos soluços, embarafustam com as amostras de luto. Contaram-me que chegam á concorrencia, a ver quem faz o

Os Urubús

luto em 24 horas mais em conta. Neste serviço conheço o Ferraz, o Saul, o Guedes, o Mattos, o Araujo, o Campos, o Mesquita.

Eu ouvia o meu informante um pouco melancólico. Que diabo! Por que urubús, naquella pedaço da cidade que cheira a cadaveres e a morte?

Não ha terra onde prospere como nesta a flora dos sem-officio e dos parasitas que não trabalham. Esses sujeitinhos vestem bem, dormem bem, chegam a ter opiniões, sistema moral, idéas politicas. Ninguem lhes pergunta a fonte inexplicavel do seu dinheiro. Aquelles pobres rapazes, lutando pela vida, naquelle ambiente atroz da Morte, vestindo a libré das Pompas Funebres, impingindo com um sorriso á tristeza corôas e crepes, só para ganhar honestamente a vida, eram dignos de respeito. Por que urubús? Maçonaria da má sorte, pelotão dos tristes, seres sem o conforto de uma sympathia, no limite do nada, encarregados de fornecer os symbolos de uma dôr que cada vez a humanidade sente menos.

Despedi-me, comecei a andar de vagar. Um dos urubús aproximou-se.

— Estivéram contando cousas a nosso respeito?

— Não, absolutamente.

— Que se ha de fazer? A comissão é tão pequena! Quando quizer uma corôa...

— Deus queira que não! fiz assustado.

E apertei a mão do homem urubú com um tremor de superstição e de susto.



Os mercadores de livros

e a leitura das ruas

Exactamente na esquina do theatro S. Pedro, ha dez annos, Archanjo, italiano, analphabeto, vende jornaes e livros. É gordo, desconfiado e pançudo. Ao parar outro dia alli, tive curiosidade de ver os volumes dessa bibliotheca popular. Havia algumas patriotadas, a « Questão da Bandeira », o « Holocausto », a « D. Carmen » de B. Lopes, a « Vida do Mercador e de Antonio de Padua », o « Evangelho de um triste » e os « Desafogos Lyricos ». Estavam em exposição, cheios de pó, com as capas entortadas pelo sol.

— Vende-se tudo isso ?

— Oh! não. Ha quasi um anno que os tenho.

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

Os outros 'sim — modinhas, orações, livros de sonhos, a « Historia da Princeza Magalona », o « Carlos Magno », os testamentos dos bichos...

Levantei as mãos para o céu como pedindo testemunho do alto. As obras vendaveis ao povo deste começo de seculo eram as mesmas devoradas pelo povo dos meados do seculo passado!

— Mas não é possível...

— Póde perguntar aos outros vendedores.

Atirei-me a esse inquerito psicologico. Os vendedores de livros são uma chusma incontavel que todas as manhãs se espalha pela cidade, entra nas casas comerciaes, sobe aos morros, percorre os suburbios, estaciona nos logares de movimento. Ha alguns annos, esses vendedores não passavam de meia duzia de africanos, espapaçados preguiçosamente como o João Brandão na praça do Mercado. Hoje, ha de todas as côres, de todos os feitios, desde os velhos maniacos aos rapazolas indolentes e aos propagandistas da fé. A venda não é franca senão em alguns pontos onde se exhibem os tableiros com as edições falsificadas do « Melro » de Junqueiro e da « Noite na Taverna ». Os outros batem a cidade, oferecendo as obras. E ha então toda uma gama de maneiras para passar a fazenda. Os mais atilados, os mais argutos, os mais incansaveis são os vendedores de Biblias protestantes, com os bolsos das velhas sobrecasacas ajoujados de brochuras edificantes.

— Ó rapaz, por que não fica com esta Biblia? Dou-lh'a por dez tostões. É o livro de Deus, onde estão as eternas verdades. E se ficar com ella, vai

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

mais este volume de quebra sobre as féras que devoram o homem, as féras moraes...

Os outros não pairam em regiões tão espirituaes. Ha os solemnes — o velho Maia, que aprecia as encadernações vermelhas ; foi guarda-livros e virou para a infelicidade quando, um dia, se lembrou de decorar todo o dicionario latino de Saraiva. Ha os que têm apelido — *Espelho de Psyché*, pobre homem, negociante, que a má sorte faz andar agora de cesta ao braço, com uma fita verde no chapelinho. Ha os escandalosos relapsos, — o Conegundes, negralhão de *cavaignac*, gritador. — Ha os que durante o trabalho percorrem as tabernas, e para impingir aos caixeiros um dos volumes ingerem em cada uma dous da *branca* — o Arthur. Ha os que têm admirações literarias — o Camões, zanaga, que vos recita o Iº cantodos *Luziadas* de cór. Ha os alegres, um turbilhão delles, que apregoam dous dias na semana para descansar os outros cinco. Ha os que têm a arte do prégão e, longe de ir com um embrulhinho perguntar á casa do comprador si quer ficar com a « *Historia de Carlos Magno* », soltam a voz em gorgeios estentoricos, como o *Noite Sonorosa* :

Meu Deus, que noite sonora !
O céu está todo estrellado.
Eu com o cavaquiuhu na mão.
E a morena ao lado.

Isto em pleno dia.

Cada sujeito desses póde passar a vida bem.
As livrarias vendem baratissimo os livrécos pro-

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

curados. Em cada um, os vendedores ganham, no minimo, seiscentos por cento. Ha alguns que, trabalhando com vontade e sabendo lancar — as oraçoes, as modinhas ou a inefavel « Historia da Donzella Theodora », arranjam uma diaria de dez mil réis, sem grande esforço. Dahi, todo dia augmentar o numero de *camelots* de livros, vir começando a formar-se essa prospera profissão da miseria que todas as cidades têm, avida e lamentavel, num arregimentar de pobres propagandistas do Evangelho e do Espiritismo, de homens que a sorte deixou de proteger, de malandros cynicos, de rapazes vadios.

Os livros, porém, de grande venda ficam sempre os mesmos.

Nós não gostamos de mudar em cousa nenhuma, nem no theatro, nem na paizagem, nem na literatura. É provavel que o divorcio tenha cahido por esse inveterado e extraordinario amor de não mudar, que nos obseca. Desde 1840, o fundo das livrarias ambulantes, as obras de venda dos *camelots* têm sido a « Princeza Magalona », a « Donzella Theodora », a « Historia de Carlos Magno », a « Despedida de João Brandão » e a Conversação do Pai Manuel com o Pai José — ao todo uns vinte folhetos sarrabulhentos de crimes e de sandices. Como esforço de invenção e permanente exito, aparaceram, exportados de Portugal, os testamentos dos bichos, o « Conselho dos Amantes » e uma somnolenta « Disputa divertida das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos nos calções velhos ».

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

Essa literatura, vorazmente lida na Detenção, nos centros de vadiagem, por homens primitivos, balbuciada á luz dos candieiros de kerosene nos casebres humildes, piegas, hypocrita e mal feita, é a sugestionadora de crimes, o impulso á explosão de degenerações sopitadas, o abysmo para a gentalha. Contam na Penitenciaria que o Carlito da Saude, preso a primeira vez por desordens, ao chegar ao cubiculo, mergulhou na leitura do « Carlos Magno ». Sobreveiu-lhe uma agitação violenta. Ao terminar a leitura annunciou que mataria um homem ao deixar a Detenção. E no dia da sahida, alguns passos adiante, esfaqueou um tipo inteiramente desconhecido. Só esse « Carlos Magno » tem causado mais mortes que um batalhão em guerra. A leitura de todos os folhetos deixa, entretanto, a mesma impressão de sangue, de crime, de julgamento, de tribunal. Ha, por exemplo, uma obra cuja tiragem deixa numa retaguarda lamentavel as consecutivas edições do *Cyrano de Bergerac*. Intitula-se « Maria José, ou a Filha que assassinou, degolou e esquartejou sua propria mãe, Mathilde do Rosario da Luz », e começa como das feiras : — « Attendei, e vereis um crime espantoso, um crime novo, o maior de todos os crimes ! Essa Maria ainda era só a matar uma só pessoa. No « Carlos Magno » um tal Reynaldos, ensandwichado em phrases de louvor a Nosso Senhor, mete-se num rolo doido com os turcos, e o livro louva-o por ir degolando a cada passo um homem.

Tudo quanto é inferior — a calumnia, o falso

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

testemunho, o odio — serve de entrecho a esses romances mal escriptos. Quando a cousa é em verso, toma proporções de puff carnavalesco. A « Despedida do João Brandão á sua mulher, filhos e collegas, » com um appendice em que se convence o leitor de que João podia ser um heróe christão, é lida nos cortiços com temor e pena. A primeira quadra da despedida é assim :

Andando eu a passear,
Com amiga do coração.
Dous passos á retaguarda :
Estais preso, João Brandão.

Que se ha de fazer diante destes quatro versos nephelibatas? A « Despedida » tem quarenta e nove quadras, fóra a resposta da esposa. Uma mistura paranoica de remorso, de tolices de religião, saudade e covardia, faz destas quadras o supra-sumo da esthetica emotiva da turba — cujos sentimentos oscilam entre o temor e a ambição. João Brandão soluça :

Adeus, João Brandão,
Espelho de eu me vestir,
Tu mataste o menino
Que para ti se ficou a rir.
Agora vou degredado,
A paixão é que me mata;
Adeus, Carolina Augusta,
Já não vale a tua prata.

Para alegrar os leitores, esses criminosos anônimos cultivaram o testamento dos bichos. Já testamento é uma idéa inteiramente lugubre. O testamento da pulga, do mosquito ou da saracura,

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

não seria para fazer rebentar de riso os mortaes, nem mesmo agora, neste mortal periodo de desinfeccões e hygiene *à outrance*. Mas que pensam os senhores dessas quadrinhas, das quaes já se venderam mais de cem mil folhetos, das quaes diariamente e perpetuamente se vendem mais volumes que da « Chanaan » de Graça Aranha ? Os testamentos são uma lamentavel relação de legados, sem uma graça, sem uma piada, sem um riso.

O galo leva quarenta quadras a deixar cousas; a saracura diz que levava, prazenteira, a cantar todo o dia dentro do brejo; o macaco fala de hora extrema sem uma careta. Só no testamento do papagaio ha esta observação pessoal, sempre applicavel ás camaras :

Ha no mundo papagaios
Que falam todos os dias
E nunca sofrem desinaios
Commendo grossas maquias.
Estes são de Pernambuco,
Falam muito, são mitrados ;
Eu falei, mas fui maluco,
Logo paguei meus pecados.

E falam do veneno da literatura franceza, que perde o cerebro das meninas nervosas e augmenta o nosso crescido numero de poetas ! Que se dirá dessa literatura — pasto mental dos caixeiros de botequim, dos rapazes do povo, dos vadios, do grosso, emfim, da população ? Que se dirá desses homens que vão inconscientemente ministrando em grandes dóses aos cerebros dos simples

Os mercadores de livros e a leitura das ruas

a admiração pelo esfaqueamento e o respeito da tolice?

Como eu clamasse contra essa teimosa mania de não mudar as suas predileções, um dos vendedores ambulantes, o cantante *Meu Deus que noite sonora*, esticou a perna e disse-me :

— Talvez fosse para peor...

Parei, convencido, o curso das interrogações. Já outro philosopho seu rival, Montaigne, assegurava que mudar é quasi sempre uma probabilidade para o peor. Os vendedores de testamentos passaram a vendel-os como palpites do jogo do bicho, transformando a saracura em avestruz e a mosca em borboleta. Os jogadores não lêm, mas arruinam as algibeiras. E de qualquer fórma o mal continúa a florecer neste baixo mundo, na literatura e fóra della, como o mais gostoso dos bens. Si nas obras populares aparecer alguma cousa de novo, com certeza teremos tolices maiores que as anteriores...



A pintura das ruas

Ha duas cousas no mundo verdadeiramente fatigantes : ouvir um tenor celebre e conversar com pessoas notaveis. Eu tenho medo de pessoas notaveis. Si a notabilidade reside num cavalheiro dado á poesia, elle e Lecomtede Lisle, elle e Baudelaire, elle e Apollonius de Rhodes desprezam a critica e o Sr. José Verissimo ; si o successo acompanha o individuo dado á critica, este paiz é uma cavalaria sem palafreiros ; e si por acaso a Fama, que os romanos sabios confundiam com o falso boato, louva os trabalhos de um pintor, elle como Mantegna, elle como Leonardo Da Vinci, elle como todos os grandes, tem uma vida de tormentos, de sacrificios, de ataque aos seus processos ; e jámais se julga recompensado pelo governo, pelo paiz, pelos contemporaneos, de ter nascido numa terra

A pintura das ruas

de bugres e numa época de revoltante mercantilismo. É fatigante e talvez pouco util. Um homem absoluta, totalmente notavel só é aceitavel através do cartão postal — porque afinal fala de si, mas fala pouco. Foi, pois, com susto que hontem, domingo, recebi a proposta de um amigo:

— Vamos ver as grandes decorações dos pintores da cidade?

— Hein? Estás decididamente desvairando. As grandes decorações? Uma visita aos *ateliers*?

— Não; a outros locais.

— E havemos de encontrar celebridades?

— Pois está claro. Não ha cidade do mundo onde haja mais gente celebre que a cidade de S. Sebastião. Mas não penses que te arrasto a ver algum Victor Meirelles, alguns Castagnetto apocryphos ou os trabalhos aclamados pelos jornaes. Não! Não é isso. Vamos ver, levemente e sem custo, os pintores anónimos, os pintores da rua, os heroes da taboleta, os artistas da arte pratica. É curiosissimo. Ha lições de philosophia nos borrões sem perspectiva e nas « botas » sem desenho. Encontrarás a confusão da populaça, os germens de todos os generos, todas as escolas e, por fim, muito menos vaidade que na arte privilegiada.

Era domingo, dia em que o trabalho é castigar o corpo com as diversões menos divertidas. Sahi, de vagare apé, a visitar bodegas rées, logares bizarros, botequins inconcebiveis, e vim arrazado de confusão cerebral e de encanto. Quantos pintores pensa a cidade que possui? A estatistica da Escola é falsissima. Em cada canto de rua depara a gente com a

A pintura das ruas

obra de um pintor, cuja existencia é ignorada por toda a gente.

O meu amigo começou por pequenas amostras da arte popular, que eu vira sempre sem prestar attenção : os macacos trepados em pipas de paraty, homens de olho esbugalhado mostrando, sob o verde das parreiras, a excellencia de um quinto de vinho, umas mulheres com mólhos de trigo na mão apainelando interiores de padarias e talvez recordando Céres, a fecunda. Depois iniciou a parte segunda :

— Vamos entrar agora nas composições das marinhas. Os pintores populares afirmam a sua individualidade pintando a Guanabara e a praia de Icarahy. Por essas pinturas é que se vê quanto o « ponto de vista » influe. Ha o Pão de Assucar redondo como uma bola, no Estacio ; ha o Pão de Assucar do feitio de uma *valise* no Andarahy ; e encontras o mesmo Pão, comprido e fino, em S. Christovão. O povo tem uma alta noção dos nossos destinos navaes ; a sua opinião é exactamente a mesma que a do ministro da marinha — *rumo ao mar!* Por isso, não ha Guanabara pintada pelos scenographos da calçada que não tenha á entrada da barra um vaso de guerra. A parreira com o bebado tem uma conclusão fatal : *carga ao mar!*

— E depois?

— Depois entrámos nas grandes telas, as grandes telas que a cidade ignora.

Estavamos na rua do Nuncio. O meu excellento amigo fez-me entrar num botequim da esquina da rua de S. Pedro e os meus olhos logo se pregaram

A pintura das ruas

na parede da casa, alheio ao ruído, ao vozear, ao estrepito da gente que entrava e sahia. Eu estava diante de uma grande pintura mural comemorativa. O pintor, naturalmente agitado pelo orgulho que se apossou de todos nós ao vermos a Avenida Central, resolveu pintal-a, tornal-a immorredoura, da rua do Ouvidor á Prainha. A concepção era grandiosa, o assumpto era vasto — o advento do nosso progresso estatelava-se ali para todo o sempre, emquanto não se demolir a rua do Nuncio. Reparei que a Casa Colombo e o Primeiro Barateiro eram de uma nitidez de primeiro plano e que aos poucos, em tal arejamento, os predios iam fugindo numa confusão precipitada.

Talvez esse grande trabalho tivesse defeitos. Os dos « salões » de toda a parte do mundo tambem os têm. Mas quantos artigos admiraveis um critico poderia escrever a respeito! Havia de certo naquelle deboche de casaria o inicio da pintura moral, da pintura intuitiva, da pintura politica, da pintura allegorica... Indaguei, rouco :

— Quem fez isto?

— O Paiva, pintor cuja fama é extraordinaria entre os collegas.

Voltei-me e de novo fiquei maravilhado. Aquelle café não era café, era uma cathedral dos grandes factos. Na parede fronteira, entre ondas tremendas de um mar muito cinzento rendado de branco, alguns *destroyers* rasgavam o azul denso do céu com projecções de holophotes colossaes.

— Ha cousas peiores nos Museus.

— Mas isto é digno de uma pinacotheca naval...

A pintura das ruas

O amador, que é o dono do botequim, e o artista cheio de imaginação, que é o Paiva, não se haviam contentado, porém, com essas duas visões do progresso : a avenida e o holophote. Na outra parede havia mais uma verdadeira orgia de paizagem : grutas, cascatas, rios marginados de flores vermelhas, palmas emaranhadas, um pandemio de côres.

Quando me viu inteiramente assombrado, esse excellente amigo levou-me ao café Paraiso, na Avenida Floriano.

— Já viste a arte-reclamo, a arte social. Vamos ver a arte patriótica.

— E depois?

— Depois ainda has de ver os artistas que se repetem, a arte romantica e infernal.

A arte patriótica, ou antes regional, dos pintores da calçada é o desejo, aliás louvavel, de reproduzir nas paredes trechos de aldeia, trechos do Estado, trechos da terra em que o proprietario da casa, ou o pintor, viu a luz. No café Paraiso, o artista, que se chama Vianna, pintou a cidade de Lourenço Marques, vista em conjuncto, mas, como qualquer sentimento de amor naquella elaboração difficil brotasse de subito no seu coração, Vianna colocou á entrada de Lourenço Marques um couçado desfraldando ao vento africano o pavilhão do Brasil. Dessas pinturas ha uma infinidade — e eu vi não sei quantas pontes metallicas do Douro ao atravessar algumas ruas.

— Entremos neste botequim, aqui, á esquina da rua da Conceição. Vaes conhecer o Colon, pin-

A pintura das ruas

tor hespanhol. Colon tem estylo : este painel é um exemplo. Que vês? Uma paizagem campestre, arvoredo muito verde, e lá ao fundo um castello com a bandeira da nacionalidade do dono da casa. e sempre assim. Ha outros mais curiosos. O Oliveira completa os trabalhos sempre com cortinas iguaes ás que se usavam nos antigos panos de bocca dos theatros. O trabalho é o abuso do azul, desde o azul claro ao azul negro.

— Mas estás a contar os tics de grandes pintores.

— São parecidos. Eu conheço muitos mais : o velho Marcellino, que tem a especialidade de pintar os homens no pifão ; o Henrique da Gama, o primeiro dos nossos fingidores, que faz um metro de marmore em cada cinco minutos; o Francisco de Paula, que adora os papagaios e faz caricaturas; o Malheiros, que reúne gatos, cachorros, cascatas e caboclos em cada téla... É o ideal da arte! São elles os autores dos estandartes dos cordões; são elles que enriquecem! Já entraste num desses *ateliers*, no Cunha dos PP, no Garcia Fernandes da rua do Senhor dos Passos? Pois é como um desses *studios* da Flandres antiga, em que os grandes artistas assignavam os trabalhos dos discipulos, é como se entrasses na grande manufactura da pintura assignada. Vamos ao Cunha.

— Não, não, por hoje basta...

— Mas pelo menos vem admirar na rua Frei Caneca 166 o famoso trabalho do Xavier.

— O famoso trabalho?

Si os outros, que não eram famosos e não eram

A pintura das ruas

de Xavier, tanta admiração me haviam causado, imaginem esse, sendo de Xavier e sendo famoso. Precipitei-me num bonde, saltei comovido como se me assegurassem que eu iria ver a *Jaconda* de Da Vinci, e, quando os meus olhos soffregos pousaram na criação do pintor, uma exclamação abriu-me os labios e os braços. Era simplesmente um incendio, o incendio de uma cidade inteira, a chama ardente, o fogo queimando, torcendo, destruindo, desmoronando a cidade do vicio. Tudo desaparecia numa violentação rubra de fornalha candente. Seria o fogo sagrado, a purificar como em Gomorrha, ou o fogo da Luxuria, o symbolo devastador das paixões carnaes, a reprodução allegorica de como a licença dos instinctos devora e queima a vida?

Xavier fôra mais longe. Aquelle mar de incendio, aquelle brazeiro desesperado e perene era a fixação do fogo maldito da luxuria, era o fogo de Satanaz, porque Satanaz, em pessoa, no primeiro plano, complementemente cor de pitanga, com as pernas tortase o ar furioso, abatia a seus pés, vestida de azul celeste, uma pobre senhora.

Esse ultimo painelpunha-me inteiramente tonto. Mas não é uma das grandes preocupações da Arte comover os mortaes, comovel-os até mais não poder? Xavier commovia, eu estava commovido. Nem sempre é possivel obter tanta coisa nas exposições annuaes. O meu amigo levou o excesso a apresentar-me o illustre artista.

— Aqui está o Xavier.

Voltei-me.

A pintura das ruas

— Os meus sinceros cumprimentos. Ha sopro romantico, ha imaginação, ha ardencia nesta decoração, fiz com o ar dogmatico dos criticos ignorantes de pintura.

Ingenuamente, Xavier olhou para mim e, primeiro homem que não se julga celebre neste paiz, balbuciou :

— Eu não sei nada... Isso está para ahi... Si soubesse fazer alguma cousa de valor até ficava triste — só com a idéa de que um dia talvez a levassem do meu paiz...



Taboletas

Foi um poeta que considerou as taboletas — os braços da rua. As taboletas não eram para a sua visão apurada um encanto, uma faceirice, que a necessidade e o reclamo incrustaram na via pública; eram os escudos de uma complicada heraldica urbana, do armorial da democracia e do agudo arrivismo dos seculos. Desde que um homem realisa a sua obra — a terminação de uma epopéa ou a abertura de uma casa comercial — imediatamente o homem baptisa-a. No começo da vida, por instincto, guiado pelos deuses, a sua idéa foi logo a taboleta. Quem inventou a taboleta? Ninguém sabe.

É o mesmo que perguntar quem ensinou a criança a gritar quando tem fome. Já no Oriente ellas existiam, já em Athenas, já em Roma, simples, modestas,

Taboletas

mas sempre reclamistas. Depois, como era de prever, evoluíram : evoluíram de acordo com a evolução do homem, e hoje, que se fazem concursos de taboletas e ha taboletas compostas por artistas celebres, hoje, na época em que o reclamo domina o asphalto, as taboletas são como reflexos de almas, são todo um tratado de psychologia urbana. Que desejamos todos nós? Aparecer, vender, ganhar.

A doença tomou proporções tremendas, cresceu, alastrou-se infeccionou todos os meios, como um poder corrosivo e fatal. Os proprios doentes tambem a exploram numa furia convulsiva de contaminação. Reparai nos jornaes e nas revistas. Andam repletos de photogravuras e de nomes — nomes e caras, muitos nomes e muitas caras! A geração faz por conta propria a sua identificação anthropometrica para o futuro. Mas o curioso é vêr como a publicação desses nomes é pedida, é implorada nas salas das redações. Todos os pretextos são plausiveis, desde a festa a que se não foi até á molestia inconveniente de que foi operada com feliz exito a esposa. O interessante é observar como se almeja um retrato nas folhas, desde as escuras alamedas do jardim do crime ate ás *garden-parties* de caridade, desde os criminosos ás almas angelicas que só pensam no bem. Aparecer! Aparecer!

E na rua, que se vê? O senhor do mundo, o reclamo. Em cada praça onde demoramos os nossos passos, nas janellas do alto dos telhados, em mudos jogos de luz, os cinematographos e as lanternas magicas gritam através do *écran* de um pano

qualquer o reclamo do melhor alfaiate, do melhor livreiro, do melhor revólver. Basta levantar a cabeça. As taboletas contam a nossa vida. E nessa babel de apelos á atenção, ressaltam, chocam, vivem estranhamente os reclamos, extravagantes, as taboletas disparatadas. Quantas haverá no Rio? Mil, duas mil, que nos fazem rir. Vai um homem num bonde e vê de repente, encimando duas portas em grossas letras esta palavras : *Armazem Theoria*.

Theoria de que, senhor Deus? Ha um outro tão bizarro quanto este : *Casa Tamoyo, Grande Armazem de liquidos comestiveis e miudezas*. Como saber que liquidos serão esses comestiveis, de que a falta de uma virgula fez um assombro? Faltou a esse pintor o esmero da padaria do mesmo nome que fez a sua taboleta em letras de antigo missal para mostrar como se esmera, ou talvez o descaro deste outro *o maduro cura infallivelmente todas as molestias nervosas...*

Mas as taboletas extravagantes são as do pequeno comercio, sem a influencia de Paris, a importação directa e caixeiros elegantes de lenço no punho : as vendas, esta creação nacional, os botequins baratos, os açougues, os bazares, as hospedarias... Na rua do Cattete ha uma venda que se intitula *O Leão na Gruta*. Por que? Que tem a batata com o leão que nem ao menos é conhecido de Daniel? Defronte dessa venda ha, entretanto, um café que é apenas *Café de Ambos Mundos*. E si não vos bastar um café tão completo, ahi temos um mais modesto, na rua da Saude o *Café B. T.*

Taboletas

Q. E sabem que vem a ser o *B. T. Q.*, segundo o proprietario? Botequim pelas iniciaes! Essa nevrose das abreviações não atacou felizmente o dono do casa de pasto da rua de S. Christovão, que encheu a parede com as seguintes palavras: *Restaurant dos Dois Irmãos Unidos Por...*

Unidos por... Pelo que? Pelo amor, pelo odio, pela victoria? Não! Unidos Portuguezes. Apenas faltou a parede e ficou só o *por*, — para attestar que havia boa vontade. A questão, ás vezes, é de haver muita cousa na parede. Assim é que uma casa da rua do Senhor dos Passos tem este anuncio: *Deposito de aves de pennas*. E' pouco? Um outro assegura: *Deposito de gallinhas, ovos e outras aves de pennas* — o que é, evidentemente, muito mais. Tal excesso chega a prejudicar, e andasse a hygiene a olhar taboletas, officio de vadiagem incorrigivel, mandaria fechar uma casa de fructas da rua Sete, que pespegou esta inconveniencia: *Grande sortimento de fructas verdes e seccas*.

A origem desses titulos é sempre curiosa. Uma casa chama-se *Principe da Beira* porque o seu proprietario é da Beira, uma venda de Campo Grande tem o titulo feroz de *Grande Cabaceiro* porque perto ha uma plantação de cabaças; ha açougue *Alliança* e *Fidelidade* porque é um habito pôr alliança como titulo com duas mãos apertadas e fidelidade com um cachorro de lingua de fóra, bem no meio da parede. Muitos tomam o titulo de peças de theatro: *Colchoaria Rio Nu*, *Casa Guanabarina*, venda *Cabana do Pai Thomaz*. A cousa,

porém, toma proporções assombrosas quando o proprietario é pernóstico. Assim, na rua Visconde do Rio Branco ha um armazem *Planeta Provisorio*, e noutra rua *Planeta dos Dous Destinos*, um titulo occultista sibilino ; no Cattete, um *Açougue Celestial*. Essa dependencia do firmamento na terra produz um pessimo efeito e os anjos têm cada braço de meter medo a uma legião da policia. Outro, porém, é o *Açougue Despique dos Invejosos*, e ha na rua da Constituição uma casa de bilhetes intitulada *Casa Idealista*, naturalmente porque quem compra bilhetes vive no mundo da lua, e ha uma casa de corôas, o *Lirio Impermeavel* e uma outra, *Ao vulcão das 49 flores*. Não é só. Uns madeireiros pozeram no seu deposito este letreiro philosophico, que naturalmente incomodará o arcebisado : *Madeireiros e Materialistas*; e ha uma taberna muito ordinaria, centro de malandrões, em Sapopemba, que se apossou de um titulo exclusivamente nephilebata : *A Thebaida...*

E os afrancezados que denominam as casas de *Au Bijou de la mode*; *Au Dernier Chic*, *Queima Chefe*, *Maison Moderne da Cidade Nova*? E os patrioticos que fazem questão da casa de pasto ser *1º de Dezembro*, do açougue ser *1º de Janeiro*? do restaurante ser *Luiz de Camões* ou *Fagundes Varella*? E os engrossadores que intitulam as casas de *Affonso Penna* durante quatro annos? E os engraçados, os da laracha boa, que fazem as taboletas propositalmente erradas, como um negociante da rua Chile : *Colxoaria de primera Colxões contra purgas e precevejos ?*

Taboletas

Mas as taboletas têm uma estranha philosophia; as taboletas fazem pensar. Ha, por exemplo, na rua Senador Euzebio, perto da ex-ponte dos Marinheiros, uma hospedaria com este titulo : *Hotel Livre Cambio*. Quanta cousa pensa a gente conhecendo o negocio e olhando a taboleta !

A série é nesse ramo curiosissima. Ha o *Locomotora*, que é naturalmente rapido ; ha *Os Dois Destinos*, ha a *Lua de Prata*, ha o ironico *Fidelidade*, tendo pintado uma senhora a pender dos labios de um senhor... Quantos !

Na rua Dr. João Ricardo ha um restaurante com este titulo : « Restauração da Victoria »

— Porque « restauração da victoria » ? indagamos do proprietario, o Sr. Collaço.

— Eu explico, diz elle. Ha cerca de 30 annos, os hespanhoes invadiram a ilha Terceira. Como eram poucos os soldados para repelirem o castelhano, os lavradores soltaram todos os touros bravos na praia da Victoria e dessa maneira os hespanhoes fugiram. Os paraguayos resistiram tambem tanto tempo por causa dos touros importados da Argentina.

— Tudo tem uma explicação neste mundo !

— All right !

All right, sim ! Os titulos das casas, por mais absurdos, como « Filhos do Céu », por exemplo, têm uma explicação que convence. Ha os nephelelibatas, os patrioticos « 1º de Janeiro », « D. Carlos » ; o diplomatico « União Iberica » ; os que engrossam uma certa classe, e até um, na rua Frei Caneca, pertencente ao riquissimo Pinho,

Taboletas

cujo titulo é uma profunda lição philosophica. O hotel intitula se « Comercio e Arte »...

Os pintores desse genero crearam uma especialidade : são os moralistas da decadencia e usam tambem taboletas. Um mesmo, talvez por ter soffrido muito de cara alegre, poz na rua de S. Pedro este anuncio : *Fulano de Tal, Pintor de Fingimentos*. E realmente elles aturam tanto dos proprietarios ! Um delles, rapazito intelligente, era encarregado de fazer a fachada da *Casa do Pinto*. Fez as letras e pintou um pintainho. O proprietario enfureceu :

— Que tollice é esta ?

— Um pinto.

— E que tenho eu com isso ?

— O senhor não é Pinto ?

— O meu nome é Pinto, mas eu sou galo, muito galo. Pinte-me ahi um galo ás direitas !

E outro, encarregado de fazer as letras de uma casa de moveis, já pintara *vendem-se moveis* quando o negociante veiu a elle :

— Você está maluco ou a mangar comigo !

— Por que ?

— Que plural é esse ? Vendem-se, vendem-se...

Quem vende sou eu e sem socios, ouviu ? Córte o *m*, ande !

As letras custam dinheiro, custam aos pobres pintores... O rapaz ficou sem o *m* que fizera com tanta pericia. Mas tambem, por que estragar ? Em S. Christovão havia uma *Pharmacia S. Christovão*. Desappareceu. Foi a primeira que fez isso na terra, desde que ha pharmacias. Foram para

Taboletas

lá outros negociantes. Como aproveitar algumas letras? Lembraram *foco*, e, como a Academia não chega os seus cuidados orthographicos ás taboletas, arrumaram *Phoco de S. Christovão*. Estava uma taboleta nova só com tres letras novas.

Os pintores de taboletas resignam-se. Elles, os escriptores desse grande livro colorido da cidade, têm a paciencia lendaria dos iluministas medievos, elles fazem parte da grande massa para que o Reclamo foi creado — são pobres. Talvez por isso, um mais ousado, de accordo com certo açougueiro antigo da praça da Aclamação, pintando uma vez o letreiro *Açougue Pai dos Pobres*, poz bem no meio uma cabeça de boi colossal, arregalando os olhos, que Homero achava bellos, como o symbolo de todas as resignações...

E é de certo este o lado mais triste das taboletas — brazões da democracia, escudos bizzaros da cidade.



Visões d'opio

— Os comedores de opio ?

Era ás seis da tarde, defronte do mar. Já o sol morrera e os espaços eram palidos e azues. As linhas da cidade se adoçavam na claridade de opala da tarde maravilhosa. Ao longe, a bruma envolvia as fortalezas, escalava os céos, cortava o horisonte numa longa barra côr de malva e, emergindo dessa agonia de cores, mais negros ou mais vagos, os montes, o Pão de Assucar, S. Bento, o Castelo apareciam num tranquilo esplendor. Nós estavamos em Santa Luzia, defronte da Misericordia, onde tinhamos ido ver um pobre rapaz etheromano, encontrado á noite com o craneo partido numa rua qualquer. A aragem rumorejava em cima a trama das grandes mangueiras folhudas, dos tamarindeiros e dos *flamboyants*, e

Visões d'opio

a paisagem tinha um ar de sonho. Não era a praia dos pescadores e dos vagabundos tão nossa conhecida, era um trecho de Argel, de Nice, um panorama de visão sob as estrellas doiradas.

— Sim, dizia-me o amigo com quem eu estava, o ether é um vicio que nos evola, um vicio de aristocracia. Eu conheço outros mais brutaes, — o opio, o desespero do opio.

— Mas aqui!

— Aqui. Nunca frequentou os chins das ruas da cidade velha, nunca conversou com essas caras côr de gomma que param detrás do Necroterio e são perseguidas, á pedrada, pelos ciganos exploradores? Os senhores não conhecem esta grande cidade que Estacio de Sá defendeu um dia dos francezes. O Rio é o porto de mar, é cosmopolis num kaleidoscopio, é a praia com a vasa que o oceano lhe traz.

Ha de tudo — vicios, horrores, gente de variados matizes, nihilistas rumaicós, professores russos na miseria, anarchistas hespanhóes, ciganos debochados... Todas as raças trazem qualidades que aqui desabrocham numa seiva delirante. Porto de mar, meu caro! Os chinezes são o resto da famosa imigração, vendem peixe na praia e vivem entre a rua da Misericordia e a rua D. Manuel. A's 5 da tarde deixam o trabalho e metem-se em casa para as tremendas *fumeries*. Quer vellos agora?

Não resisti. O meu amigo, a pé, num passo calmo, ia sentenciando:

— Tenho a indicação de quatro ou cinco casas.

Visões d'opio

Nós entramos como fornecedores de opio. Você veio de Londres, tem um kilo, cerca de 600 grammas de opio de Bombay. Eu levo as amostras.

Caminhavamos pela rua da Misericórdia áquella hora cheia de um movimento febril, nos corredores das hospedarias, á porta dos botequins, nas furnas das estalagens, á entrada dos velhos predios em ruinas.

O meu amigo dobrou uma esquina. Estavamos no beco dos Ferreiros, uma ruéla de cinco palmos de largura, com casas de dous andares, velhas e a cair. A população desse beco mora em magótes em cada quarto e pendura a roupa lavada em bambús nos janelas, de modo que a gente tem a perene impressão de chitas festivas a flamular no alto. Ha portas de hospedarias sempre fechadas, linhas de fachadas tombando, e a miseria besunta de sujo e de gordura as antigas pinturas. Um cheiro nauseabundo paira nessa guéla desconhecida.

O meu amigo pára no n. 19, uma rótula, bate. Ha uma complicação de vozes no interior, e, passados instantes, ouve-se alguém gritar :

— Que quer?

— João, João está ahi?

João e Affonso são dous nomes habituaes entre os chins occidentalizados.

— João não mora mais...

— Venha abrir, brada o meu guia com autoridade.

Imediatamente a rotula descerra-se e aparece, como tapando a fenda, uma figura amarela, côr

Visões d'opio

de gema de ovo batida, com um riso idiota na face, um riso de pavor que lhe deixa ver a dentuça suja e negra.

— Que quer, senhor?

Tomamos um ar de bonhomia e falando como a querer enterrar as palavras naquelle craneo já trabucado.

— Chego de Londres, com um kilo de opio, bom opio.

— Opio?... Nós comprámos em pharmacia... rua S. Pedro...

— Vendo barato.

Os olhos do celeste arregalam-se amarelos, na amarelidão da face.

— Não comprehende.

— Decida, homem...

— Dinheiro, não tem dinheiro.

Desconfiará elle de nós, não acreditará nas nossas palavras? O mesmo sorriso de medo lhe escancara a boca e lá dentro ha cochichos, vozes lividas... O meu amigo bate-lhe no hombro.

— Deixa ver a casa.

Elle recúa tremulo, agarrando a rótula com as duas mãos, dispara para dentro um fluxo cuspidado de palavrinhas rapidas. Outras palavrinhas em tonalidades exquisitas respondem como *pizzicatti* de instrumentos de madeira, e a cara reaparece com o sorriso emplastrado:

— Póde entrar, meu senhor...

Entrámos de esguela, e logo a rótula se fecha num quadro inédito. O nº 19 do beco dos Ferreiros é a visão oriental das lobregas bodegas de Shanghai.

Visões d'opio

Ha uma vasta sala estreita e comprida, inteiramente em tréva. A atmosphaera pesada, oleosa, quasi suffoca. Dous renques de mesas, com as cabeceiras colladas ás paredes, estendem-se até ao fundo cobertas de esteirinhas. Em cada uma dessas mesas, do lado esquerdo, tremeluz a chama de uma candeia de azeite ou de alcool.

A custo, os nossos olhos acostumam-se á escuridão, acompanham a candelaria de luzes até ao fim, até uma alta parede encardida, e descobrem em cada mesa um cachimbo grandê e um corpo amarelo, nú da cintura para cima, corpo que se levanta assustado, contorcionando os braços molles. Ha chins magros, chins gordos, de cabello branco, de caras despeladas, chins trigueiros, com a pele côr de manga, chins côr de óca, chins com a amarelidão da cera nos cirios.

As lampadas tremem, esticam-se na ancia de queimar o narcotico mortal. Ao fundo um velho idióta, com as pernas cruzadas em torno de um balde, atira com dous pausinhos arroz á boca. O ambiente tem um cheiro inenarravel, os corpos movem-se como as larvas de um pezadelo, e essas quinze caras estupidas, arrancadas ao balsamo que lhes cicatriza a alma, olham-nos com o susto covarde de *Coolies* espancados. E todos murmuram medrosamente, com os pés nús, as mãos sujas:

— Não tem dinheiro... não tem dinheiro.. faz mal!

Ha um mysterio de explorações e de horrores nesse pavor dos pobres celestes. O meu amigo

Visões d'opio

interroga um que parece ter vinte e parece ter sessenta annos, a cara cheia de pregas, como papel de arroz machucado.

— Como se chama você?

— Tchang... Affonso.

— Quanto póde fumar de opio?

— Só fuma em casa... um bocadinho só... faz mal! Quanto póde fumar? Duzentas grammas, pouquinho... Não tem dinheiro.

Sinto nauseas e ao mesmo tempo uma nevrose de crime. A tréva da sala torna-se livida, com tons azulados. Ha na escuridão uma nuvem de fumo e as bolinhas pardas, queimadas á chama das candeias, põem uma tontura na furna, dão-me a imperiosa vontade de apertar todos aquelles pescoços nús e exangues, pescoços viscosos de cadaver onde o veneno gota a gota dissora.

E as caras continuam emplastradas pelo mesmo sorriso de susto e de supplica, multiplicado em quinze beiços amarellos, em quinze dentaduras nojentas, em quinze olhos de tormento!

— Senhor, póde ir, póde ir? Nós vamos deitar: póde ir? supplica Tchang.

Arrasto o guia, fujo ao horror do quadro. A rotula fecha-se sem rumor. Estamos outra vez num beco infecto de cidades occidental. Os chins pelas persianas espiam-nos. O meu amigo consulta o relógio.

— Este é o primeiro quadro, o começo. Os chins preparam-se para a intoxicação. Nenhum delles tinha uma hora de cachimbo. Agora, porém, em outros logares devem ter chegado ao embruteci-

mento, á excitação e ao sonho. Tenho duas casas no meu *booknotes*, uma na rua da Misericórdia, onde os celestes se espancam, jogando o monte com os beiços rubros de mastigar folhas de *bethel*, e á rua D. Manuel n° 72, onde as *fumeries* tomam proporções infernaes.

Ouçõ com assombro, duvidando intimamente desse fervilhar de vicio, de ninguem ainda suspeitado. Mas acompanho-o.

A rua D. Manuel parece a rua de um bairro afastado. O Necroterio, com um capinzal cercado de arame, por traz do qual os ciganos confabulam, tem um ar de suburbio. Parece que se chegou, nas pedras irregulares do máo calçamento, olhando os pardieiros seculares, ao fim da cidade. Nas esquinas, onde larapios, de lenço no pescoço e andar gingante, estragam o tempo com rameiras de galho de arruda na carapinha, vêm-se pequenas ruas, nascidas dos socalcos do Castelo, estreitas e sem luz. A noite, na opala do crepusculo, vai apagando em tréva o velho casaredo.

— E' aqui.

O 72 é uma casa em ruina, estridentemente caiada, pendendo para o lado. Tem dous pavimentos os degrãos gastos do primeiro, uns degrãos quasi obliquos, caminhámos por um corredor em que o soalho balança e range, vamos até uma especie de caverna fedorenta, donde um italiano fazedor de botas mastiga explicações entre duas crianças que parecem fétos sahidos de frascos de alcool. Voltámos á primeira porta, junto á escada, entrámos num quarto forrado immoralmente com

Visões d'opio

um esfarripado tapete de padrão rubro. Ahi, um homensinho, em mangas de camisa, indaga com a voz aflautada e sibilosa :

— Os moços desejam?...

— E'você o encarregado?

— Para servir os moços.

— Desejamos os chins.

— Ah! isso, lá em cima, salada frente. Os porcos estão-se opiando.

Vamos aos porcos. Subimos uma outra escada que se divide em dous lances, um para o nascente outro para o poente. A escada dá num corredor que termina ao fundo numa porta, com pedaços de pano branco, á guisa de cortina. A atmospheria é esmagadora. Antes de entrar é violenta a minha repulsa, mas não é possível recuar. Uma voz alegre indaga :

— Quem está ahi?

O guia suspende a cortina e nós entrámos numa sala quadrada, em que cerca de dez chins, reclinados em esteirinhas diante das lampadas accesas, se narcotizam com o veneno das dormideiras.

A scena é de um lugubre exotismo. Os chins estão inteiramente nús, as lampadas estrelam a escuridão de olhos sangrentos, das paredes pendem pedaços de ganga rubra com sentenças philosophicas rabiscadas a nankim. O chão está atravancado de bancos e roupas, e os chins mergulham a plenos éstos na estufa dos delirios.

A intoxicação já os transforma. Um delles, a cabeça pendente, a lingua roxa, aspalpebras apertadas, ronca estirado, e o seu pescoço amarelo e

longo, quebrado pela ponta da mesa, mostra a papeira mole, como á espera da lamina de uma faca. Outro, de cócoras, mastigando pedaços de massa cor de azinhavre, enraivece um cão gordo, sem cauda, um cão que mostra os dentes, espumando. E ha mais : um com as pernas cruzadas, lambendo o opio liquido na ponta do cachimbo; dous outros deitados, queimando na chama das candeias as porções do sumo enervante. Estes tentam erguer-se, ao ver-nos, com um identico esforço, o semblante transfigurado.

— Não se levantem, á vontade !

Sussuram palavras de encanto, tombam indifferentes, esticam com o mesmo movimento a mão cadaverica para a lampada e fios de nevoa azul sobem ao tecto em espiraes tenues.

Tres, porém, deste bando estão no periodo da excitação alegre, em que todas as franquezas são permitidas. Um delles passeia agitado como um homem de negocio. E' magro, secco, duro.

— Vem vender opio ? Bom, muito bom... Compro. Opio bom que não seja de Bengala. Compro.

Logo outro salta, enfiando uma camisola :

— Ah ! ah ! Traz opio ? D'onde ?

— Da Sonda...

Os tres grupam-se ameaçadoramente em torno de nós, estendendo os braços tão estranhos e tão molemente mexidos naquelle ambiente que eu recuo como si os tentaculos de um polvo estivessem movendo na escuridão de uma caverna. Mas do outro lado ouve-se o soluço intercotado de um dos opiados. A sua voz chora palavras vagas.

Visões d'opio

— Sapan... sapan... Hanoï... tabi...

O chim magro revira os olhos :

— Elle está sonhando. Affal está sonhando. Opio sonho... terra da gente namorada... bonito ! bonito!... Deixa ver amostra.

O meu amigo recúa, um corpo baqueia, — o do chinês adormecido, — e os outros bradam :

— Amostra... você traz amostra !

Sem perder a calma, esse meu exquisiteso guia mete a mão no bolso da calça, tira um pedaço de massa envolvido em folhas de dormideira, desdobra-o. Então o delirio propaga-se. O magro chim ajoelha, os outros também, raspando a massa com as unhas, mergulhando os dedos nas bocas escuras, num queixume de miseria.

— Dá a amostra... não tem dinheiro... deixa a amostra !

Miseravelmente o clamor de supplica enche o quarto na nevoa parda estrelejada de hostias sangrentas. Os chins curvam o dorso, mostram os peçoços compridos, como sí os entregassem ao cutello, e os braços sem musculos raspam o chão, pegando-nos os pés, implorando a dadiva tremenda. Não posso mais. Caimbras de estomago fazem-me um enorme desejo de vomitar. Só o cheiro do veneno desnorteia. Vejo-me nas ruas de Tien-Tsin, á porta das *cagnas*, perseguido pela guarda imperial, tremendo de medo ; vejo-me nas bodegas de Singapura, com os corpos dos celestes arrastados em *djinrickchas*, entre malaios loucos brandindo *kriss* assassinos ! Oh ! o veneno subtil, lagrima do sono, resumo do paraíso, grande

Visões d'opio

Matador do Oriente! Como eu o ia encontrar num pardieiro de Cosmopolis, estraçalhando uns pobres trapos das provincias da China!

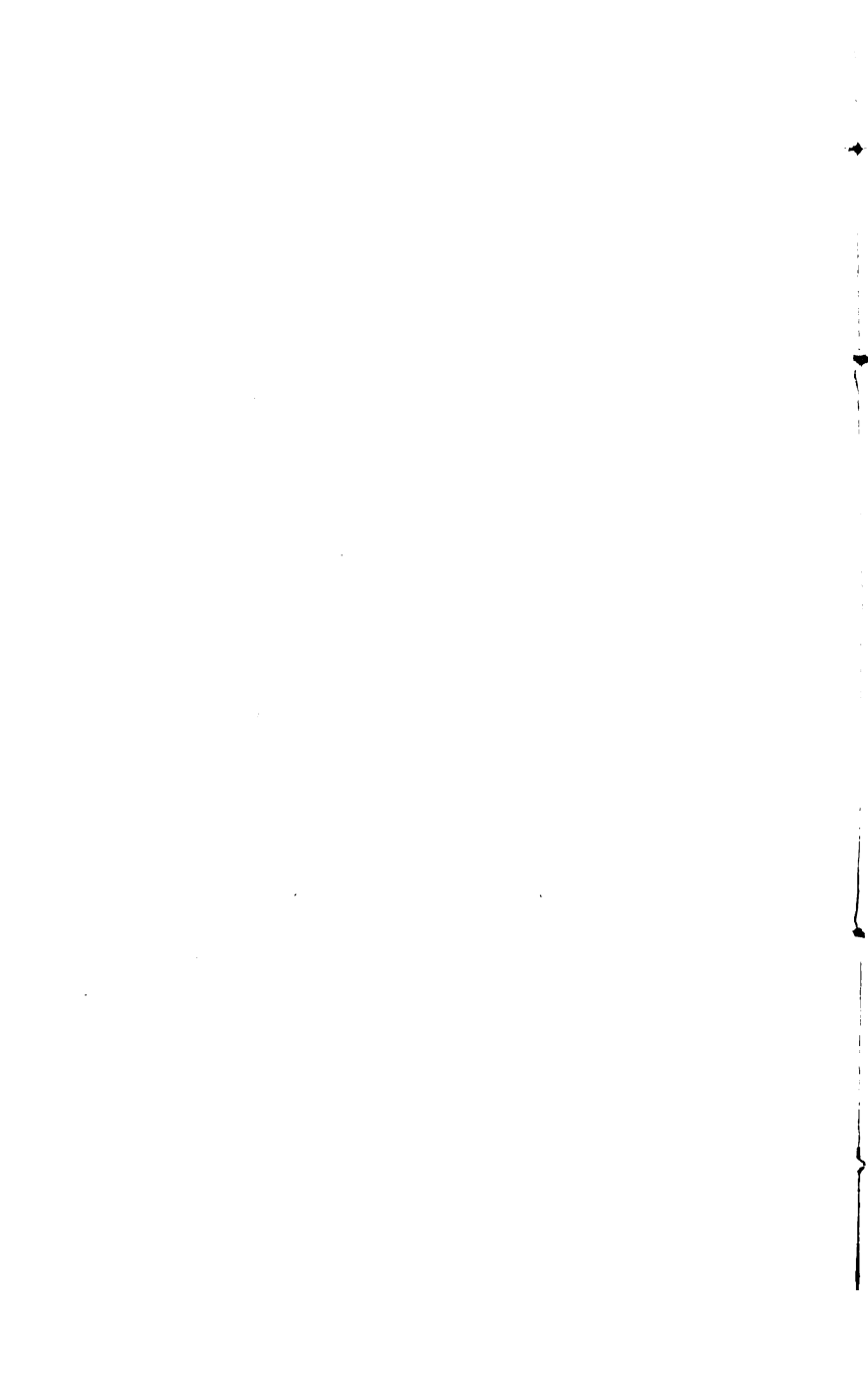
Apertei a cabeça entre as mãos, abri a boca numa ancia.

— Vamos, ou eu morro!

O meu amigo, então, empurrou os tres chins, atirou-se á janella, abria-a. Uma lufada de ar entrou, as lampadas tremeram, a nuvem de opio oscilou, fendeu, esgueirou-se, e eu cahi de bruços, a tremer diante dos chins apavorados e nós.

Fóra, as estrellas recamavam de oiro o céu de verão...





Musicos ambulantes

Musicos ambulantes! Um momento houve em que todos desapareceram, arrastados por uma subita voragem. Os cafés viviam sem as harpas classicas nas ruas, de raro em raro, um realejo apparecia. Por que? Teriam sido absorvidos pelos cafés-cantantes, dominados pelos prodigios do graphophone, — essa maravilha do seculo XIX, que não deixa de ser uma calamidade para o seculo XX? Não. Fôra apenas uma subita pausa tão comum na circulação das cidades.

Apezar dos graphophones nos hotéis, nos botequins, nas lojas de calçados, apesar da intensa multiplicação dos pianos, elles foram voltando, um a um ou em bandos, como as andorinhas imigrantes, e, de novo, as tascas, as baiucas, os cafés, os hotéis baratos, encheram-se de canções, de vozes de violão e deguitarra e, de novo, pelas ruas os realejos, os violinos, as gaitas, recommçaram o seu trium-

Musicos ambulantes

pho. Ha já alguns mezes mesmo, uma banda allemã, com instrumentos, estantes e desafinações, atormenta as grandes praças, e eu lobriguei outro dia ainda um bicho lendario por mim julgado tão desaparecido como o megatherio — o homem dos sete instrumentos ! E esse homem, cheio de instrumentos, ia por ahi fóra, satisfeito e corado, como sí tivesse realisado uma agradavel receita.

Os musicos vieram todos ! Não perde a cidade os seus fóros de musical — o Rio, onde tudo é musica, desde a poetica musica dos beijos á decisiva musica de pancadaria.

Novamente á beira das calçadas a valsa do *Sinos* e o *Guarany* se desarticulam em velhos pianos ; novamente sujeitos, que parecem cégos, rodam a manivela dos realejos, estendendo a mão suplice, numa ancia de miseria ; novamente, depois de alguns trechos da sonante *Bohemia*, um piresinhos de metal se vos oferecerá, desejoso de nickeis. E todos vós, que sois bons, e todos vós, que gostais de musica, haveis de deplorar os coitados que agram os outros para viver na miseria, com a alma varada de dor, e todos vós sofrereis a crise de harmonia. Oh ! a musica !

Elle mouille comme la pluie,
Elle brûle comme le feu.

Uma sanfona faria Harpagon generoso e Lady Macheth boa.

Esta cidade é essencialmente musical ; era impossivel passar sem os musicos ambulantes. A musica preside á nossa vida, a musica auxilia até

Musicos ambulantes

a gestação, e, consista apenas na voz como diz Socrates, consista, como pretende Aristoxeno, na voz e nos movimentos do corpo, ou reuna á voz os movimentos da alma e do corpo como pensa Theophrasto, tem os caracteres da divindade e commove as almas. Pythagoras, para que a sua alma constantemente estivesse penetrada de divindade, tocava cythara antes de dormir e logo ao acordar de novo á cythara se apegava. Asclepiades, medico, acalmava os espiritos freneticos empregando a symphonia, e Herophilo pretendia que as pulsações das veias se fazem de accordo com o rythmo musical. Os musicos ambulantes são os descendentes dos tocadores da flauta, caros aos deuses da Hellade.

Não pensemos, porém, romanticamente, que todos os musicos morrem de fome ao cahir das illusões. Antes pelo contrario. A biographia de cada um serve de assumpto a todo o bohemio desejoso de ser feliz. Quem não conhece o Saldanha, um velho portuguez baixo, gordo e cego, que tocava viola ha mais de vinte annos com um negro tambem cego da ilha da Madeira, flautista emerito? Esses dous cégos eram acompanhados por um guitarrista escovado, que tocava, fazia a cobrança e ainda por cima era poeta, compunha as cançonetas. Um momento a cidade inteira cantou a sua celebre quadra

Zás-traz, zás-traz
Malagueta no cabaz
Com geito tudo se arranja
Com geito tudo se faz

Musicos ambulantes

o que não o recomenda muito ao senso esthetico do Rio. Quando os cégos e esse *zás-traz* amolavam muito, lá havia sempre algum para gritar :

— O' Lyrico ambulante !

E o Saldanha, pançudo, grave, imperturbavel :

— Obrigado pelo elogio !

Pois todo o pessoal enriqueceu. O negro casou em Portugal, o *Zás-Traz* conseguiu tudo com geito, e eu fui encontrar o Saldanha aposentado, considerado como um velho artista diante de um copo de cerveja.

— Fizemos varias *tournées*, disse-me elle, percorremos o Brasil, do Rio Grande ao Pará. Ajuntámos alguma cousa...

E não se trata de um caso sporadico. O resultado é geral. O José, italiano capenga, que chegou ao Rio em 1875, alugou, para não trabalhar, um piano de manivela. Em seguida, o seu espirito inventivo foi até comprar um realejocom bonecos mecanicos, entre os quaes havia um de mão estendida, que engolia as moedas e punha fóra outra qualquer cousa. Esse boneco, a valsa dos *Sinos de Corneville*, o *Caballero de Gracia* e o *Bendengó* deram-lhe uma fortuna. E José resolveu jogar, á farta, jogar forte.

Jogou tanto que teve de arranjar um socio, personagem fantastico, que dá pela alcunha de *Cavalière Midaglia*.

O *Cavalière* gosta tambem da batota e principalmente do bicho. Até duas horas, dinheiro para o avestruz ; nas primeiras horas da noite, cervejinha na fabrica Santa-Maria ; depois, *la mare* dos

baralhos e dados. Parece incrível que um realejo, moendo os *Sinos*, dê dinheiro para tantos vícios. Pois José tem ainda dinheiro para ir á Italia ver Napoles e depois voltar. Já lá foi mais de vinte vezes.

Está claro que a musica, tendo por fim adoçar os costumes, não arrasta todos os seus cultores aos desvarios do monte e da roleta. Ha realejos que sustentam numerosas familias, como o do Vicente, italiano falsamente cégo, que desconfia dos filhos, joga a bisca a milho nos botequins das ruas Formosa e do Areal e já adquiriu alguns predios ; ha realejos escravizadores, como o do Antonio Capenga, da estação do Mangue, que espanca os dous pequenos cobradores si por acaso deixam passar um bonde sem lhes dar nada, embora o bonde vá vazio — porque Antonio tem amantes e, á custa de sons que na sua algibeira retinem em moedas, resolveu a vida epicuristamente nos tres principios fundamentaes : — mulheres, jogo e vinho ; ha realejos solteiros malandros, realejos virgens promptos para a fuga...

A musica chega mesmo em certos casos a harmonisar dissabores num accorde feliz. E' o caso do Amaral carpinteiro. Este Amaral cortou certa vez a mão com uma enxó. Meteu a dita mão em ataduras e resolveu nunca mais trabalhar. Ao contrario do pastor Jacob, sete annos levou de papo para o ar compondo versinhos ; dedicou-se em seguida a vender modinhas — era o *Araruama*. E nesse serviço descobriu-se vocações, musicaes.

Hoje é sumidade, é o Caruso das ruas de S.

Musicos ambulantes

Jorge e Conceição e não ha botequim de café a tres vintens a chicara, onde a sua voz não requebre o

Olé lé lé
Candonga Sinhá.

Nas mesmas condições está o Miguel de Brito. Apesar de portuguez, foi inferior do exercito. Quando deu baixa, comprou um graphophone para ganhar, como dizia, a vida na roça. Partiu para o Rio Bonito, alugou um salão e estava exactamente pregando um cartaz á porta, quando ouviu na casa fronteira tocar um graphophone muito mais aperfeiçoado que o seu. Era a musa da musica decerto que o prevenia, desejosa de evitar um confronto desagradavel. Brito arrancou o cartaz, vendeu o graphophone, agradeceu á musa e só com sua garganta veio triumphar nas bodegas do Rio.

As bodegas, como os botequins do tom, toleram de vez em quando os musicos, com a condição de não lhes pagar nada. Em geral são sempre tres — os tercetos celebres. Ha na rua do Senhor dos Passos o do Amadeu com as duas irmãs, que, por signal, já fugiram; na Avenida Passos o chefiado pelo Barradas, cégo — terceto famoso, por ter percorrido todas as cidades de Hespanha, de Portugal, do Chile, do Uruguay, da Argentina e do Brasil; o da fabrica de cerveja. Oriente, o da cervejaria Minerva, cujo chefe, o Antonio rabequista gosta de ser acompanhado de canto. A cervejaria enche-se de trabalhadores atrahidos pela alegria dos sons. Sempre uma canção melancolica abre

Musicos ambulantes

um hiato sentimental entre os fandangos e os *cake-walks*.

Tanto penar, tanto soffrer,
Amor me mata,
Amor me mata.
Eu vou morrer.

Ninguem morre, e um portuguez do Minho que lá passa a noite, brada :

— Eu cá dinheiro não dou, mas si tocar a cana-verde pago a cerveja!

E a cana-verde conclue a canção melancolica.

Oh! eu conheci nessas baiucas rumorejantes, onde a populaça vive atrahida pela musica, até um *globe-trotter*! Era um veneziano de vinte e tres annos, Raphael Angelo, tenor. Nos botequins em que os proprietarios eram portuguezes cantava o *rebola a bola*, nos estabelecimentos hespanhoes, o *caballero di gracia me llaman*, e, lindo, conquistador, com olhares mortos para as mulheres, era uma delicia ouvil-o, derreando os braços para os lados, como cançado de abraçar, a cantar :

Fra le donne tu sei la piú bella,
Fra le rose tu sei la piú fina
E nel cielo brillante stella
Nella tera sei nata regina.

A segunda vez que me viu entre os carregadores descalços, Raphael inaugurou o seu mais bello gesto e disse-me :

— Noto a V. Ex. que isto é apenas uma extravagancia bohemia. Resolvi percorrer o mundo em

Musicos ambulantes

quatro annos, sem ter um vintem de capital. Já estive em Londres, em New York, em Chicago... Estou no Rio de Janeiro ha um mez. *Che belleza.*

Era o Phileas Fogg da cançoneta e arranjava dez a quinze mil réis diarios, fóra as paixões das damas.

Quasi todos esses musicos ambulantes e aventureiros ganham rios de dinheiro, vivendo uma vida quasi lamentavel. No forro dos casacos velhos ha maços de notas, nos cinturões sebentos, vales ao portador. O publico pára, olha aquella tristeza, imagina no automatismo dos gestos, na face que pede, no sorriso postiço, a fome dos artistas, a miseria dos desherdados da sorte, e sonha as agonias, como nas operas, em que os tenores morrem ao sól, sob um céu lindo, cantando...

Por trás dessa fachada ha tanto interesse como no negociante mais avaro e tanta vaidade como num artista lyrico mais vaidoso — porque esses musicos ambulantes, humanos como todos nós, nascidos neste mesmo seculo de vaidade, regulam os seus ideaes entre a pretensão, o alto juizo do proprio valor e o numero de moedas da colecta. Oh! a musica, as arias perdidas no ruido das ruas... Alguem já assegurou que a alma do homem conhece a sua natureza pelo canto. Chegemos á suave conclusão de que conhece a natureza e o resto. De que serviria um realejo si não assegurasse ao seu possuidor, além do conhecimento da propria alma, a satisfação do estomago? Ha talvez em outras terras, mais gastas e mais frias, a miseria dos musicos ambulantes, sem fogo, sem pão, cahindo sob

Musicos ambulantes

a neve, depois de uma dolorosa vida. Aqui não; os musicos prosperam, o realejo é uma instituição, e do alto azul, a harmonia bondosa da natureza, musa da vida e da alegria, derrama o consolo incomparavel do calor e da luz...



Velhos cocheiros

Outro dia, ao saltar de um tilbury no antigo largo de Paço, vi na boléa de um vis-a-vis prehistorico a ventripotencia colossal de um velho cocheiro. As duas mãos gorduchas á altura do peito como quem vai rezar, enfiado numa roupa esverdinhada, o automedonte roncava. Seria uma recordação literaria ou a memoria de uma phisionomia de infancia? Seria o cocheiro da *Sapho*, o irmão mais velho de *Simeon*, ou simplesmente um velho cocheiro que eu tivesse visto na doceidade em que todas as emoções são novas? Era difficil adivinhar. Para os cerebros cheios de literatura, a verdade obumbra-se tanto que é sempre preciso perguntar por ella como o fez Poncius Pilatos diante de Deus.

Fui para perto do vis-a-vis, hati na perna do

Velhos cocheiros

velho. Estava feio. O ventre, um ventre fabuloso, parecia uma talha que lhe tivessem entalhado ao tronco; as pernas, sem movimento, pendiam como traves; os braços, extremamente desenvolvidos, eram quasi maiores que as pernas; e a caraça vermelha, com tons violaceos, lembrava os carões alegres do Carnaval. Abriu, entretanto, uma das palpebras com mão humor e resmungou :

— Prompto!

— Então você não me conhece mais?

— Eu não, senhor.

— Pois eu conheço a você desde menino.

Elle abriu de todo as palpebras pesadas, um sorriso de alegre bondade passou-lhe pelo labio.

— Saiba vossa senhoria que bem póde ser! Toda essa gente importante de hoje eu conheci meninos de collegio!

Não sei por que estava meio emocionado.

— E já fez ponto na Estrada de Ferro?

— Ha vinte annos, eu e o *Bamba*.

Encostei-me á boléa do antigo vis-a-vis. Havia vinte annos sim, havia vinte annos que no passar pela estação de carros os meus olhos de criança se fixaram curiosamente na phisionomia jocunda de um velho, que já naquelle tempo era velho e já naquelle tempo gravemente roncava na boléa de um carro? Havia vinte annos...

E' como lhe digo, afirmava elle. Conhece a filha do barão de Cotegipe? Eu vi aquella santa creatura menina. Conhece o filho do grande ministro João Alfredo? E' meu amigo, dá-me dinheiro sempre que vem ao Rio. Olhe, ha de conhecer o

Velhos cocheiros

dr. Fernando Mendes de Almeida e mais o irmão, o dr. Candido. Pois quando eu servia o pai, elles eram meninos de collegio. Ha mezes eu disse ao dr. Fernando tudo isso e elle foi dar um passeio no meu carro e deu-me doces, vinho do Porto, dinheiro. Estava admirado e ria...

— Como se chama você ?

— Braga, eu sou o Braga.

Pobre velho cocheiro a quem se dá como ás crianças doces de confeitaria ! Eu continuava encostado ao vis-a-vis, imensamente triste e com a mesma curiosidade de criança.

— Trabalho neste officio desde 1870. Tinha vinte annos, quando comecei. Toda a minha mocidade foi acabada aqui.

— E não estás rico ?

— Rico ?

Soltou uma gargalhada sonora que lhe balançou o ventre e o envermelheceu mais. Os seus olhos pequenos olhavam-me da boléa com superioridade compassiva. E' difficil encontrar um cocheiro de carro que tenha feito fortuna. Enriquecem os de carroça, os de caminhões. De carro, só se citam dois ou tres em trinta annos. O officio, longe de tornar ageis os corpos, faz lesões cardiacas, atrophia as pernas, hipertrophia os braços, de modo que quinze annos de boléa, de visão elevada do mundo, ao sol e á chuva, estragam e usam um homem como a ferrugem estraga o aço mais fino. O Braga era um velho trapo encharcado. Tanto adipo dava-me a impressão de que o pobre velho devia ter agua nos tecidos.

Velhos cocheiros

Eu continuava a ouvi-lo. Naquella boléa falava um cultor do quietismo, um renanista que tivesse comprehendido o nirvana. Nem uma ambição, nem um odio : apenas um sorriso de quem não se rala com a vida e vem para a rua almejando não encontrar freguezes, para dormir mais á vontade.

— Ah! este carro! murmurei. Quanta historia podia você contar! Quantas scenas de amor, quantos beijos, quantas angustias e quantos crimes!...

— Este carro não ; outros, ou antes eu. Fui de cocheira, fui de casa particular e trabalhei por minha conta. Quando cahiu o ministerio João Alfredo fui eu quem o levou ao Paço. Agóra essas coisas de beijos — noutro tempo era nas berlindas.

— Tinha vontade de saber a sua opinião.

Elle arregalou muito os olhos.

— A respeito de beijos? Sei lá!

— Não, a respeito da Monarchia e da Republica.

Elle sorriu, pensou.

— A Monarchia tinha as suas vantagens. Era mais bonito, era mais solene. Não vá talvez pensar que eu sou inimigo da Republica. Mas recorde por exemplo um dia de audiencia publica do imperador. Que bonito! Até era um garbo levar os freguezes lá. O' Braga, onde estiveste? Fui á Boa Vista! Hoje todo o mundo entra no palacio do Cattete. Não tem importancia... E' verdade que o Obá entrava no Paço. Mas era principe. E então para conhecer homens importantes! Não precisava saber-lhes o nome. Os ministros tinham uma farda bonita, o imperador sabia de papo de tucano. Bom tempo aquelle! Hoje a gente tem de suar pa-

Velhos cocheiros

ra conhecer um ministro. Parecem-se todos com os outros homens.

— Talvez não sejam, Braga.

— Quanto ás capacidades não digo nada... Mas veja. Por estar perto da secretaria é que conheço o Muller, um magro, que refórma a cidade. E de todo o ministerio só elle. Si isso era possivel em 1880! Depois, quer saber? a Republica trouxe a Bolsa, uma porção de cocheiros estrangeiros, uns gringos e inglezes de cara raspada, com uns carros que até nem eu lhes sabia o nome!

Despegou as mãos de sobre o peito.

— E vão morrendo todas as pessoas notaveis, já não ha mais ninguem notavel. Só restam o sr. visconde de Barbacena, o sr. marquez de Parana-guá e mais dois outros.

Houve uma longa pausa. Como este cocheiro estava do outro lado da vida! Quinze annos apenas tinham levado o seu mundo e o seu carro para a velha poeira da historia! Elle falava como um éco, e estava ali, olhando o boulevard reformado, pensando nos bons tempos das missas na Cathedral e das moradas reaes, hoje ocupadas pela burocracia republicana...

— O Braga é o mais velho cocheiro do Rio?

— Não senhor; é o *Bamba*, que começou em 1864.

Neste momento, outros cocheiros moços, limpos, de grandes calças abombachadas foram aproximando os carros, com vontade de saber o que retinha um cavalheiro tanto tempo a prosar com o velho. Logo se fez um barulho de rodas e de vozes.

Velhos cocheiros

— O' Braga, ó velho, despacha o frêguez! tem aqui um carro bom, vossa senhoria! O' Braga, posso servir?

Braga cruzou outra vez as mãos no peito, com um sereno olhar indiferente. Que dôr o havia de trespassar! Murmurei com pena:

— Bom, adeus, meu Braga. E onde pára o *Bamba*?

— Na Estrada, pára na Estrada. A's ordens do menino, respondeu elle do alto.

Já agora era impossivel deixar de ver o outro, de conhecer o mais antigo cocheiro do Rio! Tomei um bonde da Central. A tarde morria em lento e vermelho crepusculo. No céo brilhava a primeira estrella tremula e luminosa, e os combustores acendiam a sua luz azul quando saltei na praça da Aclamação. E foi um grande trabalho. Eu ia de carro em carro.

— Póde informar onde para o *Bamba*?

Uns diziam que o *Bamba* cahira e fôra para o hospital, outros, os moços, riam de que se fosse procurar um cocheiro inutil como o *Bamba*, outros asseguravam que o velho não trabalhava mais. A final, quasi de frente do porta da Quartel, encontrei um *landau* empoeirado, desses que parecem arcas e acomodam á vontade seis pessoas.

Da boléa um mulato velho falava para um gordo ancião, muito gordo, muito estragado...

— Sabe você dizer quem é e onde está o *Bamba*?

O mulato riu.

— E' este, patrão...

Velhos cocheiros

O gorduchão abriu a boca, onde faltavam os dentes.

— Já não trabalho de noite : tenho 70 annos. Não vejo. Desde 1864 que estou no serviço. Outro dia quasi morro ; cahi da boléa. Tenho as pernas duras...

— *Bamba*, meu velho...

— Sou o primeiro cocheiro, o mais velho, não ha nenhum mais velho...

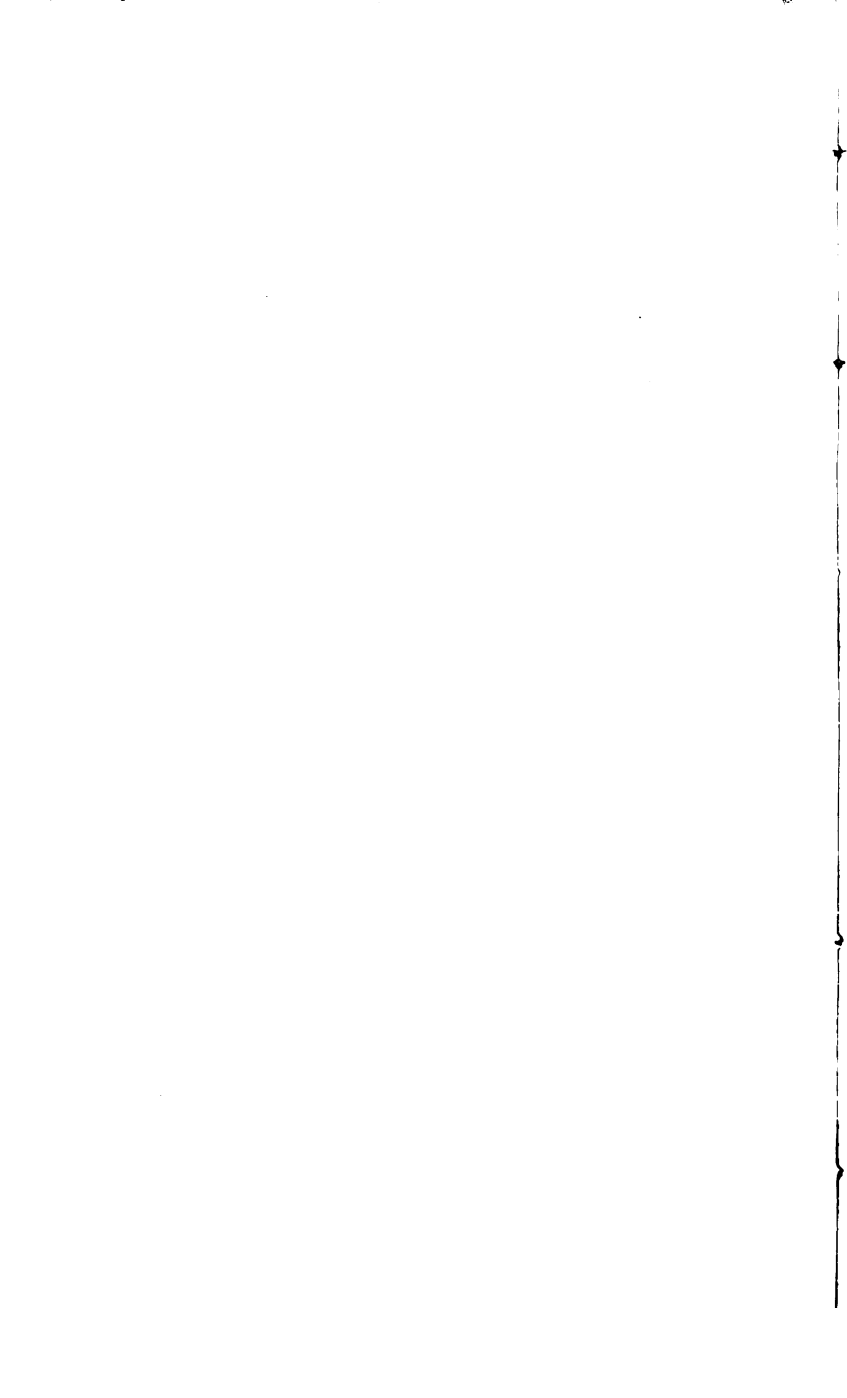
Eu voltei-me para o mulato interroguei-o quasi em segredo :

— Mas que diabo vem elle fazer aqui, assim? O mulato sorriu com tristeza.

— Sei lá !... E' o cheiro, vossa senhoria, é o cheiro! Quando a gente começa nesta vida, não póde viver sem ella... E' o cheiro...

A praça vibrava numa estrepitosa animação, os combustores reverberavam em iluminações phantasticas, e, só, no céu calmo, como uma hostia de tristeza, a velha lua esticava a triste foice do seu crescente.





Presepes

Deus vos salve casa santa
Onde Deus fez a morada
Onde mora o bento calix
E a hostia consagrada.

Que sabemos nós da Epiphania? Homens de leve erudição e de fé sem vigor, andamos a subtilisar velhos textos e antigos costumes, e tanto subtilizamos que a duvida acomete o nosso espirito e a confusão perturba a viagem dos tres Reis com os vestigios das saturnaes e das bodas de Caná. Nem os sacerdotes nos altares nem os eruditos em livros fartos, ninguem hoje conseguirá explicar claramente a suave aparição e a festa simples que o povo realisa, fazendo vir de alta montanha, guiados por uma estrella loira, Gaspar, Melchior e

Presepes

Balthazar com a oferta de ouro, incenso e mirra para o menino que Herodes perseguirá...

Ha os versiculos de Matheus :

— « Jesus nasceu em Bethlem de Judá, nos tempos do rei Herodes. Vimos a sua estrella no Oriente e viemos adoral-o »; sabe-se que presepe significa etimologicamente estrebaria ou jaula. Os gnosticos vêm, com esses dous elementos, simbolicos, confusos; os sabios indagam de mais e, enquanto estes esterilmente escrevem paginas estereis, os povos criam a legenda suave, e a legenda perdura cresce, augmenta, esplende numa doce apotheose de perfumes e de bem.

Os presepes são uma criação popular. Antes dos artistas de Paris e Vienna, que expõem nos salões do Campo de Marte e no Kunstlerhaus, o povo creou nos presepes o anachronismo religioso, o anachronismo que, segundo la Sizeranne, é a fé; poz, como Breughel nos Peregrinos de Emáus e Beraud na Magdalena entre os Phariseus, homens de hoje nas scenas dos Velho Testamento.

Os presepes, como as telas do Renascimento, são as reconstituições religiosas com a côr local contemporanea. Os psychologos podem psychologar num reisado a alma nacional e a intensidade da crença. Christó para os homens simples está sempre, é a perenne luz salvadora. Por isso cada presepe é um mundo onde homens e animaes de todas as épocas renovam annualmente a admiração de um suave milagre.

Fui ver numa das ultimas noites de chuva alguns desses mundos de religião e de tradição.

E' impossivel para os que viram o Bumba meu boi realisado pelo veneravel Mello Moraes e o belicoso Dr. Sylvio Romero, quasi como uma reconstituição de costumes, imaginar o numero de presepes que este anno tem o Rio. Ha para mais de quarenta.

Começámos pelo presepe da rua Frei Caneca, o Centro Pastoril, que tem uma directoria composta dos Srs. Liberato Serra, presidente honorario; Manoel Novela, presidente; mais dos Srs. Pedro Hugo, Faria, Alfredo Belfort, Manoel de Macedo, Francisco de Paula Azevedo e Raul Machado. Os ensaios do reisado realisaram-se na rua Formosa e os directores alugaram a sala e a primeira alcova da casa da rua Frei Caneca apenas para que a festa redobrasse de brilho.

A sala está toda enfeitada, com dous pequenos estrados feitos de madeira, onde devem sentar a policia e os reporters, um defronte do outro, sempre juntos e sempre adulados.

Ao fundo ergue-se o presepe que toma toda a alcova. O céu deste ameaça chuva; grossas nuvens algodoam á sua o sol e mais a lua, numa doce confraternisação, atravessam nuvens e azul com o brilho fulgurante das malacachetas e das velas — porque são de malacacheta as estrellas, e têm por trás uma vela providencial tanto a lua como o sol.

Da montanha a pico, por caminhos asperrimos, vêm descendo os tres reis lendarios com um ar açodado de beduinos em fuga, e, nessa descida, os seus olhos pintados vão vendo chalets suissos, animaes no pasto, militares posteriores ao impe-

Presepes

rio do Tetrarcha, mulherinhas gordas de avental e a luz da estrella que os guia escorrendo do céu em dous grossos fios de prata. Em baixo, no primeiro plano, ha um grande movimento. De um lado, ardendo na sombra do milagre e de alguns copinhos coloridos, está o estabulo, onde se dá o misterio do nascimento de Deus; de outro, uma fachada de papel de seda. em que eu imagino ver Jerusalém, cujas portas cahiram ao som das trombetas.

O Centro Pastoril tem um reisado em 3 actos, interpretado pelas Srs. Irma Serra, Georgina do Nascimento, Maria Fernandes, Elvira de Almeida, Eliza, Adelina, Esmeralda, Constança, Lauriana e outras meninas. Esse reisado é exactamente um auto como os fazia mestre Gil Vicente. Os personagens são o Guia, o Pastor Mestre, o Pastor, a Cigana, Diana Pastorinha, Galleguinho, Gallego e Gallega. O Natal é apenas o motivo da scena. Trepado na gaiola destinada á imprensa ausente, diante de gaiola policial deserta, apreciei com sabor a evolução do auto e, batendo palmas, parecia á minha alma que remontaramos quatrocentos annos, ao tempo em que D. Manuel offerecia ao Papa elephantes brancos ajaezados d'ouro e o povo acreditava com temor em Deus.

No primeiro acto trata-se da chegada dos pastores e ha o canto do dia :

Salve estrella radiante
Doce infante de alegria,
Salve infante, salve aos homens,
E a doce Virgem Maria.

Presepes

Depois a Cigana, no 2º acto, tem o papel preponderante: esmola, pede, abre a sacola para que as offerendas caiam, entre as graçolas do Galleguinho, e no fim ficam os pastores todos sabendo que Jesus nasceu.

Mas ouço por estes montes
Brandas vozes a cantar
Já daqui não me vou
Sem estes sons escutar.

Ahi, no Centro Pastoril, a directoria indica outros presepes. Ha muitos: — Na rua Frei Caneca mais dous; na rua de Santa Anna tres, os nºs 130 e 27; na rua Bom Jardim mais dous, em S. Diogo tres, e ainda em S. Clemente, em S. Christovão, no Estacio, em Itapagipe, em Catumby, — pobres, humildes, cheios de pompa, modestos, numa diversidade curiosa e estranha. Conto numa noite só mais de quarenta.

O reisado faz-se em geral aos sabados, mas os proprietarios, que têm Deus na sala, conservam as casas abertas e iluminadas.

— Dá-me licença?

— E' a casa de Deus, pôde entrar.

Em alguns, senhoras e crianças olham, somnolentas, o presepe ao fundo, em outros a sala está inteiramente vasia ou os vigilantes dormem na crepitação das velas. Oh! a esthetica dos presepes! Que assombroso charivari de datas, que fonte de idéas e de observações! Em S. Clemente vem ao estabulo um batalhão francez, no da rua de Sant'Anna, 130, ha um lago com repuxo e

Presepes

peixes do tamanho dos reis magos, no da rua da Imperatriz alguns caçadores e um padre conversam com S. José; em Itapagipe encontrei uma montanha suíça com uma vaqueira perto do rei Gaspar.

— Por que fazem presepes? indago.

Uns respondem que por promessa, outros sorriem e não dizem palavra. São os mais numerosos. E a galeria continúa a desfilar — presepes que parecem pombaes, feitos de arminho e penas de aves; presepes todos de bolas de prata com bonequinhos de biscuit; presepes armados com folhas de latão, castiças com velas acesas e photographias contemporaneas, tendo por lagos pedaços de espelho e o burro da Virgem com um selim á moderna; presepes em que no meio do capim ha casas de dous andares com venezianas e caras de raparigas á janella, — uma infinidade inacreditavel.

O mais interessante, porém, fui encontrar na Praia Formosa, centro de um cordão-carnavalesco de negros bahianos. Essas creaturas dão-me a honra da sua amizade. O presepe está armado no quarto da sala de visitas. E' inaudito, todo verde com lantejoulas de prata.

O céu, pintado por um artista espontaneo, tem, entre nuvens, o sol com uma cara raspada de americano « truster », e a lua, maior que o sol, com a imagem da Virgem Mãi. Dous raios de filó prata bambamente pendem do azul sob o estabulo divino, iluminado a giorno. Descendo a montanha, montados em camellos, vêm os tres reis

magos, vestidos á turca, e o rei mais apressado é Balthazar, o preto. Pela encosta do monte as majestades lendarias encontram, sem pasmo, animos imperiaes quasi actuaes : Napoleão na tragica attitude de Santa Helena, a defunta imperatriz do Brasil, Bismarck com a sua focinheira de molosso desacorrentado, uma bailarina com a perna no ar, e um boneco de cacete, calças abombachadas e chapéo ao alto... Iluminando a agradavel confusão, velas de stearina morrem em castiças de cobre.

O grupo carnavalesco chama-se Rei de Ouros. Logo que eu appareço e das janellas escancaradas a tropa me vê, entoa a canção da entrada :

Tu-tu-tu quem bate á porta
Menina vai ver quem é
E' o triumpho Rei de Ouros
Com a sua pastora ao pé.

Dentro move-se, numa alegria carnavalesca, o bando de capoeiras perigosos da rua da Conceição, de S. Jorge e da Saúde. A sala tem cadeiras em roda, ornamentadas de setim vermelho, cortinas de renda com laçarotes estridentes. As matronas espapaçam-se nas cadeiras, suando, e, em movimentos nervosos, agitam-se á sua vista mulatinhas de saiote vermelho, brutamontes de sapatos de entrada baixa e calção de fantasia de velho e de rei dos diabos. Ha um cheiro impertinente de suor e ether floral.

— Uma calamistrança prá seu doutô! brada o Dudú, um negro, magro, conhecido por inventar

Presepes

nomes engraçados, o Bruant da populaça. E a gente do reisado logo batendo palmas, pandeiros e berimbãos :

Ora venha ver o que temos di dá
Garrafas de vinho, doce de araçá.

A manifestação satisfaz. Dudú leva-me quasi á força para um logar de honra e eu vejo uma mulatinha com o cabelo a Cléo de Merod, enfiada numa confusa roupagem rubra.

— Quem é aquella?

— E' Etelvina. Tá servindo de porta-bandeira...

Não era necessaria a explicação. O pessoal, quebrando todo em saracoteios exóticos, cantava com as veias do pescoço saltadas :

Porta bandeira deu signá,
Deu signá no Humaytá,
Porta bandeira deu signá,
Deu signá tulou, tulou!

Aproveito a consideração do Dudú para comprehender o presepe :

— Por que diabo põem vocês o retrato da imperatriz alli ?

— Imperatriz era a mãe dos brasileiros e está no céu.

— Mas Napoleão, homem, Napoleão?

— Então, gente, elle não foi rei do mundo? Tudo está alli para honrar o nenimo Deus.

— A bailarina tambem ?

— A bailarina é enfeite.

Presepes

— Guardo religiosamente esta profunda resposta.

Os do reisado cantam agora uma certa marcha que faz cocegas. Os versinhos são errados, mas íntimos e, sibilados por aquella gente ingenuamente feroz, dão impressões de caricias :

Sussú socega
Vai dromi teu somno
Está com medo diga,
Quer dinheiro, tome!

Que tem Sussú com a Epiphania? Nada. Essas canções, porém, são toda a psychologia de um povo, e cada uma dellas bastaria para lhe contar o servilismo, a carica temerosa, o instincto da fatalidade que o amolece, e a ironia, a despreocupada ironia do malandro nacional.

— Mas por que, continúo eu curioso, põem vocês junto do rei Balthazar aquelle boneco de cacete?

— Aquelle é o rei da capoeiragem. Está perto do rei Balthazar porque deve estar. Rei preto também viu a estrella. Deus não esqueceu a gente. Ora não sei si V. S. conhece que Balthazar é pai da raça preta. Os negros da Angola quando vieram para a Bahia trouxeram uma dança chamada cungú, em que se ensinava a brigar. Cungu com o tempo virou mandiga e S. Bento.

— Mas que tem tudo isso?...

— Isso, gente, são nomes antigos da capoeiragem. Jogar capoeira é o mesmo que jogar mandiga.

Presepes

Rei da capoeiragem tem seu logar junto de Balthazar. Capoeiragem tem sua religião.

Abri os olhos pasmados. O negro riu.

— V. S. não conhece a arte? Hoje está por baixo. Valente de verdade só ha mesmo uns dez : João da Sé, Tito da Praia, Chico Bolivar, Marinho da Silva, Manuel Piquira, Ludgero da Praia, Manuel Tolo Moysés, Marianno da Piedade, Candido Bahianinho outros... Esses « cabras » sabiam jogar mandiga como homens...

— Então os capoeiras estão nos presepes para acabar com as presepadas...

— Sim senhor. Capoeiragem é uma arte, cada movimento tem um nome. E' mesmo como sorte de jogo. Eu agacho, prendo V. S. pelas pernas e viro : — V. S. *virou balão* e eu *entrei de baixo*. Si eu cahir *virei boi*. Si eu lançar uma *tesoura* eu sou um *porco*, porque *tesoura* não se usa mais. Mas posso arrastar-lhe uma *tarrafa* mestra.

— *Tarrafa*?

— E' uma rasteira com força. Ou esperar o *dé-gas de galho*, assim duro, com os braços para o ar e si fôr rapaz da luta, passar-lhe o *tronco* na queda, ou, si fôr *arara*, arrumar-lhe mesmo o *bauhú*, ponta-pé na pança. Ah! V. S. não imagina que porção de nomes tem o jogo. Só rasteira, quando é deitada, chama-se *banda*, quando com força *tarrafa*, quando no ar para bater na cara do cabra *meia lua*...

— Mas é um jogo bonito! fiz para contental-o.

— Vai até o *auô*, salto mortal, que se inventou na Bahia.

Para aquella lição intempestiva, já se havia formado um grupo de temperamentos bellicos. Um rapazola falou.

— E a *encruzilhada*?

— E' verdade, não disseste nada de *encruzilhada*?

E a discussão cresceu. Parecia que iam brigar...

Fóra, a chuva jorrava torrencial. Um rélogio poz-se a bater preguiçosamente meia-noite. As mulatinhas cantavam tristes :

Meu rei de Ouros quem te matou ?
Foi um pobre caçadô.

Mas Dudú saltou para o meio da sala. Houve um choque de palmas. E diante de quarto, onde se confundia o mundo em adoração a Deus, o negro cantou, acompanhado polo côro :

Já deu meia-noite
O sol esta pendente
Um kilo de carne
Para tanta gente !

Oh ! suave ironia dos malandros ! Na baiúca havia alegria, paraty, alcool, phantazia, talvez o amor nascido de todas aquellas dansas e do insuportavel cheiro do ether floral...

Não havia, porém, com que comer. Diante de Jesus, que só lhes dera o dia de amanhã, a queixa se desfazia num quasi riso. Um kilo de carne para tanta gente !

Talvez nem isso ! Sahi, deixei o ultimo presepe.

Presepes

De longe, a casinhola com as suas iluminações tinha um ar de sonho sob a chuva, um ar de milagre, o milagre da crença, sempre eterna e vivaz, saudando o natal de Deus através a ingenuidade dos pobres. Como seria bom dar-lhes de comer, ó Deus poderoso!

Como lhes daria eu um farto jantar si, como elles, não tivesse apenas a esperança de amanhã obter um kilo de carne só para mim!



Como se ouve

a missa do « Gallo »

A missa do « Gallo » não começa precisamente á meia noite e não tem a obrigação de acabar antes de uma da manhã. A missa só, sem gallo, o divino sacrificio de que os casuistas hespanhoes do seculo XIII faziam a anatomia — talvez tivesse em tempos remotos uma hora precisa, exacta, confirmada pelo dogma. O gallo, porém, varia e canta, ou adiantado ou com atraso. Ora, o chamar a missa do natal de Christo missa do gallo é ainda um costume latino. Os romanos contavam as horas com uma certa poesia. Logo depois da *media nocte*, chamavam elles ao tempo *gallicinium*, hora em que o gallo começa a cantar. A missa reali-

Como se ouve a missa do « Gallo »

sada, assim, após a *media nocte*, ficou sendo a missa do gallo, e é ainda o velho e desusado *gallicinium* que se recorda quando os sacerdotes levantam a hostia nos altares, e de capoeira em capoeira, sonoro e glorioso, se propaga o dialogo dos gallos : Christo nasceu ! Onde ? Em Belém...

Eu estava exactamente defronte da igreja de Sant'Anna, dispondo de um automovel possante. Era a mais que alegre hora da meia-noite que alguns temperamentos romanticos ainda julgam sinistra. Aquelle trecho da cidade tinha um aspecto festivo, um estranho aspecto de anormalidade. Das ruas lateraes vinham vindo em fila familias da Cidade Nova, primeiro as crianças, depois as mocinhas, ás vezes ladeadas de mancebos amaveis, depois as matronas agasalhadas em fichús; vinham marchando como quem vai para a ceifa, grossos machacares, de chapelão e casaco grosso; vinham gingando negrinhas de vestido gomado; « cabras » de calça bombacha, velhas pretas embrulhadas em chales. Era como uma serie de procissões em que as irmandades se separavam segundo as classes. No adro, repleto, havia uma mistura de populaça em festa. Grupos de rapazes berravam graças, bonds paravam despejando gente, vendedores ambulantes apregoavam doces e comestiveis; todos os rostos abriam-se em fraterna alegria, e naquella sarabanda humana, naquelle vozear estonteante, uma nota predominava : — a do namoro. Os rapazes estavam alli para namorar, para aproveitar a occasião. Os encontros tinham sido de antemão combinados.

Come se ouve a missa do « Gallo »

Quando um grupo familiar encontrava um rapaz o — oh! *seu* Antenor! Também por aqui! a resposta: oh! D. Bellinha, então também veio! — soavam como quem diz: oh! não faltaste... Havia deresto pares de braço dado, meninas que murmuravam phrases ao lado dos mocetões, sob o olhar protector das mamãs... A missa era um alegre pretexto e, si na classe burgueza o namoro tinha uma côr tão suave, nas outras irmandades o enthusiasmo era maior. Entrei no templo atrás de um grupo de mocinhos enthusiasmados, um dos quaes teimava que havia de apertar, emquanto outro, com uma carta de alfinetes, asseverava estar disposto a pregar alguns pares. O grupo ria, a igreja estava repleta, quente, ardendo na nave de humanidade pouco crente, ardendo de doçura superior nas velas dos altares. Mocinhas irrequietas, rindo, abriam passagem; rapazes lamentavelmente espirituosos estabeleciam o arrocho, empurrando o corpo como quem vai dansar o *cake-walk* e pretalhões de pastinhas, erguendo alto os chapéos de palha, violentavam a massa com os cotovelos para chegar ao altar-mór. No ar parado um sino bateu. Houve uma interjeição prolongada da multidão. Ia começar a missa. Era a missa do gallo nos bairros...

Sahi suando, tomei o automovel, nervoso. Ao lado da machina, na aglomeração, uma voz de mulher fez de repente:

— Ai!

— Que é? que foi? bradou um vozeirão formidavel.

Como se ouve a missa do « Gallo »

— Cocoricó! cantou um gaiato.

E entre as gargalhadas de mofa escandalosa, o automovel rodou.

Parei na cathedral. A enchente era tão colossal que havia gente até na rua.

O templo ardia em luzes. De fóra viam-se os sacerdotes de sobrepeliz dourada, a candelaria luminosa, os santos, e toda a igreja vibrava das graves harmonias do orgão, realçadas por um côro abaritonado. A turba tinha outro aspecto. Senhoras de chapeo, cavalheiros sempre como esse indomavel ar conquistador que o homem se arroga nas festas publicas, de mistura com fuzileiros navaes, marinheiros alcoolizados, caixeirinhos do comercio de roupa nova e com os olhos cheios de somno.

Toda essa gente conseguia entrar e sahir, fazer como um torvelinho á porta, onde duas senhoras vestidas de negro, esticando uma sacola, diziam machinalmente: — para a cêra!... para a cêra! Ninguem dava, ninguem se ralava. O sopro de excitação dos sentidos parecia recrudescido pelo sopro musical do orgão. Figuras que sahiam da igreja vinham algumas congestas; as que entravam tinham uma violencia aguçada no olhar. Na rua, como que farejando, sujeitos iam e vinham entre os grupos de malandros ebrios, de negros de capa no braço com um ar de copeiros de casa rica, de mulheres conversadeiras. Encontro um reporter de jornal.

— Oh! tu tambem! que pandega, filho! Mas espera...

Como se ouve a missa do « Gallo »

Indagou com o olhar a rua, sorriu, apertou-me o braço, apressado :

— Até logo.

Dou de frente com um bando de gente de theatro. Uma das actrizes assegura :

— Estou com os braços doendo...

E logo depois, deixando a actriz, encontro o protector.

— Viste-a por ahi? Olha só aquella familia com crianças. Só nesta terra! Eu não! Ceei com meus filhos : ás dez horas tudo na cama, e ás onze deixei de ser pai de familia.

— Muito bem.

Era a missa do gallo na cidade... Que tinha eu? Desgosto? Tristeza? Dôr de cabeça? Sei lá! Despedi-me doex-paide familia, tomei de novo o automovel que logo deslisou pela rua da Assembléa para cahir numa vertiginosa carreira pela Avenida Central.

— Que é aquillo?

— E' a missa do convento da Ajuda.

Saltei. A rua estava negra de gente. Os fócios electricos da Avenida mais de sombra enchiam aquelle canto — a porta tão triste onde a turba se acotovelava.

Um sujeito valente pisou tres ou quatro pés, barafustou. Acompanhei-o. Era a missa lá dentro imersa em tristeza infinda. Até os altares pareciam mais agourentos, até as imagens guardavam na face uma dôr mais amarga. E a missa trespassava a alma, porque, enquanto o sacerdote ia e vinha no altar, por trás, na sombra, perpetua-

Como se ouve a missa do « Gallo »

mente na sombra, morta, enterrada, perdida para o mundo, a voz das monjas varava o ar como o som de um cristal quebrado, retorcia-se no sacrificio do louvor do deus que nascera de um seio humano, espiralava como uma contorsão histerica, soluçava cantando...

Ia mais adiante, mas na minha frente um lata-gão bocejou :

— Que cacetada !

— E' verdade, vamos-nos, respondeu a companheira.

— Ainda temos tempo de ir á Copacabana.

Consultou o relógio e começou a sahir, imprimindo tal movimento á massa de gente, que eu, com outros mais, de recuar tanto, me achei de novo na porta triste e humilde.

— O' José, vamos á Copacabana ?

— Anda d'ahi.

Copacabana devia ser divertido. Tomei de novo o automovel e disse ao *chauffeur* :

— Para Copacabana.

Naquelle delicioso percurso da avenida Beira-Mar, toda ensopada de luz electrica, outros automoveis de toldo arriado, outros carros, outras conducções corriam na mesma direção. Homens espapaçados nas almofadas davam vivas, mulheres de grandes chapéos estralejavam risos. Era uma estrepitosa e inedita corrida para Cythera. Quando, no fim da avenida, os automoveis seguiram pelas antigas ruas, cada encontro de bonde era uma catastrophe. Os *tramways*, apesar de comboiarem tres carros, iam com gente até aos

Como se ouve a missa do « Gallo »

tejadilhos, e essa gente furiosa, numa furia que lembrava bem a vertigem de Dionysios, berrava, apostrophava, atirava bengaladas num despejo de corpos e de conveniencias. Entretanto, pelas mesmas ruas, a corrida augmentava e era uma disparada louca entre vociferações, sons de corneta, *tren-ten-tems* de bondes, estalar de chicote. Quando passámos o tunel num fracasso de metralha e demos nos campos de Copacabana, a velocidade foi vertiginosa, e era apenas vagamente que se divisavam, fugindo á sanha dos *fon-fons*, ao estrepito das rodas, a linha de fiéis da redondeza marginando o capinzal e, á esquerda, num diadema de estrelas, a iluminação da Igrejinha. Recostei-me. O automovel saltava como um orango ebrio, no piso máo. De repente fez uma curva e entrou numa rua cheia de gente, de carros, de outros automoveis. Estavamos no grande sitio.

— E' aqui?

— E'.

Cerca de tres mil pessoas — pessoas de todas as classes, desde a mais alta e a mais rica á mais pobre e á mais baixa, enchia aquelle trecho, subia promontorio acima. E o aspecto era edificante. Grupos de rapazes apostavam em altos berros subir á igreja pela rocha; mulheres em desvario galgavam a correr por outro lado, patinhando a lama viscosa. Todos os trajes, todas as côres se confundiam num amalgama formidavel, todos os temperamentos, todas as taras, todos os excessos, todas as perversões se entrelaçavam. Quiz notar o elemento predominante. Num trecho havia mais

Como se ouve a missa do « Gallo »

pretas com soldados. Adiante logo, o dominio era de gente de serviço braçal, um pouco mais longe a tropa se fazia de rapazelhos do commercio e, si davamos um passo, outro grupo de mocinhas com senhores conquistadores se nos antolhava. Todo esse pessoal gritava.

Logo na subida encontrei um meninote engulindo uns restos de vinho do Porto pelo gargalo da garrafa. Em meio do caminho um grupo do Club dos Democraticos, de guarda-chuva branco e preto, tocava guitarras e assobios.

De todos os lados partiam cantos de gallo. Os cocoricós classicos vinham finos, grossos, roufenhos, em falsete : Cocoricó! Cocoricó!

- Já ouviste cantar o gallo?
- Pois hoje não é a missa delle?
- Cocoricó! péga elle p'ra capar!
- Péga!

A igreginha estava toda iluminada exteriormente a luz electrica. Defronte de sua fachada lateral haviam armado um botequin. A turba arfava ahi, presa entre a bodega e o templo. Quando eu passei, porém, a bodega fôra devorada e bebida. Os caixeiros tinham trepado para os balcões no desejo de apreciar a scena. Fiz um violento esforço para entrar na igreja. A' porta havia uma verdadeira lucta e dentro ninguem se podia mexer. Divisei apenas como indicação humilde do dia — um presépe no lado esquerdo, um presépe com pano de fundo representando fielmente um trecho de Cascadura, e estava assim embebido, quando de repente estalou o rolo, o rolo rapido e

Como se ouve a missa do « Gallo »

habitual. Um sujeito apanhára uma bengalada, levantára o guardachuva, uma menina gritara : nunca mais venho á missa ! E no roldão da turba medrosa, de novo cahi na ladeira, ouvindo os cocóricós, as chufas, as graças sordidas :

— Péga p'ra capar ! Cocóricó ! Já ouviste o gallo ?

No céo côr de chumbo, ameaçador de temporaes, espoucavam gyrandolas de foguetes. E todo aquelle trecho, mais aquecido, mais feroz, mais cheio de gente redobrava de deboche, de frenesi pandego, de loucura, quebrando copos, cantando, assobiando, praguejando, ganindo.

Atirei-me dentro de automovel, exausto. A machina disparou outra vez, luctando agora contra a massa dos carros, dos automoveis, dos *tramways* que chegavam.

— Onde é a Lapa do Desterro ?

— Quer ir lá ? E' uma igreja de gente pobre. E' na Lapa.

— Pois vamos lá.

O automovel quebrou pela rua da Lapa, parou defronte da velha igreja. Eram duas horas da manhã. Havia á porta a mesma matula de homens endomingados á espera da conquista, a mesma sarabanda de serigaitas. Entrei. O tapete do templo, velho, esfarripado, tinha por cima, em alguns trechos, folhas de mangueira. No altarmór, dos lados, entre panos azues, ardiam dous bicos *auer*, e aquella luz azul como que transfigurava o retabulo, os accessorios, os ouros despoilidos. A concorrência era menor, na nave, mulhe-

Como se ouve a missa do « Gallo »

res de chale formavam roda conversando. Andei por ali tristemente. Ao sahir, porém, vi de joelhos um homem.

De joelhos? Na missa do gallo? Deus! Quem seria aquelle pobre coitado? Aproximei-me. Era um rapaz — teria no maximo vinte annos. Ao lado o seu chapelão de côco repousava junto á grossa bengala. No seu corpo ajustava-se de mais um grosso fato de inverno aldeão. De mãos postas, a face ingenua voltada para o altar, esse ser, numa noite bachica, era tão anormal, tão extraordinario, que eu cheguei bem perto, olhei bem, fui ao ponto de curvar-me para lhe espiar os olhos. O pobre sobresaltou-se.

— Meu senhor!

— Que está você a fazer ahi?

— Que estava? Ah? perdão... Estava a rezar, estava a pedir ao Menino Deus que dê saudinha aos pais lá na terra e que me proteja.

— Onde é você?

— Saberá V. S. que do Douro, sim senhor.

Falava de joelhos, a sorrir para mim; pobre alma ingenua e pura de aldeia, pobre alma que se ia putrefazer na grande cidade, unico coração que adorara Deus entre as dez mil pessoas vistas por mim!

Oh! Tive um impeto, o desejo de abraçal-o, a sensação de quem, após uma longa desilusão, sente viva no abismo fundo a flor maravilhosa. Mas já em torno se fazia roda de ociosos, já um sujeito surgira com um riso de troça.

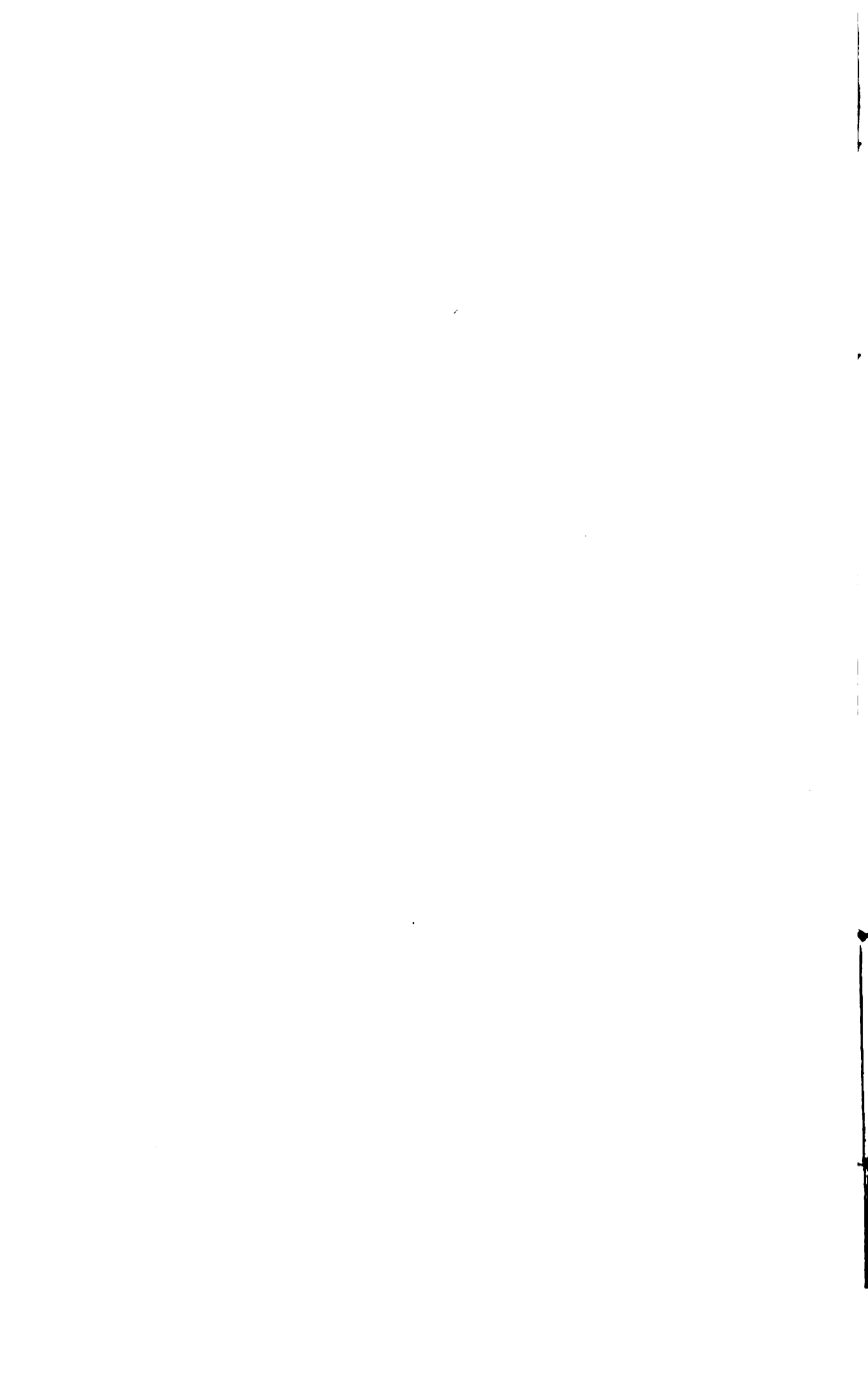
— Pois faz muito bem. Adeus.

Como se ouve a missa do « Gallo »

— Adeus, meu senhor !

E continuou — ó cousa incrível! — de joelhos, voltado para Deus, lembrando a sua aldeia, lembrando os paisinhos, pedindo o bem — enquanto pela cidade inteira as ceiatas e as pandegas desencadeavam os impetos desaçaimados...





Cordões

Oh! abre ala!
Que eu quero passá.
Estrella d'Alva
Do Carnavá!

Era em plena rua do Ouvidor. Não se podia andar. A multidão apertava-se, sufocada. Havia sujeitos congestos, forçando a passagem com os cotovelos, mulheres afogueadas, crianças a gritar, tipos que berravam pilherias. A plethora da alegria punha desvarios em todas as faces. Era provavel que do largo de S. Francisco á rua Direita dansassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem duzentos tambores, zabumbassem cem bombos, gritassem cincoenta mil pessoas. A

Cordões

rua convulsionava-se como si fosse fender, rebentar de luxúria e de barulho. A atmospheria pesava como chumbo. No alto arcos de gaz besuntavam de uma luz d'açafrão as fachadas dos predios. Nos estabelecimentos commerciaes, nas redações dos jornaes, as lampadas electricas despejavam sobre a multidão uma luz acida e galvanica, que enlivedescia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o panejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante dos *confetti*, que, como um irisamento do ar, cahiam, voavam, rodopiavam. Essa iluminação violenta era ainda aquecida pelos braços de luz *auer*, pelas vermelhidões de incendio e as subitas explosões azues e verdes dos fogos de Bengala; era como que arrepiada pela corrida diabolica e incessante dos archotes e das pequenas lampadas portateis. Serpentinias riscavam o ar; homens passavam empapados d'agua, cheios de *confetti*; mulheres de chapéo de papel curvavam as nuças á etyla dos lança-perfumes, phrases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, risos, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, mixto de perfume barato, *fartum*, poeira, alcool, aquecia ainda mais o baixo instincto da promiscuidade. A rua personalisava-se, tornava-se uma e parecia, toda ella polichromada de serpentinas e *confetti*, arlequinar o pincho da loucura e deboche. Nós iamós indo, eu e o meu amigo, nesse pandemonio. Atrás de nós, sem colarinho, de pijama, bufando, um grupo de rapazes academicos, futuros diplomatas e futuras glorias nacionaes, berrava furioso a cantiga do

Cordões

dia, essas cantigas que só aparecem no Carnaval :

Ha duas coisa
Que me faz chorá
E' nó nas tripa
E bataião navá !

De repente, numa esquina, surgira o pavoroso *abre alas*, enquanto, acompanhado de urros, de pandeiros, de *xequeres*, um outro cordão surgia.

Sou eu ! Sou eu !
Sou eu que cheguei aqui
Sou eu Mina de Ouro
Trazendo nosso Bogary.

Era intimativo, definitivo. Havia porém outro. E esse cantava adulçorado :

Meu beija-flór
Pedi para não contar
O meu segredo
A yayá.
Só conto particular.
Yayá me deixe descansar
Rema, rema, meu amor
Eu sou o rei do pescador.

Na turba compacta o alarma correu. O cordão vinha assustador. A' frente um grupo desenfreiado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos corria abrindo as bocas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como piche, a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nú sustentando o tacape de ferro. Em

Cordões

seguida gargolejava o grupo vestido de vermelho e amarello com lantejoulas d'oiro a chispar no dorso das casacas e grandes cabelleiras de cachos, que se confundiam com a epiderme num empastamento nauseabundo. Ladeando o bolo, homens em tamancos ou de pés nús iam por ali, tropeçando, erguendo archotes, carregando serpentes vivas sem os dentes, lagartos enfeitados, jabotys aterradores com grandes gritos roufenhos.

Abriguei-me á uma porta. Sob a chuva de *confetti*, o meu companheiro esforçava-se por alcançar-me.

— Porque foges?

— Oh! estes cordões! Odeio o cordão.

— Não é possível.

— Serio!

Elle parou, sorriu :

— Mas que pensas tu? O cordão é o carnaval, o cordão é vida delirante, o cordão é o ultimo élo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sobo a belbutina e o reflexo dichromico das lantejoulas, tradições millenares; cada preta bebeda, desconjuntando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delirio das procissões em Byblos pela época da primavera e a furia rabida das bachantes. Eu tenho vontade, quando os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando a apotheose incomensuravel do Rumor, de os respeitar, entoando em seu louvor a « prosodia » classica com as phrases de Pindaro — salve grupos floridos, ramos floridos da vida...

Parei a uma porta, estendo as mãos.

— E' a loucura, não tem duvida, é a loucura. Pois é possível louvar o agente embrutecedor das cephalgias e do horror?

— Eu adoro o horror. E' a unica feição verdadeira da Humanidade. E por isso adoro os cordões, a vida paroxismada, todos os sentimentos tendidos, todas as coleras a rebentar, todas as ternuras ávidas de torturas... Achas tu que haveria Carnaval si não houvesse os cordões? Achas tu que bastariam os prestitos idiotas de meia duzia de senhores que se julgam engraçadissimos ou esse pesadelo dos tres dias gordos intitulado — mascaras de espirito? Mas o Carnaval teria desaparecido, seria hoje menos que a festa da Gloria ou o « Bumba meu boi » si não fosse o entusiasmo dos grupos da Gamboa, do Saco, da Saude, de S. Diogo, da Cidade Nova, esse entusiasmo ardente, que mezes antes dos tres dia vêm queimando como pequenas fogueiras crepitantes para acabar no formidavel e total incendio que envolve e estorce a cidade inteira. Ha em todas as sociedades, em todos os meios, em todos os prazeres, um nucleo dos mais persistentes, que através o tempo guarda a chama pura do entusiasmo. Os outros são mariposas, augmentam as sombras, fazem os efeitos.

Os cordões são os nucleos irreductiveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e barbara do Rio.

Quantos cordões julgas que ha da Urca ao Cajú?

Cordões

Mais de duzentos! E todos, mais de duas centenas de grupos, são inconscientemente os sacrários da tradição religiosa da dança, de um costume historico e de um habito infiltrado em todo o Brasil...

— Explica-te! bradei eu, fugindo para outra porta, sob uma avalanche de *confetti* e velhas serpentinas varridas de uma sacada.

Atrás de mim, todo sujo, com fitas de papel velho pelos hombros, o meu companheiro continuou :

— Eu explico. A dança foi sempre uma manifestação cultural. Não ha dansas novas; ha lentas transformações de antigas atitudes de culto religioso. O bailado classico das bailarinas do Scala e da Opera tem uma serie de passos do culto brahmanico, o minueto é uma degenerescencia da reverencia sacerdotal, e o cake-walk e o maxixe, dansas delirantes, têm o seu nascedouro nas correrias de Dyonisios e no pavor dor orixalás da Africa. A dança sahiu dos templos em todos os templos se dansou, mesmo nos catholicos.

O meu amigo falava intercortado, gesticulando. Começava a desconfiar da sua razão. Elle, entretanto, esticando o dedo, bradava no torvelinho da rua :

— O Carnaval é uma festa religiosa, é o mixto dos dias sagrados de Aphrodita e Dyonisios, vem corôado de pampanos e cheirando á luxuria. As mulheres entregam-se; os homens abrem-se; os instrumentos rugem; e estes tres dias ardentes, coruscantes são como uma enorme sangria na con-

gestão dos máos instinctos. Os cordões sahiram dos templos ! Ignoras a origem dos cordões ? Pois elles vêm da festa de N. S. do Rosario, ainda nos tempos coloniaes. Não sei porque os pretos gostam da N. S. do Rosario. Já naquelle tempo gostavam e sahiam pelas ruas vestidos de reis, de bichos, de pagens, de guardas, tocando instrumentos africanos, e paravam em frente á casa do Vice-Rey a dansar e cantar. De uma feita, pediram ao Vice Rey um dos escravos para fazer de rei. O homem recusou a lisonja que dignificava o servo, mas permitiu os folguedos. E estes folguedos ainda subsistem com simulacros de batalha, e quasi transformados, nas cidades do interior.

Havia uma certa conexão nas phrases, do cavalheiro que me acompanhava ; mas, cada vez mais receioso da apologia, eu andava agora quasi a correr. Tive, porém, de parar. Era o « Gremio Carnavalesco Destemidos do Inferno », arrastando seis estandartes cobertos de corôas de louro. Os homens e as mulheres, vestidos de preto, amarello e encarnado, pingando suor, zé-pereiravam :

Os roxinóes estão a cantar
Por cima do carramachão
Os Destemidos do Inferno
Tenho por elles paixão.

E logo vinha a chula :

Como és tão linda !
Como és formosa !
Olha os Destemidos
No galho da rosa.

Cordões

— Como é idiota!

— E' admiravel. Os poetas simbolistas são ainda mais obscuros. Ora escuta este, aqui ao lado.

Vinte e sete bombos e tambores rufavam em torno de nós com a furia macabra de nos despafusar os timpanos. Voltei-me para onde me guiava o dedo conhecedor do Pindaro daquelle desespero e vi que cerca de quarenta seres humanos cantavam com o labio grosso, humido de cuspo estes versos :

Trez vezes nove
Vinte e sete
Bella morena
Me empresta seu leque
Eu quero conhecer
Quem é o treme terra?
No campo de batalha
Repentinos dá signal da guerra.

Entretanto, os Destemidos tinham parado tambem. Vinham em sentido contrario, fazendo letras complicadas pela rua forrada de papel polichromo, sob a ardencia das lampadas e dos arcos, o grupo da « Rainha do Mar » e o grupo dos « Filhos do Relampago do Mundo Novo ». Os da Rainha cantavam em bamboleios de onda :

Moreninha bella
Hei de te amar
Sonhando contigo
Nas ondas do mar.

Os do Relampago, chocalhando chocalhos, ris-

cando xequedês, berravam mais apressados :

No triná das ave
Vem rompendo a aurora
Ella de saudades
Suspirando chora.

Sou o Ferramenta
Vim de Portugá
O meu balão
Chama Nacioná.

Senhor Deus ! Era a loucura, o pandemonio do barulho e da sandice. O fragor porém augmentava, como se concentrando naquelle ponto, e, esticando os pés, eu vi por trás da « Rainha do Mar » uma serenata, uma authentica serenata com cavaquinhos, violões, vozes em ritornelo sustentando fermatas langurosas. Era « Papoula do Japão » :

Toda a gente pressurosa
Procura flor em botão
E' uma flôr recém nascida
A papoula do Japão

Docemente se beijava
Uma... rola
Attrahida pelo aroma
Da... papoula...

— Vamos embora. Acabo tendo uma vertigem.

— Admira a confusão, o cáos ululante. Todos os sentimentos, todos os factos do anno reviravoltiam, esperneiam, enlanguecem, revivem nessas quadras feitas apenas para acertar com a toada da cantiga. Entretanto, homem frio, é o

Cordões

povo que fala. Vê o que é para elle a maior parte dos acontecimentos.

— Quantos cordões haverá nesta rua?

— Sei lá, — quarenta, oitenta, cem, dansando em frente á redação dos jornaes. Mas, caramba! olha o brilho dos grupos, louva-lhes a prosperidade. O cordão da Senhora do Rosario passou ao cordão de Velhos. Depois dos Velhos os Cucumbys. Depois dos Cucumbys os Vassourinhas. Hoje são duzentos.

— E' verdade, com a feição feroz da ironia que esfaqueia os deuses e os céos, — fiz eu recordando a phrase do apologista.

— Sim, porque a origem dos cordões é o *Afoché* africano, dia em que se debocha a religião.

— O *Afoché*? insisti, pasmado.

— Sim, o *Afoché*. E' preciso ver nesses bandos mais do que uma correria alegre — a psychologia de um povo. O cordão tem antes de tudo o sentimento da hierarchia e da ordem.

— A ordem na desordem?

— E' um lema nacional. Cada cordão tem uma directoria. Para as dansas ha dois fiscaes, dois mestres-sala, um mestre de canto, dois portamachados, um *achi-nagú* ou homem da frente, vestido ricamente. Aos titulos dos cordões póde-se aplicar uma da leis de philosophia primeira e concluir d'ahi todas as idéas dominantes na população. Ha uma infinidade que são caprichosos e outros teimosos. Perfeitamente pessoal da lyra : — agora é capricho! quando eu teimo, teimo mesmo!

Nota depois a preocupação de maravilhar, com ouro, com prata, com diamantes, que infundem o respeito da riqueza — Cajú de Ouro, Chuveiro de Ouro, Chuva de Prata, Rosa de Diamantes, e ás vezes coisas excepcionaes e unicas — Relampago do Mundo Novo. Mas o da grossa população é a flôr da gente, tendo da harmonia a constante impressão das gaitas, dos cavaquinhos, dos violões, desconhecendo a palavra, talvez apenas sentindo-a como certos animaes que entendem discursos e sofrem a ação dos sons. Ha quasi tantos cordões intitutados Flôr e Harmonia, como ha teimosos e caprichosos. Um mesmo chama-se Flôr da Harmonia, como ha outro intitulado « Flôr do Café ».

— E' curioso.

— Não te parece? Vai-se aos poucos detalhando a alma nacional nos estandartes dos cordões. Oliveira Gomes, esse ironista subtil, foi mais longe, estudou-lhes a zoologia. Mas, se ha Flôres, Teimosos, Caprichosos e Harmonias, os que querem espantar com riquezas e festas nunca vistas, ha tambem os preocupados com as victorias e os triumphos, os que antes de sahir já são Filhos do Triumpho da Gloria, Victoriosos das Chamas, Victoria das Bellas, Triumpho das Morenas.

— Acho gentil essa preocupação de deixar vencer as mulheres.

— A morena é uma preocupação fundamental da canalha. E ha ainda mais, meu amigo, nenhum desses grupos intitula-se republicano, Republicanos da Saude, por exemplo. E sabe porque?

Cordões

Porque a massa é monarchista. Em compensação abundam os reis, as rainhas, os vassallos, reis de ouro, vassallos da aurora, rainhas do mar, ha patriotas tremendos e a ode ao Brasil vibra infinita.

Neste momento tinhamos chegado a uma esquina atulhada de gente. Era impossivel passar. Dansando e como que rebentando as fachadas com uma « pancadaria » formidavel, estavam os do « Prazer da Pedra Encantada » e cantavam :

Tanta folia, Nenê !
Tanto namoro ;
A « Pedra Encantada » ai ! ai !
Coberta de ouro !

E o côro, furioso :

Chegou o povo, Nenê Floreada
E'o pessoal, ai ! ai !
Da « Pedra Encantada ».

Mas a multidão, sufocada, ficava em de redor da « Pedra » entaipada por outros quatro cordões que se encontravam numa confluencia perigosa. Apezar do calor, corria um frio de medo; as batalhas de *confetti* cessavam; os gritos, os risos, as piadas apagavam-se, e só, convulsionando a rua, como que sacudindo as casas, como que subindo aos céos, o batuque confuso, epileptico, dos atabaques, « xeguedés », pandeiros e tambores, os pancadões dos bombos, os urros das cantigas berçadas para dominar os rivaes, entre trilos de api-

Cordões

tos, signaes misteriosas cortando a zabumbada delirante como a chamar cada um dos tipos á realidade de um compromisso anterior. Eram a « Rosa Branca », negros lantejoulantes da rua dos Cajueiros, os « Destemidos das Chamas » os « Amantes do Sereno » e os « Amantes do Beija-flôr »! Os negros da « Rosa », abrindo muito as mandibulas, cantavam :

No largo de S. Francisco
Quando a cornetatacou
Era o triumpho « Rosa Branca »
Pela rua do Ouvidô.

Os « Destemidos », em contraposição, eram patriotas :

Rapaziada, bate,
Bate com maneira
Vamos dar um viva
A' bandeira brazileira.

Os « Amantes do Sereno », dengosos, suavizavam :

Aonde vaes, Sereno
Aonde vaes, com teu amor?
Vou ao Campo de Sant'Anna
Ver a batalha de flô.

E no meio daquella balburdia infernal, como uma nota acida de turba que chora as suas desgraças divertindo-se, que soluça cantando, que se mata sem comprehender, este soluço mascarado,

Cordões

esta careta d'Arlequim choroso elevava-se do
« Beija Flôr » :

A 21 de janeiro
O « Aquidaban » incendiou
Explodio o paiol de polvora
Com toda gente naufragou.

E o coro :

Os filhinhos choram
Pelos paes queridos.
As viúvas soluçam
Pelos seu maridos.

Era horrivel. Fixei bem a face entumecida dos cantores. Nem um delles sentia ou siquer comprehendia a sacrilega menipéa desvairada do ambiente. Só a alma da turba consegue o prodigio de ligar o soffrimento e o goso na mesma lei de fatalidade, só o povo diverte-se não esquecendo as suas chagas, só a populaça desta terra de sol encara sem pavor a morte nos sambas macabros do Carnaval.

— Estás atristado pelos versos do « Beija-Flôr » ? Ha uma porção de grupos que comentam a catastrophe. Ainda ha instantes passou a « Mina de Ouro ». Sabes qual é a marcha dessa sociedade? Esta sandice tetrica :

Corremos, corremos
Povo brasileiro
Para salvar do « Aquidaban »
Os patriotas marinheiros.

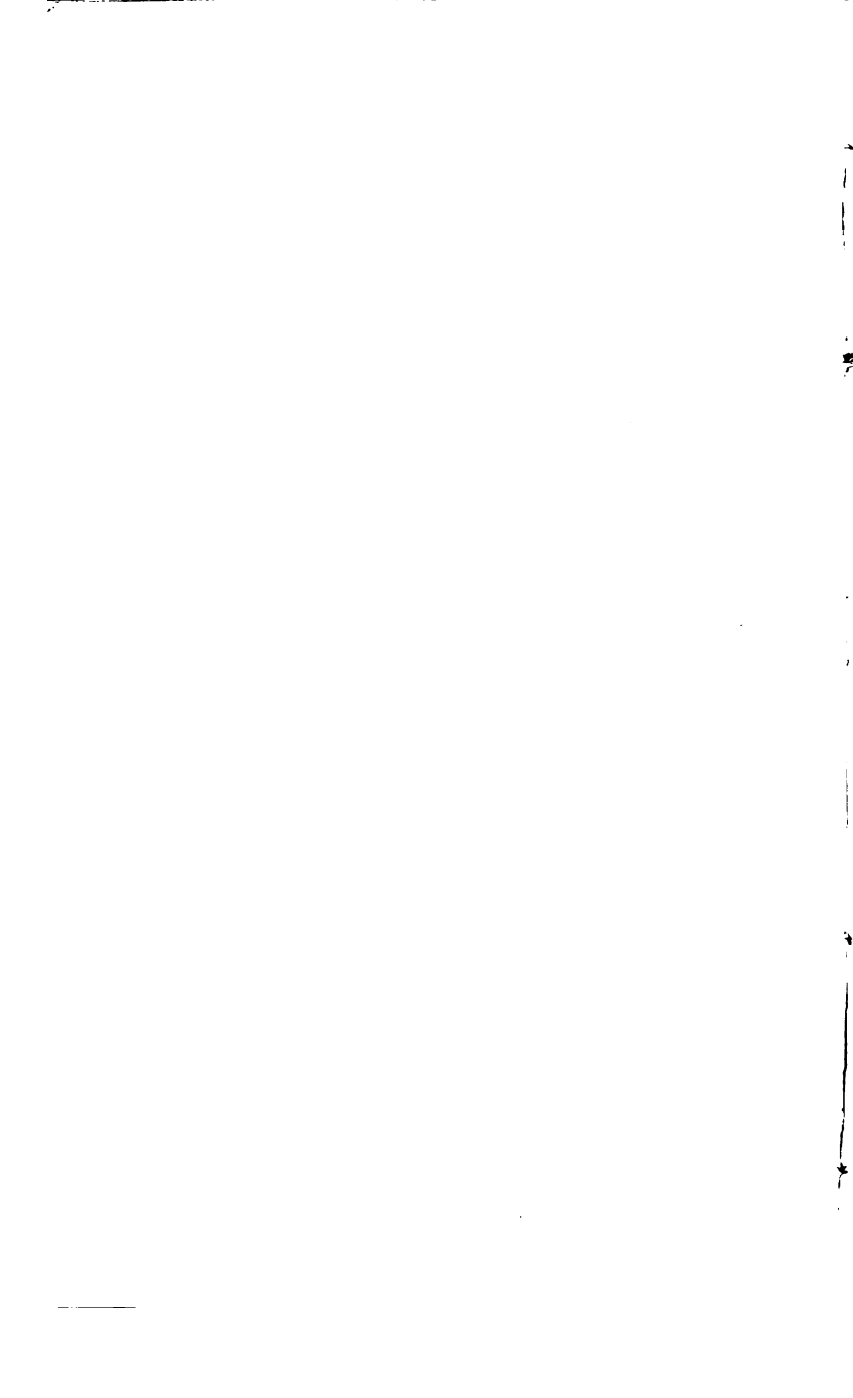
Isto no Carnaval quando todos nós sentimos irreparavel a desgraça. Mas o cordão perderia a

sua superioridade de vivo reflexo da turba si não fosse esse mixto indecifrável de dôr e pezar. Todos os annos as suas cantigas comemoram as fatalidades culminantes.

Neste momento, porém, os « Amantes de Sereno » resolveram voltar. Houve um trilo de apito, a turba fendeu-se. Dois rapazinhos vestidos de belbutina começaram a fazer « letra » com grandes espadas de páo prateado, dando pulos e quebrando o corpo. Depois, o *achinagú* ou homem da frente, todo coberto de lentejoulas, deu uma volta sob a luz clara da luz electrica e o bolo todo golphou, — diabos, palhaços, mulheres, os pobres que não tinham conseguido fantasias e carregavam os archotes, os fogos de bengala, as lampadas de kerozene. A multidão aproveitou o vasio e precipitou-se. Eu e meu amigo cahimos na corrente impetuosa.

Oh! sim! elle tinha razão! O cordão é o Carnaval, é o ultimo élo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual; o cordão é a nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando lascivia pelas mulheres e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, barbara, lamentavel...

Toda a rua rebentava no estridor dos bombos. Outras canções se ouviam. E, agarrado ao braço do meu amigo, arrastado pela impetuosa corrente aberta pela passagem dos « Amantes do Sereno », eu continuei rua abaixo, amarrado ao triumpho e á furia do Cordão!...



Tres aspectos

da miseria

Handwritten text, possibly a signature or name, written vertically in a cursive style. The text is difficult to decipher due to the high contrast and blurriness of the scan. It appears to consist of several lines of characters, possibly including a name and a date or location.

J. Teixeira Junior

As mariposas do luxo

— Olha, Maria...

— E' verdade! Que bonito!

As duas raparigas curvam-se para a montra, com os olhos ávidos, um vinco estranho nos labios.

Por trás do vidro polido, arrumados com arte, entre estatuetas que apresentam pratos com bugingas de fantasia e a fantasia polichroma de colleções de leques, os desdobramentos das sedas, das plumas, das *quipures*, das rendas...

E' a hora indecisa em que o dia parece acabar e o movimento febril da rua do Ouvidor relaxa-se, de subito, como um delirante a gosar os minutos de uma breve acalmia. Ainda não acenderam os combustores, ainda não ardem a sua luz galvanica os focos electricos. Os relógios acabaram de bater, apressadamente, seis horas. Na arteria estreita

As mariposas do luxo

cahe a luz acinzentada das primeiras sombras — uma luz muito triste, de saudade e de magua. Em algumas casas correm com fragor as cortinas de ferro. No alto, como o tecto custoso do beco interminavel, o céu, de uma pureza admiravel, parecendo feito de esmaltes translucidos superpostos, rebrilha, como uma joia em que se tivessem fundido o azul de Napoles, o verde perverso de Veneza, os oiros e as perolas do Oriente.

Já passaram as *professional beauties*, cujos nomes os jornaes citam; já voltaram da sua hora de costureiro ou de joalheiro as damas do alto tom; e os nomes condecorados da Finança e os condes do Vaticano e os rapazes elegantes e os deliciosos vestidos claros airosamente ondulantes já se sumiram, levados pelos «autos», pelas parelhas fidalgas, pelos bondes burguezes. A rua tem de tudo isso uma vaga impressão, como si estivesse sob o dominio da alucinação, vendo passar um prestito que já passou. Ha um hiato na feira das vaidades: sem literatos, sem *poses*, sem *flirts*. Passam apenas trabalhadores de volta da faina e operarias que mourejaram todo o dia.

Os operarios vêm talvez mal arrançados, com a lata do almoço presa ao dedo minimo. Alguns vêm de tamancos. Como são feios os operarios ao lado dos mocinhos bonitos de ainda ha pouco! Vão conversando uns com os outros, ou calados, metidos com o proprio eu. As raparigas ao contrario: vêm de vagar, muito de vagar, quasi sempre duas a duas, parando de montra em montra, olhando, discutindo, vendo.

As mariposas do luxo

— Repara só, Jesuina...

— Ah! minha filha. Que lindo!...

Ninguém as conhece e ninguém nellas repara, a não ser um ou outro caixeiro em mal de amor ou algum picaro sacerdote de conquistas.

Ellas, coitaditas! passam todos os dias a essa hora indecisa e parecem sempre passaros assustados, tontos de luxo, inebriados de olhar. Que lhes destina no seu mysterio a Vida cruel? Trabalho, trabalho; a perdição, que é a mais facil das hypotheses; a tuberculose ou o alquebramento numa ninhada de filhos. Aquella rua não as conhecerá jámais. Aquelle luxo será sempre a sua chimera.

São mulheres. Apanham as migalhas da feira. São as anonimas, as fulanitas do goso, que não gosam nunca. E então, todo dia, quando o céu se rocalha de oiro e já andam os relógios pelas seis horas, haveis de vel-as passar, algumas loiras, outras morenas, quasi todas mestiças. A mocidade dá-lhes a elasticidade dos gestos, o geito bonito do andar e essa belleza passageira que chamam — do diabo. Os vestidos são pobres: saias escuras, sempre as mesmas; blusas de chitinha rala. Nos dias de chuva um paragua e a indefectivel pelerina. Mas essa miseria é limpa, escovada. As botas rebrilham, a saia não tem uma poeira, as mãos foram cuidadas. Ha nos lobulos de algumas orelhas brincos simples, fechando as blusas lavadinhas, broches « montana », donde escorre o fio de uma *chatelaine*.

Ha mesmo anneis-correntinhas de ouro, pedras que custam barato: coralinas, lapislazuli, turquezas

As mariposas do luxo

falsas. Quantos sacrificios essa limpeza não representa? Quantas concessões não attestam, talvez, os modestos pechisbeques!

Ellas acordaram cedo, foram trabalhar. Voltam para o lar sem conforto, com todas as ardencias e os desejos indomaveis dos vinte annos.

A rua não lhes apresenta só o amor, o namoro, o desvio... Apresenta-lhes o luxo. E cada montra é a hipnose e cada *rayon* de modas é o foco em torno do qual reviravolteiam e anceiam as pobres mariposas.

— Ali no fundo, aquelle chapéo...

— O que tem uma pluma?

— Sim, uma pluma verde... Deve ser caro, não achas?

São duas raparigas, ambas morenas. A mais alta alisa instinctivamente os bandós, sem chapéo, apenas com pentes de ouro falso. A montra reflecte-lhe o perfil entre as plumas, as rendas de dentro; e, enquanto a outra afunda o olhar no veludos que realçam toda a espectacularisação do luxo, enquanto a outra soffre aquella tortura de Tantaló, ella mira-se, afina com as duas mãos a cintura, parece pensar cousas graves. Chegam, porém, mais duas. A pobreza feminina não gosta dos flagrantes de curiosidade invejosa. O par que chega, por ultimo, pára hesitante. A rapariga alta agarra o braço da outra :

— Anda dahi! Pareces criança.

— Que véos, menina! que véos!...

— Vamos. Já escurece.

Param, passos adiante, em frente ás enormes vi-

As mariposas do luxo

trinas de uma grande casa de modas. As montras estão todas de branco, de rosa, de azul; desdobram-se em symphonias de côres suaves e claras, dessas côres que alegam a alma. E os tecidos são todos leves — irlandas, *guipures*, *pongées*, rendas. Duas bonecas de tamanho natural — as deusas do « Chiffon » nos altares da Frivolidade — vestem com uma elegancia sem par; uma de branco, *robe Empire*; outra de rosa, com um chapéu cuja pluma negra deve custar talvez duzentos mil reis.

Quanta coisa! quanta coisa rica! Ellas vão para a casa acanhada jantar, aturar as rabugices dos velhos, despir a blusa de chita — a mesma que hão de vestir amanhã... E estão tristes. São os passaros sombrios no caminho das tentações. Morde-lhes a alma a grande vontade de possuir, de ter o esplendor que se lhes nega na polidez espelhante dos vidros.

Por que pobres, si são bonitas, si nasceram tambem para gosar, para viver?

Ha outros pares garrulos, alegres, doudivanas, que riem, apontam, esticam o dedo, comentam alto, divertem-se, talvez mais felizes e sempre mais acompanhadas. O par alegre entontece diante de uma casa de flôres, vendo as grandes *corbeilles*, o arranjo subtil das avenças, dos cravos, das angelicas, a graça ornamental dos copos de leite, o horror attrahente das parasitas raras.

— Sessenta mil réis aquella cesta! Que caro! Não é para enterro, pois não?

— Aquillo é para as mesas. Olhe aquella flôrzinha. Só uma, por vinte mil reis.

As mariposas do luxo

— Você acha que comprem?

— Ora, p'ra essas moças... os homens são malucos.

As duas raparigas alegres encontram-se com as duas tristes defronte de uma casa de objectos de luxo, porcelanas, tapeçarias. Nas montras, com as mesmas atitudes, as estatuas de bronze, de prata, de terracota, as ceramicas de côres mais variadas repousam entre tapetes estranhos, tapetes nunca vistos, que parecem feitos de plumas de chapéo. Que engraçado! Como deve ser bom pôr os pés na maciez daquella plumagem! As quatro trocam idéas.

— De que será?

A mais pequena lembra perguntar ao caixeiro, muito importante, á porta. As outras tremem.

— Não vá dar uma resposta má...

— Que tem?

Hesita, sorri, indaga :

— O senhor faz favor de dizer... Aquelles tapetes?...

O caixeiro ergue os olhos ironicos.

— Bonitos, não é? São de cauda de avestruz. Foram precisos quarenta avestruzes para fazer o menor. A senhora deseja comprar?

Ella fica envergonhadissima ; as outras tambem. Todas riem tapando os labios com a lenço, muito coradas e muito nervosas.

Comprar! Não ter dinheiro para aquelle tapete extravagante parece-lhes ao mesmo tempo humilhante e engraçado.

— Não, senhor, foi só para saber. Desculpe...

As mariposas do luxo

E partem. Seguem como que enleadas naquelle enovelamento de cousas capitosas — montras de rendas, montras de perfumes, montras de *toilettes*, montras de flôres — a chamal-as, a tental-as, a entontecel-as com o corrosivo desejo de gosar. Afinal, param nas montras dos ourives.

Toda a atmosphaera já tomou um tom de cinza escuro. Só o céu de verão, no alto, parece um docel de paraiso, com o azul translucido a palpi-tar uma luz misteriosa. Já começaram a acender os combustores na rua, já as estrellas de oiro ardem no alto. A rua vai de novo precipitar-se no delirio.

Ellas fixam a attenção. Nenhuma das quatro pensa em sorrir. A joia é a suprema tentação. A alma da mulher exteriorisa-se irresistivelmente diante dos adereços. Os olhos cravam-se anciosos, numa atenção comovida, que guarda e quer conservar as minucias mais insignificantes. A prudencia das crianças pobres fal-as reservadas.

— Oh! aquellas pedras negras!

— Tres contos!

Depois, como si ao lado um principe invisivel estivesse a querer recompensar a mais modesta, comentam as joias baratas, os objectos de prata, as bolsinhas, os broches com corações, os aneis insignificantes.

— Ah! si eu pudesse comprar aquelle!

— É só quarenta e cinco! E aquelle reloginho, vês? de ouro...

Mas, lá dentro, o joalheiro abre a comunicação electrica, e, de subito, a vitrina, que morria na

As mariposas do luxo

penumbra, accende violenta, crua, brutalmente, fazendo faiscar os ouros, scintilar os brilhantes, coriscar os rubis, explodir a luz velludosa das saphiras, o verde das esmeraldas, as opalas, os esmaltes, o azul das turquezas. Toda a montra é um thesouro no brilho cegador e alucinante das pedrarias.

Ellas olham serias, o peito a arfar. Olham muito tempo, e ali, naquelle trecho de rua civilisada, as pedras preciosas operam, nas sedas dos escrinios, os sortilegios crueis dos antigos ocultistas. As mãosinhas bonitas apertam o cabo da sombrinha como querendo guardar um pouco de tanto fulgor; os labios pendem no esforço da atenção; um vinco avido acentúa os semblantes. Onde estará o Principe Encantador? onde estará o velho D. João?

Um suspiro mais forte — a coragem da que se libertou da hipnose — fal-as despegar-se do logar. E' noite. A rua delira de novo. A' porta dos cafés e das confeitarias, homens, homens, um estridor, uma vozeria. Já se divisam perfeitamente as pessoas no largo de S. Francisco — onde estão os bondes para a Cidade Nova, para a rua da America, para o Saco. Ellas tomam um ar honesto. Os tacões das botinas batem no asphalto. Vão como quem tem pressa, como quem perdeu muito tempo.

Da Avenida Uruguayana para diante não olham mais nada, caladas, sem comentarios.

Afinal chegam ao largo. Um adeus, dois beijos, « até amanhã! »

Até amanhã! Sim, ellas voltarão amanhã, ellas

As mariposas do luxo

voltam todo dia, ellas conhecem nas suas particularidades todas as montras da Feira das Tentações; ellas continuarão a passar, á hora do desfalecimento da arteria, mendigas do luxo, eternas fulanitas da vaidade, sempre com a ambição enganadora de poder gosar as joias, as plumas, as rendas, as flôres.

Ellas hão de voltar, pobresinhas, — porque a esta hora, no canto do bonde, tendo talvez ao lado o conquistador de sempre, arfa-lhes o peito e têm as mãos frias com a idéa desse luxo corrosivo. Hão de voltar, caminho da casa, parando aqui, parando acolá, na embriaguez da tentação, — porque a sorte as fez mulheres e as fez pobres, porque a sorte não lhes dá, nesta vida de engano, senão a miragem do esplendor para perdel-as mais depressa.

E haveis então de vel-as passar, as mariposas do Luxo, no seu passinho modesto, duas a duas, em pequenos grupos, algumas loiras outras morenas...



Os trabalhadores de estiva

A's 5 da manhã ouvia-se um grito de machina rasgando o ar. Já o cáes, na claridade palida da madrugada, regorgitava num vai-e-vem de carregadores, catraeiros, homens de bote e vagabundos mal dormidos á beira dos kiosques. Abriam-se de vagar os botequins ainda com os bicos de gaz acesos; no interior os caixeiros, preguiçosos, erguiam os braços com becejos largos. Das ruas que vasavam na calçada rebentada do cáes, afluia gente, sem cessar, gente que surgia do nevoeiro, com as mãos nos bolsos, tremendo, gente que se metia pelas bodegas e parava á beira da grande azafama. Para o cáes da alfandega, ao lado, um grupo de ociosos olhava através as frinchas de um tapume, rindo a perder; um carregador, encostado aos humbraes de uma porta, lia, de oculos, o jor-

Os trabalhadores da estiva

nal, e todos gritavam, falavam, riam, agitavam-se na frialdade daquelle acordar, emquanto dos botes polichromaticos homens de camisa de meia ofereciam, aos berros, um passeiosinho pela bahia. Na curva do horisonte o sol de maio punha manchas sangrentas e a luz da manhã abria, como desabrocha um lirio, no céu palido.

Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva e, naquella confusão, via-os vir chegando a balançar o corpo, com a comida debaixo do braço, muito modestos. Em pouco, a beira do cães ficou coalhada. Durante a ultima *grève*, um delegado de policia dissera-me :

— São creaturas ferozes! Nem a tiro...

Eu via, porém, essas phisionomias resignadas á luz do sol e ellas me impressionavam de maneira bem diversa. Homens de excessivo desenvolvimento muscular, eram todos palidos — de um palido embaciado como si lhes tivessem pregado à epiderme um papel amarelo, e assim, encolhidos, com as mãos nos bolsos, pareciam um baixo relevo de desilusão, uma frisa de angustia.

Acerquei-me do primeiro, estendi-lhe a mão :

— Posso ir com vocês, para vêr?

Elle estendeu tambem a mão, mão degenerada pelo trabalho, com as phalanges recurvas e a palma callosa e partida.

— Porque não? Vai ver apenas o trabalho, fez com amarga voz.

E quedou-se, outra vez, fumando.

— E' agora a partida?

— E'.

Os trabalhadores da estiva

Entre os botes, dois saveiros enormes, rebocados por uma lancha, esperavam. Metade dos trabalhadores, aos pulos, bruscamente, saltou para os fardos. Saltei tambem. Acostumados, indiferentes á travessia, elles sentaram-se calados, a fumar. Um vento frio cortava a bahia. Todo um mundo de embarcações movia-se, coalhava o mar, riscava a superficie das ondas; lanchas officiaes em disparada, com a bandeira ao vento; botes, chatas, saveiros, rebocadores. Passámos perto de uma chata parada e inteiramente coberta de oleados. Um homem, no alto, estirou o braço, saudando.

— Quem é aquelle?

— E' o José. E' chateiro-vigia. Passou todo o dia ali para guardar a mercadoria dos patrões. Os ladrões são muitos. Então, fica um responsavel por tudo, toda a noite, sem dormir, e ganha seis mil réis. A's vezes, os ladrões atacam os vigias acordados e o homem, só, tem que se defender a revólver.

Civilisado, tive este commentario frio :

— Deve estar com somno, o José.

— Qual! Esse é dos que dobra dias e dias. Com mulher e oito filhos é preciso trabalhar. Ah! meu senhor, ha homens, por este mar afóra cujos filhos de seis mezes ainda os não conhecem. Sahem de madrugada de casa. O José está á espera que a alfandega tire o termo da carga, que não é estrangeira...

Outras chatas perdiam-se paradas na claridade do sol. Nós passavamos entre as lanchas. Ao longe, bandos de gaivotas riscavam o azul do céu e o

Os trabalhadores da estiva

cães dos Mineiros já se perdia distante na nevoa vaga. Mas nós avistavamos um outro cães com um armazem ao fundo. A' beira desse caés, saveiros enormes esperavam mercadoria; e, em cima, formando um circulo ininterrupto, homens de braços nús sahiam a correr de dentro da casa, atiravam o sacco no saveiro, davam a volta á disparada, tornavam a sahir a galope com outro sacco, sem cessar, continuos como a correia de uma grande machina. Eram sessenta, oitenta, cem, talvez duzentos. Não os podia contar. A cara escorrendo suor, os pobres surgiam do armazem como flechas, como flechas voltavam. Um clamor subia aos céos aprégoando o serviço :

— Um, dous, tres, vinte e sete; cinco, vinte, dez, trinta!

E a ronda continuava diabolica.

— Aquella gente não cança?

— Qual! trabalham assim horas a fio. Cada sacco daquelles tem sessenta kilos e para transportal-o ao saveiro pagam 60 réis. Alguns pagam menos — dão só 30 réis, mas, assim mesmo, ha quem tire dezeseis mil réis por dia.

O trabalho da estiva é complexo, variado; ha a estiva da aguardente, do bacalháo, dos cereaes, do algodão; cada uma tem os seus servidores, e homens ha que só servem a certas e determinadas estivas, sendo por isso apontados.

— E' muito, fiz.

— Passam dias, porém, sem ter trabalho e imagine quantas corridas são necessarias para ganhar a quantia fabulosa...

Os trabalhadores da estiva

A lancha fizera-se ao largo. Caminhavamos para o poço onde o navio que devia sahir naquella noite fundeava, todo de branco. Era o começo do dia. A bordo ficou um terno de homens, e eu com elles. O terno divide-se assim : um no guincho, quatro na embarcação, oito no porão e quatro no convéz. Isso quando a carga é seca. Carregava café o vapor.

Logo que o saveiro atracou, elles treparam pelas escadas, rapidos; oito homens desapareceram na fauce aberta do porão, despiram-se, enquanto os outros rodeavam o guincho e as correntes de ferro começavam a ir e vir do porão para o saveiro, do saveiro para o porão, carregadas de sacas de café. Era regular, mathematico, a oscilação de um lento e formidavel relógio.

Aquelles seres ligavam-se aos guinchos; eram parte da machina; agiam inconscientemente. Quinze minutos depois de iniciado o trabalho, suavam arrancado as camisas. Só os negros trabalhavam de tamancos. E não falavam, não tinham palavras inuteis. Quando a ruma estava feita, erguiam a cabeça e esperavam a nova carga. Que fazer? Aquillo tinha que ser até ás 5 da tarde!

Desci ao porão. Uma atmospheria de caldeira sufocava. Era as correntes cahirem do braço de ferro um dos oito homens precipitava-se, alargava-as, os outros puxavam os sacos.

— Eh! lá!

De novo havia um rolar de ferros no convéz, as correntes subiam enquanto elles arrastavam os sacos. Do alto a claridade cahia fazendo uma

Os trabalhadores da estiva

bolha de luz, que se apagava nas trevas dos cantos. E a gente, olhando para cima, via encostados cavalheiros de pijama e bonésinho, com o ar de quem descansa do banho a apreciar a faina alheia. A's vezes, as correntes ficavam um pouco alto. Elles agarravam-se ás paredes de ferro com os passos vacilantes entre os sacos e, estendendo o tronco nú e suarento, as suas mãos prehensivas puxavam a carga em esforços titânicos.

— Eh! lá!

Na embarcação, fóra, os mesmos movimentos, o mesmo gasto de forças e de tal fórma regular que em pouco eram movimentos correspondentes, regulados pela trepidação do guincho, os esforços dos que se esfalfavam no porão e dos que se queimavam ao sol.

Até horas tardes da manhã trabalharam assim, indifferentes aos botes, ás lanchas, á animação especial do navio. Quando chegou a vez da comida, não se reuniram. Os do porão ficaram por lá mesmo, com a respiração intercoitada, resfolegando, engulindo o pão, sem vontade.

De certo pela minha face elles comprehenderam que eu os deplorava. Vagamente, o primeiro falou; outro disse-me qualquer cousa e eu ouvi as idéas daquelles corpos que o trabalho rebenta. A principal preocupação desses entes são as firmas dos estivadores. Elles as têm de cór, citam de seguida, sem errar uma: Carlos Wallace, Mello e François, Bernardino Correia Albino, Empresa Estivadora, Picasso e C., Romão Conde e C., Wilson, Sons, José Viegas Vaz, Lloyd Brasileiro, Capton

Os trabalhadores da estiva

Jones. Em cada uma dessas casas o terno varia de numero e até de vencimentos, como por exemplo — o Lloyd, que paga sempre menos que qualquer outra empresa.

Os homens com quem falava têm uma força de vontade incrível. Fizeram com o proprio esforço uma classe, impuzeram-n'a. Ha doze annos não havia malandro que, pegado na Gambôa, não se dêsse logo como trabalhador de estiva. Nesse tempo não havia a associação, não havia o sentimento de classe e os pobres estrangeiros pegados na Maritima trabalhavam por tres mil réis dez horas de sol a sol. Os operarios reuniram-se. Depois da revolta, começou a se fazer sentir o elemento brasileiro e, desde então, foi uma longa e pertinaz conquista. Um homem preso, que se diga da estiva, é, horas depois, confrontado com um socio da União, tem que apresentar o seu recibo de mez. Hoje, estão todos ligados, exercendo uma mutua policia para a moralisação da classe. A *União dos Operarios Estivadores* consegue, com uns estatutos que a defendem habilmente, o seu nobre fim. Os defeitos da raça, as disputas, as rusgas são consideradas penas ; a extinção dos taes pequenos roubos, que antigamente eram comuns, merece um cuidado extremado da *União*, e todos os socios tendo como directores Bento José Machado, Antonio da Cruz, Santos Valença, Matheus do Nascimento, Jeronymo Duval, Miguel Rosso e Ricardo Silva, esforçam-se, estudam, sacrificam-se pelo bem geral.

Que querem elles ? Apenas ser considerados

Os trabalhadores da estiva

homens, dignificados pelo esforço e a diminuição das horas de trabalho, para descansar e para viver. Um delles, magro, de barba inculta, partindo um pão empapado de suor que lhe gotejava da frente, falou-me, num grito de franqueza :

— O problema social não tem razão de ser aqui ? Os senhores não sabem que este paiz é rico, mas que se morre de fome ? E' mais facil estostrar um trabalhador que um larapio ? O capital está nas mãos de um grupo restrito e ha gente de mais absolutamente sem trabalho. Não acredite que nos baste o discurso de alguns senhores que querem ser deputados. Vemos claro e, desde que se começa a ver claro, o problema surge complexo e terrivel. A *grève*, o senhor acha que não fizemos bem na *grève* ? Eram nove horas de trabalho. De toda a parte do mundo os embarcadiços diziam que o trabalho da estiva era só de sete !

Fizemos mal ? Pois ainda não temos o que desejamos.

A machina, no convéz, recomeçara a trabalhar.

— Os patrões não querem saber si ficamos inuteis pelo excesso de serviço. Olhe, vá á Maritima, ao Mercado. Encontrará muitos dos nossos arrebentados, esmolando, apanhando os restos de comida. Quando se aproximam das casas ás quaes deram toda a vida correm-n'os !

Que foi fazer lá ? Trabalhou ? Pagaram-no ; rua ! Toda a fraternidade universal se cifra neste horror !

Do alto cahiram cinco saccas de café mal presas á corrente. Elle sorriu, amargurado, preci-

Os trabalhadores da estiva

pitou-se, e, de novo, ouviu-se o pavor do guincho sacudindo as correntes donde pendiam dezoito homens estrompados. Até á tarde, encostado aos sacos, eu vi encher a vastidão do porão bafioso e escuro. Elles não pararam. Quando deu cinco horas um de barba negra tocou-me no braço :

—Porque não se vai? Estão tocando a sineta. Nós ficamos para o serão á noite... Trabalhar até á meia noite.

Subi. Os ferros retiniam sempre a musica sinistra. Encostados á amurada, damas roçagando sedas e cavalheiros estrangeiros de *smoking*, debochavam, em inglez, as belezas da nossa bahia ; no *bar*, literalmente cheio, ao estoirar do *champagne*, um moço vermelho de alcool e de calor levantava um copo dizendo :

—Saudemos o nosso caro amigo que Pariz receberá...

Em derredor do paquete, lanchas, malas, cargas, imprecações, gente querendo empurrar as bagagens, carregadores, assobios, um *brouhaha* formidavel.

Um cavalheiro cheio de brilhantes, no portaló, perguntou-me si eu não vira a Lola. Desci, metime num bote, fiz dar a volta para ver mais uma vez aquella morte lenta entre os pesos. A tarde cahira completamente. Rithmados pelo arrastar das correntes, os quatro homens, dirigidos do convez do *steamer*, carregavam, tiravam sempre dedentro do saveiro mais sacas, sempre sacas, com as mãos disformes, as unhas roxas, suando, arrebrandode fadiga.

Os trabalhadores da estiva

Um delles, porém, rapaz, quando o meu bote passava por perto do saveiro, curvou-se, com a phisionomia angustiada, golphando sangue.

— Oh ! diabo ! fez o outro, voltando-se. O José que não póde mais !



A fome negra

De madrugada, escuro ainda, ouviu-se o signal de acordar. Raros ergueram-se. Tinha havido serão até a meia noite. Então, o feitor, um homem magro, corcovado, de tamancos e beiços finos, o feitor, que ganha duzentos mil réis e acha a vida um paraiso, o sr. Corrêa, entrou pelo barracão onde a manada de homens dormia com a roupa suja e ainda empapada do suor da noite passada.

— Eh lá! rapazes, acorda! Quem não quizer, roda. Eh lá! Fóra!

Houve um reboliço na furna sem ar. Uns sacudiam os outros amedrontados, com os olhos só a brilhar na face côm de ferrugem; outros, prostrados, nada ouviam, com a boca aberta, babando.

— O' João, olha o café...

— Olha o café e olha o trabalho! Ai, raios me partam! Era capaz de dormir até amanhã.

A fome negra

Mas, já na luz incerta daquelle quadrilatero, elles levantavam-se, impelidos pela necessidade como as feras de uma *ménagerie* ao chicote do domador. Não lavaram o rosto, não descansaram. Ainda estremunhados, sorviam uma agua quente, da côr do pó que lhes impregnava a pelle, partindo o pão com escaras da mesma fuligem metallica, e poucos eram os que se sentavam, com as pernas em compasso, tristes.

Estavamos na ilha da Conceição, no trecho hoje denominado — a Fome Negra. Ha ahi um grande deposito de manganez e, do outro lado da pedreira que separa a ilha, um deposito de carvão. Defronte, a algumas braçadas de remo, fica a Ponta da Areia com a Cantareira, as obras do porto fechando um largo trecho coalhado de barcos. Para além, no mar tranquilo, outras ilhas surgem, onde o trabalho escorcha e esmaga centenaes de homeus.

Logo depois do café, os pobres seres sahem do barracão e vão para a parte norte da ilha, onde a pedreira refulge. Ha grandes pilhas de blocos de manganez e montes de piquiry em pó, em lascas finas. No sólo, coberto de uma poeira negra com reflexos de bronze, ha *rails* para conduzir os vago-netes do minerio até ao lugar da descarga. O manganez, que a Inglaterra cada vez mais compra ao Brasil, vem de Minas até á Maritima em estrada de ferro; dahi é conduzido em batelões e saveiros até ás ilhas Barbaras e da Conceição, onde fica em deposito.

Quando chega vapor, de novo removem o pedregulho para os saveiros e de lá para o porão dos navios.

A fome negra

Esse trabalho é continuo, não tem descanso. Os depositos cheios, sem trabalho de carga para os navios, os trabalhadores atiram-se á pedreira, á rocha viva. Trabalha-se dez horas por dia, com pequenos intervalos para as refeições, e ganha-se cinco mil réis. Ha, além disso, o desconto da comida, do barracão onde dormem, mil e quinhentos; de modo que o ordenado da totalidade é de oito mil réis. Os homens gananciosos aproveitam então o serviço da noite, que é pago até de manhã por tres mil e quinhentos e até meia-noite pela metade disso, tendo, naturalmente, o desconto do pão, da carne e do café servido durante o labor.

E' uma especie de gente essa que serve ás descargas do carvão e do minério e povôa as ilhas industriaes de bahia, seres embrutecidos, apanhados a dedo, incapazes de ter idéas, muito curiosa. São quasi todos portuguezes e hespanhoes, que chegam da aldeia, ingenuos. Alguns saltam da prôa do navio para o saveiro do trabalho tremendo, outros aparecem pela Maritima sem saber o que fazer e são arrebanhados pelos agentes. Só têm um instincto : juntar dinheiro, a ambição voraz que os arrebeta de encontro ás pedras inutilmente. Uma vez apanhados pelo mecanismo de aços, ferros e carne humana, uma vez utensilio apropriado ao andamento da machina, tornam-se automatados com a teimosia de objectos movidos a vapor. Não têm nervos, têm molas; não têm cerebros, têm musculos hiperatrophados. O superintendente do serviço berra, de vez em quando :

— Isto é para quem quer! Tudo aqui é livre!

A fome negra

As cousas estão muito ruins, sujeitemo-nos. Quem nã o quizer é livre!

Elles vieram de uma vida de georgicas pauperimas. Têm a saudade das vinhas, dos prados suaves, o pavor de voltar pobres e, o que é mais, ignoram absolutamente a cidade, o Rio; limitam o Brasil ás ilhas do trabalho, quando muito 'aos recantos primitivos de Nictheroy. Ha homens que, dois annos depois de desembarcar, nunca pisaram no Rio e outros que, passando quasi uma existencia na ilha, voltaram para a terra com algum dinheiro e a certeza da morte.

Vivem quasi nós. No maximo, uma calça em frangalhos e uma camisa de meia. Os seus conhecimentos reduzem-se á marreta, á pá, ao dinheiro; o dinheiro que a pá levanta para o bem-estar dos capitalistas poderosos; o dinheiro, que os recurva em esforços desesperados, lavados de suor, para que os patrões tenham carros e bem-estar. Dias inteiros de bote, estudando a engrenagem dessa vida esfalfante, saltando nos paióes ardentes dos navios e nas ilhas inumeras, esses pobres entes fizeram-me pensar num pesadelo de Wells, a realidade de *Historia dos Tempos Futuros*, o pobre a trabalhar para os sindicatos, machina incapaz de poder viver de outro modo, aproveitada e esgotada. Quando um delles é despedido, com a lenta preparação das palavras sordidas dos feitores, sente um tão grande vácuo, vê-se de tal fórma só, que vai rogar outra vez para que o admitam.

A' proporção que eu os interrogava e o solacendia labaredas por toda a ilha, a minha sentimen-

A fome negra

talidade ia fenecendo. Parte dos trabalhadores atirou-se á pedreira, rebentando as pedras. As marretas cahiam descompassadamente em retimtins metallicos nos blocos enormes. Os outros perdiam-se nas rumas de manganez, agarrando os pedregulhos pesados com as mãos. As pás raspavam o chão, o piquiry cahia pesadamente nos vagonetes, outros puxavam-n'os até a beira d'agua, onde as tinas de bronze os esvasiavam nos saveiros.

Durante horas, esse trabalho continuou com uma regularidade alucinante. Não se distinguiam bem os seres das pedras do manganez : o raspar das pás replicava ao bater das marretas, e ninguem conversava, ninguem falava ! A certa hora do dia veio a comida. Atiraram-se aos pratos de folha, onde, em agua quente, boiavam vagas batatas e vagos pedaços de carne, e um momento só se ouviu o soffrego sorver e o mastigar esfomeado.

Acerquei-me de um rapaz.

— O teu nome?

— O meu nome para que? Não digo a ninguem.

Era a desconfiança inculcada pelo gerente, que passeava ao lado, abrindo a chaga do labio num sorriso sordido.

— Que tal achas a sopa?

— Bem boa. Cá uma pessoa come. O corpo está acostumado, tem tres pães por dia e tres vezes por semana bacalháo.

Engasgou-se com um osso. Metteu a mão na guéla e eu vi que essa negra mão rebentava em sangue, rachava, porejando um liquido amarelado.

A fome negra

— Estás ferido?

— E' do trabalho. As mãos racham. Eu estou só ha tres mezes. Ainda não acostumei.

— Vaes ficar rico?

Os seus olhos brilhavam de odio, um odio de escravo e de animal soado.

— Até já nem chegam os bahús para guardar o ouro. Depois, numa franqueza : ganha-se uma miseria. O trabalho faz-se, o não ha... Mas, o dinheiro mal chega, homem, vai-se todo no vinho que se manda buscar.

Era horrendo. Fui para outro e offereci-lhe uma moeda de prata.

— Isso é para mim?

— E', mas si falares a verdade.

— Ai! que falo, meu senhor...

Tinha um olhar verde, perturbado, um olhar de vicio secreto.

— Ha quanto tempo aqui?

— Vai para dois annos.

— E a cidade, não conheces?

— Nunca lá fui, que a perdição anda pelos ares...

Este tambem se queixa da falta de dinheiro porque manda buscar sempre outro almoço. Quanto ao trabalho, estão convencidos que neste paiz não ha melhor. Vieram para ganhar dinheiro, é preciso ou morrer ou fazer fortuna. Emquanto falavam, olhavam de soslaio para o Corrêa e o Corrêa torcia o cigarro, á espreita, arrastando os sócos no pó carbonifero.

— Deixe que vá tratar do meu serviço, segravam elles quando o feitor se aproximava. Ai!

A fome negra

que não me adianta nada estar a contar-lhe a minha vida.

O trabalho recomeçou. O Corrêa, cosido ao sol, bamboleava a perna, feliz. Como a vida é banal! Esse Corrêa é um tipo que existe desde que na sociedade organizada ha o intermediario entre o patrão e o servo. Existirá eternamente, vivendo de migalhas de autoridade contra a vida e independência dos companheiros de classe.

A's 2 horas da tarde, nessa ilha negra, onde se armazenam o carvão, o manganez e a pedra, o sol queimava. Vinha do mar, como enfiado de luz, um sopro de braza; ao longe, nas outras ilhas, o trabalho curvava cêntenas de corpos, a pelle ardia, os pobres homens encobreados, com os olhos injectados, esfalfavam-se, e mestre Corrêa, dansariando o seu passinho:

— Vamos gente! Eh! nada de perder tempo. V. S. não imagina. Ninguem os prende e a ilha está cheia. Vida boa!

Foram assim até a tarde, parando minutos para logo continuar. Quando escureceu de todo, acenderam-se as candeias e a scena deu no macabro.

Do alto, o céu coruscava, encrustado de estrelas, um vento glacial passava, fogo-factuando a chama tenue das candeias e, na sombra, sombras vagas, de olhar incendiado, raspavam o ferro, arrancando da alma longos gemidos de esforço. Como estivesse junto do cabo e um batelão largasse, saltei nelle com um punhado de homens.

Iamos a um vapor que partia de madrugada. No mar, a treva mais intensa envolvia o *steamer*,

A fome negra

um transporte inglez com a carga especial do minério. O commandante fôra ao Casino ; alguns *boys* pouco limpos pendiam da murada com um cosinheiro chinez, de óculos. Uma luz mortiça illuminava o convéz. Tudo parecia dormir. O batelão, porém, atracava, fincavam-se as candeias ; quatro homens ficavam de um lado, quatro de outro, dirigidos por um preto que corria pelas bordas do barco, de tamancos, dando gritos guturaes. Os homens nús, suando apezar do vento, começavam a encher enormes tinas de bronze que o braço de ferro levantava num barulho de trovoada, despejava, deixava cahir outra vez.

Entre a subida e a descida da tina fatal, eu os ouvia :

— O minério! E' o mais pesado de todos os trabalhos. Cada pedra pesa kilos. Depois de se lidar algum tempo com isso, sentem-se os pés e as mãos frios ; e o sangue, quando a gente se corta, apparece amarello... E' a morte.

— De que nacionalidade são vocês?

— Portuguezes... Na ilha ha poucos hespanhoes e homens de côr. Somos nós os fortes.

O fraco, deviam dizer ; o fraco dessa lenta agonia de rapazes, de velhos, de pais de familias numerosas.

Para os contentar, perguntei :

— Porque não pedem a diminuição das horas de trabalho?

As pás cahiram bruscas. Alguns não comprehendiam, outros tinham um risinho de descrença :

— Para que, si quasi todos se sujeitam?

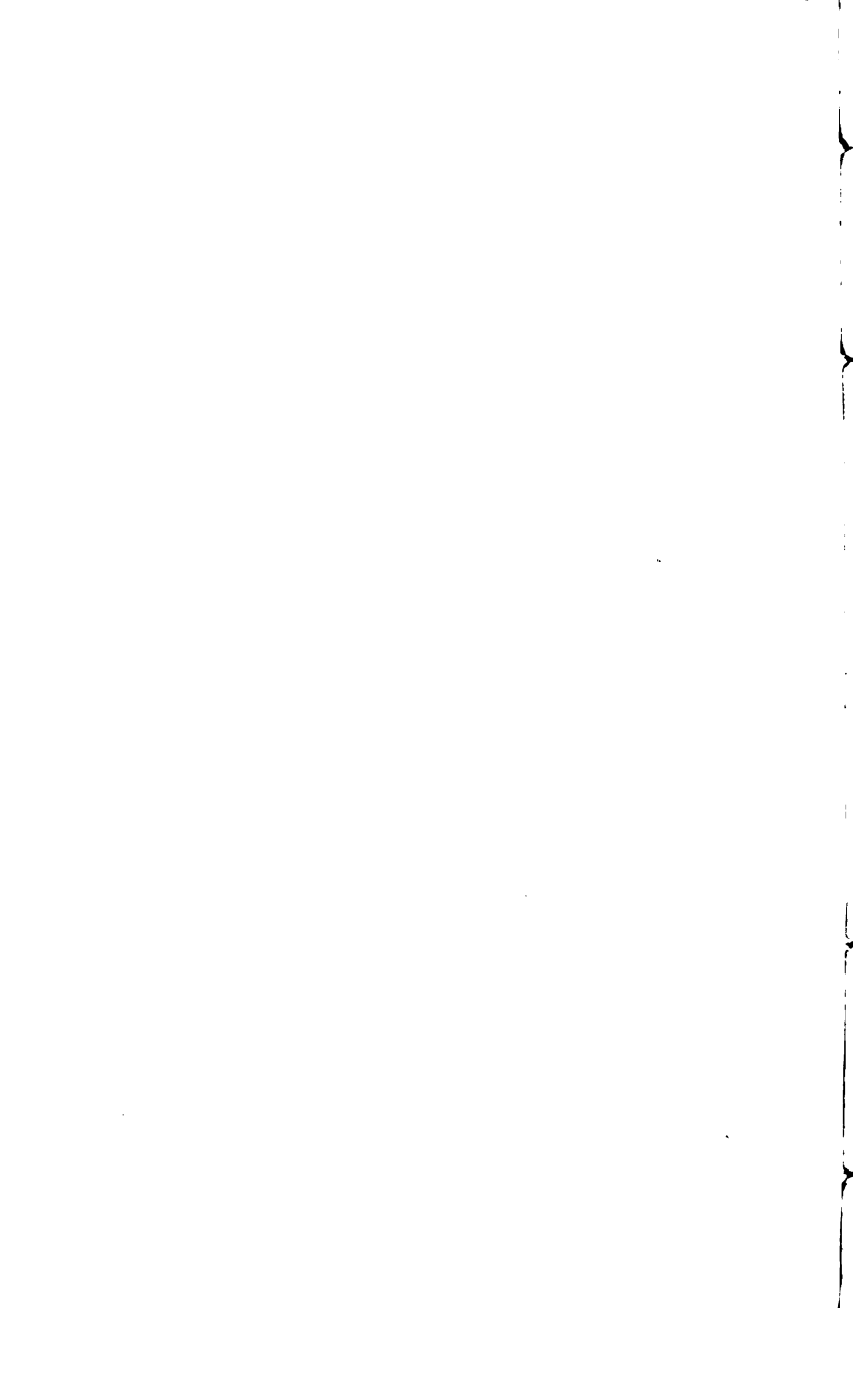
A fome negra

Mas, um homem de barbas ruivas, tisonado e velho, trepou pelo monte de pedras e estendeu as mãos :

— Ha de chegar o dia, o grande dia!

E rebentou como um doido, aos soluços, diante dos companheiros atonitos.





Somno calmo

Os delegados de policia são quando querem uns homens amaveis. Esses cavalheiros chegam mesmo, ao cabo de certo tempo, a conhecer um pouco da sua profissão e um pouco do tragico horror que a miseria tece na sombra da noite por essa misteriosa cidade. Um delegado, outro dia, conversando dos aspectos sordidos do Rio, teve a amabilidade de dizer :

— Quer vir comigo visitar esses circulos infernaes?

Não sei si o delegado quiz dar-me apenas a nota mundana de visitar a miseria, ou si realmente, como Virgilio, o seu desejo era guiar-me através de uns tantos circulos de pavor, que fossem outros tantos ensinamentos. Lembrei-me que Oscar Wilde tambem visitara as hospedarias de má fama e que

Somno calmo

Jean Lorrain se fazia passar aos olhos dos ingenuos como tendo acompanhado os grão-duques russos nas peregrinações perigosas que Goron guiava.

Era tudo quanto ha de mais literario e de mais batido. Nas peças francezas ha dez annos já aparece o jornalista que conduz a gente chic aos logares macabros; em Pariz, os reporters do « Journal » andam acompanhados de um *apache* authenticico. Eu repetia apenas um gesto que era quasi uma lei. Aceitei.

A' hora da noite quando cheguei á delegacia, a autoridade ordenára uma caça aos « pivettes », pobres garotos sem tecto, e preparava-se para a excursão com dois amigos, um bacharel e um adido de legação, tagarela e ingenuo.

O bacharel estava comovido. O adido assegurava que a miseria só na Europa — porque a miseria é proporcional á civilisação. Ambos de casaca davam ao réles interior do posto um aspecto estranho. O delegado sorria, preparando com o interesse de um « maître hôtel » o cardapio das nossas sensações.

Afinal ergueu a bengala.

— Em marcha!

Descemos todos, acompanhados de um cabo de policia e de dois agentes secretos — um dos quaes zanaga, com o rosto grosso de calabrez. E' perigoso entrar só nos covis horrendos, nos tragicos asylos da miseria. Iamos caminhando pela rua da Misericordia, hesitantes ainda diante das lanternas com vidros vermelhos. A's esquinas, grupos de vagabundos e desordeiros desapareciam ao nosso apontar e, afundando o olhar pelos becos,

estreitos em que a rua parece vasar a sua imundicie, por aquella rede de becos, viamos outras lanternas em fórma de foice, alumando portas equivocas. Havia casas de um pavimento só, de dois, de tres, negras, fechadas, hermeticamente fechadas, pegadas uma á outra, fronteiras, confundindo a luz das lanternas e a sombra dos balcões. Os nossos passos resoavam num desencontro nos lagedos quebrados. A rua, mal iluminada, tinha candieiros quebrados, sem a capa *Auer*, de modo que a brancura de uns fócios envermelhecia mais a chama pisca dos outros. Os predios antigos pareciam ampararem-se mutuamente, com as fachadas esborcinadas, arrebetadas algumas. De repente uma porta abria, tragando, num som cavo, algum retardatario.

Trechos inteiros da calçada, imersos na escuridão, encobriam cafagestes de bombacha branca, gingando, e constantemente o monotono apito do guarda noturno trilava, corria como um arrepio na arteria do susto, para logo outro responder mais longe e mais longe ainda outro ecoar o seu aspero trilo. No alto, o céu misericordiosamente estrelado e uma doce tranquilidade parecia es-correr do infinito.

— Ha muitos desses covis espalhados pela cidade? indagou o advogado, abotoando o mac-farlane.

— Em todas as zonas, meu caro.

— Em cinco noites, visitando-os depressa, informou o agente, v. s. não dá cabo d'elles. E' por aqui, pela Gambôa, nas ruas centraes, nos bairros

Somno calmo

pobres. Só na Cidade Nova, que quantidade! Isso não contando com as casas particulares, em que moram vinte e mais pessoas, e não querendo falar das hospedarias só de gatunos, os « zungas ».

— « Zungas »? fez o adido de legação, curioso.

— As hospedarias baratas têm esse nome... Dorme-se até por cem réis. Saiba v. s. que a vidinha dava para uma historia.

Mas debaixo de uma das feices de luz, o delegado parára. Estacámos tambem.

O soldado bateu á porta com a mão espalmada. Houve um longo silencio. O soldado tornou a bater. De dentro então uma voz somnolenta indagou :

— Quem é?

— Abra! E' a policia! Abra!

O silencio continuou. Nervoso, o delegado atirou a bengala á porta.

— Abrajá! E' o dr. delegado! Abrajá!

A porta abriu-se. Barafustámos na meia luz de um corredor com areia no soalho. O homem que viera abrir, corpulento, de camisa de meia, esfregou os olhos, deu força ao bico de gaz, encostou-se á mesa forrada de jornaes, onde se alinhavam castiçaes.

— E' o proprietario? indagou e delegado.

— Saiba v. s. que não. Sou o encarregado.

— Muita gente?

— Não ha mais logares.

— Deixe ver o livro.

O livro é uma formalidade comica. A autoridade virou-lhe as paginas, rapido, enquanto os secretas descanzavam as bengalas. O máo cheiro era intenso.

— Mostre-nos isso! fez a autoridade, minutos depois.

— Não ha accusação contra a casa, ha sr. doutor?

— Não sei, ande.

O encarregado, tremulo, seguiu á frente. erguendo o castiçal. Abriu uma porta de ferro, fechou-a de novo, após a nossa passagem. E começámos a ver o rez-do-chão, salas com camas enfileiradas como nos quartéis, tarimbas com lençoes encardidos, em que dormiam de beijo aberto, babando, marinheiros, soldados, trabalhadores de face barbuda. Uns cobriam-se até ao pescoço. Outros espaçavam-se completamente nús.

A mando da autoridade superior, os agentes chegavam a véla bem perto das caras, passavam a luz por baixo das camas, sacudiam os homens do pesado dormir. Não havia surpresa. Os pobres entes acordavam e respondiam, quasi a roncar outra vez, a razão por que estavam ali, lamentavelmente. O bacharel estava varado, o adido tinha um ar desprendido. Não tivesse elle visitado a miseria de Londres e principalmente a de Paris! O delegado, entretanto, gosava aquelle espectáculo.

— Subamos! murmurou.

Trepámos todos por uma escada ingreme. O máo cheiro augmentava. Parecia que o ar rareava, e, parando um instante, ouvimos a respiração de todo aquelle mundo como o afastado resfolegar de uma grande machina. Era a seção dos quartos reservados e a sala das esteiras. Os quartos estreitos, asphixiantes, com camas largas antigas e lençoes

Somno calmo

por onde corriam percevejos. A respiração tornava-se difficil.

Quando as camas rangiam muito e custavam a abrir, o agente mais forte empurrava a porta, e, á luz da véla, encontravamos quatro e cinco creaturas, emborcadas, suando, de lingua de fóra; homens furiosos, combrindo com o lençol a nudez, mulheres tapando o rosto, marinheiros « que haviam perdido o bote », um mundo vario e sombrio, gargolejando desculpas, com a garganta seca. Alguns desses quartos, as dormidas de luxo, tinham entrada pela sala das esteiras, em que se dorme por oitocentos réis, e essas quatro paredes impressionavam como um pesadelo.

Completamente núa, a sala podia conter trinta pessoas, á vontade, e tinha pelo menos oitenta nas velhas esteiras atiradas ao soalho.

O freguezes dormiam todos — uns de barriga para o ar, outros de costas, com o labio no chão negro, outros de lado, recurvados como arcos de pipa. Estavam alguns vestidos. A maioria, inteiramente nua, fizera dos andrajos travesseiros. Erguendo a vela, o encarregado explicava que ali o pessoal estava muito bem, e no palor de toda luz que elle erguia, eu via pés disformes, mãos de dedos recurvos, troncos suarentos, cabeças numa estranha lassidão — uma galeria tragica de cabeças embrutecidas, congestas, bufando, de boca aberta... De vez em quando um braço erguia-se no espaço, tombava; faces, em que mais de perto o raio de luz batia, tinham tremores subitos — e todos roncavam, afogados em somno.

Um dos agentes sacudiu um rapazola.

— Hein? Já quatro horas? fez o rapaz acordando.

— Que faz aqui?

— Espero a hora do bote para a ilha. Sou carvoeiro, sim senhor... Ai! minha mãe! Vão levar-me preso!

Subitamente, porém, apalpou as algibeiras, olhou-nos ansioso. Tinha sido roubado! Houve um reboliço. Como por encanto, homens, havia ainda minutos, a dormir profundamente, acordavam-se. O sr. delegado, alteando a voz, deu ordem para não deixar sahir ninguem sem ser revistado. O encarregado, com perdão do sr. delegado e das outras senhorias, descompunha o pequeno.

— Trouxe dinheiro, maricas? Já não lhe tenho dito que m'o entregue? E'lá possivel ter confiança nesta sucia. E a minha casa agora, e eu? Besta de uma figa, que não sei onde estou...

Os agentes faziam levantar a canalha, arreliada como incidente, e na luz vaga os perfis patibulâres emergiam com gestos cinicos de espreguiçamento.

Tanto o bacharel como o adido mostravam na face um leve susto. O delegado contemplava-os.

— Que lhes dizia eu? Uma sensação, meus caros, admiravel. Subamos ao ultimo andar!

Havia com efeito mais um andar, mas quasi não se podia lá chegar, estando a escada cheia de corpos, gente enfiada em trapos, que se estirava nos degrãos, gente que se agarrava aos balaustres do corrimão — mulheres receiosas da promiscuidade, de saias enrodilhadas. Os agentes abriam

Somno calmo

caminho, acordando a canalha com a ponta dos cacetes. Eu tapava o nariz. A atmosphera sufocava. Mais um pavimento e arrebrandariamos. Parecia que todas as respirações subiam, envenenando as escadas, e o cheiro, o fedôr, um fedôr fulminante, impregava-se nas nossas proprias mãos, despredia-se das paredes, do assoalho carcomido, do tecto, dos corpos sem limpeza. Em cima, então, era a vertigem. A sala estava cheia. Já não havia divisões, tabiques, não se podia andar sem esmagar um corpo vivo. A metade d'aquelle gado humano trabalhava; rebentava nas descargas dos vapores, enchendo paiões de carvão, carregando fardos. Mais huma hora e acordaria para esperar no cáes os batelões que a levassem ao ceppo do labor, em que empedra o cerebro e rebenta os musculos.

Grande parte desses pobres entes fôra atirada ali, no esconderijo d'aquelle covil, pela falta de fortuna. Para se livrar da policia, dormiam sem ar, sufocados, na mais repugnante promiscuidade. E eu, o adido, o bacharel, o delegado amavel estavamos a gosar dessa gente o doloroso espectáculo!

— Não se emocione, disse o delegado. Ha por aqui, gatunos, assassinos, e coisas ainda mais nojentas.

Desci. Doiam-me as temporas. Era impossivel o cheiro de todo aquelle entulho humano. O adido precipitou-se tambem e os outros o seguiram. Em baixo, a vistoria aos freguezes não dera resultado. O encarregado ainda gritava e o cabo

Somno calmo

estava nervoso, já tendo dado alguns murros. O dr. delegado teve uma ultima idéa — a visão de uma scena ainda mais cruel.

— Vamos ver os fundos !

Foi ahi então que vimos o sofrer inconsciente e o ultimo gráo da miseria. O hospedeiro torpe dizia que por ali dormiam alguns de favor, mas pelo corredor estreito, em de redor da sentina, no trecho do quintal, cheio de trapos e de lama, nas lages, os mendigos, faces escaveiradas e sujas, acordavam num clamor erguendo as mãos para o ar. E de tal fórma a tréva se ligava a esses espectros da vida que o quadro parecia formar um todo homogéneo e irreal.

— Tudo gratis aos desgraçadinhos, sibilava o homem musculoso.

Curvei-me, perto da latrina. Era uma velha embiocada num capuz preto.

— Quanto pagou v., minha velha?

— O que tinha, filho, o que tinha, dois tostões..

Dei-lhe qualquer coisa, e mais intima, esticando o pescoço, ella indagou, tremula :

— Porque será tudo isso ? Vão levar-nos presos ?

Mas já o delegado sahira com os seus convidados. A' porta o encarregado esperava. Sahi. A escuridão afogava os predios, encapuchava os combustores, alongava a rua. Não se sabia onde acabara o pesadelo, onde começara a realidade.

— Basta, dizia o adido, basta. Já tenho uma dóse suficiente.

Somno calmo

— Também é tudo a mesma coisa. E' ver uma, é ver todas.

— E quem diria? concluiu o bacharel, até então mudo.

Neste momento ouviu-se o grito de pega! Um garoto corria. O cabo precipitou-se.

Já outros dous soldados vinham em disparada, Era a caçada aos garotos, a « canôa ». A « canôa » vinha perto. Tinham pegado uns vinte vagabundos, e pela calçada, presos, seguidos de soldados, via-se, como uma serpente macabra, desenrolar-se a serie de miseraveis tremulos de pavor.

— Canalhas! bradou o dr. delegado. E ainda se queixam que eu os mande prender para dormir na estação!

— Nós devíamos ter asilos, instruiu o adido.

— E' verdade, os asilos, a higiene, a limpeza. Tudo isso é muito bonito. Havemos de ter. Por emquanto Nosso Senhor, lá em cima, que olhe por elles!

As suas mãos, machinalmente esticaram-se, e os nossos olhos, acompanhando aquelle gesto elegante de scepticismo mundano, deram no céo, recamado d'oiro. Todas as estrellas palpitavam, por cima da casaria estendia-se uma poeira d'oiro. Naquella chaga incuravel, chaga lamentavel da cidade, a luz gotejava do infinito como um balsamo.



As mulheres mendigas

A mendicidade é a exploração mais regular, mais tranquila desta cidade. Pedir, exclusivamente pedir, sem ambição aparente e sem vergonha, assim á beira da estrada da vida, parece o mais rendoso officio de quantos tenham apparecido; e a propria miseria, no que ella tem de doloroso e de pungente, sofre com essa exploração.

E' preciso estudar a sociedade complicada e diversa dos que pedem esmola, adivinhar até onde vai a verdade e até onde chega a malandrice, para comprehender como a policia descursa o agasalho da invalidez e a toleima incauta dos que dão esmolas.

Entre os homens mendigos ha irmãos da opa, agentes de depravação viciados, profissionaes de doenças falsas, mascarando um formidavel scena-

As mulheres mendigas

rio de dores e de aniquilamento. Só depois de um longo convívio é que se pôde assistir á iniciação na maçonaria dos miseráveis, os estudos de extorção pelo rogo, toda a tática lenta do pedido em nome de Deus que, ás vezes, acaba em pancada. Os homens exploradores não têm brio. As mulheres, só quando são realmente desgraçadas é que não mentem e não fantasiam. São, entretanto, as mais incríveis.

Foi Pietro Mazzoli, um mendigo cynico, que pára sempre no largo do Capim, quem me apontou o meio diverso da mendicidade das mulheres. Pietro é baixo, reforçado, corado. Puxa sempre a suíça potente, com o minúsculo chapéosinho posto ao lado, sobre a juba enorme e cheia de lendeas. E' mendigo por desfastio e comodidade. Soldado, fugiu do serviço militar como creado de bordo. Em Buenos Ayres fez-se inculcador de casas suspeitas, porteiro do mesmo genero, *casten*, baritono de café cantante, preso. No Rio, sendo-lhe habitual a prisão, já foi cego, torto das pernas, aleijado de carrinho, corcunda, maneta, atacado do mal de S. Guido. E'o Frégoli da miseria. Antes de se estabelecer mendigo, andou pelo Estado do Rio fazendo dansar um urso que era um companheiro de malandragens. Essa pilheria do urso nada authentico valcu-lhe uma sóva e tres annos de prisão. Homem de tal jaez conhece todos os trucs; a falsa miseria e a verdadeira, a exploração e a dor sentida. E' elle quem n'os inicia.

Ha mendigas burguezas, mendigas mãis de familia, alugadas, dirigidas por *castens*, cégas que

As mulheres mendigas

vêem admiravelmente bem, chaguentas lépidas, cartomantes ambulantes, vagabundas, e uma serie de mulheres perdidas cuja estrela escureceu na mais afflictiva desgraça.

Nos pontos dos bonds, pelas ruas, guiadas sempre por crianças de faces inexpressivas, vemos tristes creaturas com as mãos estendidas, mastigando desejos para a nossa salvação, com a ajuda de Deus.

Ha a Antonia Maria, a Zulmira, a viuva Justina, a D. Ambrosina, a excelente e anafada tia Josepha; umas magras, amparadas aos bordões, chorando humildades; outras gordas, movendo a mole do corpo com tremidinhos de creme. A's portas das igrejas param, indagam quem entra, a ver si a missa é de gente rica; postam-se nas escadarias, agachadas, psalmodiando funerariamente, olhando com rancor os mendigos, — negros roídos de alcoolismo, velhos a tremer de syphilis. A lista dessas senhoras é interminavel, e ha entre ellas, negocios á parte, uma interessante sociabilidade. Cada uma tem o seu bairro a explorar, a sua igreja, o seu ponto livre de incomodos imprevistos. Quando aparece alguma neophita, olham-na furiosas e martirisam-na como nas escolas aos estudantes calouros.

Têm, naturalmente, uma vida regrada a chronometro suiso, creaturas tão convencidas do seu officio. Sahem de casa ás 6 da manhã, ouvem missa devotamente porque acreditam em Deus e usam ao peito medalhinhas de santos.

Depois, postam-se á porta até que a ultima missa

As mulheres mendigas

tenha dado a receita sufficiente ás varias dependencias do templo, vão almoçar e começam a peregrinação pelos bondes, de porta em porta, até á hora de jantar. Uma, a Izabel Ferreira, cabocla esguia e má, pede á noite e confessa que isso dá uma nota mais lugubre, mais emocionante ao pedido.

Ao passar por essa gente sentem todos o fraco egoismo da bondade e, cinco ou seis dias depois de as conversar, percebe-se que esmolar é apenas uma profissão menos fatigante que coser ou lavar — e sem responsabilidades, na sombra, na pangeda. A maior parte dessas senhoras não soffre molestia alguma; sustenta a casa arrumadinha, canja aos domingos, fatiotas novas para os grandes dias. São, ou dizem-se, quasi sempre viúvas.

Algumas, embrulhadas em chales pretos, acompanhadas de dois ou tres petizes, as mais das vezes alugados — como uma certa mulher côm de cera, chamada Rosa — percorrem os estabelecimentos, commerciaes, os logares de agitação; sóbem ás redações dos jornaes, forçando a esmola, agarrando, implorando. A D. Rosa, para dizer o seu nome e a inaudita felicidade da vida numa rede de mentiras, arrancou-me cinco mil réis, com precipitação, arte e dextreza taes que, quando dei por mim, já ia longe com os petizes e a nota.

Não ha uma só cuja colecta diaria seja menor de dez mil réis, e cada qual pede a seu modo, invadindo até as sacristias das igrejas. A Francisca Soares, da igreja de S. Francisco, envolta em uma mantilha de velho merinó, começa sempre lou-

As mulheres mendigas

vando os irmãos bemfeitores pintados pelo sr. Petit.

Que retratos! Estão tal qual, certinhos! Depois, pergunta-nos si não temos *coupons* de volta dos bondes, arrisca-se a implorar o tostão em troca do *coupon* e, quando vê a moeda, fala mais do sr. Petit e acha pouco. Outras, dotadas de grande vocação dramatica, sussurram, com a face decomposta, a angustia de um irmão morto em casa, sem dinheiro para o caixão. O resto, sem inventiva, macaqueia o multiformismo da invalidez, rezando.

A esmola, apesar da crise economica que os jornaes proclamam, subiu. Não ha quem dê moeda de cobre a um mendigo sem o temor de degostal-o ou de levar uma descompostura cheia de pragas, que nessas bocas repuxadas causam uma dolorosa impressão de dor e de confrangimento.

Logo de manhã, quando nas torres os sinos tangerem, a tropa sóbe para a igreja.

— Bom dia, D. Guilhermina.

— Bom dia D. Antonia. Como vai dos seus incomodos?

— O rheumatismo não me deixa. E' desta lage fria.

— Que se ha de fazer? E' a vontade de Deus. Então, hoje, missas boas?

— Li no jornal : ás nove e meia a do general... Mas, não contemos. Os ricaços estão cada vez mais sovinas.

Aconchegam-se, tomam posição e, pouco depois, os nickeis começam a cair e as vozes de dentro dos chales a sussurrar :

As mulheres mendigas

— Deus vos acompanhe ! Deus lhe pague !
Deus lhe dê um bom fim !

Ha até certos logares rendosos que são vendidos como as cadeiras de engraxate e os *fauteuils* de theatro.

As mendigas alugadas são em geral raparigas com disposições lamurientas, velhas cabulosas aproveitadas pelos agentes da falsa mendicidade, com ordenado fixo e porcentagem sobre a receita. Encontrei duas moças — uma de Minas, outra da Bahia — Albertina e Josepha, e um bando de velhas nesse emprego. As raparigas são uma especie de pupillas da sra. Genoveva que móra na Gambôa. Josepha, picada de bexigas, só espera o meio de se vêr fóra do jugo; Albertina, tísica, tossindo e escarrando, apresenta um atestado que a da por mãe de tres filhos.

O atestado é, de resto, um dos meios de embaçamento publico.

Certo *casten*, morador nos suburbios, chamado Alfredo, tem por sua conta um par de raparigas — a Jovita italiana, e a parda Maria. A Jovita foi, a principio, creada; fugiu com um rapaz, abandonou-o e cahiu na exploração da mendicidade com o sr. Alfredo. Maria é a historia de Jovita, um pouco mais escurecida. Ambas têm atestado em bella letra, dizendo as desgraças que lhes vão por casa e o cadaver á espera do caixão.

Como Jovita é bonita, os subscriptores são tão numerosos que ella póde fazer, sem cuidado, alguns enterramentos por semana. A's 7 da noite, tomam as duas o trem na Central e quando se sen-

As mulheres mendigas

tem seguidas, saltam em estações diferentes, metem-se nos bondes — tudo isso muito alegres e defendendo o sr. Alfredo com grande dedicação.

O genero é relativamente agradável, á vista dos outros — o das vagabundas ladras e das pithonisas ambulantes, grupo de que são figuras principaes as sras. Concha e Natividad, hespanholas, e a sra. Eulalia — cigana exotica. A sra. Concha, por exemplo, é kleptomana, e, dessa tara lhe vem a profissão — da tara e da ineptia policial. Quando *cocotte*, Concha teve amantes ricos e roubava-lhes o relógio, os lenços, os alfinetes, por diversão.

Foi presa por um inglez sisudo, e partiu para Lisbôa onde repetiu a scena tantas vezes que aos poucos se viu na necessidade de voltar ao Brasil como creada. Roubou de novo, foi outra vez presa e resolveu ser cartomante andarilha, ler a *buena-dicha* pelos bairros pobres, pelas estalagens, só para roubar. E' gordinha, anda arrimada a um cacete, fingindo ter ulceras nas pernas. Aproxima-se, pede a esmola como quem pergunta si as cousas vão mal.

— Deus a favoreça!

— Você tem cara de ser feliz! Vamos ver a *suerte del barajo*.

E tira do seio um maço de cartas. Quem, nestas épocas de dispersivas crenças, deixará de saber da propria sorte? Mandam-na entrar e ella conta historias ás familias emquanto empalma objectos e alguns nickeis agradecidos.

Natividad e Eulalia seguem o mesmo processo,

As mulheres mendigas

mas Eulalia, aduncamente cigana, lê nas mãos deformadas e calosas dos trabalhadores, emquanto as suas apalpa os bolsos do cliente.

Do fundo desse emaranhamento de vicio, de malandragem, de gatunice, as mulheres realmente miseraveis são em muito maior numero do que se pensa, creaturas que rolaram por todas as infamias e já não sentem, já não pensam, despidas da graça e do pudor. Para estas basta um pão enlameado e um nickel; basta um copo de alcool para as ver taramelar, recordando a existencia passada.

Vivem nas praças, no Campo da Aclamação; dormem nos morros, nos suburbios, passam á beira dos kiosques, na Saúde, em S. Diogo, nos grandes centros de multidões baixas, apanhando as migalhas dos pobres e olhando com avidez o café das companheiras. Eu encheria tiras de papel sem conta, só com o nome dessas desgraçadas a quem ninguem pergunta o nome, senão nas estações, entre cachações de soldados e a *pose* pantafaçada dos inspectores; e seria um livro horrendo, aquelle que contasse com a simples verdade todas as vidas anonyms desses phantasticos seres de agonia e de miseria! Andam por ahi ulceradas, sujas, desgrenhadas, com as faces entumecidas e as bocas arrebetadas pelos socos, corridas a varadas dos kiosques, vaiadas pela garotada. Nas noites de chuva, sob os açoites da ventania, aconchegam-se pelos portaes, metem-se pelos socavões, tiritando... A's vezes, para cumulo de desgraça, aparecem gravidas, sem saber como, á mercê da horda de vagabundos que as viola,

que as tortura, que as bate, sem lhes conceder ao menos a piedade do nojo; e os filhos morrem, desaparecem, levados na tristura do seu soluçante existir, estrangulados, talvez, nos inumeros recantos que a milicia do nosso duplo policiamento ignora.

Acompanhado do cynico Mazzoli, ouvi-lhes as confissões inauditas. Pela noite alta, iam os dois para o largo da Sé, para as beiradas da Santa Casa, e, diante de nós, esses semblantes alanhados de sofrimento, os olhos em pranto, como um bando de espectros, desvendaram-nos os paroxismos da vida antiga.

Eram amorosas exploradas, ardendo ainda em raiva passional, eram victimas do castigo sentindo no labio o freio de lenocinio, eram *cocottes* do *chic*, escalavradas de siphilis, na dor do luxo passado, e velhas, velhas sem pecado, que a miseria, a ingratição e a misteriosa fatalidade desfaziam nos mais amargurados transes. Nunca os descahellados românticos imaginaram tão torvos quadros.

Já quando se lhes pergunta o nome com bondade, a surpresa estala em choro.

— Chamo-me Zoarda. Sou cubana. Vim para o Rio com um pelotari. Ao chegar aqui, outro conquistou-me. Fui explorada por ambos. Eram bonitos, eram fortes! Adoeci; elles tomaram outra. Quando sahi do hospital só pensava em mata-la!

— A quem?

— A ella, a outra. Fui, entretanto, presa e novamente segui para a Gambôa, onde cheguei a

As mulheres mendigas

ser enfermeira. Quando de lá sahi, roida pela molestia, estava este trapo á espera do *Zé-Maria*.

— O *Zé-Maria* ?

— Sim, da morte !

Zoarda vive a fingir que tem barriga d'agua.

— Josephina Veral, sim, senhor. Vim como criada. Um homem raptou-me ; vivi com elle seis annos. Entreguei-me á prostituição explorada por dois malandros. Roubavam-me, a molestia acabou a obra... Não posso trabalhar.

E de dentro de sua negra boca sahem descrições satanicas da vida que a inutilisara.

— Emma Rosnick, nascida em Buda Pest em 1874. Fui enjeitada num corredor. Os moradores levaram-me á policia que cuidou de mim. Aos 18 annos casei com Rosnick, um debochado. Uma vez atirou-me aos braços de um amigo, a quem matou depois por questões de jogo ; vim para o Brasil... Oh ! os exploradores ! Estou neste estado.

Esta mulher de trinta annos parece ter sessenta.

E outras e outras, floristas ainda moças, velhas que tiveram lar, mulheres passionaes ou victimas do amor, como nas prosas byroneanas de 1830, como nos dramalhões do Recreio, um mundo de soluços, que, mesmo visto, ao nosso scepticismo parece falso.

Certa noite, no largo da Sé, encontrámos junto ao kiosque, cheia de latas velhas e coberta de andrajos, uma cara de velha boneca aureolada de farilpas louras. A cara sinistra falava francez.

— Dá-me uma cigarreta, fez com o seu me-

As mulheres mendigas

lhor sorriso, Turco? *Il a longtemps!*... Oh! Oh! fuma gianaclis?

Arredou as latas, puxou a traparia e os sacos com o ar de mimica Daynès Grassot.

— Afaste o mendigo, disse baixo, e para a so-leira suja : *Asseyez-vous. Vous êtes journaliste?*

Eu vinha encontrar á espera dos restos de pão uma das estrellas mundanas do Alcazar; eu estava falando com Françoise d'Albigny ; á Fran, a levada Fran, que tivera carros e agora descorria, com um arzinho postiço, da Suzane Castera, de um deputado do norte que ainda hoje figura na Camara, de um conhecido jornalista seu amigo!

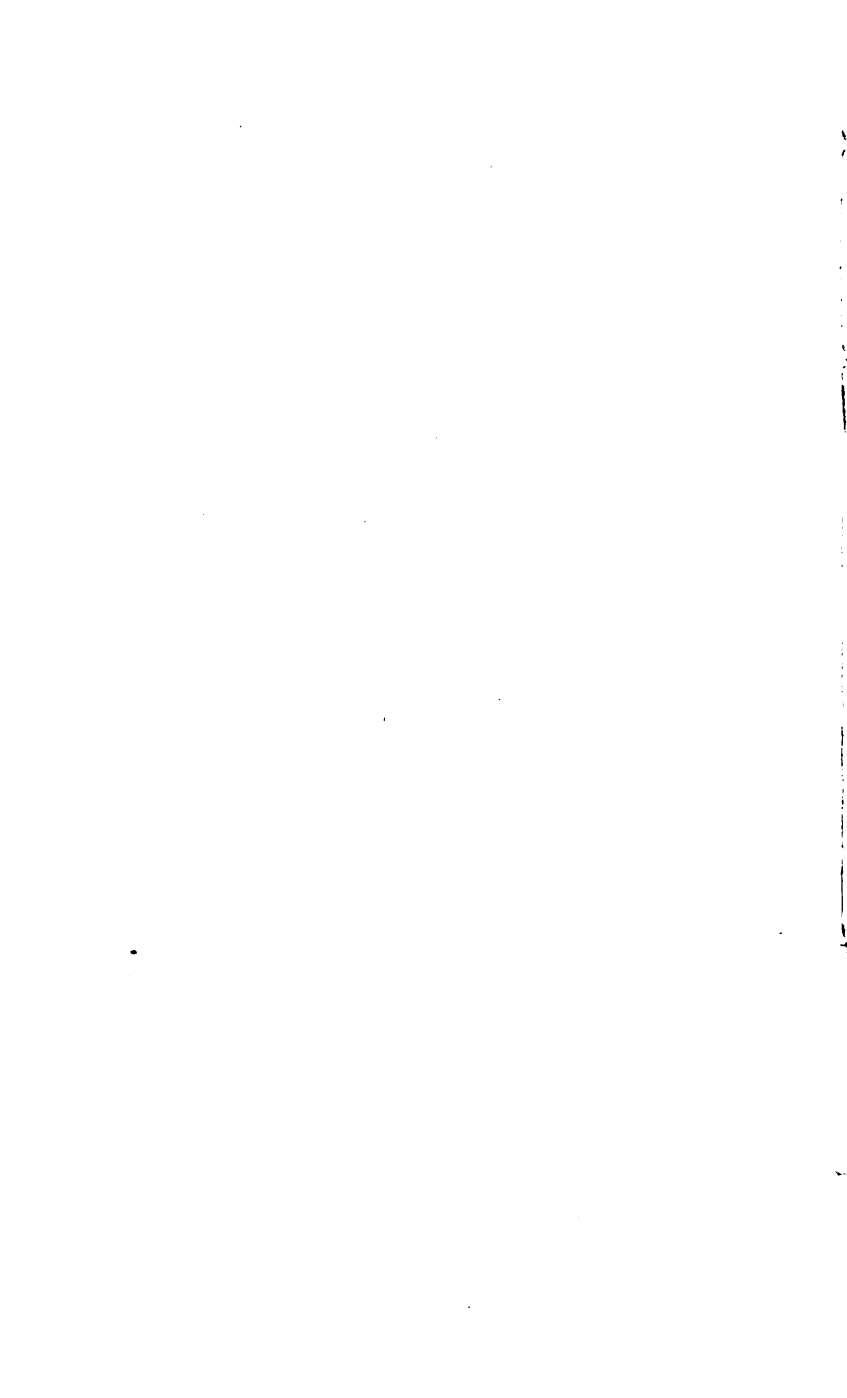
— Desgraças, *mon petit!* Tenho 65 annos. Casei, sabes, uma loucura! Casei com Maconi, que me poz neste estado!

Representando logo, o pobre trapo da luxuria elegante, bateu-me a caixa de cigarretas e dinheiro, que com um sorriso atroz dizia ser para *bonbons*.

Eram dez horas da noite. O dono do kiosque fechava as persianas, apagando os bicos de gaz. E, vendo-a naquelle goso, na pantomima do prazer, berrou, de longe :

— Eh! lá, lambisgoia velha, si não te apressas não levas o pão!





Os que começam...

Não ha de certo exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantominam a miseria para lucro proprio. As crianças são lançadas no officio torpe pelos pais, por creaturas indignas, e crescem com o vicio adaptando a curvelinea e acovardada alma da mendicidade malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que ha adolescentes de dezoito annos e pirralhos de tres, garotos amarellos de um lustro de idade e moçoilas puberes sujeitas a todas as passividades. Essa criançaada parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Ha no Rio um numero consideravel de pobresinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, pa-

Os que começam...

ralíticos, amputados, escrophulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de familias necessitadas, simples vagabundos á espera de complacencias escabrosas, um mundo vario, o olhar de crime, o broto das arvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exercito de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade á cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a principio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma sucia de criminosos que a policia não persegue.

A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os delegados de policia e acompanha o movimento da politica indigena oposicionista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.

A perda que os tornou invalidos é uma especie de felicidade, a indolencia e o sustento garantidos.

A' beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de lêr os jornaes. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentavel vão para outros, e ha entre elles relações, morphéas que se ligam ás ulceras, olhos em pús que olham com ternura companheiros sem braços, e todos guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova com a saudade da vida passada.

Fui encontrar na ponte das barcas Ferry alguns de volta de Nitheroy. Vinham alegres, batendo com

as muletas, a sacolejar os fartos sacos, na tarde algida. Só nessa tarde interroguei seis : Francisco, antigo peralta da Saúde; Antonio, joven de dezoito annos, que, graças á falta de uma perna, não trabalha desde os doze; Pedro, pardinho crispinhento, que ri como um suino e é o curador de uma senhora idosa; João Justino, sem um braço, e os dous pequenos Felismino e Aurelio. Voltavam de mendigar.

Francisco é atroz. Miope, com a cara cheia de sulcos, a boca enorme e sem dentes, fuma cigarros empapados de saliva e tagarela sem descontinuar.

— Qual! Nitheroy não dá nada. A's vezes tenho que pedir dinheiro emprestado para voltar. O xará não permite porém mendigo sem realejo. Eu sou fino. Vou para outro logar.

— Quantas vezes estiveste na cadeia?

— Eu? não senhor! nunca! E' verdade que uma vez fui preso por um inspector viciado... Mas não estava fazendo nada. Tambem não me incomódo. Vou, torno a sahir. E, sem transição : Não imagina as vezes que tenho sido pegado. O Dr. Paula Pessoa, quando era delegado, já dizia : para que pegar essas inutilidades? E eu só esperando. Olhe — morrer de fome é que eu não morro.

— Então já estiveste preso?

— Quantas vezes! E' preferivel a cadeia ao tal Asilo. Antonio é outro genero, o genero dulçuroso, cheio de humildades assucaradas. Repete logo como uma nota policial o esmagamento da perna. Foi a 11 de novembro de 1897, na esquina da rua

Os que começam...

da Uruguayana. Cahiú ás 2 e 20 da tarde, quando passava o bond chapa tanto.

E diz essas coisas vagamente magoado como si chorasse sem sentir. Mas mente, inventa nomes, faz-me jurar que não lhe farei mal, entrega se á minha proteção, de que depende a sua vida, com uma detestavel e beata hipocrisia. Era ajudante de pedreiro. Após o desastre mandaram-n'o esmolar no Passeio Publico. O pai é trabalhador, ganha quatro mil e quihentos, tem oito filhos e a mulher doente.

Elle ajuda com o dinheiro das esmolas. E' um dos casos de transformação de character, de inversão moral. Adolescente, forte, musculoso, a permanencia na mendicidade deu-lhe á voz melopéas suspirosas e um recheio de votos pela sorte alheia. Não fala um segundo sem pedir a Deus que nos ajude, sem agradecer em nome de Deus a nossa bondade.

— Ai! Nossa Senhora, juro por Deus que todo o desejo que tenho é trabalhar...

Simples « blague ». Dêem-lhe um emprego e regeitará, inutilisado pela vida de sargeta, de desbribo, de inconsciente sem-vergonhice a que o forçou o pai.

Esse bando, porém, é evidentemente defeituoso; ganha dinheiro, como si estivesse empregado para sustentar a familia. Ha o outro, o maior, o infundavel, que a policia parece ignorar, a exploração capaz de emocionar os delegados nos dramalhões, a industria da esmola infantil exercida por um grupo de matronas indignas e de homens crimi-

nosos, as criancinhas implumes, piolhentas e sujas, que sahem para a rua ás varadas, obrigadas ao sustento de casas inteiras; ha a exploração lenta, que ensina os pequenos a roubar e as meninas a se prostituirem; o castismo disfarçado, que espanca, maltrata e extorque. É um vasto tremedal a que a rhetorica sentimental nada adianta, cujo mal a segurança publica não quer remediar. Basta ter a simples curiosidade para mergulhar nesse kaleidoscopio infinito de scenas torturantes de uma mesma acção, basta parar a uma esquina e ouvir a narração dessas tragedias vulgares e de facil remedio.

A serie de meninas é enorme desde as cinicas de face terrosa ás ingenuas e lindas.

— Como se chama você?

— Elisinha, sim senhor.

É parda: tem nove annos.

Embrulhada nuns farrapos, a tremer com os beicinhos roxos e as mãos no ar, muito afflicta, parece que lhe vão bater. Mora na rua Frei Caneca.

Não vai para a casa, não póde ir. A madrinha bate-lhe, tem o corpo cheio de echimoses.

— Quando não arranjo bastante para a madrinha e as filhas, dão-me sovas!

Destes casos ha muitos com diversas modalidades. Jovita, por exemplo, pede esmola com uma bandeija dizendo que é missa pedida ou promessa feita. A mulher que a creou e a explora, a terrivel megéra Maria Trapo Velho, mora na rua São Diogo e dá-lhe conselhos de roubo.

— Ella diz que, quando encontrar roupas ou

Os que começam...

outros objectos, meta no sacco. Quando passo uma semana sem levar nada, põe-me de castigo, com os joelhos em cima do milho e sem comer.

Rosinha mora na rua Formosa. Sahe acompanhando uma senhora que finge de cega. A mãe é negra; ella é alva e todos ficam admirados!

Judith, com oito annos, moradora á rua da Lapa, andava com o pai pelo suburbio, tocando realejo. O pai fingia-se de cego e, como um cidadão descobrisse a patifaria, é ella só quem esmola, atacando as senhoras, pedindo algum dinheiro para a mãe moribunda. Laura e Amelia, filhas da senhora Josephina, têm um irmão que aprende o officio de carpinteiro, moram na rua da Providencia e passam o dia a arranjar dinheiro para a mãã mais o padrasto.

— E o padrasto, que faz?

— Dá pancada na gente quando não se anda direito.

Stella, mulatinha, vive com uma dama que se diz sua avó, na rua Senador Euzebio. A's vezes fica até ás dez horas da noite á porta da Central, esmolando. Nicota, moradora no Pedregulho, tem treze annos e uma perigosa viveza de olhar. A puberdade, a languidez dos membros rijos dão-lhe receitas grandes. E' mandada pelo padrasto, um portuguez chamado Jeronymo, que a industria. Explora a miseria no jardim de Eros, fazendo tudo quanto a não prejudica definitivamente, á porta dos quarteis, pelos bairros commerciaes, ao escurecer. Confessa que vai abandonar o Jeronymo pelo sargento Gomes, a quem ama. A lista não

Os que começam...

tem fim, é o mesmo facto com variantes secundarias.

Si nessas crianças encontramos o abismo da perdição a tragal-as, nos pequenos vemos um grande esboço de todos os crimes.

Em quatro dias interrogámos noventa e seis garotos, estrangeiros, negros, mulatos, uma sociedade movediça e dolorosa. Ha desde os pequenos que sustentam familias até os gatunos precoces que se deixam roubar na vermelinha á beira do caes, entre murros e cachações.

O primeiro a encontrarmos é o negrinho Felix, morador á rua do Costa, orphão, que vive na casa de uma familia. Como as coisas estão más, sabe de sacola, a esmolar e a roubar. Já esteve preso por apanhar varias amostras de uma loja, mas um moço da policia, que gosta de uma das meninas da casa, soltou-o.

— Que fazes hoje?

— Hoje tenho que roubar um queijo. Sinhasinha diz que não apareça sem um queijo...

Armando, petiz de dez annos, diz-se italiano por causa das duvidas. Pára no largo da Sé e, ingenuamente, conta que a familia não faz comida ha tres annos. E' elle que arranja tudo, fóra os cobres. José Vizuvi, tambem italiano, é filho do conhecido mendigo Vizuvi. Sahe da rua do Alcantara, onde mora ás 5 da manhã, á procura dos pães que os padeiros costumam deixar nas janellas e á porta de certas casas. Quando a janella é alta serve-se de um pão em fórmula de ferrão. O pai ensina-o a roubar. Dudú de Oliveira passa o dia no Mercado e nos

Os que começam...

bairros centraes. A mãe, fingindo-se de cega, esmola no largo do Machado. Elle leva recados suspeitos e propõe-se a misteres ignobeis.

João Silva, morador á rua Senador Pompeu, com treze annos, tambem serve para esses serviços pouco asseitados. A mãe, sem emprego, é espancada pelo amante que lhe arranca todo o dinheiro. Franzino, doloroso, esse pretinho na ancia da vida sustenta um *caften* réles. Todos esses nomes ignorados escondem dramas pungentes, scenas de horror, vidas perdidas.

A observação de tantos casos não me dava o typo do explorador, não me mostrava os peralvilhos que vivem á custa dos pobres, crianças, receiosas de me mostrar as casas onde são torturadas. Encontrei-o, porém, o typo ideal, o drama resumo de um estado social, a tragedia soluçante que cada vez mais se alastra.

Logo no começo da rua Uruguay ha uma mulher de cor branca, phisionomia torva, sempre embiocada em panos pretos. Chamam-n'a a Camelleão, alcunha que lhe ficou do peralta do filho. Esse ente repelente tem uma estalagem, um predio; é rica e pede esmola, provando ser viuva pobre. Quando encontra crianças, leva-as para a casa, um doloroso centro de lenocinio e velhacaria, a extorquil-as. Presentemente tem cinco peizes, todos menores de doze annos; tres meninos, Alfredo, Felipe, e Narciso, e duas meninas, Gertrudes e Magdalena. As criancinhas sahem pela manhã, voltam para almoçar, tornam a sahir e só voltam á noite, para o interrogatorio e a palmatoria.

Os que começam...

Um dos pequenos mostrou-me o ogre horrendo. Arrastava-se com uma voz pastosa e, quando me viu, tremula curvou-se.

— Pelo amor de Deus! uma esmola para os desgraçadinhos!

Os desgraçadinhos, na tarde chuvosa, pareciam transidos.

O vento fustigava-lhes as carnes semi-nuas e elles, agarrados uns aos outros, na fraternidade do sofrimento, sem pai, sem mãe, sem amparo, erguiam os olhos para o céu numa angustiosa supplica.



Onde às vezes

termina a rua

Crimes de amor

Ao entrar no seu gabinete, severamente mobiliado de canella escura, o capitão Meira Lima, disse :

— Meu caro amigo, tem você ampla liberdade. Póde ver, interrogar, examinar. Ha agora na Detenção quatrocentos e cincoenta e quatro detentos, dos quaes trezentos e noventa e cinco homens e cincoenta e nove mulheres. Antigamente, era maior o numero. Nós conseguimos que se não mantivessem aqui presos á disposição dos delegados sem processo. Mas, ainda assim, o exercito do crime está bem representado. Ha gatunos, desordeiros, incendiarios, defloradores, mulheres perdidas, victimas da sorte, criminosos por amor — toda uma flora estranha e curiosa. Estude você os crimes de amor. Lembra-se de um dramalhão

Crime de amor

do repertorio da Ismenia : *Aimée, ou o assassino por amor* ? Não é do seu tempo nem do meu, mas comoveu a geração passada e tem continuos exemplos nas penitenciarias...

— E nas literaturas.

— Pois vá ver esses criminosos. O assassino por amor é o unico delinquente que confessa o crime.

Alguns chegam mesmo a reviver detalhes insignificantes. Ao passo que os gatunos, os incendiarios e os homicidas vulgares, mesmo tendo a cumprir sentenças longas, negam sempre o crime ; essas victimas da paixão não se cançam de contar a sua historia, cada vez com maior numero de minucias e mais abundancia de memoria.

— Pois, vejamos as victimas do amor!

O capitão mandou chamar o chefe dos guardas, Antonio Barros, e sahimos para o pateo, onde os presos serventes mourejavam.

— Ha uns cinco casos notaveis, informava-me o guarda. Vamos entrar na primeira galeria.

A galeria é um enorme corredor, ladeado de cubiculos engradados. A má disposição de luz, com a claridade da frente e dos fundos e a claridade das prisões, dá a esse corredor uma perpetua atmospheria de meia sombra. Atravès dos muros brancos ouve-se o sussuro das conversas murmuradas. Barros aponta-me silenciosamente uma das jaulas. Aproximo-me, e do fundo vejo surgir um velho preto, magro, secco, com o olhar ardente e a cabeça branca. Pergunto receioso :

— Por que está aqui?

— Porque matei.

Nas prisões ha duas cousas revoltantes : o cinismo que nega e o que confessa como uma affronta. Aquella phrase breve tinha, porém, o cunho de uma dolorosa sinceridade.

— Eu sou do crime da Estrada Real, continuou o pobre negro, agarrando-se aos varões de ferro. Chamo-me Salvador Firmino, tenho sessenta e tres annos.

— E matou ?

— Porque *ella* quiz.

E de repente, como si a lembrança da scena o forçasse a se desculpar, a sua cabeça branca curvou-se, os seus olhos lampejaram :

— Quando eu encontrei Silveria, era casado e feliz. Abandonei a mulher, só para viver com ella. Silveria tinha dous filhos. Eduquei-os eu, dei-lhes o sustento, o ensino. Uma casa que consegui comprar logo passei para o seu nome, e de tudo eu me lembrava que a tornasse feliz. Silveria tinha quarenta annos e eu gostava della. Foi quando appareceu o outro. A mulher ficou com a cabeça virada, já não lhe bastava o meu carinho. Sahia só, para passear com elle, não se importava com o passado, não me falava. O desaforo chegou ao ponto do outro vir trazel-a até á porta de casa. A's vezes, eu os via de longe e entrava no mato para os não encontrar. Que dôr! Eu tinha tanto medo de acabar... Uma noite, ella sahiu, esteve na festa de Nossa Senhora e voltou acompanhada até á porta pelo outro. Eu bem que os vira, mas fingi não saber de nada quando entrei em casa.

Crime de amor

Silveria conversava com a vizinha e dizia : « Mas si eu já lhe disse que podia vir... » Não pude comer a sopa ; fui logo deitar-me. Do quarto via-se a sala, onde dormia o pequeno filho della, e não demorou muito tempo que a vizinha não collocasse na cama outro travesseiro. Eu estava olhando, á luz da lamparina. Deixei passar alguns minutos e disse : « O' Silveria, vem-te deitar. » Ella não respondeu. « Silveria, já disse que viesses dormir ! ». « Já vou. » De repente, os cães, no terreiro, começaram a ladrar. Era um alarido. Saltei da cama, agarrei o revólver. « Quem está ahí ? » Ella appareceu então : « Deita-te, não é nada. » « Qual ! Pois si os cães estão ladrando... E' alguém. » « Que vaes fazer ? » « Vêr ». « Não vás, Firmino não vás, não é nada ! » E agarrava-se ao meu braço. « Como não hei de ir ? Si fôr gatuno ? Talvez esteja a roubar a criação. » « Firmino, meu velho, não vás ! » Dei-lhe um empurrão, abri a tranca. Na noite, só a lua aclarava as moitas e os cães arfavam cansados. Voltei. Ella estava sentada, chorando. « Tu desconfias de mim ! » « Eu ? que falso ! » « Tu pensavas que era o Herculano ! » « Eu ? Nem pensava nisso ! » « Pensavas, sim ! E o melhor é acabar com isso. Vou-me embora ! » Ella estava á espera de um pretexto. Para que discussões ? Dei-te-me outra vez, sem poder dormir. Silveria continuava na sala, remexendo os moveis. Pela madrugada, já os gallos tinham cantado e o luar estava desmaiando, ouvi que abriam a porta. Ergui-me, corri. Ella ia pela estrada, com a trouxa da roupa, ia sem se despedir de mim, que lhe déra

tudo, ia embora... Deitei a gritar : « Silveria ! Silveria ! Não vás. » « Adeus ! » « Mas tu estás maluca, mulher. » « Não me fales, estou farta. » « Vais para o Herculano ? » « Vou, sim, e agora ? » « Um homem que podia ser teu filho ! » « Talvez seja mais feliz. » « Silveria ! Silveria ! » « Basta de conversa fiada... » Eu então senti um desespero que me sacudia os nervos e não pude mais...

Para ouvir a historia, encostara a cabeça na pedra em que os varões de ferro se encravavam. O pobre velho tremia num soluço sem fim. Então, eu lhe estendi a mão sem uma palavra, e segui, como si tivesse acordado de um horrivel pesadelo. O guarda Barros acompanhava-me.

— Pobre homem ! Tentou suicidar-se e é preciso uma vigilancia extrema para que aqui não tente outra vez contra a propria vida...

Já os signaes misteriosos com os quaes se correspondem os detentos haviam anunciado uma pessoa estranha ao estabelecimento. Em todos os cubiculos, nas galerias, corraera o som annunciador, e nas grades amontoavam-se as caras dos que não serão em breve da sociedade. Barros parou pouco adiante, apontando-me um homem magro, palido, com o pescoço embrulhado num *cache-nez*. O homem corcovava tossindo, e os seus dous olhos brilhavam como os de um tísico. Ao lado, um portuguez bem disposto sorria.

— O seu crime ?

— Umas rusgas, tentativa de morte, não fui eu...

— E o seu ?

Crime de amor

— Matei minha mulher.

Esse tambem confessava. Então era verdade? O crime de amor é o unico confessavel? Acerquei-me cheio de sympathia, e o sujeito magro não esperou que eu lhe perguntasse mais nada. Antes, na ancia de desabafar, atirou o *cache-nez* ás costas e começou :

— Chamo-me Abilio Sarano, sou barbeiro. Sempre fui honesto. E' a primeira vez que entro aqui por causa do crime do Cattete. Não sabe? V. S. não sabe? Eu namorei uma moça, D. Geraldina, e com ella casei-me. Dias depois do nosso casamento minha esposa confessou-me que tinha sido gosada por um negociante, amante de sua propria mãe. Esse homem voltava a perseguil-a. Era de noite, eu voltara do trabalho e amava minha senhora. Foi como si o mundo todo se desmoronasse. Ella, coitadinha, cahira de joelhos ; eu interrogava, querendo saber tudo. « Anda, fala, dize como foi. » O negociante, o biltre forçara-a numa cadeira, e ninguem soubera. Quando acabou, eu estava sem forças e chorava. « E agora, Geraldina, que será de nós? que vai ser de nós? » Ella consolava-me. Agora, era esquecer esse sujeito odioso. Acreditei e começamos a viver a triste vida da duvida. A mãe infame e a familia continuavam, porém, a seduzil-a. Uma noite, apesar de ser sabado, eu fui cedo para casa. Geraldina estava nervosa. Conversavamos na sala quando a creada veio dizer que um homem procurava a patroa. « Um homem? Espera, vou eu mesmo ver quem é. » No topo da escada estava um cidadão

robusto. « D. Geraldina está? ». Num relampago comprehendí que era elle. « D. Geraldina? Ah! canalha, espera que eu te vou dar a Geraldina! » Saquei do revólver, e minha senhora appareceu assustada : « Fuja, *seu* Alvaro, fuja! Fuja! ». Ella mandava-o fugir. Como um louco, ergui a arma. Elle descia os degráos da escada e Geraldina tapara-me a passagem. Detonei uma, duas vezes, des-cemos de roldão. No patamar, o corpo d'elle jazia. Matei-o, pensei, acabei a minha vida! E deitei a correr... Só mais tarde, soube a verdade. As balas tinham ferido minha mulher. Elle fingira-se morto e escapara são e salvo. E' por isso que estou aqui.

O chefe dos guardas chamara-me ao fundo, para a mesa que fica entre as escadas das galerias superiores.

— Ha ainda dous casos interessantes : um menino e uma mulher. Quer ver? Vou mandar buscar o menino. Sente-se.

Eu sentei-me. Por todas as janellas gradeadas, o sol entrava claro e bemfazejo. Minutos depois, surgia, trazido pelo guarda, um pardinho cõr de azeitona, dessas phisionomias honestas, alheias a devassidões.

— Como se chama?

Elle tomou uma posição respeitosa, falando bem, com desembaraço.

— Chamo-me Alfredo Paulino, sim, senhor. Tenho dezoito annos.

— E já casado?

— Casei aos dezeseis. Os meus parentes não que-riam, mas depois o pai disse : « E' melhor mesmo.

Crime de amor

Ao menos, não ficas perdido ». Eu já ganhava o suficiente para sustentar dignamente a minha familia. Casei. Foi nessa ocasião que o Dr. Constantino Nery me ofereceu o emprego de copeiro no palacio de Manãos. Aceitei, e voltavamos para o Rio quando a bordo encontrámos um rapaz de dezoito annos, chamado José.

— Era bonito o José?

— Era simpathico, sim, senhor, não posso negar. Ficámos tão amigos que, ao chegar, elle foi morar comnosco. Primeiro, tudo andou direito, mas depois começaram os cochichos, as phrases, as cartas anonimas. Era preciso tomar uma resolução. Disse ao José que não o podia ter mais em casa — por certas dificuldades. Elle sahio, mas eu sabia que a Adelia lhe falava. Passaram-se mezes nessa tortura. De vez em quando eu a interrogava e sempre obtinha respostas negativas. Certo dia passei pelo José na rua e elle riu. Em casa puz Adelia em confissão, e ella disse : « E' mesmo, fizeste bem em pôr esse homem na rua. Andava-me tentando e foi tão ingrato que nem se despediu da gente direito. » De outra feita, encontrei-os na esquina, conversando e, afinal, em casa. Foi então que eu fiquei desatinado.

Oh! o amor! Eu ouvira o amor sexagenario, o amor doloroso, o amor liliput desse *menage* de crianças! Todos tinham chegado ao mesmo fim tragico, hontem creaturas dignas, hoje com as mãos vermelhas de sangue, amanhã condemnados por um juiz indifferente. Fiz um gesto. O pequeno insistiu.

— Já que estou aqui, quero trabalhar. Nunca passei sem trabalhar. Peço a V. S. para ver si entro como servente. Não quero estar no cubiculo com aquella gente.

Neste momento traziam uma negra roliça, de dentes afiados, com um sorriso alvar a iluminar-lhe a cara. Era a Herculana, a autora de um crime celebre. Matára o amante enquanto este dormia, acendera todas as velas que encontrara e começara a cantar. O amante tinha vinte e tres annos.

— E por que foi?

— Ora, nós brigámos. Eu gostava delle. Nós brigámos. Um dia, elle me disse uma porção de nomes. Eu fiquei calada, mas quando o vi deitado, com o pescoço á mostra, roncando, parece que o diabo me tentou. E fui então, com a faca...

Aproximei-me, e bem perto, quasi murmurando as palavras :

— Diga : era capaz de fazer o mesmo outra vez, de abrir o pescoço do pobre rapaz, de acender as velas, de cantar? diga : era?

Ella riu como uma féra boceja, e disse num arranco de todo o ser :

— Eu era, sim, senhor...

Que estranha psychologia a dessas flores magnificas do jardim do crime! Que poderoso transformador o amor! Bem dizia Tennyson ao evocal-o : *Thou madest Life, in man and brute, thou madest Death...* Eu começara a minha visita á beira do desespero, na purpura de uma moita de lyrios vermelhos.

Com os corações em sangue, vi uma collecção

Crime de amor

de assassinos, desde um velho lamentavel até uma criança honesta, postos fóra da sociedade pelo desvario, pela loucura que a paixão sopra no mundo. A mulher, que os poetas levam a cantar, Venus inconsciente e perversa, Lilith, lendaria, surgia nessa ruina, perdendo, estragando, corroendo, matando, e eu sentia, no olhar e no gesto de cada uma das victimas do amor, o desejo de guardar o perfil das suas destruidoras. Oh! esses seres, que Schopenhauer denominava animaes de cabellos compridos e idéas curtas, que formidavel obra de destruição cometem! São a torrente a que ninguem póde resistir, a força dominadora da maldade, os Molochs da alegria. As gerações futuras, livres dos nossos velhos deuses, devem, para que a Harmonia as guie, levantar nas cidades um altar votivo onde os adolescentes possam sacrificar, todas as manhãs, á ira de Venus sanguisedenta...

Mas as minhas reflexões pararam. Como tocasse um sino, pela escada da direita desceu um cavalleiro elegante que tapava o rosto com o lenço. E logo depois, gracil e airosa, com um rico vestido preto, caminhou pela galeria, olhando altivamente os presos, uma mulher cuja fronte pura parecia a pura fronte da innocencia.

O guarda curvou-se :

— O Dr. Saturnino e a esposa...

Eu vira o ultimo crime de amor da Detenção.



A galeria superior

A galeria superior é dividida por um tapume, com portas de espaço a espaço para o livre transito dos guardas. Os presos não podem ver os cubiculos fronteiros. Os olhos abrangem apenas os muros brancos e a divisão de madeira que barra a cal das paredes. Quando a vigilancia diminue, falam de cubiculo para cubiculo, atiram por cima do tapume jornaes, cartas, recordações.

Estão actualmente na galeria duzentos e trinta e oito detentos. A aglomeração torna-os hostis. Ha confabulações de odio, murmurios de raiva, risos que cortam como navalhas. Com o sentido auditivo educadissimo, basta que se dirija a palavra baixo a alguém do primeiro cubiculo para que o saibam no ultimo. E então surgem todos, agar-

A galeria superior

ram-se ás grades, com o olhar escarninho dos bandidos e a curiosidade má que lhes decompõe a cara.

Ah! essa galeria! Tem qualquer cousa de sinistro e de canalha, um ar de hospedaria da infamia á beira da vida. Nos cubiculos ha, ás vezes, dezenove homens condemnados por crimes diversos, desde os defloradores de senhoras de dezoito annos até aos ladrões assassinos. A promiscuidade enoja. No espaço estreito, uns lavam o chão, outros jogam, outros manipulam, com miolo de pão, santos, flores e pedras de dominó, e ha ainda os que escrevem planos de fuga, os professores de roubo, os iniciadores dos vicios, os intimos passando pelos hombros dos amigos o braço caricioso... Quantos crimes se premeditam ali? Quantas perversidades rebentam na luz suja dos carceres preventivos? Saciados da premeditação, ha os jornaes que lhes citam os nomes, ha o desejo de possuir uma arma, desejo capaz de os fazer aguçar azas de caneca, o aço que prende a piassava das vassouras, as colheres de sopa, e ha ainda o jogo. Nesses cubiculos joga-se mais de quarenta especies de jogos. Eu só contei trinta e sete, dos quaes os mais originaes, — o camaleão, a mosca, o periquito, o tigre, a escova, o osso, a suéca, o laço, as tres chapas, — são prodigios de malandragem. E nenhum delles se recusa aos parceiros. Quando algum desconhecido passa, deixam tudo, precipitam-se, alguns nús, outros em ceroulas, e ha como um panorama sinistro e chaotico, — negros degenerados, mulatos com

A galeria superior

contrações de simios, caras de velhos solemnes, caras torpes de gatunos, cretinos babando um riso alvar, agitados, delirantes, e mãos, mãos estranhas de delinquentes, finas e tortas umas, grossas algumas, moles e tenras outras, que se grudam aos varões de ferro com o embate furioso de um vagalhão.

Vive naquella jaula o Crime multiforme. O guarda aponta o Cecilio Urbano Reis, assassino, na Saude, de uma mulher que lhe resistira; o João Dedone, facinora cinico; matadores occasionaes, como Joaquim Sant'Anna Araujo, quasi demente; o Mirandinha, mulato, passador de moeda falsa, que se faz passar por advogado; o *Barão-sinho*, gatuno; Bouças Passos, ladrão assassino; Salvador Machado, o intimo creado da Tina Tatti; negros capangas com as bocas sujas, que resistem á prisão com furia; desordeiros temiveis, como o Eduardinho da Saude, retorcendo os bigodes, cheio de languores; satiros moços e velhos violadores; o celebre Pitóca, que tem sessenta e seis entradas; rapazes estelionatarios e até desvairados, como João Manuel Soares, acusado de tentativa de morte na pessoa do Sr. Cantuaria, que leva, numa agitação perpetua, a dizer:

— Eu sei, foi o bicho... foi por causa do bicho, hein? está claro!

Dous baixos relevos alucinadores, dous frisos da historia do crime de uma cidade, ora alegres, ora sinistros, como si fossem nascidos da colaboração macabra de um Forain e de um Goya, dous grandes paineis a gotejar sangue, tróva, pús, onde

A galeria superior

perpassam, com um aspecto de bichos lendarios, os estupradores de duas crianças, de sete e de dez annos...

E em meio do charco, fatalmente destinada a desaparecer, a innocencia, atirada ali pela incurria das autoridades, floresce.

Encontro ao lado de respeitaveis assassinos, de gatunos conhecidos, na tropa lamentavel dos recidivos, crianças ingenuas, rapazes do commercio, vendedores de jornaes, uma enorme quantidade de seres que o desleixo das pretorias torna criminosos. Quasi todos estão inclusos, ou no artigo 393 (crime de vadiagem), ou no 313 (offensas physicas). Os primeiro não podem ficar presos mais de trinta dias, os segundos, sendo menores, mais de sete mezes. Os processos, porém, não dão custas, e as pretorias deixam dormir em paz a formação da culpa, enquanto na indolencia dos cubiculos. no contacto do crime, rapazes, dias antes honestos, fazem o mais completo curso de delictos e infamias de que ha memoria. Chega a revoltar a inconsciencia com que a sociedade esmaga as creaturas desamparadas. Nessa enorme galeria, onde uma eterna luz livida espalha um vago horror, vejo caixeirinhos portuguezes com o lapis atrás da orelha, os olhos cheios de angustia; italianos vendedores de jornaes, encolhidos; *garçons* de *restaurant*; operarios, entre as caras cinicas dos *pivettes* reincidentes e os porqueiros do vicio que são os chefes dos cubiculos. Todos invariavelmente têm uma phrase dolososa :

— E' a primeira vez que eu entro aqui!

A galeria superior

E apelam para os guardas, sofregos, interrogam os outros, trazem o testemunho dos chefes.

Por que estão presos? José, por exemplo, deu com uma correia na mão de um filho do cabo de um delegado; Pedro e Joaquim, ao sahirem do café onde estão empregados, discutiram um pouco mais alto; Antonio atirou uma taponá á cara de Jorge. Ha na nossa sociedade moços valentes, cujo *sport* preferido é provocar desordens: diariamente, senhores respeitaveis atacam-se a so-papo; jornalistas velho-genero ameaçam-se de vez em quando pelas gazetas, falando de chicote e de páo a proposito de problemas sociaes ou estheticos, inteiramente opostos a esses aviltantes instrumentos de razão barbara. Nem os moços valentes, nem os senhores respeitaveis, nem os jornalistas vão sequer á delegacia.

Os desprotegidos da sorte, trabalhadores humildes, entram para a Detenção com razões ainda menos fundadas.

E a Detenção é a escola de todas as perdições e de todas as degenerescencias.

O ocio dos cubiculos é preenchido pelas lições de roubo, pelas perversões do instincto, pelas historias exaggeradas e mentirosas. Um negro, assassino e gatuno, pertencente a qualquer quadrilha de ladrões, perde um cubiculo inteiro, inventando crimes para impressionar, imaginando armas de azas de lata, creando jogos, armando rolos. Oito dias depois de dar entrada numa dessas prisões, as pobres victimas da justiça, quasi sempre espiritos incultos, sabem a technica e o

A galeria superior

palavreado dos chicanistas de porta de xadrez para iludir o jury, lêem com avidéz as noticias de crimes romantizados pelos reporters e o pavor da pena é o mais intenso sugestionador da reincidencia. Não ha um ladrão que, interrogado sobre as origens da vocação, não responda :

— Onde aprendi? foi aqui mesmo, no cubiculo.

Recolhida á sombra, nesse venenoso jardim, onde desabrocham todos os delirios, todas as nevroses, é certo que a criança sem apoio lá fóra, hostilizada brutalmente pela sorte, acabará voltando. Mais de uma vez, na cerimonia indifferente e glacial da sahida dos presos, eu ouvi o chefe dos guardas dizer:

— Vá, e vamos a ver si não voltas.

Como mais de uma vez ouvi o mesmo guarda, quando chegavam novas levas, dizer para umas caras já sem vergonha:

— Outra vez, seu patife, hein?

Mas que fazer, Deus misericordioso? Nunca, entre nós, ninguem se ocupou com o grande problema da penitenciaria. Ha bem pouco tempo, a Detenção, suja e imunda, com cerca de novecentos presos á disposição de bachareis delegados, era horrivel. Passear pelas galerias era passear como o Dante pelos circulos do Inferno, e antes do Sr. Meira Lima, cuja competencia não necessita mais de elogio, o cargo de administrador estava destinado a cidadãos protegidos, sem a minima noção do que vem a ser um estabelecimento de detenção.

Qual deve ser o papel da policia numa cidade civilisada? Em todos os congressos penitenciarios,

até agora tão uteis como o nosso ultimo latino-americano, ficou claramente determinado. A policia é uma instituição preventiva, agindo com o seu poder de intimidação, e o Dr. Guillaume e o Dr. Baker chegaram, em Stockolmo, ás conclusões de que uma boa policia tem mais força que o codigo penal e mais influencia que a prisão.

A nossa policia é o contrario. Para que a detenção dê resultados faz-se o necessario seja conforme ao fim predominante da pena, com o firme desejo de reformar e erguer a moral do culpado. Que fazemos nós? Agarramos uma criança de quatorze annos porque deu um cascudo no vizinho, e calma, indifferente, cnicamente, começamos a levantar a moral desse petiz dando-lhe como companheiros, durante os dias de uma detenção pouco séria, o *Velhino*, *punguista* conhecido, o Bexiga Fraga, batedor de carteira, e um punhado de desordeiros da Saude!

A principio tomei-lhes os nomes: Manuel Fernandes, Antonio Oliveira, Francisco Queiroz, Martins, Francisco Visconti, Antonio Gomes...

Mas era inutil. Para que, si o crime está na propria organização da policia? Está marcado! E eu ia deixar esse canto do jardim sinistro quando vi uma pobre criancinha, magra, encostada á parede, o olhar já a se encher de sombra.

— Como te chamas?

— José Bento.

Tinha quatorze annos e era acusado de crime de morte. Fôra por acaso, o outro dissera-lhe um palavrão... Quem sabe lá?

A galeria superior

Talvez fosse. E, cheio de piedade, perguntei:

— Vamos lá, diga o que o menino quer. Prometto dar.

— Eu? Ah! os outros são máos... são valentes sim, senhor... metem raiva á gente... Até têm armas escondidas! A gente tem que se defender... Eu tinha vontade... de uma faca...

E cobriu o rosto com as mãos tremulas.



O dia das visitas

A força de policia é augmentada. Quatro ou cinco guardas contêm a multidão ao lado do porteiro, que distribue os cartões. A onda dos visitantes cresce a cada momento, impaciente e tumultuosa. São 11 horas da manhã. O sol queima. Ha no ar uma poeira sufocadora. O saguão está cheio, a calçada está cheia. Do outro lado da rua, doceiros, homens de refrescos, vendedores de frutas estabeleceram as caixas e as latas e mercadejam em alta voz

Nas soleiras das portas, mulheres gordas á espera, criancinhas choramingas têm o semblante desolado e triste, mas ha tambem sujeitos alegres, peralvilhos de calça balão mastigando tangerinas e rindo; ha curiosos olhando a scena, como no espectaculo, e soldados, soldados da brigada, que

O dia das visitas

passavam gingando, com os tacões altos e o kepi do lado, por cima da pastinha; dous turcos vendem imagens de santos, botões, canivetes e phosphoros; um italiano, que finge de cego, instala o realejo, e o filho começa a remoer velhos trechos de opera, dolorosamente angustiosos. De vez em quando passa uma carroça ou um enterro, alastrando a rua de poeira. Mais ao longe, trabalham os condemnados da Correcção na nova fachada, e cada passo que algum delles dá é logo acompanhado por dous policiaes de carabinas embaladas.

O sol é esmagador, pesa como chumbo. Todos esses semblantes têm qualquer cousa de revoltado e de timido, de desafio e medo. Percebe-se o terror das pessoas importantes e o desejo secreto de apedrejal-as, essa mistura antagonica que faz o respeito da ralé.

A' porta da Detenção, o movimento torna-se cada vez mais difficil e o rumor cresce. Vista de fóra, na semi-sombra, a multidão tem um aspecto estranho e uniforme, parece um quadro violentamente espatulado pela mesma mão delirante. Os olhos raiados de sangue, alegres ou chorosos, têm um mesmo desejo — entrar; os corpos, corpos de mulheres, frageis corpos de crianças, corpos musculosos de homens, uma só vontade — forçar a entrada; e todos os gestos, lentos, difficultosos, presos em encontrões de rancor, exprimem o mesmo anhelo, que é o de entrar.

Ha pragas, phrases violentas, mãos que se agarram ás roupas de outros, interjeições furiosas; e de dentro, do misterio do pateo da prisão, vem um

clamor formidável e indistincto, que aquece e fustiga ainda mais o desejo de entrar e de ver. O porteiro, um senhor velho de *cavaignac* branco, distribue os cartões irritado e a suar.

— Não deixem passar sem cartão! Não entra ninguém sem cartão!

E os cartões, sebentos, passam das mãos dos guardas para as mãos soffregas dos visitantes, emquanto na porta de ferro, desesperadamente, os que os obtiveram antes procuram entrar todos a um tempo. Um cheiro especial, mixto de fartum de negros e de perfumes baratos, de suores de mulheres e de roupa suja, enerva, dá-nos visões de pesadelo, crispações de raiva.

Dentro, o pateo está limpo de serventes. Das janellas da secretaria, alguns funcionarios deitam olhares distrahidos. Duas filas de creaturas parece ligarem a porta de ferro aos dous portões das galerias. E nessas galerias o espectáculo é medonho. Dias antes, os presos contam as horas, á espera desse instante. Uns querem matar saudades, outros contam com os amigos para mandar venderas suas obras, — flôres de pão, couraçados de pão; outros escreveram toda a noite cartas anonimas ao chefe de policia, denunciando companheiros ou inimigos, e anceiam por alguem para as pôr no correio; e todos, absolutamente todos, acicateados pelo egoismo, esperam os presentes, o fumo, o dinheiro, as prendas, como uma obrigação dos que os vão ver. Os dous portões fecham-se antes de se abrirem os cubiculos, e no corredor da grande galeria é um alarido, um

O dia das visitas

desespero de jaula, com gritos, imprecações, gargalhadas, perguntas, risos, o pandemonio das vozes, emquanto, como uma matilha de lobos, acuada, agarrando-se aos grossos varões, uns por cima dos outros, os assassinos, os incendiarios, os estupradores, os desordeiros e os inocentes obrigados á infamia numa confusão, arquejam na ancia da liberdade. De fóra, os visitantes não chegam ás vezes a se fazer comprehender, esmagados uns nos outros, irritados, sem poder apertar a mão dos amigos. São em geral homens de lenço de seda preta e chapéo molle, adolescentes arrastando as chinelas, mulheres perdidas, velhos tremulos. No alarido, ouvem-se phrases breves — O' Juca, trouxeste os cigarros? — Ai, meu filho, que saudades do nosso tempo de cubiculo! — Sabes quem foi preso hontem? — Vê si me arranjas um *habeas* com o Benjamin! — Estou aqui já ha um mez e tres dias! Fala por mim a *seu* Irineu! Algumas dessas palavras são vociferadas de longe. Os que tiveram a felicidade de chegar primeiro unem as mãos entre os ferros, falam devagar. Ha amantes tremulas, vendo o ciume nos olhos dos detentos, ha pobres esposas, ha crianças e ha velhos respeitaveis com a face triste, todos os sentimentos escachoando, borbulhando, barulhando naquelle vortice de desgraça.

Na outra galeria estão as mulheres. Essas só são visitadas por homens, os mesmos sujeitos de lencinho preto e calça balão, que ás vezes visitam num só dia quatro e cinco amigos na Detenção. As conversas são mais calmas. Algumas estão lá

por causa dos que as visitam, por ciume e pancadas. Têm quasi todas esse sorriso estereotipado de resignação e amargura, dos infelizes que ainda não mediram a extensão da própria infamia. Do outro lado, os homens parece estarem ali por obrigação. Só um eu vi, menino ainda, magro, tísico, com um olho afundado em pús, que seguava, como para se aquecer, a mão de uma pequena mulatinha. Ella conversava com outro, sem lhe dar atenção. Afinal, teve um sorriso de piedade.

— E tu, João ?

— A's voltas com o Zé-Maria. Nem você imagina como eu ando. Estou só esperando que você saia, para tirar um pensamento da cabeça...

E as suas mãos agarravam a mão da outra, num gesto de medo e de paixão.

O clamor continuava, fragorava como um oceano que se debatesse contra os altos muros brancos. O administrador já mandara ordem para dar fim á visita. Ainda havia os serventes e os abastados. De vez em quando, destoando dos casacos-sacos dos malandros, entrava uma sobrecasaca, algum advogado de porta de xadrez, a farejar a diaria de petições de *habeas-corpus*, lambiscando delicadezas aos guardas.

— Ha alguns desses sujeitos, dizem-me, que até já estiveram presos. E conheço um que, tendo contractado um *habeas-corpus* por trinta mil réis, não queria que o administrador soltasse o preso emquanto não o tivesse pago dessa importancia.

O dia das visitas

A nossa atenção voltou-se, porém, para uma austera senhora que descia da secretaria gravemente, com um embrulho debaixo do braço.

— Não conhece? perguntou-me um dos guardas. E' missionaria protestante. Vem, naturalmente, pedir ao Sr. capitão Meira Lima para falar aos presos. Antigamente vinha mais vezes. Ah! o senhor nem imagina o que os detentos faziam com ella. Eram troças, pilherias, arremedavam-na na bochecha, diziam-lhe desaforos. Por ultimo, sopravam-lhe nos olhos pimenta em pó, através as grades do cubiculo. Ella continuou, impassivel, a distribuir folhetos da religião, que o pessoal transforma em baralhos. Tenho aqui um para o senhor. Venha cá. E' preciso que ella não veja.

Vamos para o saguão. O guarda desdobra por trás da jarra Tiradentes, de Benedicto Machado, um embrulho, e eu vejo valetes, azes e damas admiravelmente pintados em pedaços dos livros de edificação moral. Ha mesmo um rei de páos que tem nas costas S. Paulo. E no pateo, a ingleza, na sua obra regeneradora, espera com calma que o administrador consinta em mais uma distribuição de folhetos, para o fabrico de futuros baralhos!

O clamor das galerias parecia diminuir, emquanto á porta do pateo havia o mesmo atropelo de pessoas, agora querendo sahir. Os protestos prorompiam entre phrases de colera surda e phrases de deboche. Uma rapariga com o filhinho nos braços bradava: Não volto mais! Não falei ao José. E' impossivel chegar perto da grade!

— Contente-se commigo, dona! — A mulherzinha vinha com sêde! — O' Antonio, vamos tomar uma lambada! — Ih! menino, já quebrei agua hoje como que! E as vozes alçavam-se, cruzavam-se, faziam naquella porta, como a ornamentação da raiva e da semvergonhice, um baixo relevo vivo de entrada de penitenciaria, emquanto, suando, bufando, com os cartões na mão, aquella gente, — mulatos, pretos, italianos, portuguezes, fufias e rufiões, tristes mulheres e trabalhadores de fato endomingado — dava cotoveladas e empurrões, no desejo cada qual de sahir em primeiro logar.

Um sino poz-se a tocar. Era o fim da visita. Os sons vibravam duros, como uma ordem. Ha sinos que choram, sinos que cantam, sinos que são tristes; ha sinos feitos para dobrar a finados, como os ha para cantar missas em acções de graça. Aquelle sino era um aguilhão. O pateo esvaziava. A tropa partia, tropa desoladora, amiga do vicio e do crime.

Foi então que eu vi aparecer, carregada de embrulhos, com a sua coifa branca a ondular as duas grandes azas, a figura de bondade da irmã Paula. O guarda tirara o bonnet, cheio de um carinhoso respeito. Os malandros e os desgraçados, ainda á porta, tinham nos olhos uma expressão de timidez e de alegria.

— *Bonjour*, meu filho, fez a irmã com um gesto cançado. O Sr. administrador? O guarda disse qualquer cousa, comovido. Ella arrumou os embrulhos, enxugou as mãos, subiu as escadas

O dia das visitas

da secretaria. A sua coifa alva parecia uma grande borboleta branca...

— E' a unica visita que consola os presos, é a unica que elles respeitam, murmurava o guarda. Quando ella fala, tão simples e tão meiga, até as pedras parece quererem-lhe bem. Quando Jesus passou por este mundo, devia ter sido assim bom para todos os desgraçados.

De novo a coifa appareceu, borboleta de esperança adejando as grandes azas brancas e, como si fizesse a obra mais natural deste mundo, a irmã Paula disse :

— Vamos ver os desgraçadinhos. Trago-lhes hoje umas coisas. O Sr. administrador é muito bom, permite.

E assim, tocado pela sua presença, a mim me pareceu que o doloroso canto do jardim do crime se transformava no horto das rosas de que falla S. Thomaz de Kempiz...



Versos de presos

O criminoso é um homem como outro qualquer. No primeiro momento, sob o pavor dos grandes muros de pedra, com um guarda que nos mostra os individuos como si mostrasse as fêras de um domador, a impressão é esmagadora. Vê-se o crime, a acção tremenda ou infame; não se vê o homem sem o movimento anormal, que poz á margem da vida. Quando a gente se habitua a vellos e a fallar-lhes todo o dia, o terror desaparece. Ha sempre dois homens em cada detento, — o que cometeu o crime e o actual, o preso. Os atcuaes são perfeitamente humanos. Só uma variedade da especie causa sempre nauseas : os

Versos de presos

ladrões, os « punguistas », os « escrunchantes », porque dissimulam, mentem e têm, constante no riso e na palavra, um travo de cynismo. Os outros não. Conversam, contam factos e pilherias, arranjam o pretexto de ir lavar a roupa para apanhar um pouco de sol no lavadouro, são homens capazes até de sentimentos amáveis.

Ora, este paiz é essencialmente poetico. Não ha cidadão, mesmo maluco, que não tenha feito versos. Fazer versos é ter uma qualidade amavel. Na Detenção, abundam os bardos, os trovadores, os repentistas e os inspirados. São quasi todos brasileiros ou portuguezes, criados na malandragem da Saúde. A media poetica é forte. Desordeiros perigosos, assassinos vulgares compõem quadras ardentes, e ha poetas de todos os generos, desde os plagiarios até aos incompreensíveis. Não sei si a timidez ou outra razão mais obscura os faz assignar as composições poeticas apenas com as iniciaes e quando muito com as iniciaes precedidas do nome de baptismo.

— Assigne você o seu nome por extenso! dizia o guarda.

O poeta detento hesitava, punha as iniciaes e, por baixo, entre parenthesis, escrevia o nome. As iniciaes têm que vir fatalmente, são o complemento necessario ao fim da obra. Porque? E' misterioso, mas verdadeiro.

Os assumptos escolhidos pelas iniciaes superiores da Detenção abrangem todas as modalidades do sentir. Como ha plagiarios, — o Antonio, crime de ferimentos, que se intitula auctor da modinha

Versos de presos

Nasci para te amar, — ha simbolistas que escrevem coisas destas :

Pobre flor que mal nasceste, fatal
Foi a tua sorte, que o primeiro
Passo que deste com a morte deste.
Deixar-te é coisa triste. Cortar-te?
E' coisa forte, pois deixar-te com vida
E' deixar-te com a morte.

Ha tambem poetas eroticos, o Chico Bemtevi, auctor do poema *Os Amores de Carlos* :

Chiquinha abriu sorrindo
A porta da sua alcova
E Carlos foi logo indo
Com a sede...

Uma sede excessiva! Ha poetas descriptivos, trovadores simples, cançonetistas ocasionaes, todos com um sentimento insistente : são patriotas e sofrem injustiça porque nasceram brasileiros.

O preso Carlos, por exemplo, que se assigna Carlos F. P. Nas suas trovas é insistente a preocupação de que está preso porque é brasileiro. Escolho na sua consideravel obra poetica uma modinha cheia de magoas :

Meus senhores, venham ouvir
Do meu peito uma canção
Tirada por um condemnado
Na casa de Detenção.

A's magoas segue-se o estribilho.

São martyrios que se passam
Soffrendo profunda dôr
Ser preso e condemnado
Por vingança é um horror.

Versos de presos

Si os martirios fossem enormes, era natural que o Petrarca novo não compuzesse quadras ; mas Carlos P. F. é feróz e continua :

Fui preso sem nenhum crime
Remetido para a Detenção
Fui condemnado a trinta annos
Oh! que dôr de coração.

E surge afinal a preocupação, a idéa fixa :

Sou um triste brasileiro
Victima de perseguição
Sou preso, sou condemnado
Por ser filho da nação.

Ha uma porção de modinhas neste genero. A idéa constante aparece sempre, ou na primeira ou na ultima quadra.

Outro poeta, José Domingos Cidade, é descriptivo. Como toda a gente sabe, o poema epico passou literalmente á cançoneta. Virgilio, Lucano, Voltaire e Luiz de Camões, si vissemos hoje, de certo comporiam os trabalhos de Enéas, a « Pharsala », a « Henriade » e os feitos de Vasco de Gama com *refrains* ao fim dos versos de mais effeito.

Não ha mais ninguem com coragem para ler um poema heroico, apesar de haver ainda neste mundo de contradições — heroés guerreiros. Só o povo, a massa ignara, ainda acha prazer em ver, em rimas, batalhas ou arruaças. José Domingos, no cubiculo que o veda á admiração dos contemporaneos, escreveu *Os successos*, cançoneta repinicada, para violão e cavaquinho.

Versos de presos

Vejam o poder de descriptiva de Domingos :

Dia quinze de novembro.
Antes de nascer o sol
Vi toda a cavallaria
De clavinote a tiracól.

Isso é incontestavelmente mais bello que o antigo e classico começo epico : « Eu canto os feitos, ou as armas, ou as guerras civis », de todos os vates e de Lucano, que por signal começa dizendo : « Eu canto as nossas guerras mais que civis nos campos de Emathia.. ». Cidade foi mais urbano, mais immediato : cantou a refrega civil da rua da Passagem com exagero apenas. Na segunda quadra, a descripção é soluçante:

As pobres mãis choravam
E gritavam por Jesus ;
O culpado disso tudo
E' o Dr. Osvaldo Cruz!

Quando o homen predestinado que se chama Oswaldo Cruz pensou que José Domingos o amarrasse ao papel de carrasco em plena Detenção?

Para o fim, mesmo em verso, o auctor é modesto e patriota :

O auctor desta modinha
E' um pobre sem dinheiro
Já não declaro-lhe o nome,
Sou patriota brasileiro.

Os companheiros do *Prata Preta*, pessoal da Saude, são naturalmente repentistas, tocadores de

Versos de presos

violão, cabras de serestas e, antes de tudo, garotos mesmo aos quarenta annos. O malandro brasileiro é o animal mais curioso do universo, pelas qualidades de indolencia, de sensualidade, de riso, de vivacidade de espirito. As quadras pornographicas são em numero extraordinario; as que exprimem paixão são constantes, posto que o malandro não as faça sinão para ser admirado pelos outros e independente de amar qualquer senhora das suas relações. Um gatuno afirmou me que a a modinha *A côr morena* era de um seu amigo. Na *côr morena* ha este pensamento de um perfume oriental :

Fui condemnado
Pela açucena
Por exaltar
A côr morena...

Onde se vê o bom humor dos presos é principalmente nas quadras sobre acontecimentos politicos. O guarda Antonio Barros, que se dava ao trabalho de acompanhar as minhas horas de penitenciaría voluntaria, forneceu-me as seguintes remetidas por um dos detentos :

Meus amigos e camaradas
As cousas não andam boas
Tomaram Porto-Arthur
Na conhecida Gamboa

Logo o Cardoso de Castro
Ao seu Seabra foi falar
Para deportar desordeiros
Para o alto Juruá

Versos de presos

Mas eu que não sou de ferro
Meu corpo colei com lacre
Que não gosto de chalaças
Lá nos borrachas do Acre.

O exhibicionismo, o reclamo, a vaidade, estas cousas que enlouquecem Sarah Bernhardt e talvez a todos nós, enlouquecem também os presos. Ha a principio uma hesitação. Depois, os documentos são abundantes. Ser poeta é ser alguma cousa mais do que preso, e um negralhão capoeira, um assassino como o Bueno ou o José do Senado, após o testemunho da rima falam mais livremente e com maior franqueza. Em duas semanas de Detenção colecionei versos para publicar um copioso cancionero da cadeia. Ha poesias de todos os generos, desde o lundú sensual até á nenia chorosa.

Este lundú do famoso Carlos F. P. chega a ser comovente :

Céos... meus! por piedade
Tirai-me desta afflicção!
Vós! ... soccorrei os meus filhos
Das garras da maldição!

E o estribilho mais amargo ainda :

São horas, são horas
São horas de teu embarque
Sinto não ver a partida
Dos desterrados do Acre.

O Dr. Mello Moraes, que conhece os segredos do violão, deve de certo imaginar o effeito destas pala-

Versos de presos

bras, á noite, na escuridão, com os bordões a vibrar até ás estrellas do céu...

O Amor, de resto, inunda o Verso detento. Ha, por todos os lados choros, soluços, labios de coral, saudades, recordações, desesperos, rogos :

Não sejas tão inclemente,
Atende aos gemidos meus...

E um encontrei eu que me repetiu, com os olhos fechados, o seu ultimo repente :

Si eu pudesse desfazer
Tudo aquillo que está feito,
Só assim teu coração
Não veria contrafeito.

Era um rapaz palido, como os rapazes fataes nos romances de 1850, mas com uns *biceps* de lutador...

Quantos poetas perdidos para sempre, quanta rima destinada ao olvido da humanidade! Cheio de interesse, um papel que me cahia nas mãos, com erros de orthographia, era para mim precioso. Mas afinal, um dia, ao sahir da Detenção com os bolsos cheios de quadras penitenciarias, remoendo phrases de psychologia triste, encontrei no bond um poeta dos novos, que, ha vinte e cinco annos, ataca as escolas velhas.

— São uns animaes! bradou elle, logo após um aperto de mão imperativo. Este paiz está todo errado. Ha mais poetas que homens. Eu, governo, mandava trancafiar metade, pelos menos, ali com castigos corporaes uma vez por mez!

Mal sabia elle que a Detenção já está cheia.

As quatro idéas

capitães dos presos

A's vezes, numa volta pelo pateo, a conversar com Obed Cardoso, eu via o elegante dr. Saturnino de Mattos passar, como si fosse dar milho ás pombas. E, si depois de admirar o dr. Saturnino apontavam-me, enfiado no zuarte do estabelecimento, com o numero de metal á cinta, um modesto gatuno ou um simples assassino cujo comportamento exemplar os transformava em ser-ventes, eu deixava o gentil Obed e gosava o calão dessas interessantes flores de patifaria.

Ha na Detenção reincidentes exemplares e casos de psychologia curiosissimos. O *Sargento da meia noite*, ladrão temivel, uma especie de trans-

As quatro idéas capitaes dos presos

formista da infamia, é passar os humbraes do jardim onde descança o crime, para se tornar um cordeiro artista, uma especie de frade medievo. Recolhido ao cubiculo, inaugura logo a sua arte de miolo de pão. Faz flores, bonecos, santos, animaes; pinta-os, remira-os, manda-os vender. Parece regenerado. Todos sabem, entranto, que, uma vez livre, o *Sargento* não resistirá á tentação de invadir a casa alheia. Os *punguistas*, inofensivos lá dentro, tão certos estão de continuar a roubar que o Braga Bexiga me dizia :

— No dia em que sahir, tomo logo um bonde e *limpo* a primeira carteira.

— Mas é difficil.

— Para quem conhece a arte não ha difficuldades. Eu trabalho desde criança e tive como professor o *Zézinho*.

— Vamos a ver esse trabalho.

— Si v. s. me dá licença, eu vou tirar duas notas de duzentos que o sr. Obed poz agora no bolso da calça.

Na outra extremidade da sala, Obed, sem que ninguem dêsse por isso, acabara de contar o seu dinheiro e de metel-o no bolso da calça. Bexiga, tremulo, com os olhinhos piscos, continuava ali a exercitar as suas criminósas observações. Capoeiras, assassinos, como Carlito e outros, reincidentes, condemnados a trinta annos, exprimem a certeza de que continuarão lá fóra a vida anterior. Carlito, mesmo, disse-me um dia :

— Deus aperta, mas não enforca !

Maxima muito mais profunda que quantas es-

As quatro idéas capitaes dos presos

criptas pelo desfastio erudito do defunto marquez de Maricá.

Os scientistas da penitenciara veriam nisso um problema a resolver, o problema de emendar o criminoso. Um, a quem eu contava o desplante dos recidivos, assegurou-me :

— E' preciso applicar o methodo inglez, as sentenças cumulativas, sistema de penas progressivas cuja duração é calculada pelo quociente das reincidencias. Um preso condemnado por ladroeira, si entrar outra vez pelo mesmo crime, tem a pena duplicada; si entrar terceira, triplicada, e assim por diante. Isto acabaria com a falha do codigo, o broquel de defesa dos gatunos, que nos seus artigos admiraveis tem a generalidade da pena para toda a sorte de escapatorias. Leia o dr. Monat, antigo director geral das prisões na India; leia Baker, juiz de paz em Gloucester; leia Browne. As reincidencias, elles o provam, diminuiram em toda a Inglaterra.

Outros perdiam-se em phrases confusas, falando da necessidade urgente de reformar o nosso sistema de detenção, de pôr em ação os dous meios definitivos de corrigir : moralisar e intimidar. Eu achei mais interessante estudar as idéas e os estados da alma dos detentos.

A Detenção tem idéas geraes. A primeira, a fundamental, a definitiva, é a idéa monarchica. Com rarissimas exceções, que talvez não existam, todos os presos são radicalmente monarchistas. Passadores de moeda falsa, incendiarios, assassinos, gatunos, capoeiras, mulheres abjectas, são ferventes

As quatro idéas capitaes dos presos

apostolos da restauração. Não falam, não fazem *meetings*, não escrevem artigos como o dr. Candido de Oliveira ou o conselheiro Andrade Figueira — sentem intensamente, sem saber explicar a razão desse amor.

— E' verdade; qual o governo que prefere?

Elles riem, meio timidos.

— Eu prefiro a monarchia.

— Porque?

Sim! Porque malandros da Saúde, menores vagabundos, raparigas de vinte annos que não podem se recordar do passado regimen, são monarchistas? Porque gatunos amestrados prefeririam Sua Majestade ao dr. Rodrigues Alves? E' um misterio que só poderá ter explicação no proprio sangue da raça, sangue cheio de revoltas e ao mesmo tempo servil; sangue ávido por gritar *não póde!* mas desejoso de ter a certeza de um senhor perpetuo.

O facto curioso é que para esta gente, de outro lado da sociedade, não basta pensar, é preciso trazer a marca das proprias opiniões no lombo. Rarissimos são os presos que na Detenção não são tatuados; raros são aquelles que entre as tatuagens — lagartos, corações, sereias, estrelas, — não têm no braço ou no peito a corôa imperial.

A outra idéa é a crença de Deus — uma verdadeira crise religiosa. Rezar, pedir a Deus a sua salvação, trazer bentinhos ao pescoço, ter entre os seus papeis imagens sagradas, não significa, de resto, regeneração.

Homens da especie do Carlito ou do Cardosinho

As quatro idéas capitaes dos presos

fazem o signal da cruz ao levantar da cama para matar um homem horas depois; Seraphim Bueno um criminoso repugnante, tem uma fé surda no milagre e em Nosso Senhor; o Carrasco, gatuno torpe, treme quando se fala no castigo do céu, — mas nenhum delles se regenera. Deus é apenas a salvação das suas patifarias na terra, e tanto é assim que não ha desordeiro assassino em cuja mão direita não apontem, tatuadas, as cinco chagas de Christo. Sabem a interpretação dada a este signal?

A piedosa interpretação de que com a mão, ajudada por tão grande symbolo, não se atira á cara de um sujeito uma taponna sem que o contendor não cáia ao chão!

Esses pobres entes são o normal. Ha, entretanto, verdadeiras crises misticas como a desse convulsivo tratante Affonso Coelho. Affonso escreve diariamente cartas fervorosas de regeneração; reza, manda epistolas insultuosas a outros detentos, verberando-os porque a sua fé não é forte. Em todas as cartas ha erros de orthographia lamentaveis e um sopro de milagre. Ao mesmo tempo, porém Affonso Coelho esgaravata no pobre cerebro o meio de fugir. Arranja limas e corta varões de ferro. O administrador, atento, quando o trabalho está prompto, muda-o de cubiculo. Vai ao tribunal e, em caminho, ainda na Detenção, atira-se como um tigre, tentando escalar um portão. Os guardas têm que o puxar pelas pernas e lutar com elle, braço a braço. Traça planos de fuga, escreve indicações a amigos para abrirem portas num muro, combina fugas estranhas. O

As quatro idéas capitaes dos presos

administrador guarda uma porção destas cartas, interceptadas por sua ordem. Ultimamente, visitado por um jornalista a quem dá a honra de falar, depois de discutir direitos, de meter os pés pelas mãos com a sua vaidosa mania de querer ser inteligente, acabou dizendo :

— Qual, meu amigo, já estou muito conhecido aqui. Si sahir, embarco para a Europa. Lá o meio é maior.

E, cheio de doçura, enquanto desesparadamente a sua esperteza se arremete contra as grades preventivas, esse mesmo homem sonha com a Virgem, bate nos peitos e faz crer aos ingenuos ou aos interessados reformadores que é um canto no caminho de Damasco.

A terceira idéa quasi obsessiva é a imprensa. Ha os que têm medo de despresal-a, ha os que fingem despresal-a, ha os que a esperam afflictos. O jornal é a historia diaria da outra vida, cheia de sol e de liberdade; é o meio pelo qual saem da prisão dos inimigos, do que pensa o mundo a seu respeito. Não ha cubiculo sem jornaes. Um reporter é para essa gente inferior o poder independente uma necessidade como o monarchia e o céo. Anunciar um reporter nas galerias é agitar loucamente os presos. Uns esticam papeis, provando innocencia; outros bradam que as locaes de jornaes estavam erradas, outros escondem-se, receiando ser conhecidos, e é um alarido de ronda infernal, uma ancia de olhos, de clamores, de miseria... Os desordeiros acusados de ferimentos graves, com muitas mortes na consciencia, são,

As quatro idéas capitaes dos presos

por sua natureza, vingativos e conhecem bem os reporters. E, entretanto, apesar das noticias cruéis, nunca nenhum se atreveu a tentar uma aggressão. José do Senado pede :

— É com a imprensa que eu conto. O senhor foi cruel, porque não sabia...

Carlito teve, nesse dia, uma phrase completa :

— Eu sei que foi o senhor o autor daquella descompostura contra mim, no jornal. Mas tambem estou vingado. Si não fosse eu, o sr. não escrevia tanto...

Os outros rojam, como as beatas nos altares dos santos impassiveis :

— Não fale de mim, seu reporter ; deixe o meu nome socegado, não fale !

E no dia seguinte percorrem, loucos, a folha para ver negrejar no papel poderoso a sua celebridade.

Ha mesmo um preso, Antonio F., que me entregou um artigo de psychologia da imprensa. Antonio acha que, sendo o papel da imprensa educar os povos, ensinar os homens a serem até bons esposos, o nosso jornalismo é tudo quando ha de errado, de imbecil e de vasio. « Nada ! » brada elle ; « que aproveitam á nobreza, ou á plebe, estas banalidades ! Nada ! Que valem, portanto ? Nada !... E nada, nada e nada milhões de vezes nada repercutia o éco do Prata ao Pará, si não corrigirem a grande força. »

A quarta idéa, a ultima, é a idéa fixa, a idéa constante de todos os detentos — escapar, ficar livre, burlar a prisão, apanhar novamente a li-

As quatro idéas capitaes dos presos

berdade. Os reincidentes conhecem as cousas do fôro tanto como os advogados de porta de xadrez : sabem chicanas, artigos do código, contam os dias de prisão, fazem petições de *habeas corpus*, assignam declarações de inocencia de outros, para que outros assignem declarações identicas, vivem numa tensão nervosa extraordinaria. A religião, que lhes dá a esperança, o jornal, que lhes lembra a rua, acendem a labareda desse desejo, e é principalmente a idéa da liberdade que modifica o humor dos presos, que faz frequentadas as solitarias, que os torna ora alegres de uma extrema bondade ora agitados e terrivelmente máos.

Esses quatro ideaes da generalidade dos presos fizeram-me pensar num paiz dirigido por elles. Um rei perpetuo governaria os vassallos, por vontade de Deus. Os vassallos teriam a liberdade de cometer todos os desatinos, confiantes na proteção divina, e a imprensa continuaria impassivel no seu louvavel papel de fazer celebridades. Seria muito interessante ? Seria quasi a mesma cousa que os governos normaes — apenas com differença da policia na cadeia, como medida de precaução. Tanto as idéas do povo são identicas, quer seja elle criminoso quer seja honesto !



Mulheres Detentas

Quando entrámos, algumas detentas lavavam a primeira sala, sob o olhar severo de um guarda.

— Tudo limpo ?

— Saiba v. s. que ainda não.

— Pois apresse, apresse estas mulheres...

O chão de pedra estava cheio de lama. A agua suja escorria da soleira da sala em dous grossos fios e as mulheres, de saia arregaçada, com pullos estranhos, davam gritinhos estridentes. Um cheiro especial, exquisito, pairava naquella galleria batida de sol, em que os metaes reluziam. Os guardas tinham a phisionomia fechada.

— Quantas presas ?

Ha actualmente **cincoenta** e oito, divididas por tres salas, uma das **quaes** é enfermaria. A' fal-

As mulheres Detentas

ta de logares, a promiscuidade é ignobil nesses compartimentos transformados em cubiculos. A maioria das detentas, mulatas ou negras, fufias da ultima classe, são reincidentes, alcoolicas e desordeiras. Olho as duas salas com as portas de par em par abertas e fico aterrado. Ha caras vivas de mulatinhas com os olhos libidinosos dos macacos, ha olhos amortecidos de bode em faces bafosas de aguardente, ha perfis esqueleticos de antigas bellezas de calçada, sorrisos estupidos navalhando bocas desdentadas, rostos brancos de medo, beiços tremulos, eno meio dessa caricatura do abismo as cabeças oleosas das negras, os narizes chatos, as carapinhas imundas das negras alcoolicas. Alguns desses entes, lembra-me telos visto noutra prisão, no pateo dos delirios, no hospicio. E' possivel ? Haverá loucas na Detenção como ha agitados e imbecis? O Dr. Afranio Peixoto, o psiquiatra eminente, dissera-me uma vez, apontando o pateo do Hospicio, onde, presas de agitação, as negras corriam clamando horrores aos céos : Ha algumas que têm quatro e cinco entradas aqui. Sahem, tornam a beber e voltam fatalmente.

As mulheres tinham corrido todas para os fundos das salas, casquinando risinhos de medo. Naquella tropa, as alcoolicas andavam tropegas, erguendo as saias com um ar palerma. Indiquei ao guarda uma dellas.

— Venha cá, gritou elle.

As mulheres agitaram-se. Eu? Sou eu ? *Seu* guarda, posso ir ? O guarda tornou a chamar a

As mulheres Detentas

massa abjecta e foi quasi empurrada pelas outras que ella veiu, meio envergonhada.

— Quantas vezes esteve no Hospicio?

A negra olhou para nós. Os seus olhos amarelos, raiados de sangue, abriram-se num esforço e ella balbuciou.

— Duas, sim senhor.

O alcool ou a preparava para a tísica rapida ou, dias depois, a atiraria irremissivelmente para o manicomio.

As outras creaturas, dotadas de curiosidade irresistivel, tinham-se aproximado das portas entre risadinhas e cochichos depravados, e eu pude assim, com calma e tranquillidade, apreciar e interrogar todas as flores de enxurrada, todas essas venenosas parasitas do amor torpe num campo perdido do jardim do crime. Essas mulheres estão na Detenção por cousas futeis, cousas que cometem diariamente até á colera final dos inspectores tolerantes ou a vingança de algum soldadinho apaixonado.

São moradoras do morro do Favella, das ruelas proximas ao quartel-general, dos becos que desaguam no largo da Lapa, das ruas da Conceição, S. Jorge e Nuncio. Quasi sempre brigaram por causa de uma « tentação » que tentava e pretendia satisfazer as duas. Outras atiraram-se á cara dos apaixonados num desespero de bebedeira.

— Saiba v. s. que da outra vez que estive aqui foi por causa do inspector. Eu tinha o meu bajojo; o bobo cheio de « fobó » estava-se endireitando. Mas veiu de carrinho. O diabo vingou-se!

As mulheres Detentas

E logo outra, apopletica :

— Cá comigo é nove. Não gosto de presepa-
das. Elle era um rodelista. Quando a gente gosta
de um homem, gosta mesmo, nem que bata o
trinta e um.

Falavam uma lingua imprevista e curiosa, cus-
pinhando; e, olhando as pobres coitadas, não sabia
eu bem si falava a mulheres velhas ou a mulheres
novas, de tal forma aquellas faces e aquelles cor-
pos estavam arruinados. Perguntei a uma par-
dinha cujos dentes eram brancos e que devia ter
sido bonita :

— Como se chama ?

— Francisa Maria.

— Quantos annos tem ?

— Tenho vinte.

E estava havia cinco naquella vida de horror.
E assim a Carmen da rua Moraes e Valle, e assim
a Carmelina com uma navalhada na face, vibrada
pela rival enquanto dormia, e assim a velha
Rosa Maria á espera da liberdade apenas para
continuar o seu fadario e voltar á Detenção. To-
das estão tatuadas, tatuadas nos seios, hombros,
tatuadas nos braços, nas pernas, no ventre, tatau-
das nas mãos, algumas até tatuadas na testa. Esses
riscos azues e essas manchas negras dão-lhes um
aspecto barbaro, um ar selvagem. Nenhuma de
certo tem mais familia ou amizades duradouras.
A tatuagem para os seus pobres corações apo-
drecidos é como a exteriorisação da saudade, Mui-
tas têm, entre espadas, christos, sereias, peixes,
corôas imperiaes, o nome dos que lhes deram o

As mulheres Detentas

ser, o nome dos irmãos, o dos filhos perdidos e dos amantes que se foram ; muitas, nas horas de solidão, têm na propria pelle a recordação da eterna dôr.

Cavallhada da Luxuria, correndo nos recantos da cidade ao lado da morte e do assassinato, destinada aos fins tragicos da miseria, da siphilis ou do ciume feroz, os seus proprios corpos são como o perpetuo simbolo das suas adorações, os altares onde se confundem todos os sentimentos. A cabocla Carmelina, uma das mais tatuadas, tem de tudo no corpo, a até as phalanges formam com iniciaes o nome do irmão. Os braços, ella os dedicou ao amor. Ha nomes e nomes, uns por cima dos outros, alguns apenas em iniciaes, outros por extenso. Examinando esses dous braços de Venus asquerosa, que com o mesmo delirio e a mesma alma apertaram na chama da paixão apaixonados diversos, o guarda perguntou, como quem quer decifrar um enigma :

— E qual destes é querido agora?

Carmelina esticou o braço esquerdo, e todos nós lemos, emquanto ella sorria, o nome de Narciso, com uma cedilha de mais por baixo do *c*. A creatura amava um Narciso, e de certo naquelle momento aos seus olhos surgia a imagem desse seu deus temporario.

Eu porém já me nauseara, e Antonio Barros, chefe dos guardas, sempre solícito, levou-me á enfermaria, onde havia apenas tres doentes, — a Herculana assassina, a negrinha Gabriella do Pontes e uma pequena, feia, magra, olheirenta,

As mulheres Detentas

espapaçada na cama como uma das mumias americanas que o Museu guarda na sua secção de ethnographia. Essa creaturinha tem quinze annos e parece ter mil. E' dolorosamente irreal. Está condemnada por crime de infanticidio. Matou o proprio filho ao nascer, mas antes devia ter matado outros, como matará os futuros com o seu olhar de cirio perpetuamente ardendo na negridão das olheiras. Ao vel-a, lembra-se a gente das theorias dos criminalistas passados e principalmente das idéas de Maudsley sobre o crime e a loucura.

— Como te chamas?

— Olivia.

— Você não gosta das crianças?

Um gesto negavito de cabeça.

— Antes já procurara tomar remedios para abortar, não?

E' uma pergunta sem razão de ser. A menina curva a cabeça e desata a chorar. Tudo quanto se lhe perguntar sobre o seu horror á maternidade, Olivia é incapaz de negar. Não deve estar nessa enfermaria de Detenção, mas num dos pateos do Hospicio. E, encolhida, com os cabelos esparsos nos travesseiros, a pele resequida como um pergaminho muito tempo esfregado por oleos barbaros, essa infanticida de quinze annos arreganha a face num rictus de angustia como um cadaver de aztéca ao resurgir á face da terra.

Neste momento, porém, houve um reboliço. Chegavam os presos da Colonia de Dous Rios á disposição do chefe. Fóra ouviam-se os rugidos de um negro abjecto, o *Bronze*, enleiado numa

As mulheres Defentas

camisola de força, esperneando, espumando. Dous outros adolescentes bem dispostos, de chinellos novos, que sorriam perfeitamente contentes com a sorte, perfilavam-se ao longe entre os guardas.

Não tivemos tempo de chegar á janela. Pelo corredor vinham vindo tres mulheres. Traziam todas a roupa de zuarte e um lenço cobrindo o craneo pelado. A primeira era magra, magrissima, tossindo a cada instante, com as mãos em cruz sobre o peito. De vez em quando parava e a sua face exprimia a horrenda e inexprimivel dôr de uma agonia sem fim. A segunda, apagada, com os braços abertos, parecia não sentir mais as pernas. A ultima, com uma face de burgueza honesta na miseria, tinha um ventre enorme, um ventre hidropico, um ventre colossal. Os guardas iam-nas tocando.

— Eia! p'ra diante! eia!

As duas primeiras passaram sem ver, com o olhar insensivel. A ultima parou.

— Não posso mais. Vim para fazer operação. Oh! o meu martirio! De qualquer fórma, sr. guarda, eu morro, mas deixe-me ao menos morrer quando chegar a hora definitiva.

— Mas esta mulher é inteligente!

— Pois si até ensina a ler.

Aproximei-me :

— Ah! meu caro senhor, por piedade, peça ao ministro o meu perdão. Ha tres annos que soffro. O odio de um inspector, a falta de amigos e de proteção reduziram-me a este lamentavel estado.

As mulheres Defentas

Venho da Colonia. Não me trataram como uma presa, trataram-me como uma pessoa digna de piedade. E apesar disso eu estou assim. Perdão para mim!

— E a senhora chama-se?

— Maria José Corrêa. Fui professora publica...

Deus misericordioso! Que fatalidade sinistra arremessara aquelle pobre ente inteligente, descendente de uma familia honesta, á tropilha de uma colonia correccional? Que destino inclemente impele na sombra o homem, fórma os vagalhões da popularidade, afoga uns, atira outros ás estrellas e emaranha no dissabor e na tristeza a marcha do maior numero? A essa mulher bastára perder o apoio da sociedade, para acabar no horizonte fechado de correccional todo os sonhos de ambição, todas as idéas felizes que os pais depositaram no seu espirito. Que lhe servia a visão superior do mundo na cloaca do crime e da luxuria? Que lhe servia ter ensinado ás crianças o amor das cousas dignas, sí o seu fim era acabar no eito da colonia, cavando a terra entre as desordeiras e as perdidias varridas da cidade?

Tomou-me uma especie de medo, de phobia neurasthenica. Recuei.

O guarda dizia :

— Deixa de lambança, Maria. Todos te conhecem. Saiba v. s. que é popular nos kiosques da Estrada de Ferro Central. Vai ás cinco da manhã, e só deixa de beber quando os kiosques fecham. Antigamente servia-se da barriga para dizer que estava grávida e ser bem tratada na delegacia.

As mulheres Detentas

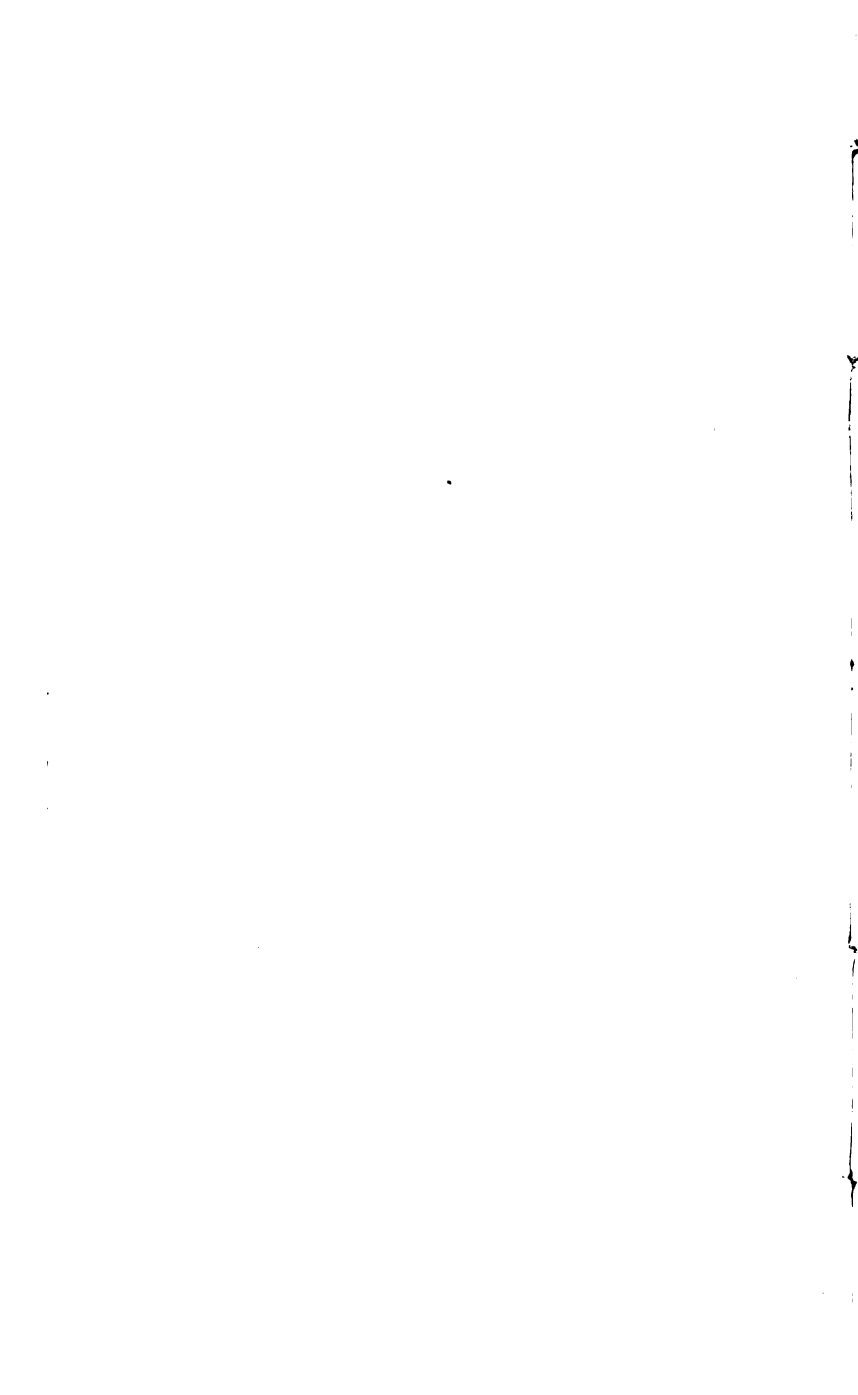
Agora não ha mais disso. E' uma alcoolica mais malcreada que qualquer outra.

A mulher calou-se. As outras tinham parado e de repente a tísica, a que tinha na face a expressão horrenda de uma agonia sem fim, cahiu de joelhos soluçando.

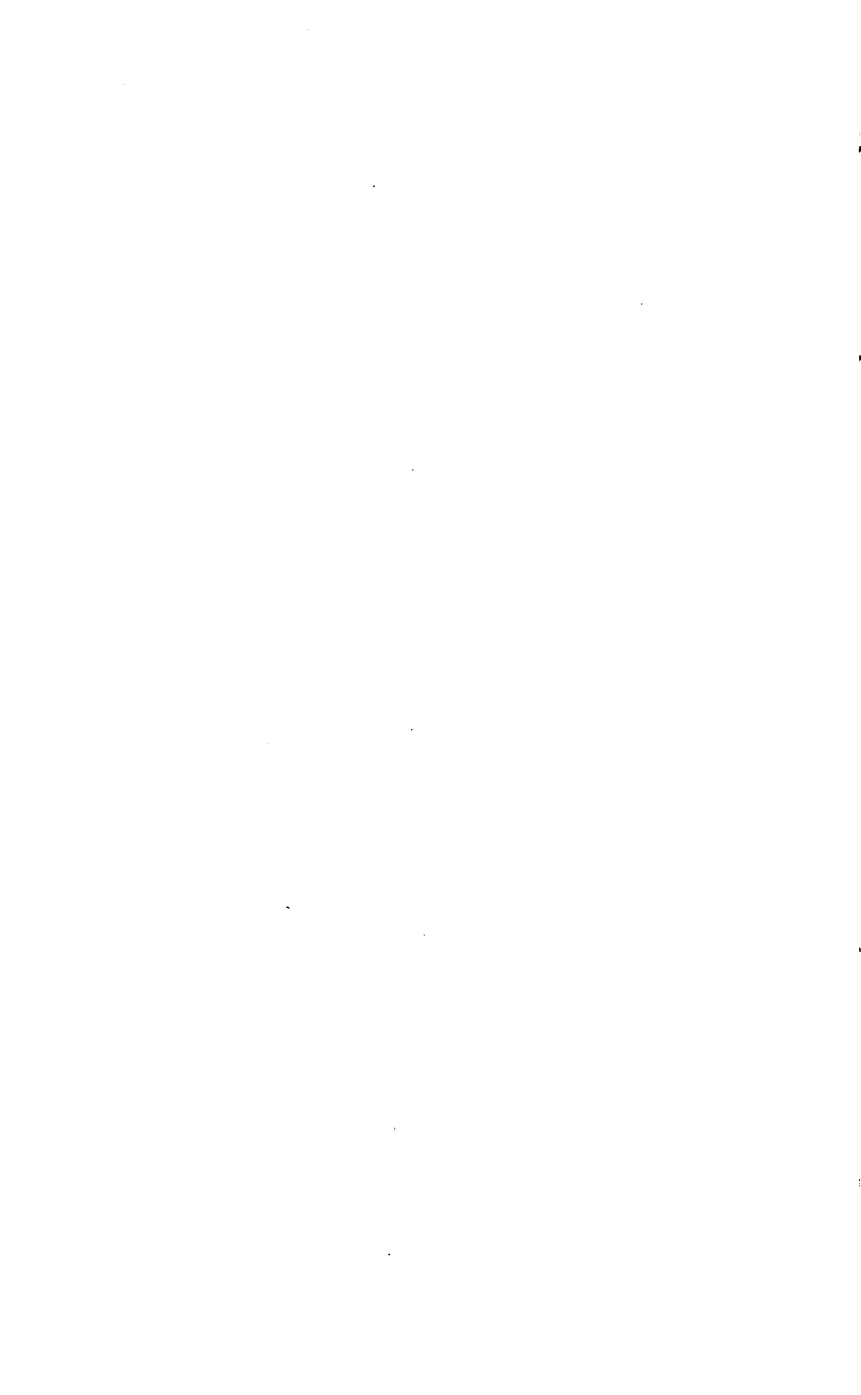
— Si eu tivesse o meu perdão. Nossa Senhora! não morria aqui! Si eu tivesse o meu perdão, eu ia morrer socegada...

Fóra o sol enchia todo o pateo de um esplendor de ouro liquido.





A Musa das ruas



Musa das ruas

A Musa das Ruas é a Musa que viceja nos becos e rebenta nas praças, entre o barulho da população e a ancia de todas as nevróses, é a Musa igualitaria, a Musa-povo, que desfaz os factos mais graves em lundús e cançonetas, é a unica sem pretensões porque se renova como a propria Vida. Si o Brasil é a terra da poesia, a sua grande cidade é o armazem, o ferro-velho, a aduana, o belchior, o grande emporio das fórmas poeticas. Nesta Cosmopolis, que é o Rio, a poesia bróta nas classes mais heterogeneas. A camara regorgita de vates, o hospicio tem duzias de versejadores, as escolas grózas de nephelibatas, a cadeia fornadas de elegiacos. Onde fôr o homem lá estará á sua espera, definitiva e teimosa, a Musa. Si tomardes um bonde modesto, encontrareis o palpите do bicho em verso nas costas do recibo; si entraís

Musa das ruas

nos tramways de Botafago, o recibo convida v. ex. numa quadra a ir á Copacabana. Os cafés são fócios de microbio rimico, os blocos de folhinha, as balas de estalo, as adivinhações dos passaros sabios, as polianthéas, esse curioso genero de engrossamento tipographico e indirecto, as taboletas, os reclamos, os jornaes proclamam incessantemente a preocupação poetica da cidade, o anonimo mas formidavel anceio de um milhão de almas pelo rithmo, que é a pulsação arterial da palavra... O verso domina, o verso rege, o verso é o coração da *urbs*, o verso está em toda a parte como o resultado absoluto das circumvoluções da cidade. E a Musa Urbana, a Musa anonima, é como o riso e o soluço, a chalaça e o suspiro dos sem-nome e dos humildes.

A Musa Urbana! Ella é a canção, começa com os povos na historia, e talvez tivesse, como o homem, a sua prehistoria. Contar-lhe a idade é tentar um mergulho intermino na classica noite dos tempos. O primeiro homem, para dar a expressão á idéa, deu-lhe o rythmo; a primeira tribu, para exprimir os sentimentos mais complexos, descobriu a cadencia. A civilisação é a apotheose do verso popular, porque mais nitidamente acentúa a facilidade de exprimir da massa ignorante. Os gregos faziam modinhas a todo o instante e a todo o proposito, e davam para cada uma denominação especial. Antes de saber lêr tinham a sentimento do metro poetico, e é o grave Aristoteles que nos faz sentir esta ridente idéa : canção e lei eram uma e a mesma palavra entre os hellenos.

A modinha é o instincto barbaro de independencia e de maravilha no homem. Louva aos deuses, incita á guerra, canta a mesa, chora desejos de carne, e — ó coisa admiravel! — foi ella que trouxe desde Athenas para os superficiaes prazeres de civilisação esses sons frivolos que nos cafés-cantantes nos fazem tanto bem, foi ella que modificou a onomatopéa selvagem, no delicioso *tralalá*.

Quando a musa anonima inventou o *tralalá*, jocunda insignificancia, mais vasta, mais profunda que um *etc.* na conversa de um embaixador, a musa assegurára para todo o sempre a immortalidade, e vemol-a zurzir os cesares em Roma e bajulal-os tambem; vemol-a em plena idade média esconder-se nas pedras das cathedraes e florir sob as espadadas nuas dos cavalleiros; vemol-a irradiar pelo universo inicio de literaturas, semente de grandes idéas, e nos tempos modernos fazer-se clava destruidora, bomba revolucionaria, impondo a fórmula: — *igualdade, liberdade, fraternidade*.

A canção é a sobrevivencia alegre de um genero comprido e lugubre chamado poema épico, que já entre nós não tem cultores; a musa do povo tem esse aspecto infinito: — é o continuo épitome da historia.

Cada nação moderna póde esquissar seculos da sua vida sentimental, politica e artistica, apenas com uma coleção de cantigas. A revolução franceza, que todos teimam em considerar a base do mundo actual, começou por modas satiricas con-

Musa das ruas

tra Luiz XIV, Richelieu e Mazarino, acentuou-se contra os favoritos de Luiz XV, tornou-se braza, latego, fogo, vergasta quando Maria Antonietta enfeitara carneirinhos nos prados cuidados, explodiu em quadras e estribilhos que lembram o embate de cargas de baionetas e afinal concluiu numa canção guerreira, a *Marselheza*, que não se ouve sem se sentir a irresistível emoção do triumpho, da victoria, da apothéose.

As artes são por excellencia sciencias de luxo. A modinha, a cançoneta, o verso cantado não é sciencia, não é arte pela sua natureza anonima, defeituosa e manca : é como a voz da cidade, como a expressão justiceira de uma entidade a que emprestámos a nossa vida : — colossal agrupamento, a formidavel aglomeração, a *nrbs*, é uma necessidade da alma urbana e espontanea vibração da calçada. Sí quizerdes saber o que pensou o boulevard durante vinte annos, compraes esses papeluchos de um *sou* que os *camelots* vendem. Ha desde a historia do Panamá á questão dos cultos, desde a renuncia de Perier até a condecoração de Sarah Bernhardt.

E si os gregos asseguravam que a poesia é um delirio inspirado pelas Musas ás almas simples e virgens, si o Evangelho afirma pertencer o céu ás crianças e aos que se lhes parecem, — porque teimaremos nós em dizer que a poesia preferiu o nosso cerebro ensandwichado em literaturas estrangeiras á alma simples do povo ignorante? Os poetas da calçada são as flôres de todo o anno da cidade, são a sua graça anonima, a sua *coquetterie*,

a sua vaidade anonima e sua sagração — porque afinal o proprio Platão, que julgava Homero um envenenador publico, considerava o poeta um ser leve, alado, e sagrado.

É exactamente assim a nossa musa urbana. Dispepticos intellectuaes, vemol-a tristemente á margem da poesia. Que idade tem ella? Tem seculos e parece nascida hontem, passou por todas as vicissitudes e chalra como uma criança. Conhecem-lhe a origem? Pois de certo.

A musa renovou aqui o simbolo do filho prodigo. Teve pais notaveis, principios sérios, e viveu no palacio dos reis, frequentou os genios e os salões fidalgos. Mas um bello dia, sem dizer agua-vae, foi-se, degenerou, pintou o sete, embebedou-se, vive pelas alfurjas e chombergas, afina o violão em sitios escusos, e — ó acontecimento! — está forte, está sacudida, é a unica musa que não tem cephaléas e não soffre de arthritismo. Quem a creou? Gregorio de Mattos ao norte fez o lundú; S. Paulo ao sul o Viradinho. A fusão dos dois é a alma do Brasil. Logo que a teve assim com todos seus encantos, Caldas Barbosa, mulato arcadiano, levou-a para Portugal.

A modinha entrou no paço dos reis, ensandeceu os peraltas e as secias da decadencia rocalhante do XIX seculo lusitano. As damas fechavam-se nos quartos e respiravam as endeixas com o prazer de uma ação capitosa; os homens eram con-

Musa das ruas

vidados para taes actos como hoje se convida para os *five o' clock* onde ha *flirt*. O versinho ingenuo e babado delirava os baldaquins de throno real e a gracilidade das grandes damas. E como resistir? Como lhe poderiam resistir meridionaes da terra do fado? A modinha era o soluço, era o gemido, era o riso, era o suspiro ardente da selva ardente. Nem lord Beckford, um inglez frio e fatalmente de gelo, como todos os inglezes, póde resistir, e esquentta e derrete. E' d'elle a mais fogosa descripção de machucado da nossa canção :

« Quem nunca ouviu, diz, este original genero
« de musica, ignorará para sempre as mais feiti-
« ceiras melodias que têm existido desde o tempo
« dos sibaritas. Consistem em languidos e inter-
« rompidos compassos, como si faltasse o fôlego
« por excesso de enlevo e a alma anhelasse se unir
« a outra alma identica de algum objecto querido.

« Uma ou duas horas correram quasi imperce-
« ptivelmente no deleitoso delirio que aquellas
« notas de sereia inspiravam, e não foi sem ma-
« goa eu vi a companhia dispersa e o encanto
desfeito. »

Depois os poetas que sabiam ler continuaram a dar o seu prestigio ás sibariticas melodias que punham Lord Beckford em delirio e em deleite, e nós vemos toda a escola romantica tomar inconscientemente na maioria dos seus versos a feição melodica, o *metro modinheiro* ; vemos aquelle pernostico elegante, o Magalhães dos *Suspiros Poeticos*, escrever em Roma versos que estão pedindo cavaquinho, gaforinha e unha grande; vemos Ca-

tros Alves crear para esse genero canções de uma frescura eterna como a *Tyranna* :

Minha Maria é bonita
Tão bonita assim não ha
O beija-flor quando passa
Julga ver o manacá
Minha Maria é morena
Como as tardes de verão
Tem as tranças da palmeira
Quando sopra a viração.

E Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias e Bittencourt da Silva, Ezequiel, Mello Moraes, a leva dos ex-academicos actuaes conselheiros, e esse estranho Alvares de Azevedo, o unico genial do bando romantico, o unico predestinado como os grandes vates, o unico que no choro de praxe dos amargurados de estilo tinha o soluço presciente de uma tumba a abrir-se, o unico que conservava no torvelinho das paixões uma alma de rosa cujo perfume desejava e céo, o unico que hoje, amanhã, ninguem lerá sem sentir o soluço, o travo da morte, o ai! das agonias e a tristeza que nos causa o desaparecer de um astro, o murchar de uma flor, o tombar de um passaro cujo breve cantar não passou de uma alegria em torno do proprio ninho...

Ainda um instante, ligando á sua dualidade, arma de dois gumes, satira e lirismo, a musa foi a senhora capaz de entrar um salão e se conservar num ambiente respeitavel. A sua paixão porém levou-a a acompanhar Laurindo Rabello a máos logares, o Laurindo cigano dos repentés,

Musa das ruas

cantador emerito, de quem se tem dito tanto mal, tanto bem e tanta mentira. E de repente quando se falou num salão de modinhas, as damas coraram e os pais de familia mudaram de conversa, arredando esse assumpto fescenino, immoral, prejudicial á pureza do lar. A modinha déra na gandaia, a modinha era vagabunda, a modinha descera á ralé, integralmente anonima, desprezada. Mello Moraes empresta a sua companhia de homem sério á tamanha bambochata, precipita-se nas vielas e bodegas para apanhar a historia dos mais celebres e mais notaveis poetas, que ninguem conhece, e traz-nos naquelle seu estylo, tão seu, tão complexo, tão bizarro, esses curiosos periodos :

« No Olympo das serenatas do tempo, percebemos neste momento desfilar spectralmente, orvalhados dos relentos daquellas noites, vultos de transcendente nomeada, excellentes rapazes que passaram neste mundo para deixar lampejos fugazes e duradouras recordações. E foram elles pelo charisma popular conhecidos por Zúzú Cavaquinho, Lúlú do Sacco, Manésinho da Cadêa Nova ou Manésinho da Guitarra, Zé Menino, Vieira Barbeiro, e ainda o Calladinho, o Ignacio Ferreira, o Clementino Lisboa, o Rangel, o Saturnino, o Luizinho, Domingos dos Reis, que lá desceram para os tumulos, que ora volteio, agitando os cyprestes que os resguardam sob o céu sem éco das necropoles. »

A modinha tinha por cultores o Manésinho do Saco e o Zúzú Cavaquinho. Pobre modinha!

Hoje, vinte ou trinta annos depois, é ainda mais abundante, mais popular e mais estranha ao nosso paladar de esthetica elevada. Cada cançoneta tem uma porção de pais. A musa urbana, a musa das ruas, que ri dos grandes factos e canta os seus amores pelas esquinas, nas noites de luar, a musa é a de todo um milhão de individuos. Nessas quadras mancas vivem o patriotismo, a fé, a pilheria e o desejo da populaça, desses versos falhos faz-se a symphonia da cidade, proteiforme e sentimental. A modinha e a cançoneta nascem de um balanço de rêde, de uma noticia de jornal, de facto do dia — assumpto geral, — do namoro e da noite — assumpto particular. Si em Paris é a rapsodia da miseria e a vergasta ironica, no Rio é a historia viva do carioca, a evoluir na calçada, romantico, gosador e peralta. A gargalhada da rua faz-se de uma porção de risos, o soluço da paixão de muitos soluços — a musa é polichroma, reflecte a população confusa e babelica tal qual ella é. Já se não encontram modinhas com a belleza de fórma do *Talvez não creias*.

Talvez não creias que por ti sou louco
Tens feito pouco porque tu és má
Talvez duvides, mas, donzella, eu juro
Que amor tão puro como o meu não ha.

Ou com a graça meio infantil do *Tipe-ti* :

Coração, que tens com Lilia?
Desde que seus olhos vi
Pulas e bates no peito
Tape, tepi, tipi, ti
Coração, não gostes della
Que ella não gosta de ti.

Musa das ruas

Os grandes poetas não fazem mais versos para toda gente — o nível intelectual da classe média subiu assim como a proporção geometrica da sua pretensão, e os vates são parnasianos, são simbolistas, procuram a forma sensível e a essencia oculta.

Em compensação brotam na calçada, como cogumelos, os bardos ocasionaes da satira e da paixão ; e, varejando botequins e ruelas de Suburra outros Zúzús vamos encontrar em pleno triumpho. Esses vates têm uma só preocupação seria : — cantar. Cantam como as cigarras e o canto dá-lhes para viver no eterno verão desta terra abundante. Quando não ha dinheiro, inventam para uma certa musica conhecida os versos do « Ferramenta ou sóbe ou arrebeta », « O Rocca da rua da Carioca », a cantiga « Ah! si fosses minha », mandam imprimir e vendem tudo por dois tostões. Admiram-se que elles imprimam e, o que é mais, esgotem edições, milheiros e milheiros de exemplares? Pois imprimem como qualquer poeta. Apenas elles vendem e a maioria dos poetas offerece gratis aos amigos...

Mas os poetas da calçada não imprimem e vendem só. O espirito pratico é, evidentemente, um progresso. Elles, entretanto, progrediram mais. Ha trinta annos o bardo tinha uma gaforinha oleada e uma unha cumprida. Ao começo, logo que a musa cahiu na populaça, resolvida a não voltar jámais aos salões, os versos á margem da poesia eram ainda uma qualidade especial de certo grupo limitado. Hoje a musa é de todo o genero, o bar-

do deixou de ser um tipo porque todos cantam, e a sua historia, que ninguem quer saber, é um conjunto de elementos para a analyse da vida urbana.

A musa tem preferidos e tem esthetas, tem criticos. Como chovesse muito um dia, acolheu-se a um desvão de porta. Dentro bebiam. Para beber tambem, ella cantou, e creou-se o *cabaret* nacional, esses estabelecimentos inéditos chamados *chopps*. Quando o *chopp* percebeu que perdia a graça sem ella, a musa da calçada tinha invertido o seu sistema romantico. Outrora ella bebia para cantar. Agora canta para beber. A industria, o interesse, o lucro, o lucro, essa miragem que tanto faz progredir os povos como as literaturas, propagou-a, espalhou-a, tornou-a torrencial. A musa delira hoje numa pandega infrene, de bodega em bodega, de *chopp* em *chopp*, de tablado em tablado. Nesse turbilhão de bardos e de cantares surgiam alguns mais dados á evidencia, — o Geraldo, o Eduardo das Neves, o estheta Catullo da Paixão Cearense! O Geraldo deitou elegancia e botinas de polimento; o Eduardo das Neves tinha sido bombeiro, antes de ser notavel. Quando foi numero de *music-hall*, perdeu a tramontana e andava de *smoking* azul e chapéo de seda. A sua fantasia foi mais longe : chegou a publicar um livro intitulado *Trovador da Malandragem*, e esse *Trovador* tem um prefacio cheio de colera contra pessoas que duvidam da auctoria das suas obras.

« Porque duvidaes, diz elle, isto é, não acreditaes quando apparece qualquer *chôro*, qualquer composição minha que cahe no gotto do publico e

Musa das ruas

é decorada, repetida por toda a gente e em toda a parte, desde nobres salões até pelas esquinas nas horas mortas da noite? »

Ninguém ouviu os chôros do sr. Eduardo nos salões fidalgos, mas o sr. Eduardo tem essa convicção definitiva, além de muitas outras. Depois de cantar algumas intimidades da sua vida, chegou mesmo, num lundú intitulado *O creoulo*, a desvendar o misterio de uma senhora loucamente apaixonada pela sua voz. No final do negocio a dama murmura :

Diga-me ao menos
Como se chama

E elle, complacente :

Sou o creoulo
Dudú das Neves

Dudú, entretanto, canta apenas as suas obras. Ha um outro sujeito, chamado Bahiano, que sabe de cór mais de mil modinhas, e para o qual trabalham a oito mil réis por numero, meia duzia de poetas que nunca saíram nos suplementos dominicaes dos jornaes. E si Bahiano tem essa prodigiosa memoria, o sr. Catullo, ultimo trovador velho-genero, é o estheta da trova popular. Vel-o recitar *o Poeta e a Fidalga*, com um copo de *chopp* na mão, é um desses espectaculos de *brasserie* inescquecivel. Catullo emaranhou-se no dogma da moda, corrigiu os versos de tudo quanto era quadra, estudou Bellini, Donnizetti, Verdi, adaptou os nossos versos a trechos de operas e, finalmente,

compôz traduções livres de Leconte de Lisle para serem recitadas ao piano! Ha no prefacio da *Lyra dos Salvões*, o livro em que se encontra Leconte no pelourinho do recitativo, a esthetica fundamental da modinha :

« Julgo difficil, diz elle, e escabroso o trabalho de escrever poesias para adaptar á musicas que já preexistem de ha muito, e com extrema razão quando essas composições musicaes foram escriptas por quem nunca presumiu que ellas fossem sacrificadas, isto é, cantadas com letras

Canto valsas, schottischs, masurkas, polkas, romances, arias de operas, é já cheguei ao exquisitismo de cantar até uma quadrilha inteira »...

E mais adiante, no mesmo tom, depois dessa coisa espantosa e pernóstica :

« Vós me pedis, suponde, que eu faça a poesia para certa musica. Crêde que eu, immediatamante, sem mais reflexão, empunhe a pluma e a vase no papel? Não. Ha algumas dessas musicas que me fazem levar horas inteiras a interpretar-lhes os sentimentos, os queixumes, as magoas de que sofrem os seus autores.

« Leitor! ascende a tal culminancia o orgulho que tenho de saber poetar para o canto que, sem acanhamento, teria o desaforo de vos dizer que o dia em que um competente me dissesse : esta ou aquella phrase não foi bem adaptada, não dizo que diz a musica, está incolor, esse dia seria o ultimo da minha vida, porque ou suicidar-me-ia ou succumbiria de pesar por ver aquelle meu orgulho desthronado ».

Musa das ruas

Catullo, hyperestesia da musa urbana, é, apesar de tanta trapalhada capaz de fazer celebres varios poetas, quasi desconhecido e vive á margem poeta da musa anonima, poeta da calçada...

Porque a musa não se rala com a interpretação de partituras.

Basta-lhe o facto, o successo do dia, tres gotas de paixão e um violão. Vibra acordes patrioticos a duvida, o desejo, e é o necessario para ser comprehendida.

A característica principal dos poetas de calçada é o patriotismo, mas um patriotismo muito diverso do nosso e mesmo do da populaça — é o amor da patria escoimado de odios, o amor jacobino, o amor esterilizado para os de casa e virulento para os de fóra. O homem do povo é no Brasil discursadoramente patriota. A sua questão principal é o Brasil melhor do que qualquer outro paiz. O successo e a popularidade de Santos Dumont são devidos menos aos seus trabalhos de aviação que ao ter causado a admiração de Paris. Para o patriota elle não se fez admirado : — dominou. A popularissima cançoneta do Beranger das Neves é um atestado :

A Europa curvou-se ante o Brasil
E aclamou parabens em meigo tom
Brilhou lá no céu mais uma estrella
Apareceu Santos Dumont.

Ha pelo menos duas tolices em tal moxinifada. O *music hall* ficava, entretanto, apinhado de jovens soldados, de marinheiros, de mocinhos patriotas ; e eu hei de lembrar sempre certa vez em que,

Musa das ruas

passando pelo café-cantante, ouvi o barulho da apotheose e entrei. Estava o Dudú das Neves, suado, com a cara de pixe e evidenciar trinta e dois dentes de uma alvura admiravel, no meio do palco e em todas as outras dependencias do theatro a turba aclamava. O negro já estava sem voz.

Assignalou para sempre o seculo vinte
O heroe que assombrou o mundo inteiro
Mais alto que as nuvens, quasi Deus
E' Santos Dumont um brasileiro!

E após essa rajada de hiperboles ao Dumont que todos nós conhecemos, sportman, elegante, acionista da Mogyana, bem homem da sua época, eu vi no estridor das aclamações Fausto Cardoso, poeta, politico, patriota, agitar freneticamente um lenço, pallido de emoção... Era a victoria da calçada, era a poesia alma de todos nós, era o sentimento que brota entre os paralelipipedos com a seiva e a vida da patria. Esse patriotismo é a nota persistente dos poetas sem nome, patriotismo que quer dominar o estrangeiro e jamais exhibe, como exhibem os jornalistas, a infamia dos politicos e as fraquezas dos partidos. A musa urbana enaltece sempre os seus homens e quando odeia oculta o odio para não o mostrar aos de fóra. Todos os episodios da revolta foram postos em verso. Floriano tem entre outras aquella quadra :

Quando elle apareceu, altivo e sobranceiro
Valente como as armas, beijando o pavilhão
A patria suspirou dizendo : Elle é o guerreiro
E' marechal de ferro, escudo da nação.

Musa das ruas

E' de imaginar por ahi que a patria suspirosa tinha medo das granadas e odiava Saldanha? Pois não! Saldanha tambem tem quadras em que se canta o seu valorepico. Na guerra de Canudos os garotos diziam a proposito do *Conselheiro*

Quem será esse selvagem
Esse vulgo santarrão
Que encoberto de coragem
Fere luta no sertão?

para cantar em estilo magestático a morte de Moreira Cesar. A musa tem dignidade — a quantos jornaes ensinaria ella! Basta que o sangue apareça para que a vejamos soluçar.

5 de novembro
Data fatal
Em que deu-se a morte
Desse marechal...

Basta que alguém suba para que ella aplauda. Porque? Porque, além de chorosa, além de digna, ella tambem recebeu o virus que corrompe as camadas superiores, o virus do engrossamento. Apenas nella é espontanea e sem lucro! E' o patriotismo bizarro.

A policia prohibe as aggressões ás autoridades. Furcy seria um mytho na Maison Moderne, impossivel em qualquer *brasserie*.

O povo, porém, que, como se sabe, é sempre oposicionista, decorou a canção dos presidentes :

1º de março
Foi o dia da eleição,

Musa das ruas

Foi eleito o Campos Salles
Presidente da nação.
Parabens ao novo chefe,
Seus passos serão leaes,
Como foram os do nosso
Bom Prudente de Moraes.

Era bom Floriano, era bom Prudente, foi bom Campos Salles, são bons Rodrigues Alves e já o conselheiro Affonso Penna! Um outro versinho diz :

Mostrou que o Brasil não dorme
Da presidencia o bom paulista
E se quer que o mineiro informe
Com elle é tudo fogo, linguixa!

A musa acaba até com a má fama antiga, e si não faz versos diz verdades. Qual de vós teria a coragem de conservar *quand même* essa attitude de bondade para com todos os politicos? Esse exquisito sentimento dos poetas da calçada tem uma sequencia logica — o jacobinismo pandego, a critica acérba, toda de alto, com desprezo das coisas estrangeiras. A guerra hispano-americana foi motivo de um milheiro de cançonetas. Todas afinam por este diapasão :

La Union Española
Lembrou-se de offerecer
Passagens a seus subditos
Para a patria defender.
Mas elles, que nem lá vão,
Passam cá vida folgada
Quasi todos pelotaris
Nos boliches, nas touradas.

Musa das ruas

Quando por acaso o capadocio ama uma estrangeira, confessa, mas arreliando o seu bem :

Tomei amores com uma argentina
Outro melhor jamais vi no mundo
E' terno, gringo, profundo
E' tambem das mais sensuaes.

E a volubilidade, a despreocupaçãõ, a ironia complacente do malandro nacional exteriorisa-se nas canções resultantes de grandes agitações como as causadas pela lei do selo, a reforma da hygiene, a vacina obrigatoria. A musa não se encolerisa, ri. O selo só fez comprehender ao malandro que os fornecedores podiam ser multados :

Sapateiro ja não póde
Bater sóla socegado
Se não selar as botinas.
Catrapuz ! está multado.

Uma das canções mais populares sobre a peste bubonica, tem este estribilho :

Os ratos fazem qui, qui, qui,
Qui, qui, qui, qui, qui
As pulgas pulam d'aqui
P'ra li, d'alli p'raqui, d'aqui p'r'alli
Os gatos fazem miáu
Miáu, miao, miáu
Quem inventou a pesta bubonica
Merece muito páu.

E a vacina obrigatoria, que quasi apeia o governo do conselheiro Alves, deu uma infinita série de quadras livres. Patriota, jacobino, pandego, o

actual bardo da calçada gosta exactamente dessas tolices fesceninas — é a tara da modinha desde Gregrio de Mattos, — gosta mesmo de rimar sandices, assim, como se vê, abandonado á margem da poesia, mas todos esses sentimentos se fundem na sua extrema liberdade, e o bardo abre o coração como uma represa de lirismo.

Oh! o lirismo das modinhas! Como é possível na miseria da urbs, no pó, na secura, na sujeiras das vielas sordidas, nas escuras alcovas das hospedarias réles, vibrar tamanha luz de poesia?

O lirismo é uma torrente, uma catadupa a escachoar espumante entre as idéas dos bardos. Todos os estilos da veia lirica do povo soluçam e choram nas calçadas. Não é possível deixar de sentir uma infinita amargura, quando nos becos sordidos, á porta de miseraveis casas, os soldados consentem que os trovadores cantem, loucos de amor, a pureza da mulher transviada.

Virgem casta eu já fui como tu
Já vivi como os anjos no ceu
Esta fronte que vês humilhada
Foi coberta de candida véu.

Essa idéa lirica e adquirida, idéa datando dos conselheiros românticos o da *Dama da Camelias*, não desaparece nunca : — é a roca em que a Musa fia o sentimento nas ruas. Ahi os modinheiros

Musa das ruas

perdem-se num estuario de amor. Tudo é paixão,
Ha o amor tragico :

E' meia noite ; o triste bronze chóra
A lua oculta numa nuvem escura.
Calou-se a flauta numa longa queixa
O pobre louco morreu de amargura!

o ironico :

Zombaste, mulher com riso de escarneo
De pobre artista todo fogo e ardor
Amava-o, dizias, julgando talvez
Que do mundo fosse algum rico senhor.

o lirico :

Amo-te ó virgem como ama o nauta
A luz da estrela que lhe guia o lar...

o desconsolado :

Nem toda a arvore dá fruta
Nem toda a herva dá flor
Nem toda a mulher bonita
Póde dar constante amor.

ou ainda mais desconsolado :

Perdão Emilia, mas chorar não posso

o triste :

Quizera amar-te mas não posso, Elvira.
Porque gelado tenho o peito meu

o zangado :

A mulher é diabo de saias
Que nasceu para os homenstentar.
E' perversa, é maldosa e tem labia
Que nos faz a cabeça girar.

o idílico :

Chiquinha, se eu te pedisse
De modo que ninguém visse
Um beijo, tu m'o negavas ?
Ai dava! eu dava...

Idílio que bem se podia comparar ás mimas de
Herondas, si não fosse a calçada o seu autor... To-
dos os tangos, os sambas, os lundús em que se
canta a mulata :

E' quitute saboroso
E' melhor que vatapá
E' nectar delicioso
E' bom como não ha

os acanalhadamente amorosos :

Gosto de ti, por que gosto
Porque meu gosto é gostar
Mas tu de mim não te lembras
Porque me fazes penar ?

o descriptivo :

Numa conchinha de prata
Navegavam dois amantes
Beijando-se docemente
Ao som de magos descantes.

o trocista :

O amor da mulher é cachaça
Que se bebe por frio e calor
O amor da mulher é chalaça
E' cantiga de mau trovador.

Musa das ruas

até o ideal :

Poesia, era esse o nome
Dessa mulher ideal
E amando-a sem ser poeta
Fui louco, pequei, fiz mal.

O amor proteifórme, o eterno amor feito de soluços e risos, que Tennyson dizia senhor da Vida e senhor da Morte.

Ha nessas modinhas e nessas cançonetas, de par com a paixão, a tristeza e a troça, um milhão de erros de gramatica e de metrificacão. O verso é quasi ignorado pelos trovadores ocasionaes. Mas que lhes importa isso, si não se importam com a honra, o bem estar, a gloria? Os poetas não têm versos, têm cavaquinhos, violões e a voz para dobrar e quebrar os nossos nervos. Ao povo basta a cadencia, o som sugestionador que chega a atrahir os crocodilos. Uma historia sem sentido como esta

Bolim bolacho, bole em cima,
Bolim bolacho por causa do bole em baixo
Quem não come da castanha carurù
Não percebe do cajù
Quem não come do cajú
Não percebe do fubá

enthusiasma fatalmente os auditorios. Elles, os trovadores, tenham ou não alegria, acham que tudo tem compensacão até na morte :

Vae a pobre para a cova
E o rico para a carneira

Musa das ruas

Mas ao fim de cinco annos
Ao abrir a *salgadeira*
Quer do pobre, quer do rico
Ha só ossos e caveira.

A despreocupaçãõ dessa gente parece viver com
uma estranha verdade no lundú popular

Eu viyo triste como sapo na lagõa
Cantando triste, escondido pelas mattas.
Para ver se endireito a minha vida
Vou deixar das malditas serenatas.
O meu nome na *Gazeta de Noticias*
Ainda hoje eu vi bem declarado :
Hontem, á noite, foi preso um vagabundo...

Vagabundo sim ! A musa do cidade, a musa
constante e anonima, que tange todas as cordas
da vida e é como a alma da multidãõ, a musa
triste é vagabunda, é livre, é pobre, é humilde. E
por isso todos lhe soffrem a ingente fascinaçãõ,
por isso a voz de um vagabundo, nas noites de
luar, enche de lagrimas os olhos dos mais frios,
por isso ninguem ha que não a ame — flôr de
ideal nascida nas sargetas, sonho perpetuo da ci-
dade á margem da poesia, riso e lagrima, poesia da
encantadora alma das ruas !...

FIM

INDICE

A RUA.....	Pag 1
-------------------	-----------------

O QUE SE VÊ NAS RUAS

Pequenas profissões	35
Os Tatuadores.....	49
Orações.....	61
Os Urubús.....	75
Os mercadores de livros e a leitura das ruas.....	81
A pintura das ruas.....	89
Taboletas.....	97
Visões d'opio.....	105
Musicos ambulantes.....	117
Velhos cocheiros.....	127
Presepes.....	135
Como se ouve a missa do « Gallo ».....	147
Cordões.....	159

Indice

TRES ASPECTOS DA MISERIA

	Pag.
As mariposas do luxo	177
Os trabalhadores de estiva.....	187
A fome negra	197
Somno calmo	207
As mulheres mendigas.....	217
Os que começam.....	229

ONDE ÁS VEZES TERMINA A RUA

Crimes de amor.....	241
A galeria superior	251
O dia das visitas	259
Versos de presos	267
As quatro idéas capitaes dos presos	275
Mulheres detentas	283

A MUSA DAS RUAS

Musa das ruas.....	295
--------------------	-----

